

GABRIEL GUEDES ROSSATTI

**O CONCEITO DE MODERNIDADE NOS ESCRITOS
PRIMEIROS DE KIERKEGAARD:
UMA ANÁLISE SEMÂNTICO-CONTEXTUAL**

Tese de Doutorado em Ciências Humanas
apresentada ao Programa de Pós
Graduação Interdisciplinar em Ciências
Humanas, do Centro de Filosofia e
Ciências Humanas da Universidade
Federal de Santa Catarina – UFSC, sob a
orientação de.

Orientador: Dr. Selvino José Assmann

Co-orientador: Dr. Álvaro L. Montenegro
Valls

Banca Examinadora:

Titulares

Dr. Márcio Gimenes de Paula / UNB/DF

Dr. Wellington Lima Amorim / UFMA/MA

Dr. Sandro Bazzanella – Uni. Contestado/SC

Dr. João Eduardo Pinto Basto Lupi / UFSC/SC

Dr. Roberto Wu / UFSC/SC

Suplentes

Dr. Alexandre Vaz / UFSC/SC

Dr. Rejane M. S. Kalsing / Inst. Federal de
Educação, Ciência e Tecnologia Catarinense/
SC

Florianópolis/SC

2012

Catálogo na fonte pela Biblioteca Universitária da
Universidade Federal de Santa Catarina

Rossatti, Gabriel

O conceito de modernidade nos escritos
primeiros de Kierkegaard [tese] : Uma análise
semântico-contextual / Gabriel Rossatti ;
orientador, Selvino Assmann ; co-orientador,
Alvaro Valls. - Florianópolis, SC, 2012.

274 p. ; 21cm

Tese (doutorado) - Universidade Federal de
Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências
Humanas. Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar
em Ciências Humanas.

Inclui referências

1. Interdisciplinar em Ciências Humanas. 2.
Modernidade. 3. Democracia. 4. Progresso. 5.
Niilismo. I. Assmann, Selvino. II. Valls, Alvaro.
III. Universidade Federal de Santa Catarina.
Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em
Ciências Humanas. IV. Título.

**INSERIR NESTA PÁGINA A FOLHA DAS ASSINATURAS DA
BANCA FORNECIDA PELO PROGRAMA**

Este trabalho é completamente dedicado aos meus pais, os quais, mesmo não tendo ido muito longe em termos de seus estudos, lograram transmitir a pelo menos um de seus filhos não apenas o valor, mas mais especificamente o prazer ligado aos estudos ou ao mundo dos livros. Neste sentido, se eu por acaso possuir algo, este algo me foi passado por vocês, meus pais.

AGRADECIMENTOS

Devo agradecer aos professores Selvino Assmann e Alvaro Valls pela confiança depositada em mim, a qual foi convertida em liberdade para desenvolver minhas pesquisas.

Devo também agradecer a querida amiga Else Hagelund pelas aulas de dinamarquês, sem as quais esta tese não seria o que ela é.

*“Ainsi il va, il court, il cherche. Que cherche-t-il? À coup sûr, cet homme, tel que je l’ai dépeint, ce solitaire doué d’une grande imagination active, toujours voyageant à travers **le grand désert d’hommes**, a un but plus élevé que celui d’un pur flâneur, un but plus general, autre que le plaisir fugitif de la circonstance. Il cherche ce quelque chose qu’on nous permettra d’appeler la **modernité**; car il ne se présente pas de meilleur mot pour exprimer l’idée en question. Il s’agit, pour lui, de dégager de la mode ce qu’elle peut contenir de poétique dans l’historique, de tirer l’éternel du transitoire”.*

(Charles Baudelaire).

RESUMO

Trata-se nesta tese de explorar, a partir de uma leitura semântico-contextual, os primeiros textos, tanto os publicados quanto os não publicados, produzidos pelo teólogo e filósofo dinamarquês Søren Aabye Kierkegaard (1813-1855), os quais têm como questão central a assunção da modernidade. Com efeito, argumento mais especificamente que por mais que Kierkegaard não tenha desenvolvido uma clara articulação do conceito propriamente dito de modernidade, sua compreensão do fenômeno da modernidade, não obstante, revela-se das mais claras, assim como das mais importantes e mais frutíferas em termos de uma abordagem crítica desse objeto, o que o torna, conseqüentemente, uma das vozes incontornáveis em termos da articulação da consciência da modernidade no século XIX. Assim, de maneira a explicitar tal conceito nesses escritos, recorro a um instrumental heurístico ou exegético formulado a partir da obra de dois teóricos os quais, já à luz do século XX, tiveram a questão da modernidade como centro de suas preocupações, a saber, Marcel Gauchet e Reinhart Koselleck. A partir destes, pois, analiso a chegada da modernidade tal qual retratada nos escritos primeiros de Kierkegaard precisamente enquanto momento em que as sociedades, no caso a dinamarquesa da primeira metade do século XIX, passavam a se desligar do passado com vistas a se deixarem requisitar pelo futuro.

Palavras-chave: Modernidade. Democracia. Progresso. Juventude. Niilismo.

ABSTRACT

The present thesis has as its goal the exploration, based on a semantic-contextual interpretation, of the first works, both published and unpublished, written by the Danish theologian and philosopher Søren Aabye Kierkegaard (1813-1855), which have as their central subject the assumption of modernity. Indeed, my argument is that notwithstanding the lack of a clear articulation of the concept of modernity, Kierkegaard came to a very profound and engaging understanding of the phenomenon of modernity, an understanding which makes of him one of the most important voices in the XIXth century in terms of the articulation of the consciousness of modernity. In this sense, in order to unearth Kierkegaard's concept of modernity, I make use of concepts developed in the XXth century by two thinkers who both had as their main concerns the very question of modernity, that is, Marcel Gauchet and Reinhart Koselleck. Thus, using such concepts as heuristic tools, I analyse the arrival of modernity such as portrayed in Kierkegaard's first works as precisely the moment when societies, in this case the Danish society from the first half of the XIXth century, started to unbound themselves from the past in order to be engaged from the future.

Keywords: Modernity. Democracy. Progress. Youth. Nihilism.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO OU APONTAMENTOS PRELIMINARES SOBRE O CONCEITO DE <i>MODERNIDADE</i>	11
1.1 INTRODUÇÃO PRELIMINAR E METODOLOGIA	11
1.2 O SURGIMENTO DA MODERNIDADE SEGUNDO MARCEL GAUCHET E REINHART KOSELLECK	22
2 KIERKEGAARD E O RECONHECIMENTO DO <i>ESPÍRITO DO TEMPO</i>	38
2.1 O CONCEITO DE ESPÍRITO DO TEMPO E A REVOLUÇÃO DE JULHO DE 1830 NA FRANÇA	40
2.2 KIERKEGAARD E O ESPÍRITO DO TEMPO	55
2.2.1 ‘Uma outra defesa das aptidões superiores das mulheres’	55
2.2.2 ‘Nossa literatura jornalística. Estudo da natureza sob a luz do meio-dia’	62
2.2.3 ‘As considerações matutinas no número 43 do Correio de Copenhague’	79
2.2.4 ‘Sobre a polêmica de A Pátria’	89
2.2.5 ‘Ao Sr. Orla Lehmann’	94
3 KIERKEGAARD E O PROBLEMA DA ‘MAIS NOVA GERAÇÃO..	101
3.1 A QUERELA DOS ANTIGOS E DOS MODERNOS EM TORNO DE HERNANI	102
3.2 O VERMELHO E O NEGRO, OU ‘OS DUZENTOS MIL JULIEN SOREL QUE POVOAM A FRANÇA’	106
3.3 A IRONIA ILIMITADA OU A GERAÇÃO ‘JOVEM-FRANÇA’	113
3.4 O CASAMENTO DA REVOLTA POLÍTICA COM A REVOLTA METAFÍSICA OU O MOVIMENTO DA JOVEM ALEMANHA	134
3.5 HANS CHRISTIAN ANDERSEN E O SURGIMENTO DA ‘JOVEM DINAMARCA’	143
3.6 KIERKEGAARD E O PROBLEMA DA ‘MAIS NOVA GERAÇÃO’	163

4 KIERKEGAARD E A BUSCA POR UMA BARREIRA DO SEIO DO MAESLTRÖN DA MODERNIDADE	187
4.1 LUCINDE OU A PLENIPOTÊNCIA DO EU AUTO-POENTE	188
4.2 IRONIAS DO DESTINO: A IRONIA DOMINADA COMO BARREIRA À PRÓPRIA IRONIA	206
5 CONCLUSÃO	244
REFERÊNCIAS	251

1 INTRODUÇÃO OU APONTAMENTOS PRELIMINARES SOBRE O CONCEITO DE MODERNIDADE

“ANTIQUITÉ.
Et tout ce qui se (sic) rapporte, poncif, embêtant.
ANTIQUITÉS (LES).
Sont toujours de fabrication moderne”.

“ÉPOQUE (LA NÔTRE).
Tonner contre elle.
– Se plaindre de ce qu'elle n'est pas poétique.
– L'appeler époque de transition, de décadence”.

(Gustave Flaubert).

1.1 INTRODUÇÃO PRELIMINAR E METODOLOGIA

As epígrafes, ou melhor, os verbetes citados acima dão bem a medida do problema semântico ligado ao conceito de modernidade. Com efeito, se o primeiro deles descreve a antiguidade como clichê, e o segundo como algo falso ou passível de ser falsificado por uma modernidade relativista, já o último revela que Flaubert (1821-1880), situado enquanto escritor na segunda metade do século XIX, não abordava sua época ou situação a partir desse conceito, o qual, não obstante, já existia; uns o datam de, pelo menos, 1837,¹ enquanto outros

¹ O historiador alemão Reinhart Koselleck explicita que o testemunho lingüístico mais antigo do qual ele teria conhecimento data de 1837, ano no qual foi lançada a seguinte obra de E. Alletz, a saber, *De la démocratie nouvelle ou des mœurs et de la puissance des classes moyennes em France*; lá, pois, encontrar-se-ia a seguinte passagem: “Do periodismo: O espírito humano se exalta com a ideia de um fim do mundo para o outro; enche o passado de recordações, o futuro de esperanças, a indústria chega até a dar ao nosso corpo o privilégio da ubiquidade, a civilização quer fazer esquecer a matéria e dar asas à comunicação como aos pensamentos do homem. Por isso a imprensa, que com enorme rapidez transforma nossas ideias e sentimentos para pôr em contato nossos espíritos, é a grande conquista da Modernidade”. ALLETZ *apud* KOSELLECK, Reinhart. Modernidade: sobre a semântica dos conceitos de movimento na modernidade. KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Trad. Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto; PUC-Rio, 2006. p. 355.

o encontram já formulado em 1823.² De qualquer modo, tem-se como certa sua gestação ao longo das primeiras décadas do século XIX e, neste sentido, estima-se que o surgimento de tal conceito estaria intimamente ligado ao acontecimento da Revolução Francesa, o acontecimento *moderno* por excelência.³

Tudo isto para dizer que se existe um vocábulo equívoco ou problemático, tal parece ser o de *modernidade*, dada a pluralidade de acepções e interpretações que ele suscita. Pois, formulado a partir do contexto das querelas mais amplas entre antigos e modernos presentes nos contextos teológico, filosófico e literário estabelecidos a partir do Renascimento italiano,⁴ o conceito de modernidade ainda teria um longo caminho a seguir, até se tornar um termo comum e, neste sentido, impreciso, nos séculos XX e XXI.

Do ponto de vista etimológico, sabe-se pelo menos que tal conceito seria derivado do advérbio latino *modo*, cujo significado é ‘agora mesmo’.⁵ Assim, ‘moderno’, adjetivo usado desde o século V,⁶⁻⁷ através de uma longuíssima série de mutações, teria dado origem ao substantivo *modernidade*; mais do que isso, contudo, a etimologia não consegue oferecer. Já a historiografia confirma que tal conceito, ainda

² Já o especialista em Baudelaire, Claude Pichois dá a informação, coletada por um terceiro, de que tal conceito já encontrar-se-ia formulado em um romance pseudônimo de Balzac publicado em 1823. PICHOS, Claude. Notice. Le peintre de la vie moderne. In: BAUDELAIRE, Charles. *Œuvres Complètes II*. Texte établi, présenté et annoté par C. Pichois. Paris: Gallimard, 1976. p. 1418-1419. (Bibliothèque de la Pléiade).

³ Pois como diz Koselleck, “[a] revolução, com certeza, não mais conduz de volta a situações anteriores; a partir de 1789 ela conduz a um futuro a tal ponto desconhecido que conhecê-lo e dominá-lo tornou-se uma contínua tarefa da política”. KOSELLECK, Reinhart. Critérios históricos do conceito moderno de revolução. In: KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Trad. Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC-Rio, 2006. p. 68-69. Ver também KOSELLECK, Reinhart. Modernidade: sobre a semântica dos conceitos de movimento na modernidade. In: KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Trad. Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC-Rio, 2006. p. 282.

⁴ YILMAZ, Levent. *Le temps moderne: variations sur les Anciens et les contemporaines*. Paris: Gallimard, 2004.

⁵ WILLIAMS, Raymond. Modern. In: *Keywords*. New York: Oxford University Press, 1983. p. 208.

⁶ YILMAZ, Levent. *Le temps moderne: variations sur les Anciens et les contemporaines*. Paris: Gallimard, 2004. p. 10. Já outro estudioso considera que foi um século mais tarde que teria surgido tal adjetivo. HARTOG, François. O confronto com os antigos. In: HARTOG, François. *Os antigos, o passado e o presente*. Organização de J. O. Guimarães. Trad. S. Lacerda et al. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 2003. p. 122.

⁷ HARTOG, François. O confronto com os antigos. In: HARTOG, François. *Os antigos, o passado e o presente*. Organização de J. O. Guimarães. Trad. S. Lacerda et al. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 2003. p. 122.

que mais através do adjetivo do que de si próprio, se arvora em um dos eixos centrais de auto-compreensão daqueles que se intitulam modernos, como se pode ver na famosa ‘querela dos antigos e dos modernos’.⁸⁻⁹⁻¹⁰ De fato, desde Francis Bacon (1561-1626), para quem o *tempo* no início do século XVII já era considerado “[...] o autor dos autores [...]”,¹¹ sendo tal autoria mais especificamente compreendida como “[...] o ir desvelando progressivamente a verdade [...]”,¹² supostamente vivemos sob o signo, senão sob o *peso* da modernidade. Assim, seríamos modernos, ou seja, de ‘agora mesmo’, há pelo menos uns 500 anos.

Moderno, pois, de acordo com sua acepção original, seria tudo aquilo de mais atual, de mais presente; no entanto, a partir da Revolução Francesa, tal adjetivo passaria a ter ligações mais e mais estreitas para com o futuro, no que seu derivado substantivado, ou seja, a modernidade, já consolidada como conceito, representaria, de alguma forma, o tipo de sociedade mais avançada precisamente em relação ao futuro. Como visto, o problema, do ponto de vista historiográfico, estaria na passagem de um estado ao outro, ou seja, parece haver um buraco inescrutável no que diz respeito à passagem do adjetivo ‘moderno’ ao substantivo ‘modernidade’, buraco este que buscarei esclarecer, ainda que não exatamente semanticamente, ao longo deste trabalho.

Mas para voltar às epígrafes de Flaubert, vale precisar que quando se fala na consagração da modernidade enquanto *conceito*, fala-se e, com razão, em seu contemporâneo e, até certo ponto, amigo Baudelaire (1821-1867), pois teoricamente teria sido ele o primeiro a abordar tal problema precisamente enquanto *conceito* e, se por acaso não tiver sido ele o primeiro a fazer tal coisa, seu nome haverá de permanecer intimamente ligado ao conceito pelo simples fato de ele ter contribuído a incorporá-lo ao léxico da língua francesa,¹³ a partir da qual o mesmo faria sua fortuna. Em outros termos, Baudelaire, diferentemente de

⁸ FUMAROLI, Marc. Les abeilles et les araignées. In: LECOQ, Anne-Marie (Éd.). *La querelle des anciens et des modernes*. Paris: Gallimard, 2001. p. 7-220.

⁹ ARMOGATHE, Jean-Robert. Une ancienne querelle. In: LECOQ, Anne-Marie (Éd.). *La querelle des anciens et des modernes*. Paris: Gallimard, 2001. p. 801-849.

¹⁰ DeJEAN, Joan. *Antigos contra modernos: as guerras culturais e a construção de um fin de siècle*. Trad. Zaida Maldonado. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

¹¹ BACON, Francis. *O progresso do conhecimento*. Trad. Raul Fiker. São Paulo: UNESP, 2007. p. 56.

¹² BACON, Francis. *O progresso do conhecimento*. Trad. Raul Fiker. São Paulo: UNESP, 2007. p. 56.

¹³ PICHOS, Claude. Notice. Le Peintre de la vie moderne. In: BAUDELAIRE, Charles. *Œuvres Complètes II*. Texte établi, présenté et annoté par C. Pichois. Paris: Gallimard, 1976. p. 1418. (Bibliothèque de la Pléiade).

Flaubert, já tratava no início da década de 1860 da modernidade precisamente enquanto conceito.¹⁴ Mas qual era mais exatamente seu conceito de modernidade? Ei-lo em sua definição mais sintética: “A modernidade é o transitório, o fugitivo, o contingente, a metade da arte, cuja outra metade é o eterno e o imutável” (tradução nossa).¹⁵ Como visto, a modernidade diria respeito ao elemento transitório presente em *cada* contexto artístico, como fica explícito pela sequência da citação:

Houve uma modernidade para cada pintor antigo; a maioria dos belos retratos que nos restam dos tempos anteriores são revestidos de roupas de suas épocas. Eles são perfeitamente harmoniosos, posto que a vestimenta, o corte de cabelo e mesmo o gesto, o olhar e o sorriso (cada época possui o seu porte, seu olhar e seu sorriso) formam um todo de uma vitalidade completa. Este elemento transitório, fugitivo, cujas metamorfoses são tão frequentes, vós não tendes o direito de desprezá-lo ou de ignorá-lo. Ao suprimi-lo, vós forçosamente cairíeis no vazio de uma beleza abstrata e indefinível (tradução nossa) (grifo nosso).¹⁶

Sendo o conceito baudelaireano de modernidade, pois, um conceito fundamentalmente estético, ele não ajuda muito a explicitar o fenômeno mais amplo, mais profundo, assim como mais circunscrito da *Modernidade*, isto porque para ele a modernidade era, paradoxalmente, algo tão *atemporal* quanto a outra metade da arte, isto é, o eterno e o imutável, como fica claro através da primeira sentença desta última citação. Em outros termos, para Baudelaire a modernidade é uma ideia, sendo esta compreendida em seu sentido mais platônico, o que a torna, aliás, a despeito de suas críticas a um conceito de beleza abstrato, precisamente tão abstrato quanto aquele que ele se põe a criticar; logo, o

¹⁴ BAUDELAIRE, Charles. Le Peintre de la vie moderne. In: BAUDELAIRE, Charles. *Œuvres Complètes II*. Texte établi, présenté et annoté par C. Pichois. Paris: Gallimard, 1976. p. 683-724. (Bibliothèque de la Pléiade). A publicação original em jornal data de finais de 1863; sua versão em livro data de 1868.

¹⁵ BAUDELAIRE, Charles. Le Peintre de la vie moderne. In: BAUDELAIRE, Charles. *Œuvres Complètes II*. Texte établi, présenté et annoté par C. Pichois. Paris: Gallimard, 1976. p. 695

¹⁶ BAUDELAIRE, Charles. Le Peintre de la vie moderne. In: BAUDELAIRE, Charles. *Œuvres Complètes II*. Texte établi, présenté et annoté par C. Pichois. Paris: Gallimard, 1976. p. 695

conceito baudelairiano de *modernidade* parece mais atrapalhar do que ajudar a explicitar a especificidade da *Modernidade*, dado que seu conceito, por mais *modernista* que seja ao privilegiar o fugitivo em detrimento do eterno, parece manter, em boa medida, uma profunda ligação semântica com a raiz primeira do conceito de modernidade, a saber, o advérbio latino *modo* ('agora mesmo'); daí, pois, seu caráter atemporal.

Já a modernidade à qual me refiro, a qual grafeci acima em maiúscula apenas para dissociá-la da *ideia* baudelairiana de modernidade, coisa, aliás, que não pretendo reter nas linhas que se seguem, seria aquela mais circunscrita, ou seja, refiro-me à modernidade enquanto fenômeno circunscrito a um determinado momento, assim como a um determinado espaço; refiro-me, pois, à modernidade enquanto formação ou concreção histórico-social de matriz européia. E se, por um lado, pelo fato mesmo de ser uma formação, tal fenômeno pressupondo um *processo* de gestação, o qual invariavelmente vem acompanhado do adjetivo 'moderno', o sentido que dou aqui à modernidade, por outro lado, não implica tal processo,¹⁷ e sim seu produto, ainda que seja difícil falar em 'produto' ou mesmo 'produto final', uma vez que acredito ainda estarmos dentro da modernidade, como se verá ao longo desta tese. Em suma, abordo o fenômeno da modernidade como sendo praticamente sinônimo de século XIX, mais especificamente europeu, ou mesmo 'franco-inglês', para fugir da etiqueta anódina 'centro-europeu'.

Logo, a modernidade que tenho em mente é aquela formada à luz daquilo que o historiador inglês Eric Hobsbawm denominou de 'dupla revolução', a saber, por um lado a revolução industrial inglesa surgida em finais do século XVIII, e por outro a revolução francesa de 1789.¹⁸ A título de exemplo do impacto, assim como da permanência desta dupla revolução, Hobsbawm decide dar início à sua obra na qual analisa o surgimento da modernidade através das seguintes palavras:

As palavras são testemunhas que muitas vezes falam mais alto do que os documentos. Consideremos algumas palavras que foram inventadas, ou

¹⁷ Como o faz, por exemplo, Berman em seu 'Tudo o que é sólido...', onde ele aborda a modernidade como uma 'experiência vital' através da qual "[...] um grande e sempre crescente número de pessoas vem caminhando [...] há cerca de quinhentos anos". BERMAN, Marshall. *Tudo o que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. Trad. Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioratti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986. p. 15

¹⁸ HOBBSAWM, Eric. *A era das revoluções: Europa 1789-1848*. Trad. Maria Tereza Lopes Teixeira e Marcos Penchel. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003. p. 13

ganharam seus significados modernos, substancialmente no período de 60 anos de que trata este livro. Palavras como ‘indústria’, ‘industrial’, ‘fábrica’, ‘classe média’, ‘classe trabalhadora’, ‘capitalismo’ e ‘socialismo’. Ou ainda ‘aristocracia’ e ‘ferrovia’, ‘liberal’ e ‘conservador’ como termos políticos, ‘nacionalidade’, ‘cientista’ e ‘engenheiro’, ‘proletariado’ e ‘crise’ (econômica). ‘Utilitário’ e ‘estatística’, ‘sociologia’ e vários outros nomes das ciências modernas, ‘jornalismo’ e ‘ideologia’ todas elas cunhagens ou adaptações deste período. Como também ‘greve’ ou ‘pauperismo’.¹⁹

Ora, chega a ser incômodo não reconhecer que ainda vivemos à sombra dessa confluência revolucionária, por mais que algumas dessas palavras, como ‘ideologia’, por exemplo, pareçam ter desaparecido por completo do repertório mental mais geral das pessoas neste início de milênio. E ainda que Hobsbawm não cite o conceito de modernidade entre tais palavras, no que ele parece ter razão, dada a apropriação posterior mais geral do termo (vide o caso de Flaubert), o fato mais profundo parece ser o de que o conceito de modernidade se coloca como um dos mais incontornáveis em termos da decifração de nosso auto-entendimento enquanto, uma vez mais, *modernos*.

Pois de modo a fugir desse círculo vicioso, proponho então minha tese, ou melhor, minha metodologia, a saber, ler Kierkegaard (1813-1855), ou mais especificamente suas primeiras publicações, tendo em vista o conceito de modernidade, conceito este que, se por um lado, não se encontra lá, por outro, ilumina através de sua presença *negativa* os pressupostos sócio-políticos que dariam sustentação à empreitada kierkegaardiana *como um todo*, note-se bem. Em outras palavras, trata-se de explicitar tal conceito a partir de um tipo de análise que, na falta de melhor termo, denominarei de ‘semântico-contextual’,²⁰ ou seja, trata-se aqui de investigar a partir do contexto mais amplo no qual Kierkegaard

¹⁹ HOBBSAWM, Eric. *A era das revoluções: Europa 1789-1848*. Trad. Maria Tereza Lopes Teixeira e Marcos Penchel. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003. p. 15

²⁰ Pois por mais que eu recorra a Koselleck, não acredito desenvolver uma *Begriffsgeschichte* nos moldes koselleckianos (Cf. os diversos artigos presentes em *Futuro Passado*). Em outros termos, parto em boa medida das noções metodológicas de um Koselleck, assim como as de um Skinner -- SKINNER, Quentin. *Meaning and understanding in the history of ideas*. In: SKINNER, Quentin. *Visions of politics: regarding method*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002. v. 1, p. 57-89 -- sem, no entanto, praticar uma abordagem nos moldes mais estritos tais quais vislumbrados por estes dois historiadores de ideias.

estava inserido o uso que se fazia de certas palavras ou de certos conceitos, os quais, por sua vez, apontariam ou mesmo representariam o conceito, então inexistente, ou melhor, em processo de gestação, de ‘modernidade’. Isto, por sua vez, será feito a partir de uma escolha de textos produzidos entre 1834 e 1841, os quais foram escolhidos precisamente tanto por causa da riqueza semântico-ideológica, riqueza ou objetividade esta que não se encontra presente, pelo menos desta maneira, em todo o restante da produção kierkegaardiana, quanto pelo fato destes escritos permanecerem virtualmente desconhecidos dos próprios estudiosos de Kierkegaard. Neste sentido, minha intenção é explorar precisamente a *fundação* de sua produção, no que pretendo tanto tornar mais claros os fundamentos sócio-políticos desse autor, quanto mostrar a importância de Kierkegaard precisamente enquanto pensador *da* modernidade.

Logo, se por um lado o conceito de modernidade funciona como pressuposto estrutural para tais escritos, sendo esta, de fato, minha tese, por outro o mesmo se encontra como que ‘enterrado’ ou melhor, como *decomposto* ou *fragmentado* ao longo desses escritos, aspecto este bastante natural, aliás, dada a própria natureza do problema:

A sociedade da história [sendo esta a sociedade moderna, como será visto – GGR] será simultaneamente, assim, a sociedade do regime representativo e das liberdades civis, a sociedade do Estado-Nação, a sociedade dos indivíduos e das massas, a sociedade da política e a sociedade da economia – a sociedade da indústria, do trabalho e do mercado. Caleidoscópio extraordinário, conjunto de ambiguidades e tecido de tensões cuja dobra dará vertigem aos contemporâneos (tradução nossa).²¹

Assim, sendo a modernidade tanto o vertiginoso quanto complexo “[...] feixe de processos cumulativos que se reforçam mutuamente [...]”,²²⁻²³ nada mais natural então do que decompô-la através do recurso

²¹ GAUCHET, Marcel. *L'avènement de la démocratie I: la révolution moderne*. Paris: Gallimard, 2007. p. 184

²² HABERMAS, Jürgen. *O discurso filosófico da modernidade*. Trad. A.M. Bernardo et al. Lisboa: Dom Quixote, 1990. p. 14

²³ “O conceito de modernização refere-se a um feixe de processos cumulativos que se reforçam mutuamente: à formação de capital e mobilização de recursos, ao desenvolvimento das forças produtivas e ao aumento da produtividade do trabalho, ao estabelecimento de poderes políticos centralizados e à formação de identidades nacionais, à expansão de direitos de participação

a um instrumental heurístico adequado a tal tarefa. Daí, novamente, minha proposta de leitura: abordar os escritos primeiros de Kierkegaard – escritos estes, aliás, renegados pelo próprio autor, o que, por sua vez, empresta a esta tese um caráter especial, na medida em que me proponho a vasculhar as primeiríssimas formulações de uma série de problemas que viriam a marcar profundamente o restante de sua produção – a partir das obras de dois intelectuais ou teóricos do século XX, a saber, o já citado historiador alemão Reinhart Koselleck (1923-2006), assim como o sociólogo-político francês Marcel Gauchet (nascido em 1946), os quais, ainda que por vias diferentes, tiveram precisamente a questão da modernidade como centro de suas atenções.²⁴ Mais especificamente considero que tais autores ajudam sobremaneira a explicitar tanto o *conceito* de modernidade, particularmente com Koselleck, através de sua noção de história conceitual trazendo informações preciosas acerca da gestação desse conceito,²⁵ quanto a *concreção* modernidade, processo este particularmente esmiuçado ou decomposto por Gauchet;²⁶ em decorrência disso, as análises destes dois teóricos, desenvolvidas à luz da segunda metade do século XX, isto é, em um período no qual tanto o conceito quanto a concreção denominados de modernidade teriam alcançado formas muito mais consolidadas e amadurecidas do que na primeira metade do século XIX,²⁷ ajudariam a explicitar a presença *negativa* do conceito de modernidade que perpassa a obra de Kierkegaard como um todo e, ainda mais particularmente, seus escritos primeiros.

Assim, considero que as análises desenvolvidas mais particularmente por Marcel Gauchet ajudam enormemente nessa tarefa dado o privilégio que ele dá ao elemento *religioso* em termos do estabelecimento ou desenvolvimento da modernidade,

política, de formas urbanas de vida e de formação escolar formal, refere-se à secularização de valores e normas, etc”. HABERMAS, Jürgen. *O discurso filosófico da modernidade*. Trad. A.M. Bernardo et al. Lisboa: Dom Quixote, 1990. p. 14

²⁴ Vale precisar que outras análises, tais quais as produzidas por Habermas, Hannah Arendt e outros teóricos do século XX, poderão ser requisitadas à medida que isto me parecer conveniente.

²⁵ Particularmente KOSELLECK, Reinhart. Modernidade: sobre a semântica dos conceitos de movimento na modernidade. In: KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Trad. Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC-Rio, 2006. p. 267-303

²⁶ Particularmente GAUCHET, Marcel. *L'avènement de la démocratie I: la révolution moderne*. Paris: Gallimard, 2007.

²⁷ Habermas, neste sentido, explicita que a palavra ‘modernização’ foi introduzida como ‘terminus’ apenas nos anos de 1950. HABERMAS, Jürgen. *O discurso filosófico da modernidade*. Trad. A.M. Bernardo et al. Lisboa: Dom Quixote, 1990. p. 14

característica esta que o aproxima muitíssimo do ponto de vista privilegiado pelo *teólogo* Søren Kierkegaard em termos de sua leitura ou compreensão do mesmo fenômeno. De fato, sabe-se que a obra de Kierkegaard impõe sérias dificuldades a seus intérpretes,²⁸ e mais particularmente àqueles interessados nos aspectos sócio-políticos de sua produção, isto por causa de seu consciente distanciamento em relação a todo tipo de discurso propriamente político ou social. Em outras palavras, diferentemente de um Marx, de um Tocqueville, de um J.S. Mill ou mesmo de um Nietzsche, pensadores mais ou menos ancorados na tradição da filosofia política, e que por isso mesmo interpretaram as mudanças experimentadas por si próprios no século XIX a partir de conceitos mais ou menos consagrados por tal tradição, Kierkegaard, por sua vez, refletia sobre questões ou problemas que lhe eram contemporâneos através de um repertório fundamentalmente alheio, senão *contrário* a tal tradição, atitude esta que os torna, por assim dizer, mais opacos ou imprecisos, senão mesmo invisíveis,²⁹ para um olhar formado posteriormente ou a partir de tal tradição.³⁰

²⁸ Um deles, por exemplo, confessa que “[e]u descobri que a maneira mais efetiva de fazer desabrochar a estrutura latente e o conteúdo lógico dos escritos de Kierkegaard era a de comparar e contrastar suas visões com aquelas de filósofos reconhecidos cujo pensamento é mais conhecido e mais acessível”. HANNAY, Alastair. *Kierkegaard*. London: Routledge, 1982. p. xiv. Com efeito, particularmente os estudos sócio-políticos da obra de Kierkegaard ainda hoje sofrem de uma séria limitação metodológica ao acreditarem ter unicamente um referencial teórico de suporte a partir do qual operar tal contraste, a saber, a obra de Marx e Engels; não obstante, acredito que tal referencial não apenas não ajuda em quase nada em termos da explicitação dos aspectos sócio-políticos de sua produção, dada a radical distância entre o tipo economicista de análise privilegiado por aqueles em comparação a um enfoque mais teológico-político de Kierkegaard -- ADORNO, Theodor W. *Kierkegaard: construção do estético*. Trad. Alvaro Valls. São Paulo: Ed. UNESP, 2010. p. 96 -- senão que ele acabaria por frustrar ou impedir novas leituras baseadas em outros paradigmas ou referenciais, isto em boa medida por causa de sua mera onipresença. Em outros termos, a bibliografia secundária kierkegaardiana, e mais especificamente a de cunho sócio-político, sofreria de uma severa miopia teórica ao fazer da obra de Marx e Engels como que o *único* referencial teórico disponível a partir do qual seria possível ler sua produção; em suma, é como se ninguém pensasse que podem existir pontos de apoio, padrões ou *contrastes* alternativos a partir dos quais empreender tal tarefa.

²⁹ Com efeito, tal era em boa medida a crítica de Adorno em relação a Kierkegaard, pois, de acordo com ele, “Kierkegaard [...] reconhece por certo aos objetos um direito próprio, mas os manipula de tal jeito que os mais urgentes acabam [...] excluídos da elaboração: os da experiência social”. ADORNO, Theodor W. *Kierkegaard: construção do estético*. Trad. Alvaro Valls. São Paulo: Ed. UNESP, 2010. p. 51

³⁰ Ou como bem resume esta questão um dos mais hábeis leitores sócio-políticos de Kierkegaard: “[...] a política de Kierkegaard [...] emerge indiretamente, através de uma crítica do que ele acredita ser o defeito sócio-político proeminente da teoria e prática de seu tempo, mais do que [através de] uma descrição positiva das instituições da sociedade que ele considera

Vale, portanto, mencionar que a presente tese vai, até certo ponto, na contramão dos estudos sócio-políticos consagrados a Kierkegaard. Falo isto meio ironicamente, mas o fato é que muitos estudiosos acabam por confundir *modernização* com (o conceito de) *modernidade*, o que implica, pois, que tais conceitos sejam geralmente trabalhados de maneira mais ou menos imprecisa. Dois exemplos: John Elrod abordando literalmente ‘a modernização da Dinamarca’,³¹ processo este sintetizado por ele nos seguintes termos:

[d]e fato, Kierkegaard atravessou a transição da Dinamarca de um estado que operava de acordo com princípios feudais na agricultura e indústria e presidido por um monarca absoluto, para um estado ultrapassado apenas pela Inglaterra em seu comprometimento com os princípios do liberalismo democrático e econômico [...] (tradução nossa),³²

e Kresten Nordentoft, referindo-se mesmo à “[...] Modernidade [*Modernitet*] [...] iluminada n’*O conceito de ironia* não apenas através da referência à decadência no mundo espiritual dos gregos, mas também diretamente através de características [desenvolvidas no trecho] da ‘ironia após Fichte’ (tradução nossa).”³³ Ora, cito estes dois exemplos apenas para precisar o seguinte: tais conceitos, e mesmo o de *modernidade*, com visto acima, são de fato comumente utilizados pelos estudiosos, contudo, como ‘moeda corrente’, ou seja, não há *explicitação* (filosófica dos pressupostos), e sim *explicação* geralmente de ordem histórico-sociológica do ou dos conceitos. Não é, contudo, que não possa existir este segundo tipo de explicação, pelo contrário, eu mesmo me sirvo em boa medida desse recurso, como será visto nesta mesma tese; mas o que eu quero ressaltar é que há geralmente apenas a, por assim dizer, *passagem de moeda corrente*, ou seja, não se para para explicitar ou fundamenar o *conceito* propriamente dito de modernidade, o que implica, pois, que não se para para averiguar o que representaria

mais racional [...]”. WESTPHAL, Merold. *Kierkegaard’s critique of reason and society*. University Park, Pa: Pennsylvania State University Press, 1991. p. 33

³¹ ELROD, John. The modernization of Denmark. In: ELROD, John. *Kierkegaard and Christendom*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1981. p. 3-46

³² ELROD, John. The modernization of Denmark. In: ELROD, John. *Kierkegaard and Christendom*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1981. p. 4

³³ NORDENTOFT, Kresten. >>Hvad siger Brand-Majoren?<<. *Kierkegaards Opgør med sin Samtid*. København: G.E.C. Gad, 1973. p. 26

simbolicamente a mesma.³⁴ Pois é isto o que me interessa aqui, dado que foi primordialmente neste nível de inteligência que Kierkegaard apreendeu a dinâmica da modernidade.³⁵ Em outras palavras: Kierkegaard captou, tal qual *filósofo*, ainda que muito a partir de sua formação *teológica*, precisamente o subterrâneo *deslocamento* das bases de organização do mundo humano – as bases *sociais*, se se quiser –, até então *fundadas* no passado, em termos de sua reorganização com vistas ao futuro. Trata-se aqui, pois, tal qual na obra de Kierkegaard, da *abertura* das sociedades modernas, com absolutamente tudo o que esta forma social comporta, em relação ao futuro; enfim, trata-se da passagem da era da *heteronomia* (em termos sócio-políticos, leia-se *Antigo Regime*) para a da *autonomia* (em termos sócio-políticos, leia-se *democracia*). E por mais que Kierkegaard não tenha explicitado ele mesmo sua visão nestes termos, quer dizer, tanto em um linguajar sócio-político quanto neste outro que poderia ser descrito como (da ordem da) antropologia filosófica – falo do par conceitual ‘heteronomia-autonomia’ –, são eles, não obstante, os que me parecem ser os mais adequados para alguém que operava dentro de um esquema mental que, como será visto, poderia ser descrito, de fato, como ‘antropologia filosófica’.

Em suma, de maneira a evitar as armadilhas teóricas nas quais parecem cair a grande maioria dos estudiosos sócio-políticos de Kierkegaard, proponho como base teórica ou conceitual para minha leitura de seus primeiros escritos categorias desenvolvidas por Marcel Gauchet, base teórica esta que complemento através do recurso secundário à obra de Reinhart Koselleck, a qual se caracteriza, em relação à de Gauchet, por sua maior especificidade historiográfica,³⁶

³⁴ LEFORT, Claude. La question de la démocratie. In: LEFORT, Claude. *Essais sur le politique: XIXe-XXe siècles*. Paris: Seuil, 1986. p. 17-32.

³⁵ NORDENTOFT, Kresten. >>Hvad siger Brand-Majoren?<<. *Kierkegaards Opgør med sin Samtid*. København: G.E.C. Gad, 1973. p. 56 et seq.

³⁶ As principais obras de Koselleck são *Crítica e crise: uma contribuição à patogênese do mundo burguês*, obra na qual ele analisa a dinâmica entre crítica e crise presente no contexto do iluminismo francês que desembocaria na Revolução Francesa, assim como a coletânea de artigos que compõem *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*; Cf. KOSELLECK, Reinhart. *Crítica e crise: uma contribuição à patogênese do mundo burguês*. Trad. Luciana V.-B. Castelo-Branco. Rio de Janeiro: UERJ; Contraponto, 1999; KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Trad. Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto, PUC-Rio, 2006. Já o tipo de análise privilegiado por Gauchet, ainda que também bastante baseado no recurso à história, se situa mais claramente entre a filosofia e as ciências sociais, sendo sua principais obras as seguintes: *O desencantamento do mundo*, cuja tese seria a de que as sociedades ditas modernas seriam aquelas nas quais o sagrado teria se reconfigurado de

aspecto este que a torna menos manejável em termos da explicitação de fenômenos que não são contemplados em seu esquema original. Desse modo, procedo agora a uma apresentação da leitura gauchetiana acerca do surgimento da modernidade, leitura esta que visa a decomposição dos elementos presentes na *concreção* modernidade, a qual virá complementada, na medida em que isto se mostrar necessário ou interessante, dos aportes mais historiográficos oferecidos por Koselleck.³⁷ Apenas após tais esclarecimentos preliminares, procederei à interpretação das obras do próprio Kierkegaard, as quais acredito que serão esclarecidas à luz dos conceitos destes dois teóricos acima nomeados.

1.2 O SURGIMENTO DA MODERNIDADE SEGUNDO MARCEL GAUCHET E REINHART KOSELLECK

A leitura ou compreensão gauchetiana da modernidade se coloca como uma leitura teológico-política de longa duração de um amplíssimo conjunto de fenômenos ao qual, como será visto, será dado o nome de modernidade. Daí sua proposta de uma ‘história política da religião’ em sua obra principal, a saber, *O desencantamento do mundo*,³⁸ dado que para Gauchet as estruturas da modernidade somente deixar-se-iam esclarecer por contraste com a antiga estruturação religiosa.³⁹

maneira radical, assim como *O surgimento da democracia*, análise mais propriamente dita historiográfica dividida em quatro volumes que visa explicitar historicamente as teses presentes na obra anterior; Cf. GAUCHET, Marcel. *Le désenchantement du monde: une histoire politique de la religion*. Paris: Gallimard, 1985.

³⁷ Vale explicitar algo que ficará claro à medida que procedo: ambos Gauchet e Koselleck chegaram, ainda que por caminhos diferentes, a resultados muito parecidos em suas análises acerca da modernidade, o que pode ter como causa não apenas o fato de ambos desenvolverem suas leituras a partir de um enfoque mais ou menos historiográfico, mas também pelo fato de ter havido uma possível influência mútua resultante da leitura recíproca de suas obras.

³⁸ GAUCHET, Marcel. *Le désenchantement du monde: une histoire politique de la religion*. Paris: Gallimard, 1985.

³⁹ Mais especificamente, ele considera que “[n]ão é senão que tendo seguido a reconstrução geral das articulações do domínio coletivo pelo qual se salda a subtração à obediência aos deuses que se toma a medida do fenômeno democrático em todas as suas dimensões. É [esta] a condição para apreendê-la em sua coerência global, em sua espessura organizacional e em sua dinâmica interna, esta dinâmica que coloca sua existência sob o signo do permanente ocorrido [l’advenue permanente]; em suma, é [esta] a condição para lhe reconhecer sua alçada de configuração inédita do ser-em-conjunto [l’être-ensemble]” (tradução nossa). GAUCHET, Marcel. *L’avènement de la démocratie I: la révolution moderne*. Paris: Gallimard, 2007. p. 8 Neste sentido, *modernidade* e *democracia* (moderna) se tornam conceitos praticamente

Partindo, portanto, de tais pressupostos, Gauchet propõe mais fundamentalmente uma tese dupla, a saber, a de

[...] que por trás das Igrejas que perduram e da fé que permanece, a trajetória viva do religioso está, no seio de nosso mundo, essencialmente acabada; e que a originalidade radical do Ocidente moderno resulta totalmente da reincorporação, no coração do lugar e da atividade dos homens, do elemento sagrado que desde sempre lhes modelou desde fora.⁴⁰

E ainda que eu não me interesse aqui por sua análise em toda sua amplitude, dado que sua tese mais fundamental aborda o desencantamento do mundo enquanto esgotamento do reino do invisível,⁴¹ processo este que Gauchet analisa desde a organização estatal compreendida como modo de personificação ou de difusão para o social do que ele denomina de ‘Outro religioso’,⁴² isto, por sua vez, desde as sociedades chamadas primitivas, passando pela instituição do cristianismo até chegar aos dias atuais, não obstante, vale a pena precisar seus contornos maiores, de forma a precisar melhor o que ele entende como *modernidade*.

intercambiáveis, dado que ambos representariam aspectos diferentes de um mesmo processo, a saber, a passagem do reino da *heteronomia*, representado pelas sociedades religiosas, para a sociedade da *autonomia*, particularmente cristalizado no regime político de forma democrática tal qual inventado pelos modernos, Cf. particularmente GAUCHET, Marcel. *Croyances religieuses, croyances politiques*. In: GAUCHET, Marcel. *La démocratie contre elle-même*. Paris: Gallimard, 2002. p. 91-108

⁴⁰ GAUCHET, Marcel. *Le désenchantement du monde: une histoire politique de la religion*. Paris: Gallimard, 1985. p. 9

⁴¹ GAUCHET, Marcel. *Le désenchantement du monde: une histoire politique de la religion*. Paris: Gallimard, 1985. p. 10

Vale precisar que Gauchet retoma a famosa expressão de Max Weber, porém dando a ela um outro sentido; pois se para Weber o desencantamento do mundo se referia a um processo de racionalização baseado na *desintegração* das concepções religiosas do mundo. Cf. HABERMAS, Jürgen. *O discurso filosófico da modernidade*. Trad. A. M. Bernardo et al. Lisboa: Dom Quixote, 1990. p. 13-14. Gauchet, por sua vez, insiste que a modernidade seria marcada pela *reorganização* do elemento religioso ou transcendental no interior da mesma. GAUCHET, Marcel. *Le désenchantement du monde: une histoire politique de la religion*. Paris: Gallimard, 1985. p. 10. Em suma, a impressão que tenho é a de que ambos diferem em grau, mas não em conteúdo, daí a manutenção da expressão.

⁴² GAUCHET, Marcel. *Le désenchantement du monde: une histoire politique de la religion*. Paris: Gallimard, 1985. p. 67

Em primeiro lugar, Gauchet concebe a modernidade como produto de um longo processo através do qual a *função* da religião teria mudado radicalmente. No início haveria a *dívida total do sentido*, princípio estrutural de *todas* as sociedades humanas anteriores à forma de sociedade denominada de modernidade.⁴³ Nestas formas sociais, e mais particularmente nas mais primitivas, às quais Gauchet remete a partir das contribuições do antropólogo Pierre Clastres,⁴⁴ a economia geral do fato humano, isto é, a organização do sentido do mundo dar-se-ia a partir da alteridade integral do fundamento; neste sentido, tudo o que regeria o trabalho e os dias seria da ordem do recebido.⁴⁵ Daí, pois, o postulado mais geral de acordo com o qual “[...] quem diz religião diz em última instância um tipo bem determinado de sociedade, baseada na anterioridade e na superioridade do princípio de ordem coletiva sobre a vontade dos indivíduos que ela reúne” (tradução nossa).⁴⁶ Consequentemente, as sociedades ditas religiosas seriam aquelas nas quais as fontes de sentido viriam de fora (da própria sociedade) e cuja regra mais básica seria a da imutabilidade. Ou como diz o próprio autor:

A alma desta organização do estabelecimento humano-social segundo a dependência em relação ao mais alto que si própria [pode ser resumida] em uma só palavra: *unidade*, com a maior força que se possa emprestar ao termo. O assujeitamento ao Outro é o meio de se produzir o Uno: tal é a fórmula na qual se

⁴³ GAUCHET, Marcel. La dette du sens et les racines de l'État. In: GAUCHET, Marcel. *La condition politique*. Paris: Gallimard, 2005. p. 45-89

⁴⁴ Particularmente GAUCHET, Marcel. Politique et société: la leçon des sauvages. In: GAUCHET, Marcel. *La condition politique*. Paris: Gallimard, 2005. p. 91-180

⁴⁵ GAUCHET, Marcel. *Le désenchantement du monde: une histoire politique de la religion*. Paris: Gallimard, 1985. p. 46

⁴⁶ GAUCHET, Marcel. *Le désenchantement du monde: une histoire politique de la religion*. Paris: Gallimard, 1985. p. 53. Em outro lugar ele explicita tais ideias através das seguintes palavras: “Religião: a recusa pelo homem de seu próprio poder de criador, a negação radical de [se colocar] no mundo humano tal qual ele é, a relação para com outro lugar, no invisível, das razões a presidir a organização dos viventes-visíveis (e a inclusão, simultânea, da ordem social na ordem geral das coisas, em dependência da mesma fonte). Nossa lei, é de fora que ela nos vem, nossa maneira de ser, nós a devemos a outros, tudo o que existe, natureza e cultura confundidas, tem seu princípio e suas razões para além de nossa tomada [*prise*] tanto quanto de nosso poder, no interior da sobrenatureza” (tradução nossa). GAUCHET, Marcel. *Fin de la religion?.* In: GAUCHET, Marcel. *La démocratie contre elle-même*. Paris: Gallimard, 2002. p. 32.

resume o princípio geral do dispositivo. A unidade que se instaura através da obediência ao invisível não é somente a dos presentes-vivos entre si. Ela é também a unidade no tempo dos presentes com os seres passados e os vindouros; ela é, sobretudo, a indissolúvel unidade do mundo visível com aquilo que comanda a ordem desde o invisível; ela é, por isso mesmo, unidade da comunidade humana com todas as coisas (tradução nossa).⁴⁷

O próprio cristianismo, contudo, ao instituir o monoteísmo como princípio ontológico, teria dado um vigoroso empurrão para o desencantamento do mundo, motivo este que leva Gauchet a falar do cristianismo como *religião da saída da religião*.⁴⁸ Com efeito, isto ocorreria dada a integral recomposição do espaço humano sob o efeito da passagem brusca do passado para o presente,⁴⁹ assim como da concentração correlativa de um divino surgido no mundo em um sujeito único à parte do mundo.⁵⁰ Em outros termos, Gauchet aborda o cristianismo como uma primeira revolução religiosa e, conseqüentemente, como uma primeira revolução política,⁵¹ pelo fato

⁴⁷ GAUCHET, Marcel. *L'avènement de la démocratie I: la révolution moderne*. Paris: Gallimard, 2007. p. 52. Vale, neste ponto, invocar Hannah Arendt, a qual considerava que os romanos teriam fundamentado um modelo de organização social, de conseqüências inestimáveis para o desenvolvimento da Europa, composto a partir de três componentes, a saber, *religião* – que como ela explicita, vem do verbo *religare*, que significa(va) estar ligado ao passado – *autoridade e tradição*, e, como ela argumenta, no caso de um ser duvidado ou eliminado, os outros dois não teriam mais como se sustentar; daí também sua colocação, das mais provocativas, aliás: “[...] o que foi – e não o que é – autoridade? [...]” (tradução nossa). ARENDT, Hannah. What is authority. In: ARENDT, Hannah. *Between past and future: eight exercises in political thought*. New York: Penguin Books, 2006. p. 91

⁴⁸ GAUCHET, Marcel. *Le désenchantement du monde: une histoire politique de la religion*. Paris: Gallimard, 1985. p. 11

⁴⁹ GAUCHET, Marcel. *Le désenchantement du monde: une histoire politique de la religion*. Paris: Gallimard, 1985. p. 98-111

Cabe precisar que, pelo fato da análise de Gauchet particularmente acerca do cristianismo não ter diretamente a ver com a tese aqui trabalhada, a mesma será apenas esboçada em suas linhas mais grosseiras; já quanto ao desenvolvimento da mesma em toda sua amplitude, Cf. GAUCHET, Marcel. *Le désenchantement du monde: une histoire politique de la religion*. Paris: Gallimard, 1985. p. 197-316

⁵⁰ GAUCHET, Marcel. *Le désenchantement du monde: une histoire politique de la religion*. Paris: Gallimard, 1985. p. 205

⁵¹ Uma vez mais, vale explicitar que a política e a religião são elementos interpenetráveis para Gauchet, dado que para ele a ligação para com o Outro (a essência religiosa, isto é, o Deus ou os deuses) necessariamente passa por algum tipo de organização temporal, seja ela de ordem mais propriamente dita social, tal qual existente em muitas sociedades ditas ‘primitivas’, seja

mesmo de ter cristalizado as potências ou energias divinas, anteriormente dispersas, em um deus-uno, processo este que não pode ser pensado separadamente de uma outra revolução de consequências profundíssimas, a saber, o surgimento do estado,⁵² “[...] o acontecimento maior da história humana [...]”.⁵³

Pois sua aparição corresponde a uma redistribuição prática dos termos do dispositivo original de organização das sociedades humanas a partir de fora (ou do Outro religioso), cujo ponto focal é a encarnação do separado entre os seres humanos. Assim, sob tal passagem, aquilo que era primitivamente excluído é realizado, ou seja, a lei fundadora passa a ter seus representantes, administradores e intérpretes no interior da própria sociedade, instâncias estas que fazem com que as sociedades humanas sejam inscritas em uma nova fase, a saber, a da *história*,⁵⁴ pelo fato mesmo de que “[...] com a aparição do Estado, o Outro religioso entra na esfera humana”.⁵⁵

Mais particularmente, uma forma específica de estado marcaria bem esse processo de passagem da(s) sociedade(s) de religião à sociedade política ou moderna, a saber, o *Estado soberano de direito divino*, o qual passa a apontar para uma dissociação entre o céu e a terra, dado que sua figura central, a saber, o *príncipe* tal qual cristalizado por Machiavelli (1469-1527), encontrar-se-ia alçado a um posto sem precedentes em termos da economia do sagrado. Em outros termos, enquanto virtual figura da potência absoluta, mais e mais desligada da religião, o monarca absolutista representaria precisamente um momento central da passagem rumo à imanentização dos negócios humanos. Neste sentido, tal formação apontaria para um ponto no espaço humano onde a comunidade dos

ela de ordem propriamente dita política, tal qual se configurou no Ocidente a partir da confluência entre Estado e Igreja. Entretanto, tal interpenetração não significa homologia: a religião sendo, essencialmente, a forma sob a qual é socialmente traduzida e materializada uma relação de negatividade do homem social em relação a si mesmo, ela divergiria da política na medida em que esta pressupõe “[...] a tomada ativa da sociedade sobre si mesma através de um poder separado [...]” (tradução nossa). GAUCHET, Marcel. *Le désenchantement du monde: une histoire politique de la religion*. Paris: Gallimard, 1985. p. 28

⁵² GAUCHET, Marcel. *Le surgissement de l'État et l'éloignement du divin*. In: GAUCHET, Marcel. *L'avènement de la démocratie I: la révolution moderne*. Paris: Gallimard, 2007. p. 59-75

⁵³ GAUCHET, Marcel. *Le désenchantement du monde: une histoire politique de la religion*. Paris: Gallimard, 1985. p. 20

⁵⁴ GAUCHET, Marcel. *Le désenchantement du monde: une histoire politique de la religion*. Paris: Gallimard, 1985. p. 66

⁵⁵ GAUCHET, Marcel. *Le désenchantement du monde: une histoire politique de la religion*. Paris: Gallimard, 1985. p. 67

seres humanos seria a juíza de sua própria existência, o que tornaria sua posição homóloga àquela do criador a respeito de sua criação.⁵⁶ Em suma, enquanto materializador da alteridade divina, o *Estado soberano de direito divino*, ao buscar embasar as fontes de sua própria legitimidade entre os seres humanos, arvorar-se-ia em “[...] máquina metafísica a autonomisar as relações entre os homens [...]”.⁵⁷

Logo, a fórmula do *Estado soberano de direito divino*, pelo fato de ter como objeto o laço que assegura o corpo político de sua coerência ou de sua permanência, faz com que surjam as condições de possibilidade de uma comunidade política de um gênero completamente novo, dissociada do além e imersa em um regime de rivalidades para com outros estados soberanos de direito divino. Para além disso, tal formação política desempenharia um papel não menos importante em termos da dissociação das fontes de sentido original das sociedades, as quais eram até então necessariamente fundamentadas a partir do passado, no que viriam a se rearticular com vistas tanto ao futuro quanto à imanência, isto através de políticas econômicas ou monetárias orientadas para o investimento em direções que supostamente aumentariam suas forças, assim como através de suas eventuais associações com a ciência experimental.⁵⁸

Não obstante, para além destes fatores, o Estado soberano de direito divino também teria promovido a entrada em cena de uma figura não menos importante em termos da formação do fenômeno da modernidade, a saber, o *indivíduo*.⁵⁹ De fato, ao funcionar como pressuposto do modelo contratualista de governo, a figura do indivíduo inaugura ela também uma nova dinâmica geral das relações entre os seres. Desse modo, do *Leviathan* (1651) de Hobbes (1588-1679) ao *Contrato Social* (1762) de Rousseau (1712-1788), a dinâmica que levaria à democracia já se coloca em letras claras, dado o poder crescente posto nas mãos daqueles que deveriam cada vez mais tomar para si a tarefa de organizar o próprio mundo. A título de exemplo, Spinoza (1632-1677), em finais do século XVII, dava já

⁵⁶ GAUCHET, Marcel. *L'avènement de la démocratie I: la révolution moderne*. Paris: Gallimard, 2007. p. 65

⁵⁷ GAUCHET, Marcel. *L'avènement de la démocratie I: la révolution moderne*. Paris: Gallimard, 2007. p. 65

⁵⁸ POMIAN, Krzysztof. *L'ordre du temps*. Paris: Gallimard, 1984. p. 293

⁵⁹ GAUCHET, Marcel. La fondation em droit et l'invention de l'individu. In: GAUCHET, Marcel. *L'avènement de la démocratie I*. Paris: Gallimard, 2007. p. 77-114

uma formulação deveras cristalizada desta passagem que seria a da própria modernidade:

Eis aqui de qual maneira uma sociedade humana pode se constituir e toda relação ser sempre estritamente respeitada, sem que o direito natural dos indivíduos de forma alguma se oponha a isso. Basta que cada indivíduo transfira o poder total do qual ele goza a esta sociedade; assim, apenas ela deterá o direito natural soberano em todos os domínios, quer dizer, a autoridade soberana à qual todo homem ver-se-á na obrigação de obedecer, seja através de sua livre escolha, seja através do temor do castigo supremo. A constituição da sociedade realizada sobre esta base caracteriza o regime democrático, definido nos seguintes termos: uma democracia nasce da união dos homens que gozam, enquanto grupo organizado, de um direito soberano sobre tudo o que está em seu poder (tradução nossa).⁶⁰

Democracia e modernidade, pois, são apenas dois lados de uma mesma moeda, dado que ambas pressupõem como denominador comum os direitos individual e coletivo de organizar ou fazer o próprio mundo;⁶¹ em outros termos, ambas são unidas pela exigência de *autonomia*, em oposição à *heteronomia* própria das sociedades religiosas ou tradicionais. Neste sentido, outro fator revolucionário que teria levado à consciência da modernidade enquanto tipo de sociedade humana autônoma seria a entrada no *regime da historicidade*, uma vez que seria através da consolidação dessa nova disciplina teórica ao longo do século XVIII que um elemento imprescindível para a constituição da ideologia moderna seria

⁶⁰ SPINOZA, Baruch. *Traité des autorités théologique et politique*. In: SPINOZA, Baruch. *Œuvres complètes*. Éd. Roland Caillois et al. Paris: Gallimard, 1954. p. 830. (Bibliothèque de la Pléiade).

⁶¹ Daí a asserção de Gauchet no sentido de que “[...] a descrição do regime democrático sobre a base de suas normas explícitas não diz grande coisa do funcionamento social que lhe corresponde [...]” (tradução nossa). GAUCHET, Marcel. *Le désenchantement du monde: une histoire politique de la religion*. Paris: Gallimard, 1985. p. 381

formulado, a saber, a noção de *progresso*. Pois neste ponto recorro às análises de Koselleck acerca deste processo.⁶²

De acordo com Koselleck, qualquer tentativa de compreensão da modernidade não pode ser dissociada da consciência de que ao longo de cerca de dois mil anos a noção de história foi concebida sob um esquema mental que impossibilitava o surgimento da noção de novidade. O cristianismo, particularmente, teria fornecido um vigoroso apoio a uma tal acepção estática de história ao promover uma compreensão escatológica da mesma, isto é, uma compreensão dos atos humanos que tinha como fim preestabelecido o final dos tempos. Sob tal noção, pois, o futuro teria sido integrado ao tempo, situando-se não como um fim linear, mas como algo em suspenso pela própria Igreja, o que permitiu que a história da Igreja se perpetuasse como a própria história da Salvação.⁶³ Desse modo, todo agente humano acabava por se encontrar preso a um referencial preestabelecido, pois sabia de antemão de onde vinha, assim como para onde iria.

Por sua vez, outra estrutura mental que durante séculos ajudou a manter a estabilidade das coisas foi a noção de história sob a formulação da *historia magistra vitae*,⁶⁴ ou seja, a compreensão da história como repertório definido de atos humanos, os quais, por conta de seu caráter exemplar, deveriam ser seguidos por todos aqueles que quisessem ser sábios e prudentes sem incorrer em grandes erros. Em outros termos, perdurou durante séculos na Europa a noção de que haveria um espaço contínuo no qual acontecia toda a experimentação possível, espaço este que ganhou de Cícero sua formulação mais cristalizada: *historia magistra vitae*, ou seja, a história como mestra ou professora da vida.

Estas duas estruturas mentais, portanto, ajudaram a assegurar a circularidade dos atos humanos. Sob estas, pois, a existência humana era concebida e explicada a partir do passado, uma vez que cabia unicamente ao agente humano reproduzir, ou melhor, *repetir* as

⁶² Tais análises se encontram nos diversos artigos, algo repetitivos, aliás, que compõem a obra *Futuro Passado*; assim, à medida que eu os for utilizando, eles então serão citados individualmente.

⁶³ KOSELLECK, Reinhart. O futuro passado dos tempos modernos. In: KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado*: contribuição à semântica dos tempos históricos. Trad. Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto; PUC-Rio, 2006. p. 26.

⁶⁴ KOSELLECK, Reinhart. *Historia Magistra Vitae*. Sobre a dissolução do topos na história moderna em movimento. In: KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado*: contribuição à semântica dos tempos históricos. Trad. Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto; PUC-Rio, 2006. p. 41-60

experiências bem sucedidas tal qual inventariadas e sancionadas tanto pela história, quanto pela Igreja. Dentro desse horizonte nada de essencialmente novo poderia em princípio ocorrer; pelo contrário, ambos os papéis magistrais da história quanto da Igreja eram ao mesmo tempo garantia e sintoma da continuidade que encerrava em si, ao mesmo tempo, passado e futuro.

Mas isto mudaria a partir do século XVII. As profecias, sempre presentes no contexto do cristianismo e ainda mais frequentes sob as guerras de religião que se alastraram pela Europa durante o século XVI, foram pouco a pouco perdendo sua atração devido ao reconhecimento de que as guerras civis religiosas não prenunciavam o Juízo Final.⁶⁵ Consequentemente, este foi sendo não apenas cada vez mais adiado, senão cada vez menos temido, isto por conta tanto da separação nascente entre história sacra, história humana e história natural,⁶⁶ quanto por conta das primeiras mostras do espírito iluminista em sua faceta anti-miraculosa tal qual representado por Montaigne (1533-1592), Bacon, Spinoza, Bayle (1647-1706) e Fontenelle (1657-1757), entre outros.⁶⁷

Vale ainda precisar que Koselleck particularmente enfatiza a derrocada do paradigma da *historia magistra vitae* dentro do âmbito de língua alemã a partir de uma construção semântica que teria propulsionado tal mutação. De acordo com ele, o conceito de *história* [no original *Historie*] tal qual presente nesse paradigma teria sido esvaziado de seu sentido ao ser suplantado por outro, mais abstrato e, por isso, mais *moderno*: trata-se do conceito de, no original, *Geschichte*, também traduzido como história.⁶⁸ A diferença entre uma formulação e outra de história residiria na passagem de uma compreensão circular, portanto estática da atividade humana, para outra que já apontava para a filosofia da história própria do Idealismo (alemão), ou seja, uma compreensão tanto *sistemática*

⁶⁵ KOSELLECK, Reinhart. O futuro passado dos tempos modernos. In: KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado*: contribuição à semântica dos tempos históricos. Trad. Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto; PUC-Rio, 2006. p. 27

⁶⁶ KOSELLECK, Reinhart. O futuro passado dos tempos modernos. In: KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado*: contribuição à semântica dos tempos históricos. Trad. Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto; PUC-Rio, 2006. p. 28

⁶⁷ KOSELLECK, Reinhart. O futuro passado dos tempos modernos. In: KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado*: contribuição à semântica dos tempos históricos. Trad. Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto; PUC-Rio, 2006. p. 30

⁶⁸ KOSELLECK, Reinhart. *Historia Magistra Vitae*. Sobre a dissolução do topos na história moderna em movimento. In: KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado*: contribuição à semântica dos tempos históricos. Trad. Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto; PUC-Rio, 2006. p. 48-54

quanto *dinâmica* da história baseada na atividade da humanidade tomada em seu conjunto. Mais especificamente, em termos do desenvolvimento da filosofia da história, mostrou-se fundamental a reavaliação do período todo da Idade Média ao longo do século XVIII, dado que, pelo fato de esta ser comumente considerada como um período de decadência, tal compreensão barrava ou impedia o surgimento de uma visão linear e progressiva tal qual viria a caracterizar-se a filosofia da história propriamente dita.⁶⁹ Neste sentido, o desenvolvimento da filosofia da história *deve* de fato ser chamado de revolucionário, dado que tal surgimento implica a falência das expectativas cristãs com relação ao fim do mundo e, conseqüentemente, um distanciamento mais e mais visível em relação à organização heterônoma das sociedades humanas. Encaminha-se, portanto, com o surgimento de uma disciplina interessada tanto nas *leis* quanto no *movimento* da história, compreendida doravante como o ato humano, ainda que divinizado, de se *dispor da história*,⁷⁰ a *sociedade da autonomia*.⁷¹

Em outros termos, estruturou-se aos poucos desde o Renascimento, e com especial vigor ao longo do século XVIII, um conceito universal de história a partir do qual tornou-se concebível a abertura de um espaço de prevenção, de planejamento, assim como de *produção* da própria história, espaço este que tornou obsoleta a concepção de história como conjunto de relatos e informes sobre acontecimentos passados. Autonomizada, pois, a história se transforma em conceito reflexivo, senão propriamente dito *transcendental*, o qual passa a se conceber como um conceito de *ação* comandado *a partir* do futuro, e não mais a partir do passado. Neste processo, pois, foram criadas as condições de possibilidade, senão de *legitimidade*, para o agir histórico, dado que essa nova compreensão de história como história da humanidade passava a

⁶⁹ POMIAN, Krzysztof. *L'ordre du temps*. Paris: Gallimard, 1984. p. 129

⁷⁰ Sobre o surgimento e o desenvolvimento da filosofia da história: Cf. KOSELLECK, Reinhart. Sobre a disponibilidade da história. In: KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Trad. Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto; PUC-Rio, 2006. p. 233-246; GAUCHET, Marcel. *L'avènement de la démocratie I*. Paris: Gallimard, 2007. p. 127-154; POMIAN, Krzysztof. *L'ordre du temps*. Paris: Gallimard, 1984. p. 129-137

⁷¹ A título de exemplo, no contexto de separação da colônia Estados Unidos da América em relação à metrópole Inglaterra, e mais especificamente em 1776, o separatista anglo-americano Thomas Paine (1737-1809) explicitava tal momento ao dizer que “[t]emos o poder de começar o mundo de novo” (tradução nossa). PAINE, Thomas. *Common Sense*. In: PAINE, Thomas. *Collected writings*. E. Foner. New York: The Library of America, 1984. p. 52

fornecer também uma boa consciência para a ação, pois como diz Gauchet, “[a]través de um notável efeito de ótica, [a história] re-legitima o antigo desde o interior do moderno, ela fornece uma justificação da ordem da heteronomia nos termos da autonomia” (tradução nossa).⁷² Ou nas palavras de Koselleck, “[u]ma história construída dessa maneira passa a reforçar a vontade de produzir mais rapidamente um futuro planejado, que de qualquer modo iria se manifestar”.⁷³

Logo, o valor da autonomia que surge nesse processo eminentemente histórico tem a ver com um *projeto metafísico*⁷⁴ segundo o qual a humanidade, compreendida tanto em sua acepção singular (de ser humano individual) quanto em sua acepção coletiva, passa conceber a si mesma como capaz de produzir a própria história ao aceder ao saber de si na dinâmica de seu processo mais próprio, a saber, a *História*, concebida precisamente enquanto *atividade*. Desse modo, *história*, *liberdade* e *progresso*, ou, em outros termos, ação e reflexividade, passam a se interpenetrar, no que se transformam, sob a égide do *futuro*, em uma e a mesma coisa. Doravante, consolida-se, portanto, a consciência, eminentemente moderna, de que é *através* do tempo que as sociedades humanas produzem o *sentido* que lhes forneceria sustentação.

Consequentemente, esta modalidade de autoconsciência viria a se consolidar em uma determinada formação política, a saber, o regime democrático em suas variantes liberal e representativa. Este, por sua vez, passa a promover um tipo de discurso da sociedade acerca de si mesma através do qual ela simultaneamente encarregar-se-ia de explicar sua história, de justificar as escolhas comandadas por seu trabalho político sobre si mesma, assim como de fornecer uma definição de futuro. Tal tipo de discurso, surgido a partir da

⁷² GAUCHET, Marcel. *L'avènement de la démocratie I*. Paris: Gallimard, 2007. p. 137

⁷³ KOSELLECK, Reinhart. Sobre a disponibilidade da história. In: KOSELLECK, Reinhart. KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Trad. Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC-Rio, 2006. p. 240. Cf. também, do mesmo autor, KOSELLECK, Reinhart. *Crítica e crise: uma contribuição à patogênese do mundo burguês*. Trad. Luciana V.-B. Castelo-Branco. Rio de Janeiro: Ed. UERJ; Contraponto, 1999. p. 114-120

⁷⁴ Ou como diz o próprio autor: “[...] a democracia dos Modernos [...] é filha da saída da religião. É nesta [saída] que ela tem seu processo gerador. É esta a fonte que a singulariza em sua essência e em suas expressões em relação à suas precedentes antigas. Ela é habitada por um projeto metafísico. Ela corresponde à redefinição do estabelecimento humano-social sob a totalidade de seus aspectos em função da exclusiva obediência a si mesmo” (tradução nossa). GAUCHET, Marcel. *L'avènement de la démocratie I*. Paris: Gallimard, 2007. p. 22

Revolução Francesa e, neste sentido, de caráter eminentemente moderno à *la* século XIX (e XX), ganharia o nome de *ideologia*.⁷⁵

Mais especificamente, para Gauchet o discurso ideológico seria necessariamente composto por três elementos: o primeiro, uma teoria social racional através da qual uma sociedade explicaria para si mesma os fatores e as forças presentes no movimento do devir a requisitá-la, explicação esta de caráter eminentemente imanente, em oposição às justificativas transcendentais da religião; o segundo, a formulação mais ou menos positiva do conteúdo ou do tipo de fim a ser atingido nesse processo de devir, no que desenvolver-se-ia um tipo de discurso profético, senão literalmente *escatológico*, dado que construído a partir do futuro, acerca dos fins sociais e, por fim, a organização em termos políticos destes dois outros fatores.⁷⁶ Neste sentido, Gauchet mais explicitamente afirma que

[o] surgimento a democracia tal qual compreendido aqui [em seu livro que leva tal título] é inseparável de um discurso de múltiplas entradas através do qual os indivíduos explicam para si mesmos seu mundo, justificam suas escolhas políticas, buscam compreender a história da qual eles fazem parte, ou muito mais, formulam suas esperanças a respeito do futuro. Uma história da democracia deve ser, neste sentido, uma história das ideologias, para dar o nome que convém a estas grades de leitura do devir e da política, mais ou menos sistemáticas e coerentes, cuja entrada no universo da autonomia nos coage a utilizar.⁷⁷

⁷⁵ GAUCHET, Marcel. *Le désenchantement du monde: une histoire politique de la religion*. Paris: Gallimard, 1985. p. 344-350; KOSELLECK, Reinhart. História dos conceitos e história social. In: KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Trad. Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC-Rio, 2006. p. 102-103; KOSELLECK, Reinhart. Modernidade: sobre a semântica dos conceitos de movimento na modernidade. In: KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Trad. Wilma Patrícia Maas, Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC-Rio, 2006. p. 296-301

⁷⁶ GAUCHET, Marcel. Croyances religieuses, croyances politiques. In: GAUCHET, Marcel. *La démocratie contre elle-même*. Paris: Gallimard, 2002. p. 96-97

⁷⁷ GAUCHET, Marcel. *L'avènement de la démocratie I*. Paris: Gallimard, 2007. p. 12

Koselleck,⁷⁸ por sua vez, aponta que, no que a partir de mais ou menos 1800 se passou a fazer da palavra ‘tempo’ um meio de se chegar ao entendimento ou ao poder, produziu-se uma batalha em torno de conceitos, com o controle da linguagem se tornando tanto mais urgente quanto maior se mostrava o número de pessoas que deveriam ser atingidas. Com esse desafio ao controle da linguagem, a própria estrutura temporal dos conceitos teria sido modificada, apontando doravante para o crescente grau de generalidade dos mesmos. Em outros termos, se os conceitos anteriores à Revolução Francesa se caracterizavam por reunir em uma expressão toda a experiência acumulada até então, estes da era da ideologia tendiam, pelo contrário, a reportar-se ao futuro, no que passavam a se configurar como *antecipações* e, neste sentido, conceitos vazios de conteúdo empírico. Pois estes ganhariam o nome de *slogans*:

[q]uanto mais gerais os conceitos, mais partidos podem servir-se deles. [...] Surge assim um litígio em torno da verdadeira interpretação política, e mais ainda em torno do correto emprego dos termos. [...] Os mesmos conceitos podem ser assumidos em diferentes perspectivas. Como conceitos universais, requerem uma atribuição de sentido, independentemente das experiências concretas ou das expectativas que penetram neles. Nasce assim uma disputa pela interpretação política autêntica, pelas técnicas de exclusão destinadas a impedir que o adversário utilize a mesma palavra para dizer ou querer coisa diferente do que se quer.

Nessa situação, a temporalização mostra sua face oculta, oferecendo subterfúgios. A crítica ideológica, como arma linguística, provém do arsenal do historicismo. Baseia-se em uma espécie de historização elementar, em que, com ajuda de conceitos de movimento, até mesmo o presente é desdobrado. [...] Uma crítica ideológica que procede assim argumenta com

⁷⁸ Neste ponto sintetizo KOSELLECK, Reinhart. Modernidade: sobre a semântica dos conceitos de movimento na modernidade. In: KOSELLECK, Reinhart. Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos. Trad. Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto; PUC-Rio, 2006. p. 294-303

conceitos de movimento, cuja prova só pode ser apresentada no futuro. O adversário cai em um dilema argumentativo.⁷⁹

Como será visto, tais são os traços mais amplos dentro dos quais a obra de Kierkegaard ganharia sua fundação. Cabe agora apenas explicitar algo mais o próprio processo de *gestação* do conceito de modernidade, uma vez que, como argumentarei logo adiante, na falta do conceito devidamente formulado a partir do qual estabelecer sua leitura da mesma, Kierkegaard teria, junto de seus contemporâneos, feito uso precisamente de uma série de conceitos que precederam a gestação do conceito propriamente dito de modernidade. Em outros termos, pode-se dizer que o conceito de modernidade tem uma história, e que esta história está pressuposta de ponta a ponta nos escritos primeiros de Kierkegaard; daí, pois, a necessidade da explicitação desse processo semântico que será rapidamente retomado nas linhas que se seguem.⁸⁰

De acordo com Koselleck, o conceito de modernidade só veio a impor-se depois de decorridos quatro séculos do período que ele englobava; lexicalmente, este teria sido incorporado ao linguajar sócio-político mais corrente somente no último quartel do século XIX. Antes, porém, mais exatamente a partir do século XVIII, a historiografia passou a falar cada vez mais de uma ‘época contemporânea’, assim como de categorias análogas como ‘novo mundo’ – não em sentido geográfico, e sim enquanto espaço de experiência –, ‘mundo de agora’, sem contar as diferenciações internas que surgiam tais quais ‘novo tempo’ [em alemão *neue Zeit*] e ‘tempo mais recente’ ou ‘tempo contemporâneo’ [*neueste Zeit*], expressões estas que tinham por trás a dinâmica da aceleração do tempo e, consequentemente, a crescente consciência da inadequação das palavras em relação aos fenômenos que elas deveriam descrever.⁸¹ Neste sentido, a formulação desta última expressão

⁷⁹ KOSELLECK, Reinhart. Modernidade: sobre a semântica dos conceitos de movimento na modernidade. In: KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Trad. Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC-Rio, 2006. p. 301-302

⁸⁰ Sigo fundamentalmente KOSELLECK, Reinhart. Modernidade: sobre a semântica dos conceitos de movimento na modernidade. In: KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Trad. Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC-Rio, 2006. p. 267-303

⁸¹ Koselleck cita, neste sentido, o teórico político do século XIX Lorenz von Stein (1815-1890), de acordo com o qual “[a]s velhas condições de vida foram substituídas por novas, que

ajudou a criar um conceito de época que inaugurava um novo período, não sendo apenas o registro de uma visão retrospectiva; ou como diz o próprio autor,

[e]ssa distinção entre ‘novo tempo’, ou ‘tempo moderno’ [*neue Zeit*], e ‘tempo contemporâneo’ [*neueste Zeit*] entrava agora [após a Revolução Francesa] em fase de crescente reflexão sobre o tempo histórico. A rápida adoção do conceito de tempo contemporâneo tem que ser interpretada como um indicador da acelerada mudança da experiência histórica e da rapidez de sua elaboração pela consciência. Para exprimir de maneira enfática suas próprias experiências como verdadeiramente novas havia muitas outras expressões à disposição, expressões que conseguiram se impor nos decênios em torno de 1800, ou às quais estavam associados novos sentidos: revolução, progresso, desenvolvimento, crise, espírito do tempo – expressões que continham indicações

por sua vez vêm sendo combatidas por outras ainda mais novas; legislações inteiras são alteradas, configurações contraditórias sucedem-se rapidamente; *é como se a escrita da história não mais pudesse acompanhar seu próprio objeto*” (grifo nosso). STEIN apud KOSELLECK, Reinhart. Prognósticos históricos nos escritos de Lorenz von Stein sobre a constituição prussiana. In: KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado*: contribuição à semântica dos tempos históricos. Trad. Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC-Rio, 2006. p. 82-83. Antes, porém, Chateaubriand (1768-1848) havia deixado um testemunho semelhante ao rememorar o processo de composição de seu *Ensaio sobre as revoluções*; em 1826, pois, ele se referia ao fato de que “[e]u comecei a escrever o *Ensaio* em 1794 e ele apareceu em 1797. Geralmente era preciso apagar à noite o retrato que eu havia esboçado de dia: os acontecimentos corriam mais rápido do que minha pluma; acontecia uma revolução que deixava minhas comparações em falta: eu escrevia em um barco durante uma tempestade, e pretendia pintar objetos fixos, [assim como] as margens fugitivas que passavam e se estragavam ao longo do navio!” (tradução nossa). CHATEAUBRIAND, François-René de. *Essai sur les révolutions. Génie du christianisme*. Texte établi, présenté et annoté par Maurice Regard. Paris: Gallimard, 1978. p. 15. (Bibliothèque de la Pléiade). Vale também mencionar seu sobrinho Tocqueville (1806-1859), o qual já na década de 1830 se perguntava: “[p]ara onde vamos, então? Ninguém poderia dizê-lo, pois os termos de comparação já nos faltam [...]”; daí então sua famosa frase: “[é] preciso um ciência política nova para um mundo completamente novo” (tradução nossa). TOCQUEVILLE, Alexis de. *Œuvres II: De la démocratie en Amérique I*. Édition publiée sous la direction d’André Jardin. Paris: Gallimard, 1992. p. 7-8 (Bibliothèque de la Pléiade)

temporais que, antes, nunca haviam existido
dessa maneira.⁸²

Com efeito, Koselleck esclarece que no período entre 1770 e 1830, a enciclopédia Grimm registra mais de cem expressões novas, palavras geralmente compostas que quase sempre qualificavam o tempo historicamente. Seria, assim, a partir, de um imenso debate acerca da categoria ‘tempo’ que surgiria por fim o conceito propriamente dito de modernidade, debate este no qual Kierkegaard, ainda que situado em posição marginal pelo fato de se encontrar na Dinamarca, se insere de maneira aguda, como argumento a seguir. Em outras palavras, cabe agora ver de qual maneira Kierkegaard se inseriu em um áspero debate ideológico em curso na Dinamarca de meados da década de 1830 e que se centrava no conceito de *espírito do tempo*, no que, conseqüentemente, discutia-se mais exatamente a epocal abertura da sociedade dinamarquesa em relação ao futuro.

⁸² KOSELLECK, Reinhart. Modernidade: sobre a semântica dos conceitos de movimento na modernidade. In: KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Trad. Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC-Rio, 2006. p. 282

2 KIERKEGAARD E O RECONHECIMENTO DO *ESPÍRITO DO TEMPO*

“Ne soyez pas envieux du temps”.

(Jacques Necker aos deputados dos Estados Gerais, 1789).

A obra de Kierkegaard tem início no seu efetivo início. Tal afirmação, aparentemente tautológica, na verdade tem sua razão de ser, posto que seu verdadeiro início, em termos cronológicos, não é geralmente considerado como tal ou mesmo tido em alta conta pela grande maioria dos estudiosos de sua obra, e isto em boa medida por causa de uma avaliação no mínimo suspeita, por conta de sua seletividade, feita pelo próprio Kierkegaard, para o qual sua obra propriamente dita teria tido início apenas com os dois volumosos tomos de *Ou/Ou (Enten/eller)*, publicados em 1843, e não com os escritos anteriores, publicados ainda a partir de meados da década de 1830.⁸³ Pois neste sentido mesmo, argumentarei que a obra de Kierkegaard se desenvolve efetivamente a partir do contexto sócio-político de tal década, e mais particularmente a partir de uma ampla discussão importada, por assim dizer, da França, acerca tanto da questão em voga da liberdade de imprensa, quanto da questão não menos importante da emancipação feminina. Não obstante, estes temas encobrem um mais profundo, a saber, o da passagem de uma forma de organização social baseada na heteronomia para uma outra baseada na autonomia. Em outros termos, tratava-se da reorganização das bases sociais, até então ligadas ao passado, em relação ao *futuro*; daí o debate ideológico no

⁸³ KIERKEGAARD, Søren. Synspunktet for min Forfatter-Virksomhed. In: KIERKEGAARD, Søren. *Samlede Værker*. Udgivet af A.B. Drachmann et. al. København: Gyldendal, 1964. p. 81; KIERKEGAARD, Søren. The point of view for my work as an author. In: KIERKEGAARD, Søren. *The Point of View*. Translation. H. and E. Hong. Princeton: Princeton University Press, 1998. p. 23. Os escritos iniciais são os seguintes: ‘Uma outra defesa das aptidões superiores das Mulheres’ (artigo de jornal, 1834); ‘As observações matutinas no número 43 do *Correio de Copenhague*’ (artigo de jornal, 1836); ‘Sobre a polêmica de *A Pátria*’ (artigo de jornal, 1836); ‘Dos papéis de alguém ainda vivo’ (resenha literária publicada como livro, 1838) e ‘O conceito de ironia constantemente referido a Sócrates’ (dissertação acadêmica publicada como livro em 1841). Em 1835 Kierkegaard deu também uma palestra de título ‘Nossa literatura jornalística’, a qual, não obstante, permaneceu inédita até sua morte.

qual Kierkegaard se inseriu, o qual implicava um acerto de contas com o recente passado dinamarquês, de maneira que se pudesse entrar no futuro de consciência tranquila. Neste sentido, se plataforma há para toda a produção posterior de Kierkegaard,⁸⁴ tal pode já ser encontrada nestes primeiríssimos escritos, dado que neles Kierkegaard reconhece e discute a transformação do futuro em eixo organizador do mundo humano. Enfim, são nestes escritos que ele formula, ainda que indiretamente, sua concepção do *espírito do tempo* e, conseqüentemente, da *modernidade*, os quais funcionariam como pressupostos dos mais fundamentais – e, neste sentido, dos mais *subterrâneos* mesmo – para sua produção posterior, aquela reconhecida, ainda que implicitamente, por ele próprio como sua produção ‘madura’. Assim, o presente capítulo se volta precisamente para tais questões.

⁸⁴ Vale apontar que na década de 1980 Henri-Bernard Vergote ajudou a colocar em xeque, ainda que apenas em parte, a autointerpretação kierkegaardiana tanto do sentido quanto da gênese de própria produção ao enfatizar a obra *O Conceito de ironia constantemente referido a Sócrates* como a verdadeira obra inaugural de Kierkegaard; neste sentido ele lamentava as leituras francesas produzidas até então como falhas ou parciais nos seguintes termos: “[...] se se tivesse podido ler [...] um Kierkegaard verdadeiro [*véritable*], quer dizer, um Kierkegaard que começa pelo *Conceito de Ironia constantemente referido a Sócrates* [...]” (tradução nossa). VERGOTE, Henri-Bernard. *Sens et répétition: essai sur l’ironie kierkegaardienne*. Paris: Cerf/ Orante, 1982. t. 1, p. 23. No Brasil, o estudioso e tradutor de Kierkegaard Alvaro Valls, um vigoroso defensor das teses vergotianas, ajudou a selar tal interpretação através de palavras como as seguintes: “Como não admirar, nesta dissertação, a grande abertura da obra kierkegaardiana [...]”? [...] *O Conceito de Ironia constantemente referido a Sócrates* contém a verdadeira plataforma, o programa em seus aspectos temáticos e metodológicos que se desenvolverão ao longo da produção kierkegaardiana. [...] Aí está a plataforma inicial, a abertura da obra, que ao mesmo tempo é chave de interpretação para a obra, inclusive para a polêmica final, dramatizada nas ruas de sua cidade”. VALLS, Alvaro L. M. O conceito de ironia em português. In: VALLS, Alvaro L. M. *Entre Sócrates e Cristo: ensaios sobre a ironia e o amor em Kierkegaard*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000. p. 38. Ainda outro estudioso e, para piorar, *biógrafo*, de Kierkegaard, em publicação bastante recente, decidiu praticamente *apagar* de seu currículo sua primeira publicação, datada de 1834, dando conseqüentemente preferência à palestra dada por Kierkegaard em 1835 como o início de sua carreira: Cf. HANNAY, Alastair. *Kierkegaard: a biography*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. p. 4 et seq. Em suma, parece haver um curioso consenso entre os estudiosos no sentido de que tais escritos seriam bagatelas ou, como o expressa um deles, Jon Stewart, *juvenilia* -- STEWART, Jon. *Kierkegaard’s relations to Hegel reconsidered*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003. p. 90

2.1 O CONCEITO DE ESPÍRITO DO TEMPO E A REVOLUÇÃO DE JULHO DE 1830 NA FRANÇA

Como visto anteriormente, o conceito de espírito do tempo funcionou como conceito de demarcação temporal a partir do qual os intelectuais europeus buscavam apreender sua situação, isto é, a da abertura coletiva para o futuro,⁸⁵ a partir de finais do século XVIII. Derivado da expressão bíblica ‘o sinal dos tempos’ (Mateus 16: 3), a expressão ‘espírito do tempo’ (no original alemão *Zeitgeist*), pelo fato mesmo de manter algo daquela, se configura, portanto, como um dos marcos mais importantes em termos da história da gestação do conceito propriamente dito de modernidade. Situado, assim, entre a antiguidade e a modernidade, o conceito de ‘espírito do tempo’ foi utilizado para os fins acima mencionados na medida mesmo em que seu suscedâneo não se encontrava plenamente formalizado. Em suma, deve-se considerar tal conceito como aquele imediatamente anterior ao conceito de modernidade propriamente dito.

E, de fato, sua história não o nega: a expressão ‘espírito do tempo’ é indissociável do acontecimento da Revolução Francesa. Johann Gottfried Herder (1744-1803), escrevendo desde o contexto alemão, a utiliza de maneira parcimoniosa em sua obra principal escrita e publicada em torno desse acontecimento;⁸⁶ posteriormente, porém, tal expressão seria requisitada de uma maneira mais premente, configurando-se assim em um dos conceitos principais de sua última obra de fôlego, a saber, as *Cartas para a promoção da Humanidade* [*Briefe zur Beförderung der Humanität*], publicada entre 1793 e 1797.⁸⁷ Pois lá, Herder, logo após abrir a primeira coletânea de cartas com uma discussão acerca do conceito de *humanidade*,⁸⁸ dedica a segunda coletânea precisamente ao ‘espírito do tempo’, ainda que formulado como *Geist der Zeit*, e não como *Zeitgeist*, o que, não obstante, não

⁸⁵ Pois como diz Habermas, “[...] o mundo novo, o mundo moderno, se distingue do antigo pelo facto de se abrir ao futuro [...]”. HABERMAS, Jürgen. *O discurso filosófico da modernidade*. Trad. A.M. Bernardo et al. Lisboa: Dom Quixote, 1990. p. 18

⁸⁶ HERDER, Johann G. *Ideen zur Philosophie der Geschichte der Menschheit*. Hrg. von M. Bollacher. Frankfurt am Main: Deutscher Klassiker, 1989. Originalmente publicado entre 1784-1791

⁸⁷ HERDER, Johann G. *Briefe zur Beförderung der Humanität*. Hrg. von H. D. Irmscher. Frankfurt am Main: Deutscher Klassiker, 1991.

⁸⁸ HERDER, Johann G. *Briefe zur Beförderung der Humanität*. Hrg. von H. D. Irmscher. Frankfurt am Main: Deutscher Klassiker, 1991. p. 13-79

muda em absolutamente nada seu conteúdo. De qualquer maneira, levantando exatamente a questão sobre *o que* seria o espírito do tempo, ele mesmo responde:

[s]obretudo um poderoso gênio, um violento demônio [*Dämon*]. Se Averróis acreditava que todo o gênero humano possuía apenas uma alma, no que cada indivíduo, segundo sua inclinação, ora ativo, ora passivo, tomava parte nela, [já] eu empregaria esta concepção [*Dichtung*] ao espírito do tempo. Todos nós nos encontramos sob sua influência [*Gebiet*] ora de forma ativa, ora de forma passiva (tradução nossa).⁸⁹

Herder descreve ainda o espírito do tempo como aparentado à moda, ainda que de maneira literalmente bastarda;⁹⁰ desse modo, fica já explícito que ele traz em seu seio a aceleração do tempo. Para além disso, Herder o associa intimamente ao continente europeu, chegando a denominá-lo de ‘espírito-mundial europeu’ (*Europäische Weltgeist*).⁹¹ Originado no seio do tempo,⁹² o espírito do tempo “[...] pode tudo, vê tudo, e atravessa todos os espíritos, por mais razoáveis, sinceros e perspicazes que sejam eles [...]” (tradução nossa).⁹³ Mais do que isso, ele é descrito não apenas como

[...] sagrado, unido [*einig*], múltiplo, perspicaz e ágil, puro e claro, sério e livre, benfazejo, afável, sólido, certo, seguro [...], [senão que ele seria, por tudo isso mesmo], [...] inimigo do espírito de

⁸⁹ HERDER, Johann G. *Briefe zur Beförderung der Humanität*. Hrg. von H. D. Irmscher. Frankfurt am Main: Deutscher Klassiker, 1991. p. 85

⁹⁰ “A moda volátil é sua irmã ilegítima; ele não lhe é simpático, no entanto, aprende com ela, e às vezes mantém para com ela relações instrutivas” (tradução nossa). HERDER, Johann G. *Briefe zur Beförderung der Humanität*. Hrg. von H. D. Irmscher. Frankfurt am Main: Deutscher Klassiker, 1991. p. 85

⁹¹ HERDER, Johann G. *Briefe zur Beförderung der Humanität*. Hrg. von H. D. Irmscher. Frankfurt am Main: Deutscher Klassiker, 1991. p. 89

⁹² HERDER, Johann G. *Briefe zur Beförderung der Humanität*. Hrg. von H. D. Irmscher. Frankfurt am Main: Deutscher Klassiker, 1991. p. 86

⁹³ HERDER, Johann G. *Briefe zur Beförderung der Humanität*. Hrg. von H. D. Irmscher. Frankfurt am Main: Deutscher Klassiker, 1991. p. 86

revolta, [do espírito] de discórdia [...] (tradução nossa).⁹⁴

Em suma, o espírito do tempo nada mais era para Herder do que a transposição do Deus cristão para o terreno da filosofia da história.

Pois esta transposição seria não apenas mantida, senão que ela seria potencializada por Hegel (1770-1831) no que ele passava a associar o *Geist* à *razão*, o que, por sua vez, o dissociava ainda mais da figura do Deus cristão. Mais do que isso, através de Hegel a aceleração do tempo se torna um princípio ontológico, ainda que imanente, fato que se encontra claramente expresso no prefácio à *Fenomenologia do Espírito*, publicada em 1807, onde ele diz:

[...] não é difícil ver que nosso tempo [*unsre Zeit*] é um tempo de nascimento e de transição a um novo período [*neuen Periode*]. O Espírito rompeu a essência [*Daseyns*] e a representação do mundo tal qual ele até hoje existiu [*der bisherigen Welt*] e está a ponto [tanto] de afundá-lo no passado [quanto] de trabalhar com vistas à sua reorganização [*Umgestaltung*]. Na verdade, ele nunca está em repouso, mas tomado por eterno movimento para a frente [*in immer fortschreitende Bewegung*]. Pois como nas crianças, depois de longo período de alimentação tranquila, a primeira respiração, à semelhança de [um] crescente progresso [*vermehrenden Fortgangs*], desponta – um salto qualitativo – e eis a criança nascida; da mesma maneira, amadurece o Espírito que forma a si mesmo lenta e tranquilamente rumo à nova figura, dissolvendo um pedaço da construção de seu mundo anterior após o outro, seu desmoronamento se revelando apenas através de alguns sintomas: a frivolidade, como o tédio [*Langweile*] que invadem o subsistente, o vago pressentimento de algo desconhecido são os sinais precursores de que algo de diferente está em formação. Este esmigalhar-se gradual, que não

⁹⁴ HERDER, Johann G. *Briefe zur Beförderung der Humanität*. Hrg. von H. D. Irmischer. Frankfurt am Main: Deutscher Klassiker, 1991. p. 85-86

altera a fisionomia do todo, é interrompido pelo nascimento [*Aufgang*] que revela num clarão a imagem do mundo novo [*neuen Welt*].

Apenas uma realidade completa falta a este Novo [*diß Neue*], assim como à criança recém-nascida; ponto essencial a não ser descuidado. O primeiro despontar é sua imediatez ou seu conceito. Pois tão pouco está pronto um edifício quando sua fundação é deitada, da mesma forma é o conceito alcançado do todo o próprio todo. [...] Assim a ciência, a coroa de um mundo dos espíritos, não está completa em seus inícios. O começo do novo Espírito [*neuen Geistes*] é o produto de uma ampla transformação de formas variadas de cultura [*Bildungsformen*], o prêmio de um múltiplo itinerário, assim como de múltiplos esforços e fadigas (tradução nossa).⁹⁵

Como visto, através de Hegel o *Novo*⁹⁶ adquire seu direito de cidadania filosófica,⁹⁷ tornando-se assim uma das chaves, no caso conceituais, mais fundamentais de interpretação da modernidade. Da mesma maneira, através de Hegel o espírito do tempo não apenas se coloca como um modo de adiantamento do *Novo*, o que já acontecia em Herder, mas, conceitualmente falando, ele se volatiliza, transformando-se pura e simplesmente em *Geist*, o que implica que a própria qualidade temporal, a qual se mostrava claramente na expressão ‘espírito do tempo’, se torna um pressuposto dos mais latentes. Em outras palavras, é como se Hegel tivesse pura e simplesmente transformado o espírito, ou mais propriamente a razão, em *tempo* (ou temporalidade), compreendido

⁹⁵ HEGEL, Georg W. F. *Phänomenologie des Geistes*. Hrg. von W. Bonsiepen und R. Heede. Hamburg: Felix Meiner, 1980. p. 14-15

⁹⁶ Vale precisar que o tradutor Paulo Meneses verte o substantivo que Hegel utiliza na passagem acima citada, a saber, literalmente ‘o Novo’, como ‘mundo novo’, no que ele desconsidera que Hegel *suprassume* os substantivos adjetivados na passagem (‘novo período’, ‘novo mundo’ etc.) em uma única construção: Cf. HEGEL, Georg W. F. *Fenomenologia do espírito*. Trad. P. Meneses et. al. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista: USF, 2002. p. 31

⁹⁷ Ou como sintetiza a questão Habermas: “[f]oi Hegel quem inaugurou o discurso da modernidade. Foi Hegel que introduziu o tema da cerificação autocrítica da modernidade; foi Hegel quem estabeleceu as regras, pelas quais se torna possível submeter o tema a variações – a dialética do iluminismo. Ao mesmo tempo que elevou a história contemporânea a um nível filosófico, Hegel pôs o eterno em contato com o transitório, o intemporal com o actual e, deste modo, transformou radicalmente o carácter da filosofia”. HABERMAS, Jürgen. *O discurso filosófico da modernidade*. Trad. A.M. Bernardo et al. Lisboa: Dom Quixote, 1990. p. 57

precisamente como *movimento para frente*. Consequentemente, a partir de Hegel a modernidade não poderia ser apreendida conceitualmente senão em estreita relação para com o ainda não formado,⁹⁸ ou seja, o futuro.⁹⁹ E, de qualquer modo, por mais que Hegel fornecesse um sucedâneo ao conceito de ‘espírito do tempo’, não obstante, à medida que a consciência do *Novo* se intensificava, mais requisitada se tornava a expressão ‘espírito do tempo’ entre os intelectuais do início do século XIX.

Isto, por exemplo, pode ser visto na Inglaterra de meados para finais da década de 1820, onde a expressão ganharia um vulto considerável ao ser adotada, primeiramente, como título de uma obra do crítico literário William Hazlitt (1778-1830), a partir da qual ela seria posteriormente absorvida por outros intelectuais. E se, contudo, Hazlitt em tal obra se servia de personalidades intelectuais contemporâneas para iluminar, ainda que indiretamente, o espírito da época,¹⁰⁰ já outros intelectuais, tal qual seu desafeto Thomas Carlyle (1795-1881), passariam a investigar mais seriamente o *próprio* espírito do tempo (ou da época, como se consolidou a expressão em inglês).

Pois Carlyle publicou um ensaio no número 98 da *Edinburgh Review* de 1828 o qual, ainda que intitulado ‘Sinais dos tempos’, tinha diretamente a ver com o ‘espírito do tempo’. Assim, lá trata-se mesmo de investigar “[...] um latente e profundo combate no tecido todo da Sociedade; uma ilimitada fricção do Novo [*New*] com o Velho [*Old*] [...]” (tradução nossa),¹⁰¹ os quais, uma vez bem discernidos, poderiam ajudar em termos da orientação em meio “[...] à confluência [*conflux*] de duas Eternidades [...]” (tradução nossa)¹⁰², a saber, o passado mais remoto, assim como o

⁹⁸ Ou como diz Paul Valéry em suas ‘proposições sobre o progresso’: “[a]conteceu que o maravilhoso e o positivo contrataram uma surpreendente aliança, e que estes dois antigos inimigos foram conjurados para levar nossas existências para uma carreira de transformações e de surpresas indefinidas. Pode-se dizer que os homens se acostumaram a considerar todo conhecimento como transitório, todo estado de sua indústria e de suas relações como provisório. Isto é novo. O estatuto da vida geral deve cada vez mais ter em conta o inesperado. O real não é mais nitidamente terminado” (tradução nossa). VALÉRY, Paul. *Regards sur le monde actuel et autres essais*. In: VALÉRY, Paul. *Œuvres II*. Édition établie et annotée par J. Hytier. Paris: Gallimard, 1960. p. 1023 (Bibliothèque de la Pléiade).

⁹⁹ HABERMAS, Jürgen. O conceito hegeliano de modernidade. In: HABERMAS, Jürgen. *O discurso filosófico da modernidade*. Trad. A.M. Bernardo et al. Lisboa: Dom Quixote, 1990. p. 33-51

¹⁰⁰ HAZLITT, William. *The spirit of the age or contemporary portraits*. Ed. by E. D. Mackerness. London: Collins Publishers, 1969.

¹⁰¹ CARLYLE, Thomas. Signs of the times. In: CARLYLE, Thomas. *Scottish and other miscellanies*. London: Everyman’s Library, 1964. p. 245

¹⁰² CARLYLE, Thomas. Signs of the times. In: CARLYLE, Thomas. *Scottish and other miscellanies*. London: Everyman’s Library, 1964. p. 225

futuro mais remoto.¹⁰³ Mais exatamente, Carlyle considera nesse ensaio que a principal característica de sua época residiria no aspecto *mecânico*,¹⁰⁴ isto é, industrial, o qual operava mudanças radicais em todos os âmbitos da existência humana, o que, conseqüentemente, fazia com que tal espírito trouxesse em seu seio a presença latente da *crise*.¹⁰⁵

[c]om qual frequencia não temos ouvido, pelos últimos cinquenta anos, que o país estava arruinado, e quase a afundar; enquanto que, até este dia, o país está inteiro e a flutuar! O ‘estado em perigo’ é uma condição das coisas, a qual testemunhamos uma centena de vezes; e, em relação à Igreja, raramente esteve ela fora de ‘perigo’ desde que conseguimos nos lembrar. Todos os homens estão cientes de que o presente é uma crise deste tipo; e por que isso se tornou assim.¹⁰⁶

Pouco tempo depois, seria seu então amigo John Stuart Mill (1806-1873) quem prosseguiria, a partir do ensaio de seu amigo, à investigação acerca do espírito do tempo no contexto inglês, com uma grande diferença, porém: Mill tinha já como referência a revolução de julho de 1830, ocorrida na França, como novo parâmetro para suas pesquisas. Desse modo, foi sob a luz desta que ele publicou em fascículos ao longo de 1831 e 1832 o longo ensaio de título ‘O espírito da época’, o qual começa com as seguintes palavras:

[o] ‘espírito da época’ é, em alguma medida, uma expressão nova. Eu não acredito que ela seja encontrada em nenhuma obra excedendo

¹⁰³ CARLYLE, Thomas. Signs of the times. In: CARLYLE, Thomas. *Scottish and other miscellanies*. London: Everyman’s Library, 1964. p. 225

¹⁰⁴ CARLYLE, Thomas. Signs of the times. In: CARLYLE, Thomas. *Scottish and other miscellanies*. London: Everyman’s Library, 1964. p. 226

¹⁰⁵ KOSELLECK, Reinhart. *Crítica e crise: uma contribuição à patogênese do mundo burguês*. Trad. Luciana V.-B. Castelo-Branco. Rio de Janeiro: Ed. UERJ; Contraponto, 1999. p. 137-161, assim como KOSELLECK, Reinhart. Remarks on the History of the concept of crisis. In: LILLY, Reginald (Org.). *The ancients and the moderns*. Bloomington: Indiana University Press, 1996. p. 148-158

¹⁰⁶ CARLYLE, Thomas. Signs of the times. In: CARLYLE, Thomas. *Scottish and other miscellanies*. London: Everyman’s Library, 1964. p. 224

cinquenta anos em antiguidade. A ideia de comparar a própria época com anteriores, ou com nossa noção daqueles que ainda estão por vir, havia ocorrido aos filósofos; mas nunca antes foi ela mesma a ideia dominante de uma época. É uma ideia que pertence essencialmente a uma época de mudança.¹⁰⁷

Época de mudança, época de transição, crise, necessidade de reformas: tais são de fato os conceitos e apelos que aparecem o tempo todo nesses diagnósticos, os quais no fundo nada mais fazem senão explicitar a espetacular conversão do horizonte de expectativa das sociedades modernas, até então voltado para o passado, em relação ao futuro. É, portanto, a partir deste ambiente mental que se deve buscar apreender o aparecimento de Kierkegaard, em 1834, enquanto intelectual. Assim, ainda que ciente do absurdo, vale reconhecer que a obra de Kierkegaard tem início com a chamada revolução de julho ocorrida na França em 1830,¹⁰⁸ pois esta, também

¹⁰⁷ MILL, John Stuart. The spirit of the age. In: MILL, John Stuart. *Mill: texts, commentaries*. Ed. by Alan Ryan. New York: W.W. Norton, 1996. p. 3. Vale mencionar que Herder, em suas ‘Cartas para a promoção da humanidade’, concebia o seguinte diálogo entre seu suposto remetente e seu autor: “[a] gente possui escritos sobre o espírito dos tempos [*Geist der Zeiten*]?” Isso eu não sei; no melhor dos casos a gente o conhece a partir das histórias [*Geschichten*], as quais no espírito de seus tempos foram escritas, e a partir da experiência, onde uma esclarece a outra” (tradução nossa). HERDER, Johann G. *Briefe zur Beförderung der Humanität*. Hrg. von H. D. Irmscher. Frankfurt am Main: Deutscher Klassiker, 1991. p. 87

¹⁰⁸ Absurdo porque Kierkegaard neste momento (1830) tinha por volta de seus 17 anos de idade e vivia a milhares de quilômetros de distância da cidade de Paris. Vale lembrar, por outro lado e, ainda que como mera curiosidade, que seu irmão Peter Christian esteve em Paris na época, e, mais do que isso, seu diário dá notícia de que no dia 28 de julho, como ele diz, “[...] um transeunte com um sorriso maroto pôs duas balas de mosquete em meu punho [...]” (tradução nossa) para a batalha vindoura -- KIERKEGAARD, Peter C. apud GARFF, Joakim. *Søren Kierkegaard: a biography*. Translated by B. Kirmmse. Princeton: Princeton University Press, 2005. p. 26. Por sua vez, as palavras de um idoso Dostoiévski (1821-1881) publicadas em 1876 sobre tal momento são deveras interessantes, não obstante o fato de serem bastante inverossímeis quando são levados em conta os dados cronológicos, posto que Dostoiévski teria cerca de nove a dez anos de idade no momento dos acontecimentos que comenta a partir do contexto russo: “Este imenso movimento das literaturas européias [surgido na França] encontrou eco muito rapidamente entre nós desde o começo dos anos trinta. Desde então foram conhecidos os nomes de uma quantidade de recém chegados, oradores, historiadores, tribunos, professores. Sabia-se mesmo, ao menos parcialmente, [ou] ao menos vagamente, para o quê tendia todo este movimento. Ora, justamente este movimento era particularmente apaixonado no domínio da arte, do romance, e em primeiro lugar através de George Sand” (tradução nossa). DOSTOÏEVSKI, Feódor. Quelques mots sur George Sand. In: DOSTOÏEVSKI, Feódor. *Journal d'un écrivain*. Textes traduits, présentés et annotés par G. Aucouturier. Paris:

conhecida como a *revolução dos jornalistas*, funcionou como um verdadeiro divisor de águas no contexto europeu, ainda que não apenas neste,¹⁰⁹ no que diz respeito mais particularmente à colocação da ampla e problemática questão da organização do *espaço público*, isto é, da esfera denominada de *opinião pública*.¹¹⁰ Mas voltando à revolução em si,¹¹¹ cabe apontar que entre os dias 27 e 29 de Julho de 1830 Paris e, conseqüentemente a França, repentinamente viram nascer uma nova revolução, a qual, com efeito, tinha como causa principal a questão da liberdade de imprensa, dado que a fagulha necessária para fazer com que os liberais desafiassem, a partir de seus jornais, o poder do monarca Charles X dizia respeito fundamentalmente às quatro ordenações deste promulgadas no dia 25 de julho cuja maioria era relativa à imprensa e entre as quais se encontrava a proibição do aparecimento de todo e qualquer jornal ou brochura sem autorização preliminar. Diante disto, no dia seguinte à publicação das ordenações liberais proeminentes pertencentes a onze diferentes jornais de Paris se juntaram e assinaram um manifesto, no qual exigiam resistência da parte de jornalistas e deputados a tais atos do monarca.

Eis então que nos três dias seguintes Paris presenciou uma virulenta campanha jornalística contra o rei,¹¹² o qual, não obstante, acreditou poder

Gallimard, 1972. p. 567. (Bibliothèque de la Pléiade). Com efeito, ainda que inverossímeis sob o ponto de vista da apropriação de tais idéias, as palavras de Dostoievski são absolutamente verdadeiras a respeito do *imenso movimento de idéias* que varreu a Europa como um todo a partir da revolução de julho, movimento este que, como argumentarei, ajudou a dar forma também à obra de Kierkegaard, entre tantos outros.

¹⁰⁹ HOBBSAWM, Eric J. *A era das revoluções: Europa 1789-1848*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003. p. 161-162

¹¹⁰ Sobre a constituição de tal esfera, Cf. CHARTIER, Roger. A esfera pública e a opinião pública. In: CHARTIER, Roger. *Origens culturais da Revolução Francesa*. Tradução de G. Schlesinger. São Paulo: Ed. Unesp, 2009. p. 49-72. Sobre tal processo no período que abordo neste capítulo, Cf. De DIJN, Annelien. *French political thought from Montesquieu to Tocqueville: liberty in a levelled society?* Cambridge: Cambridge University Press, 2008. p. 123-127, assim como JAUME, Lucien. *L'individu effacé ou le paradoxe du libéralisme français*. Paris: Fayard, 1997. p. 407-444

¹¹¹ Os dados que se seguem foram primordialmente extraídos de COLLINGHAM, H. A. C. *The July monarchy: a political history of France, 1830-1848*. London: Longman, 1988.

¹¹² Hobsbawm desenvolve uma consideração neste sentido ao apontar que “Ao contrário das revoluções do final do século XVIII, as do período pós-napoleônico foram intencionais ou mesmo planejadas”. HOBBSAWM, Eric J. *A era das revoluções: Europa 1789-1848*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003, p. 163, o que equivale dizer que o jornalismo enquanto meio de comunicação passa a gozar de um novo estatuto sócio-político por volta de tal momento. Desse modo, a mensagem política, em uma escala ainda maior do que aquela surgida com a Revolução francesa, passa a ser veiculada preferencialmente através de jornais e panfletos, e

barrar o poder da imprensa através de prisões de seus principais jornalistas assim como através de invasões de suas prensas. Contudo, isto não apenas não adiantou, senão que levou o povo a demonstrar sua insatisfação para com o regime através de barricadas e lutas armadas pelas ruas durante os dias que viriam a ganhar o nome de *as três gloriosas*, ao fim dos quais o ramo dinástico dos Bourbon, representado pela figura do rei Charles X, acabou por ser expulso do trono. Diante de tal efeito, os líderes jornalistas da revolução se viram forçados a chamar às pressas uma personalidade pública, ou seja, política, que pudesse favorecer o consenso entre liberais e realistas, a saber, o então duque de Orléans Louis-Philippe, o qual viria a ser conhecido, uma vez entronizado, como o ‘rei-cidadão’. Em resumo, pois, pode-se dizer que ao cabo de três dias a França abandonou de uma vez por todas seus ideais de antigo regime para entrar, através do novo regime, denominado, aliás, de *monarquia de julho*, de cabeça na era da *civilização burguesa*. Em outros termos, a revolução de julho simbolizou a derrocada final do Antigo Regime na França.¹¹³

E falar, por sua vez, na ‘civilização burguesa’, implica falar exatamente em uma civilização ou cultura em expansão – Marx (1818-1883), referindo-se precisamente à burguesia enquanto agente histórico, liga de fato esta a “[...] uma impulsão até então desconhecida [...]” (tradução nossa),¹¹⁴ ou seja, a uma visão de mundo a qual, para o bem ou para o mal, visava a abertura dos espaços tanto político, este

não mais através de livros ou tratados políticos de tamanho considerável, o que implica, pois, a aceleração do tempo. Neste sentido, sobre a relação entre imprensa e revolução francesa. HESSE, Carla. Transformações econômicas na edição. In: DARNTON, Robert; ROCHE, Daniel (Org.). *A revolução impressa: a imprensa na França, 1775-1800*. Trad. M.M. Jordan. São Paulo: Edusp, 1996. p. 99-134; assim como POPKIN, Jeremy D. Jornais: a nova face das notícias. In: DARNTON, Robert; ROCHE, Daniel (Org.). *A revolução impressa: a imprensa na França, 1775-1800*. Tradução de M.M. Jordan. São Paulo: Edusp, 1996. p. 195-224. Sobre a imprensa sob ambos períodos da restauração e monarquia de Julho, Cf. JAUME, Lucien. *L'individu effacé ou le paradoxe du libéralisme français*. Paris: Fayard, 1997. p. 407-444, assim como COLLINGHAM, H. A. C. *The July monarchy: a political history of France, 1830-1848*. London: Longman, 1988. p. 169-185

¹¹³ RIVIALE, Philippe. *Le gouvernement de la France, 1830-1840*. Paris: L'Harmattan, 2006. Com efeito, outra historiadora considera que “1830 executa a Revolução de uma maneira infinitamente mais eficaz do que o Terror. Recomeço sem dúvida, mas recomeço legal, o que muda tudo. É verdade que o novo governo se coloca como uma monarquia constitucional. Mas com uma bandeira tricolor, o sistema dos pares [*pairie*] sem hereditariedade, a igualdade na guarda nacional, os *majorats* suprimidos e a Igreja humilhada, como falar ainda de monarquia? 1830, na realidade, abre um abismo entre dois sistemas”. OZOUF, Mona. *Les aveux du roman*. Paris: Gallimard, 2004. p. 67

¹¹⁴ MARX, Karl. Manifest der Kommunistischen Partei. In: MARX, Karl. *Die Frühschriften*. Herausgegeben von S. Landshut. Stuttgart: Alfred Kröner, 1971. p. 526

talvez em menor medida, quanto social, este último fundamentalmente em seu sentido de espaço público midiático.

Daí também a onipresença nesse contexto dos termos *literatura*, compreendido em seu sentido mais amplo de produção impressa do escrito, e *política*.¹¹⁵ De fato, dois ótimos indicativos, mais do que da confluência, senão mesmo da *onipresença* destes dois termos se encontram tanto na antologia publicada em 1829 por Benjamin Constant (1767-1830), o grande líder do individualismo liberal na França assim como o grande campeão da questão da liberdade de imprensa nesse mesmo país, o qual não por acaso deu a esta obra, a sua derradeira, o título de *Miscelâneas de literatura e política* [*Mélanges de littérature et de politique*], na qual explicitava que “Defendi por quarenta anos o mesmo princípio, liberdade em tudo, em religião, em filosofia, em literatura, em indústria, em política [...]”¹¹⁶, quanto no famoso prefácio de Victor Hugo (1802-1885) datado de 09/03/1830 para a peça de sua autoria intitulada *Hernani*, no qual estipulava que “O romantismo, tantas

¹¹⁵ Pois como explicam estudiosos do assunto, a imbricação do literário com o político teve como causa o fato de que “[o] modelo [literário] do Antigo Regime veio abaixo, levado pela tormenta. O homem de letras perdeu seu estatuto, o qual o inseria nos usos, costumes, redes institucionais e o mantinha em uma relação de compromisso, conflitivo por vezes, com o poder do Estado e sua arma, a censura. Se o artigo 11 da Declaração dos direitos [do cidadão] afirma a liberdade de ‘falar, escrever, imprimir’, tendo como limite apenas os ‘abusos codificados pela lei’, ele abre temporariamente a via à anarquia tanto escritural quanto editorial. Sobre tudo, ele torna caducas todas as estratégias tão cuidadosamente estabelecidas no relativo conforto dos hábitos de outrora. A tentação política oferece desde então suas seduções prodigiosas ou envenenadas. Uma mesma dinâmica parece conduzir a difícil invenção da liberdade, seja para o escritor confrontado com assuntos até então impensáveis, seja para as novas possibilidades de intervenção no campo social e da opinião. Panfleto, libelo, jornal: todas as formas do efêmero se multiplicam, articulando a atualidade em textos tanto fogosos quanto irônicos, excessivos e grandiloquentes. Tudo se passa como se a literatura [...] se mostrasse incapaz de fincar apoio sobre o real da política, de seguir o ritmo [*tempo*] ofegante da História, como se a encarnação da Filosofia provocasse uma rejeição simbólica do livro” (tradução nossa). GENGEMBRE, Gerard; GOLDZINK, Jean. Introduction. In: STAËL-HOLSTEIN, Germaine de. *De la littérature*. Paris: Flammarion, 1991. p. 14-15. Ou como explica uma outra estudiosa, “A onipresença da imprensa – comparável àquela do audiovisual hoje em dia – explica a importância de seu poder e a sedução que ela exercia sobre os escritores. [...] Todos os escritores, em um momento qualquer, foram jornalistas e exerceram seus talentos na imprensa, esta improvisação escrita que representa uma das formas da literatura contemporânea e que foi o lugar privilegiado da contestação política” (tradução nossa). AMBRIÈRE, Madeleine (Org.). *Précis de littérature française du XIXe siècle*. Paris: PUF, 1990. p. 139, 141. Conforme também a bela introdução presente em: OZOUF, Mona. *Les aveux du roman*. Paris: Gallimard, 2004. p. 7-28

¹¹⁶ CONSTANT, Benjamin. *Mélanges de littérature et de politique*. In: CONSTANT, Benjamin. *Écrits politiques*. Textes choisis, présentés et annotés par M. Gauchet. Paris: Gallimard, 1997. p. 623

vezes mal definido, não é, no final das contas, e esta é a sua definição real, se não se leva em consideração senão seu lado militante, senão que o *liberalismo* em literatura” (grifo do autor) (tradução nossa).¹¹⁷

O fato, porém, é que tal confluência, visível desde antes da Revolução de 1789,¹¹⁸ mas mais ativa a partir do contexto da restauração, curiosamente não faria senão crescer sob a monarquia de Julho, a ponto de este período chegar a ser posteriormente descrito como uma *verdadeira festa da palavra*.¹¹⁹ Com efeito, o estado das coisas era tal que Alfred de Musset (1810-1857) o abordou, em artigo de Março de 1831, nos seguintes termos:

Quem quer que seja, hoje, no dia primeiro de Fevereiro, [e que] queira refletir sobre o que foi dito e feito durante o mês que vem de acabar, pode ver facilmente, por menos que tenha freqüentado a boa companhia, que se fez bastante política em literatura e bastante literatura em política. [...] as pessoas que fazem política elaboraram mais sentenças, destilaram mais finas flores retóricas, acariciaram mais períodos, amorosamente modelaram mais frases e perífrases, palraram mais, discutiram mais, divagaram mais do que jamais o fez um literato. E [...] as pessoas que fazem literatura conspiraram mais, maquinaram, maquiavelizaram em silêncio e na solidão, fecharam mais seus rostos, elevaram mais os lábios tomando um ar misterioso, na falta de ter de quê falar, urdiram mais tramas secretas e ofereceram

¹¹⁷ HUGO, Victor. Hernani. In: HUGO, Victor. *Théâtre Complet I*. Préface par R. Purnal, notices et notes par J.-J. Thierry et J. Méléze. Paris: Gallimard, 1963. p. 1147 (Bibliothèque de la Pléiade)

¹¹⁸ Diderot, com efeito, dava já uma felicíssima indicação de tal imbricação, senão de um estado mais geral das coisas bastante confuso, no que descrevia o momento em “[...] que o literato *politique* [sic] [que *le littérateur politique*, sendo este último termo empregado como *verbo*, como se vê pelo restante da citação]; que o político metafísique [sic]; que o metafísico moralize; que o moralista fale de dinheiro; o banqueiro [*financier*], [de] belles-lettres ou geometria [...]” (tradução nossa). DIDEROT, Denis. Ceci n’est pas un conte. In: DIDEROT, Denis. *Œuvres*. Édition établi et annoté par A. Billy. Paris: Gallimard, 1951. p. 754 (Bibliothèque de la Pléiade)

¹¹⁹ *Impressa*, dever-se-ia adicionar; Cf. AMBRIÈRE, Madeleine. *Littérature et société sous la monarchie de Juillet*. AMBRIÈRE, Madeleine (Org.). *Précis de littérature française du XIXe siècle*. Paris: PUF, 1990. p. 14

mais armadilhas imperceptíveis ao povo do que jamais o fez político.¹²⁰

Não obstante, Musset parece não se divertir muito nessa festa, tanto é que urge aos seus colegas artistas a não embarcarem no *omnibus*, como diria um dos pseudônimos kierkegaardianos, da política; neste sentido, ele alerta para a onipresença totalitária e realista desta em detrimento do gozo estético, senão mesmo da possibilidade de fuga oferecida pela arte. Desse modo, Musset antecipa as premissas e, conseqüentemente, toda a discussão que surgiria pouco adiante na França acerca da *arte pela arte*,¹²¹ precisamente por discordar de tal aliança entre literatura e política. Assim, pois, ele se serve do seguinte exemplo:

Todo homem que tem idéias sãs vai aos seus negócios após seu desjejum; durante este ele leu os jornais que falam de política; indo aos seus negócios, ele fala de política; se ele entra na Bolsa, política; se ele janta na cidade, política; se ele vai ao espetáculo, ele não sai propriamente da política; ela está em todos os lugares [...]; ao jantar pode lhe ocorrer de ler o *Messenger*; o que digo? a *Gazette*! Ele não poderia encontrar nada ali que não fosse política. Enfim, este homem termina por onde tudo termina; ele se deita; é claro que, se ele tomou chá, se ele está um pouco agitado, se ele deve entrar em bancarrota ao final do mês, ele não dormirá em seguida, e que será preciso um livro para isso; ele então pega um. Ora, digei-me, se o poeta, romancista, ou o que se queira, não sabe, no momento difícil, agarrar

¹²⁰ MUSSET, Alfred de. De la politique en littérature et de la littérature en la politique. In: MUSSET, Alfred de. *Œuvres complètes en prose*. Texte établi et annoté par M. Allem et Paul-Courant. Paris: Gallimard, 1960. p. 760 (Bibliothèque de la Pléiade)

¹²¹ Théophile Gautier (1811-1872) é geralmente creditado como o campeão da *arte pela arte*, sendo mais especificamente seu prefácio para *Mademoiselle de Maupin*, datado de Maio de 1834, considerado como o grande manifesto de tal tendência, já que lá, entre outras coisas, este diria: “Não há nada de realmente belo senão o que não pode servir para nada; tudo o que é útil é feio, pois é expressão de alguma necessidade, e as do homem são ignóbeis e asquerosas [*dégoûtants*], como sua pobre e infirme natureza. – O lugar mais útil de uma casa, são as latrinas” (tradução nossa). GAUTIER, Théophile. *Mademoiselle de Maupin*. Paris: Gallimard, 1973. p. 54

habilmente a ocasião de operar uma diversão agradável e salutar nos espíritos [*dans les esprits*] do leitor benévolo que bem quer lhe conceder seu último pensamento do dia; se ele não compreenderá que o único livro no qual o tal leitor há de encontrar prazer ao lado de suas pantufas é aquele que o manterá entretido com coisas totalmente diferentes daquelas que escutou, fez e viu o dia inteiro; qual impressão o assunto repetido [*rebattu*] que passará diante dos olhos deste leitor poderá despertar nele, senão um deplorável e horrível desgosto?¹²²

Dáí seu conselho: “[...] se a literatura quiser existir, será necessário que ela rompa, com uma proteção diante dos olhos [*en visière*], com a política. De outra maneira, as duas assemelhar-se-ão, e a realidade valerá sempre mais do que a aparência” (tradução nossa).¹²³ As coisas, contudo, não seriam tão fáceis assim, e o próprio Musset parece dar indicações disso na frase acima citada.

Pois paralelamente à fruição do pensamento tal qual Musset vê na literatura neste mesmo artigo,¹²⁴ surgia, ou melhor, espalhava-se um outro ‘perigo’ por volta desse mesmo momento, a saber, a aliança entre texto e imagem.¹²⁵ Traduzindo isto, portanto, em linguagem político – já

¹²² MUSSET, Alfred de. De la politique en littérature et de la littérature en la politique. In: MUSSET, Alfred de. *Œuvres complètes en prose*. Texte établi et annoté par M. Allem et Paul-Courant. Paris: Gallimard, 1960. p. 761 (Bibliothèque de la Pléiade)

¹²³ MUSSET, Alfred de. De la politique en littérature et de la littérature en la politique. In: MUSSET, Alfred de. *Œuvres complètes en prose*. Texte établi et annoté par M. Allem et Paul-Courant. Paris: Gallimard, 1960. p. 761. (Bibliothèque de la Pléiade). Vale apontar que Musset teria pouco adiante um atribulado caso amoroso com a escritora Aurore Dupin, mais conhecida como George Sand (1804-1876), a qual se destacava não apenas por fazer uma literatura política, mas também por reduplicar, como diria Kierkegaard, tais questões em sua própria vida, no sentido mesmo de questionar as *aparências* tanto de gênero quanto sociais, visto que Sand costumava se vestir de homem, sem contar o fato de ter adotado para sua *persona* pública um nome masculino.

¹²⁴ MUSSET, Alfred de. De la politique en littérature et de la littérature en la politique. In: MUSSET, Alfred de. *Œuvres complètes en prose*. Texte établi et annoté par M. Allem et Paul-Courant. Paris: Gallimard, 1960. p. 761 (Bibliothèque de la Pléiade)

¹²⁵ De fato, tal aliança não era exatamente recente; contudo, seria efetivamente a partir de 1830, mais especificamente, que a litografia, desenvolvida, por sua vez, no início do século XIX, ganharia seu espaço próprio nos jornais parisienses: Cf. WATELET, Jean. La presse illustrée. In: CHARTIER, Roger; MARTIN, Henri-Jean (Org.). *Histoire de l'édition française III. le temps des éditeurs: du Romantisme à la Belle Époque*. Paris: Fayard/Promodis, 1990. p. 369-382

que, como Musset mesmo o percebe, tudo a partir desse momento é política –, a festa das palavras é também a *festa* – para não dizer com Baudelaire, a *febre* – das *caricaturas*,¹²⁶ as quais os leitores ou, melhor dito, os *videntes* franceses, mesmo que com as mãos ou alguma outra proteção diante dos olhos, não poderiam deixar de notar.

Em suma, a revolução de 1830, como bem observou o poeta alemão Heinrich Heine (1797-1856) – testemunha ocular, e sem viseiras, desde 1831 até sua morte em 1856, de tudo o que acontecia em Paris precisamente nesta ampla área de confluência entre literatura e política, para ficar apenas com estas duas – havia efetivamente *desatado as línguas*.¹²⁷ A era das insatisfações populares publicamente reclamadas tem, portanto, em 1830, um de seus maiores pontos de inflexão, o que significa que doravante mais e mais pessoas iriam buscar, já que se tratava de um *direito*, colocar suas palavras ou aspirações próprias no âmbito da esfera pública.¹²⁸ E, seguindo tal dinâmica, a pequena Dinamarca teria ela própria de aprender a lidar com tantas línguas soltas em um amplo debate público sem precedentes por aquelas terras ainda governadas com mãos de ferro por um monarca absolutista.

E, de fato, os ecos da revolução de Julho na França não tardaram a ser ouvidos por lá.¹²⁹ Com efeito, o acordo feito pelo monarca Frederico VI quando do congresso de Viena em 1815, o qual exigia de

¹²⁶ “A revolução de 1830 causou, como todas as revoluções, uma febre caricatural. [...] Com esta espécie de gíria plástica [*argot plastique*], estava-se em condições de dizer e fazer entender ao povo tudo o que se quisesse” (tradução nossa). BAUDELAIRE, Charles. *Quelques caricaturistes français*. In: BAUDELAIRE, Charles. *Œuvres complètes II*. Texte établi, présenté et annoté par C. Pichois. Paris: Gallimard, 1976. p. 549-550. (Bibliothèque de la Pléiade).

¹²⁷ “Deus seja louvado! a Revolução de Julho desatou as línguas, as quais por tanto tempo pareceram mudas; sim, no que ela repentinamente quis revelar o todo desperto que ela até aqui havia calado, então resultou disso uma grande gritaria, a qual desagradava por vezes meus ouvidos” (tradução nossa). HEINE, Heinrich. *Vorrede zu Salon I*. In: HEINE, Heinrich. *Sämtliche Schriften*. Hrg. von K. Briegleb. München: DTV, 2005. bd. 3, p. 9-10

¹²⁸ Ou como dizia John Stuart Mill (1806-1873) no ensaio *O Espírito da Época* [*The Spirit of the Age*], no qual Mill faz, entre outras coisas, um acerto de contas com a revolução de julho, “Não apenas, na convicção de quase todos os homens, as coisas como são estão erradas – mas, de acordo com a mesma convicção, não é através da permanência nos modos tradicionais que elas podem ser concertadas. A *sociedade* exige, e antecipa, não apenas uma nova máquina [ou mecanismo, *machine*], mas uma máquina construída de uma outra forma” (tradução nossa). MILL, John Stuart. *The spirit of the age*. In: MILL, John Stuart. *Mill: texts, commentaries*. by Alan Ryan. New York: W.W. Norton, 1996. p. 5

¹²⁹ Sobre os efeitos da revolução de julho na Dinamarca, Cf. ELROD, John. *Kierkegaard and Christendom*. Princeton: Princeton University Press, 1981. p. 3-11, 42-46; KIRMMSE, Bruce. *Kierkegaard in golden age Denmark*. Bloomington: Indiana Univesity Press, 1990. p. 45-52

uma Dinamarca derrotada no contexto das guerras napoleônicas o estabelecimento de assembleias representativas para o ducado separatista de Holstein, o qual, por sua vez, algo confusamente pertencia à confederação alemã, fora postergado pelo monarca até depois da revolução de julho. Esta, pois, influenciando os liberais dinamarqueses através de seus ideais de liberdade de pensamento e de expressão, os quais passavam então a fazer pressão interna, assim como o surgimento de pressões externas, isto é, de questões de política internacional, forçaram então o monarca a cumprir tais exigências, o que viria a ser feito ao cabo da primeira metade da década de 1830. Desse modo, de 1831 a 1835 a Dinamarca deu seus primeiros passos rumo à abertura do regime, dado que quatro assembleias consultivas foram estabelecidas no país e, com estas, todo o renascimento da questão da liberdade de imprensa no país, a qual permanecia sob censura desde 1799. Neste sentido, de importância fundamental foi a criação em 1835 da ‘Sociedade para a liberdade de imprensa’ (*Trykkefrihedsselskabet*), a qual, ao agrupar os líderes liberais do país, pode ser efetivamente considerada como o ponto de inflexão para tal movimento político por tais terras. De modo que depois do próprio estabelecimento das assembleias estatais, o surgimento do jornalismo liberal e a conseqüente defesa da liberdade de imprensa foram os mais importantes eventos políticos da década de 1830 na Dinamarca,¹³⁰ os quais, por sua vez, fizeram conseqüentemente emergir não apenas uma polarização política entre conservadores e liberais tal qual esta havia tomado forma recentemente na França, assim como uma nova autocompreensão da parte daquele povo inteiro.¹³¹ Em outras palavras, a Dinamarca passava a encarar-se diante do espelho do *espírito do tempo* no momento mesmo em que Kierkegaard surgia como um jovem intelectual. Portanto, cabe agora serem abordadas suas contribuições ou críticas a respeito deste – para retomar as palavras de Dostoiévski citadas acima – *imenso movimento de idéias*.

¹³⁰ KIRMMSE, Bruce. *Kierkegaard in golden age Denmark*. Bloomington: Indiana Univesity Press, 1990. p. 49

¹³¹ De fato, Elrod fala, precisamente a respeito da Dinamarca, de uma “[...] nova consciência de natureza distintamente política [...]” (tradução nossa). ELROD, John. *Kierkegaard and Christendom*. Princeton: Princeton University Press, 1981. p. 45

2.2 KIERKEGAARD E O ESPÍRITO DO TEMPO

2.2.1 ‘Uma outra defesa das aptidões superiores das mulheres’

Ora, dentre os inúmeros valores colocados em discussão em meio a tal vasto movimento de idéias, um deles dizia respeito ao estatuto das mulheres na sociedade. Neste sentido, a Revolução Francesa havia já servido de veículo para a colocação mais aberta ou objetiva desta questão,¹³² a qual passaria a ser apaixonadamente debatida nos mais diversos contextos ao longo das décadas seguintes, de modo que a questão da emancipação feminina viria a se consagrar como uma das grandes bandeiras dos reformistas ao longo do século XIX, tanto na Europa quanto em outras partes do globo.

Já na França das primeiras décadas do século XIX tal questão encontraria adeptos fervorosos no círculo dos saint-simonianos, os quais, propondo todo tipo de reformas sócio-políticas,¹³³ não por acaso não deixavam de lado a questão da emancipação feminina, como se vê, por exemplo, no trabalho do crítico literário e poeta francês Sainte-Beuve (1804-1869), fervoroso saint-simoniano e, aliás, co-autor da ‘Profissão de fé saint-simoniana’ ao lado de Pierre Leroux.¹³⁴ Pois Sainte-Beuve, em resenha de um romance de Balzac, escreveu a este respeito algumas linhas interessantíssimas, dado que nelas tece considerações que permitem uma apreensão do clima mais amplo no qual tal questão era debatida; para Sainte-Beuve, pois,

Houve algo, evidentemente, sob o golpe [da revolução] de julho de 1830, em termos de etiqueta, que se rompeu e desapareceu na condição da mulher. Nada mudou fundamentalmente a respeito desta

¹³² WOLLSTONECRAFT, Mary. *A vindication of the rights of man and a vindication of the rights of women*. Ed. S. Tomaselli. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

¹³³ Conforme neste sentido o artigo-manifesto publicado no dia 13 de janeiro de 1831 no jornal *Le Globe*, órgão dos saint-simonianos, sob o título ‘Profession de foi Saint-Simonienne’, in: SAINTE-BEUVE, Charles-Augustin. *Œuvres I*. Ed. Máxime Leroy. Paris: Gallimard, 1956. p. 387-394 (Bibliothèque de la Pléiade)

¹³⁴ Em pós-escrito, Sainte-Beuve diria que “[...] a *Profissão de fé saint-simoniana* de Pierre Leroux, a qual apareceu no *Globo* no momento de cessão do jornal aos saint-simonianos, é minha: Leroux não fez senão mudar duas ou três palavras [...]” (tradução nossa). SAINTE-BEUVE, Charles-Augustin. *Œuvres I*. Ed. Máxime Leroy. Paris: Gallimard, 1956. p. 1105

questão, mas a atenção lhe foi dada, e se falou mais cruamente [sobre ela]. O saint-simonismo, o sr. de Balzac por sua parte, o ilustre escritor que se intitula George Sand pela sua, foram instrumentos e órgãos desta mudança ocorrida, não nos modos, mas na expressão dos modos (tradução nossa).¹³⁵

E assim como havia acontecido com a questão da liberdade de imprensa, esta outra encontraria também terreno fértil no contexto dinamarquês, causando, neste sentido, não menos ruído do que aquela, senão ainda mais, dado que colocava em xeque uma série de valores e preconceitos enraizados desde as próprias bases da civilização ocidental.¹³⁶ Pois neste sentido o projeto de apresentação de um ciclo de palestras sobre a importância da filosofia para a época, vislumbrado pelo filósofo, escritor, diretor de teatro, esteta, em suma, pelo homem de letras dinamarquês Johan Ludvig Heiberg (1791-1860) e veiculado em sua obra *Da importância da Filosofia para a Época atual (Om Philosophiens Betydning for den nuværende Tid)*, publicada em 1833, marcaria a época, precisamente porque este concebia, algo inaudito para a sociedade dinamarquesa de alhures, a participação de mulheres entre os assistentes. São estas, pois, suas palavras a respeito de tal projeto:

O autor da presente obra mantém a esperança [...] de que ele será capaz de contribuir para a consecução da acima citada meta [através] de uma série de palestras [nas quais] ele será capaz de apresentar uma ‘Introdução à Filosofia’ acessível a todas as *pessoas cultas*. De fato, esta esperança é tão viva nele que ele nem sequer precisa assumir que ele terá de se limitar a uma palestra para *cavalheiros*, senão que ousa acreditar que *damas*

¹³⁵ SAINTE-BEUVE, Charles-Augustin. M. de Balzac. 1834. (La recherche de l'absolu). In: SAINTE-BEUVE, Charles-Augustin. *Portraits contemporains*. Ed. Michel Brix. Paris: PUPS, 2008. p. 670-671

¹³⁶ Neste sentido, os seguintes versos de Alfred de Vigny (1797-1863) datados de 1839 são deveras significativos, já que neles o mesmo relaciona tal questão ao referencial bíblico: “A Mulher é, agora, pior do que nestes tempos [de Sansão e Dalila]/ Onde, vendo os Humanos, Deus diz: ‘Eu me arrependo!’/ Logo, retirando-se para um tenebroso reino,/ A Mulher terá Gomorra e o Homem terá Sodoma,/ E, lançando-se, de longe, um olhar irritado,/ Os dois sexos morrerão cada um em seu lado” (tradução nossa). VIGNY, Alfred de. La colère de Samson. In: VIGNY, Alfred de. *Œuvres Complètes I: poésie, théâtre*. Texte établi, présenté et annoté par F. Germain et A. Jarry. Paris: Gallimard, 1986. p. 141 (Bibliothèque de la Pléiade)

cultas também serão capazes de participar das investigações sérias da palestra [...] (tradução nossa).¹³⁷

E ainda que a posição de Heiberg a respeito das mulheres não seja no fundo tão emancipatória quanto parece ser,¹³⁸ ela o é em relação ao debate em torno do qual Kierkegaard faria sua entrada, ainda que de forma pseudonímica,¹³⁹ segundo o costume jornalístico da época, no âmbito da esfera pública.¹⁴⁰

Eis que em dezembro de 1834, ou seja, cerca de um ano e meio após o período originalmente designado para tal ciclo de palestras, o qual, não obstante, não veio a acontecer por falta de interessados, um jovem estudante de filologia matriculado na Universidade de Copenhague de nome Peter Lind (1814-1903), conhecido do próprio Kierkegaard, publicou um pequeno artigo repleto de chavões misóginos, assim como românticos, acerca da origem das mulheres.¹⁴¹ Retomando, pois, o tema do artigo de seu colega publicado no jornal *O Correio voador de Copenhague* [*Kjøbenhavns flyvende Post*], Kierkegaard produziu então o artigo de título *Uma Outra Defesa das Aptidões*

¹³⁷ HEIBERG, Johan L. *Heiberg's on the significance of philosophy for the present age and other texts*. Edited and translated by J. Stewart. Copenhagen: C.A. Reitzel's, 2005. p. 118.

¹³⁸ A passagem acima citada continua literalmente com as seguintes palavras: “[...], no que tornam o grupo mais belo através de sua presença. Pois se os homens geralmente possuem um entendimento mais agudo e consistente, [assim como] uma maior proclividade dialética, o sexo feminino está acostumado a ter uma disposição mais certa e infalível no que tange à compreensão imediata da verdade, por verem, despreocupadas por quaisquer considerações finitas, o infinito no qual se colocam, a unidade na qual estas têm o seu ser. O autor compreende uma habilidade tão efetiva para o conhecimento quanto a outra” (tradução nossa). HEIBERG, Johan L. *Heiberg's on the significance of philosophy for the present age and other texts*. Edited and translated by J. Stewart. Copenhagen: C.A. Reitzel's, 2005. p. 118.

¹³⁹ Kierkegaard assina o artigo como ‘A.’. KIERKEGAARD, Søren. Ogsaa et Forsvar for Qvindens høie Anlæg. In: PETERSEN, Teddy. *Kierkegaards polemiske debut*. Odense: Odense Universitetsforlag, 1977. p. 19; KIERKEGAARD, Søren. Another defense of woman's great abilities. In: KIERKEGAARD, Søren. *Early polemical writings*. Edited and translated by J. Watkin. Princeton: Princeton University Press, 1990. p. 5.

¹⁴⁰ Para uma visão mais específica deste debate, Cf. PETERSEN, Teddy. *Kierkegaards polemiske debut*. Odense: Odense Universitetsforlag, 1977. p. 20-28, assim como WATKIN, Julia. Serious Jest? Kierkegaard as young polemicist in ‘defense’ of women. In: PERKINS, Robert (Org). *International Kierkegaard Commentary: early polemical writings*. Macon, Georgia: Mercer University Press, 1999. v. 1, p. 7-25.

¹⁴¹ LIND, P. E. Qvindens høiere Oprindelse forsvaret. In: PETERSEN, Teddy. *Kierkegaards polemiske debut*. Odense: Odense Universitetsforlag, 1977. p. 15-17. Encontra-se uma tradução na seguinte obra: KIERKEGAARD, Søren. *Early polemical writings*. Edited and translated by J. Watkin. Princeton: Princeton University Press, 1990. p. 131-133.

superiores das Mulheres (Ogsaa et Forsvar for Qvindens høie Anlæg), publicado no dia 17 de dezembro de 1834 no mesmo jornal, de modo que os dois artigos, curiosamente, foram publicados na folha do próprio organizador das palestras, ou seja, Heiberg.¹⁴²

Lá, pois, Kierkegaard fundamentalmente nada mais fez do que ironizar a proposição de Heiberg de estender o convite ao ciclo de palestras às mulheres. Com efeito, após ironicamente discorrer sobre como as aptidões femininas foram ao longo da história sempre reconhecidas, dando exemplos que vão de Eva às bruxas na idade média, Kierkegaard então se volta para sua época, ao considerar que

Não obstante muitos séculos se passaram antes que fossem corretamente reconhecidas as aptidões femininas. Isto estava reservado para a França, e aqui queremos unicamente assinalar dois fenômenos: o de que a razão na Revolução Francesa foi representada como uma mulher, e o de que os Saint-Simonianos as colocaram em um nível completamente igual ao dos homens.¹⁴³

Como visto, a passagem acima citada permite que se tenha uma mínima noção do clima reformista mais amplo presente no contexto dinamarquês de meados da década de 1830, além do fato mais primordial e nada gratuito de que Kierkegaard claramente assinalava a tal clima um local específico de origem: a França, ou mais exatamente, a *revolucionária* França.¹⁴⁴

¹⁴² Sobre o possível motivo que teria levado Heiberg a publicar tais artigos, Cf. WATKIN, Julia. *Serious Jest? Kierkegaard as young polemicist in 'defense' of women*. In: PERKINS, Robert (Org). *International Kierkegaard Commentary: early polemical writings*. Macon, Georgia: Mercer University Press, 1999. v. 1, p. 9. Nota 9

¹⁴³ KIERKEGAARD, Søren. *Ogsaa et Forsvar for Qvindens høie Anlæg*. In: PETERSEN, Teddy. *Kierkegaards polemiske debut*. Odense: Odense Universitetsforlag, 1977. p. 18; KIERKEGAARD, Søren. *Another defense of woman's great abilities*. In: KIERKEGAARD, Søren. *Early polemical writings*. Edited and translated by J. Watkin. Princeton: Princeton University Press, 1990. p. 3-4

¹⁴⁴ De fato, no artigo 'Em Defesa da Origem Superior da Mulher' de Peter Lind se encontra uma alusão à escritora George Sand nos seguintes termos: "Não faz muito tempo, a mulher começou a aparecer freqüentemente sob uma forma tomada de empréstimo do homem, a saber, em calças [...]" (tradução nossa). LIND, P. E. *Qvindens høiere Oprindelse forsvaret*. In: PETERSEN, Teddy. *Kierkegaards polemiske debut*. Odense: Odense Universitetsforlag, 1977. p. 16, de modo que se pode afirmar que a França, para além da Alemanha, efetivamente servia de modelo para uma vastíssima gama de fenômenos sócio-políticos, assim como culturais, para

Em seguida, Kierkegaard menciona tão indireta quanto sarcasticamente algumas presenças femininas no cenário literário dinamarquês, entre elas uma escritora de personalidade então desconhecida por assinar suas obras sob pseudônimo, a respeito da qual ele, curiosamente, ainda viria não apenas a falar muito, senão a elogiar reiteradamente. Seu nome era Thomasine Gyllembourg (1773-1856), e para além do fato de ser ela escritora, ela era também mãe do próprio Heiberg.¹⁴⁵ E eis que então, seguindo adiante com tal panorama da recente literatura feminina dinamarquesa, em meio à qual Kierkegaard

a sociedade dinamarquesa da época. Com efeito, o contemporâneo de Kierkegaard Henrik Hertz (1797-1870), escritor ou autor como aquele, deixou um testemunho inestimável acerca não apenas destas relações culturais, mas mais especificamente acerca do *tipo* de intelectual que seria Kierkegaard nos seguintes termos: “S. Kierkegaard geralmente me parece, embora apenas em suas obras de humor [ou seja, pseudonímicas], não ser nada mais do que um bastante talentoso e bem informado autor de novelas em série [ou seja, folhetins]. Como um deles, ele se dá seu próprio tempo, deixa sua pena correr sobre todo tipo de coisas, transforma moínhos em montanhas e vice-versa, e coloca sua ênfase principal em descrições picantes, às vezes na própria excentricidade de uma idéia! Seu estilo é bem aquele do escritor de novelas em série, embora não bem o do serialista francês, mas uma mistura entre Jules Janin e algum jovem alemão com uma formação em filosofia” (tradução nossa). HERTZ apud KIRMMSE, Bruce. *Encounters with Kierkegaard: a life as seen by his contemporaries*. Princeton: Princeton University Press, 1996. p. 219-220. Neste sentido, comparar com a ênfase mais unilateral dada por Hannay ao que o próprio denomina, no que aborda precisamente a presença de modelos culturais exteriores aos dinamarqueses na época, de ‘conexão alemã’, assim como sua afirmação, algo equivocada, de que “[o] artigo [de 1834] não tinha relevância direta para a questão política [mais] quente da época [...]” (tradução nossa). Cf. HANNAY, Alastair. *Kierkegaard: a biography*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. p. 2 e 21, respectivamente. Já outro estudioso afirma que “[...] é inegavelmente notável o quanto da visão de Kierkegaard a respeito da cidade se encaixa [*resonates*] com o que viria de Paris de uma geração mais tarde [...]” (tradução nossa). PATTISON, George. ‘*Poor Paris!*’. *Kierkegaard’s Critique of the Spectacular City*. New York: Walter de Gruyter, 1999. p. 144, no que pretendo demonstrar ao longo desta tese que a relação neste ponto é precisamente a *inversa*, ou seja, Paris e, conseqüentemente, a França serviam já de modelo para a interpretação, no caso kierkegaardiana, mais geral da modernidade, sendo exatamente este um dos pressupostos mais profundos da presente tese.

¹⁴⁵ Algumas das mais importantes recensões literárias de Kierkegaard, as quais, por sua vez, representam algumas de suas obras mais importantes de crítica sócio-política, assim como cultural, seriam desenvolvidas a partir de obras de tal autora. Já quanto à fundamental relação de amor e ódio de Kierkegaard para com a ‘fábrica Heiberg’, como os contemporâneos de Kierkegaard já se referiam a eles, já que por volta de um quarto de século os Heiberg, a saber, o já mencionado filósofo, escritor, editor de jornais, autor e diretor de peças de teatro J.L. Heiberg, assim como sua esposa, a atriz teatral Johanne Luise Heiberg (1812-1890), a qual suscitaria, ela também, uma obra de Kierkegaard, juntos de Thomasine Gyllembourg, ditaram o *bom gosto* na área das belas-lettras ou da estética, Cf. FENGER, Henning. *The Heibergs*. Trad. F.J. Marker. New York: Twayne Publishers, 1971; GARFF, Joakim. *Søren Kierkegaard: a biography*. Translated by B. Kirmmse. Princeton: Princeton University Press, 2005. p. 67-74

maldosamente mistura livros de receitas culinárias com obras mais sérias, ele menciona a existência de

[...] inúmeras folhas [*Blad*], inúmeros jornais, os quais o homem toma por insignificantes, mas que não escapam ao seu [das mulheres] olhar agudo – nos jornais de moda [*Modejournaler*] elas estudam o espírito do tempo [ou da época, ou mesmo literalmente, *o espírito do tempo da época: Tidsalderens Aand*] (tradução nossa).¹⁴⁶

Contudo, se este, como o imaginava Heiberg em sua exposição escrita sobre a importância da filosofia para a época, implicava a efetiva *chegada* da filosofia, ou seja, da *razão*, no que ele, discípulo de Hegel, compreendia com isto a saída de um longo período histórico governado pela fé e pela superstição,¹⁴⁷ as quais finalmente dariam lugar à *harmonia*,¹⁴⁸ já para Kierkegaard, logo em seu primeiríssimo artigo, o espírito do tempo não implicava esta, e sim a *dissensão*, tanto é que escreveu tal artigo unicamente com tal intuito. Neste sentido, o que aqui é ainda um traço pessoal, ao longo de sua produção posterior seria convertido em fundamento, ou seja, a polêmica, neste caso gratuita, viria a consolidar-se como um dos grandes traços de sua personalidade autoral.

¹⁴⁶ KIERKEGAARD, Søren. Ogsaa et Forsvar for Qvindens høie Anlæg. In: PETERSEN, Teddy. *Kierkegaards polemiske debut*. Odense: Odense Universitetsforlag, 1977. p. 18; KIERKEGAARD, Søren. Another defense of woman's great abilities. In: KIERKEGAARD, Søren. *Early polemical writings*. Edited and translated by J. Watkin. Princeton: Princeton University Press, 1990. p. 4

¹⁴⁷ “Não adianta esconder ou atenuar a realidade; devemos confessar que a religião em nossa época é, em boa medida, um assunto para os incultos, enquanto que para os cultos ela pertence ao passado, à estrada já percorrida” (tradução nossa). HEIBERG, Johan L. *Heiberg's on the significance of philosophy for the present age and other texts*. Edited and translated by J. Stewart. Copenhagen: C.A. Reitzel's, 2005. p. 95

¹⁴⁸ “O que é então que trará ordem ao caos presente? Ou, para utilizar um termo que não pode ser incompreendido tão facilmente – [...] qual é a meta rumo a qual a presente confusão tende? A resposta é simples após todas as considerações precedentes: é a *filosofia* quem colocará um termo à confusão. É para isto que as forças em conflito se dirigem. [...] A filosofia é a própria verdade e nada mais; e a verdade é sempre, em todos os tempos, o único poder não questionável. [...] A verdade, assim, é a senha que une a humanidade sob todos os tipos diferentes de divergência [...]. É neste sentido que a filosofia pode ser dita permanecer acima da arte, da poesia e da religião [...]. Portanto, a filosofia é o juiz supremo cuja autoridade ninguém irá subestimar” (tradução nossa). HEIBERG, Johan L. *Heiberg's on the significance of philosophy for the present age and other texts*. Edited and translated by J. Stewart. Copenhagen: C.A. Reitzel's, 2005. p. 98-99

Pois vale apontar que Kierkegaard resolve encerrar sua breve exposição com um aceno potencialmente ofensivo para o patrono Heiberg, dando irônicas “[...] graças, portanto, a vós, grandes homens, os quais as ajudam rumo aos picos do conhecimento [...]”¹⁴⁹, no que completava: “Então voai [mulheres] para longe desta terra ingrata, levantai-vos nas asas da filosofia e olhai para baixo com desprezo [...]” (tradução nossa).¹⁵⁰ Como visto, a ironia, particularmente voltada contra Heiberg, o qual nunca exatamente seria poupado por Kierkegaard ao longo de sua produção, mesmo quando escrevia para ele, como neste caso, já se encontra presente desde seu primeiríssimo artigo, assim como seu desprezo por filosofias, ou melhor, panacéias progressistas pretensamente fundamentadas na *Razão absoluta*.

Curiosamente, porém, Kierkegaard decide não apenas assinar como ‘A.’, artifício comum entre os intelectuais do século XIX nos mais diversos contextos, senão que ele proporia um enigma ao encerrar seu artigo com as seguintes palavras: “[...] – um bobo do verão e tolo do inverno [*en Sommergæk og Vinterner*]” (tradução nossa).¹⁵¹ Ora, como explica Julia Watkin,¹⁵² tal frase diz respeito a um costume dinamarquês de se mandar uma carta anônima contendo apenas um verso a alguém antes da Páscoa, artifício este que tinha como intuito fazer com que seu receptor tivesse de adivinhar quem era seu remetente. Assim, o bobo do verão e tolo do inverno Kierkegaard resolve ali misturar gêneros literários diferentes, borrando dessa forma os limites entre um artigo de jornal e uma carta, no que convidava seus leitores a entrarem em um jogo, o qual, como se sabe, seria uma outra importante idéia a dar ânimo à sua produção posterior.

¹⁴⁹ KIERKEGAARD, Søren. Ogsaa et Forsvar for Qvindens høie Anlæg. In: PETERSEN, Teddy. *Kierkegaards polemiske debut*. Odense: Odense Universitetsforlag, 1977. p. 19; KIERKEGAARD, Søren. Another defense of woman’s great abilities. In: KIERKEGAARD, Søren. *Early polemical writings*. Edited and translated by J. Watkin. Princeton: Princeton University Press, 1990. p. 5

¹⁵⁰ KIERKEGAARD, Søren. Ogsaa et Forsvar for Qvindens høie Anlæg. In: PETERSEN, Teddy. *Kierkegaards polemiske debut*. Odense: Odense Universitetsforlag, 1977. p. 19; KIERKEGAARD, Søren. Another defense of woman’s great abilities. In: KIERKEGAARD, Søren. *Early polemical writings*. Edited and translated by J. Watkin. Princeton: Princeton University Press, 1990. p. 5

¹⁵¹ KIERKEGAARD, Søren. Ogsaa et Forsvar for Qvindens høie Anlæg. In: PETERSEN, Teddy. *Kierkegaards polemiske debut*. Odense: Odense Universitetsforlag, 1977. p. 19; KIERKEGAARD, Søren. Another defense of woman’s great abilities. In: KIERKEGAARD, Søren. *Early polemical writings*. Edited and translated by J. Watkin. Princeton: Princeton University Press, 1990. p. 5

¹⁵² KIERKEGAARD, Søren. *Early polemical writings*. Edited and translated by J. Watkin. Princeton: Princeton University Press, 1990. p. 231, Nota 19

2.2.2 ‘Nossa literatura jornalística. Estudo da natureza sob a luz do meio-dia’

A aparição seguinte de Kierkegaard na esfera pública aconteceria, porém, em um outro meio, a saber, o da comunicação oral. No entanto, assim como havia acontecido com sua primeira publicação, esta também se originou como uma réplica, no caso a uma outra apresentação dada na Associação de Estudantes da Universidade de Copenhague no dia 14 de novembro de 1835 por Johannes Ostermann (1809-1888). Com efeito, mais do que refutar unicamente Ostermann, a palestra de Kierkegaard visava, se não o movimento liberal como um todo, pelo menos a relação entre este e o jornalismo, isto porque entre estas duas palestras havia ocorrido uma outra apresentação, esta dada por Orla Lehmann (1810-1870), um outro ativista do movimento estudantil e vigoroso defensor das idéias liberais. Em outras palavras, pode-se afirmar que a palestra de Kierkegaard visava, como se diz, acertar dois coelhos com um único golpe, por mais que o alvo mais imediato fosse de fato Ostermann, Lehmann ficando, dessa forma, para ser atacado em uma outra ocasião no futuro próximo. De qualquer modo, a apresentação de Ostermann levou o título de ‘Nossa mais recente literatura jornalística’, sendo publicada no início do ano seguinte, com modificações, sendo este o texto que pretendo rapidamente introduzir.¹⁵³

Nela Ostermann se propõe a discutir, ou melhor, a pesar os pros e contras dos últimos e mais importantes atos do governo dinamarquês, a saber, a promulgação, isto em 1831, assim como de sua conseqüente concretização em 1834, das assembléias consultivas e, mais especificamente, o crescente relaxamento das leis de censura em vigor desde 1799. Em outras palavras, Ostermann se propunha a discorrer diante de seus colegas acerca do *espírito do tempo*, expressão esta, aliás, que aparece não menos do que cinco vezes ao longo de seu texto.¹⁵⁴

Assim, Ostermann reconhece como sinal de tal espírito o surgimento de um razoável número de jornais desde 1831, os quais, junto

¹⁵³ OSTERMANN, Johannes. Vor nyeste Journallitteratur. In: PETERSEN, Teddy. *Kierkegaards polemiske debut*. Odense: Odense Universitetsforlag, 1977. p. 29-37; KIERKEGAARD, Søren. Our latest journalistic literature. In: KIERKEGAARD, Søren. *Early Polemical Writings*. Edited and translated by J. Watkin. Princeton: Princeton University Press, 1990. p. 189-199

¹⁵⁴ OSTERMANN, Johannes. Vor nyeste Journallitteratur. In: PETERSEN, Teddy. *Kierkegaards polemiske debut*. Odense: Odense Universitetsforlag, 1977. p. 32-33

às classes baixas, fizeram com que “[...] o desejo de ler e escrever fosse com isso despertado” (tradução nossa).¹⁵⁵ Mais do que isso, a imprensa, de acordo com ele, mostrou na prática que uma pessoa que se sentisse prejudicada podia encontrar nela um meio de exposição de seus problemas, assim como um meio de conhecimento das leis do próprio governo.¹⁵⁶ Junto a isto, a convocação das Assembléias Consultivas teria particularmente despertado a atenção das pessoas, de maneira geral, para a política, de modo que

Entre o povo [...], a consciência política havia então despertado; eles exigiam uma publicidade maior. [...] As pessoas se tornavam mais e mais ávidas, persistentes, de fato, em suas exigências: ‘Nós temos que pagar impostos; portanto deveríamos saber para o quê eles são usados’ etc. O que fortificou estas compreensões entre o povo foi também a ideia que está na base para a instituição de uma assembléia provincial, a saber, a de que seria uma vantagem para toda a comunidade se, na medida do possível, indivíduos vivendo em situações concretas pudessem ter a oportunidade de expressar suas opiniões. O próprio governo havia dado a palavra: Olhai com vossos próprios olhos e julgai por vós mesmos. [...] O povo, assim, ficou mais corajoso e manteve um olhar mais severo sobre seus superiores. No entanto, isto estava longe de criar uma tal tensão no sentido de que poderia haver algo a se temer, no entanto, a resignação prévia do povo, assim como sua quase inconsciente devoção, haviam acabado (tradução nossa).¹⁵⁷

Em suma, tal era o *espírito da época* de acordo com Ostermann. Curiosamente, porém, este busca ao longo de sua palestra colocar-se como mediador ao escolher uma posição intermediária entre a

¹⁵⁵ OSTERMANN, Johannes. Vor nyeste Journallitteratur. In: PETERSEN, Teddy. *Kierkegaards polemiske debut*. Odense: Odense Universitetsforlag, 1977. p. 29

¹⁵⁶ OSTERMANN, Johannes. Vor nyeste Journallitteratur. In: PETERSEN, Teddy. *Kierkegaards polemiske debut*. Odense: Odense Universitetsforlag, 1977. p. 30

¹⁵⁷ OSTERMANN, Johannes. Vor nyeste Journallitteratur. In: PETERSEN, Teddy. *Kierkegaards polemiske debut*. Odense: Odense Universitetsforlag, 1977. p. 31

compreensão popular e a do governo, o que faz por vezes com que sua posição, no final das contas, não fique muito clara. Não obstante, sua posição a respeito do *tipo de poder* da imprensa é bastante clara, como se vê nas seguintes palavras:

Esta oposição da imprensa – assim a história o mostra – sempre esteve ligada a um desenvolvimento político algo forte, e um governo que seja em seu conjunto tão moderado como o dinamarquês nada tem a temer de uma pequena acrimônia em uma folha diária. Lembrem-se, também, que uma tal palavra adquire poder apenas ao encontrar uma verdade que esteja na consciência do povo, sendo assim o próprio povo ou o que está a operar entre ele que é perigoso; mas, de forma alguma é a imprensa que deve ser temida; ela possui um poder para levantar apenas, mas não para criar (tradução nossa).¹⁵⁸

E como dito anteriormente, o polêmico Kierkegaard não poderia deixar escapar uma tal oportunidade de exercer sua verve polêmico-satírica, especialmente diante de uma platéia, a mesma Associação de Estudantes da universidade de Copenhague diante da qual Ostermann dera a sua palestra. E eis que no dia 28 de novembro de 1835, ou seja, cerca de duas semanas após a apresentação de seu colega, Kierkegaard apresentaria sua réplica sob o seguinte título, a saber, *Nossa literatura jornalística. Estudo da natureza sob a luz do meio-dia* (*Vor Journal-Litteratur. Studium efter Naturen i Middagsbelysning*).¹⁵⁹

Lá, pois, Kierkegaard discorreu fundamentalmente sobre o *espírito do tempo*, ainda que o conceito em si não esteja lá presente; não obstante, sua apresentação efetivamente merece uma maior atenção da parte dos estudiosos, já que ao longo desta longa e prolixa – para não

¹⁵⁸ OSTERMANN, Johannes. Vor nyeste Journallitteratur. In: PETERSEN, Teddy. *Kierkegaards polemiske debut*. Odense: Odense Universitetsforlag, 1977. p. 35-36

¹⁵⁹ KIERKEGAARD, Søren. Vor Journal-Litteratur. Studium efter Naturen i Middagsbelysning. In: PETERSEN, Teddy. *Kierkegaards polemiske debut*. Odense: Odense Universitetsforlag, 1977. p. 38-53; KIERKEGAARD, Søren. Our journalistic literature. In: KIERKEGAARD, Søren. *Early Polemical Writings*. Edited and translated by J. Watkin. Princeton: Princeton University Press, 1990. p. 35-52

dizer *verborrágica*¹⁶⁰ – apresentação surgem diversos outros conceitos ou ideias tão importantes quanto aquele, sem contar outras ideias que ajudam a dar uma noção bastante interessante e profunda dos rumos que sua carreira viria a tomar.

Pois ali, Kierkegaard, em primeiro lugar, escolhe abordar tamanho imbróglgio sob a luz do meio-dia, dado que, de acordo com ele, “[...] a reflexão pode e deve proceder a uma investigação sobre algo que não seja senão o factualmente dado [*det factisk Givne*] e contemplá-lo [somente] sob a luz do meio-dia [...]” (tradução nossa).¹⁶¹ Neste sentido, pois, Kierkegaard reconhece de partida o benefício que existe em parar, como ele mesmo diz, a roda do tempo, de modo que se possa olhar para trás e ver então até onde se chegou; conseqüentemente, Kierkegaard, antecipando neste momento sua tese principal, diz que a *verdadeira reflexão*, quando bem empregada em tais análises retrospectivas, ajuda a revelar o passado mais como uma aproximação de caricaturas do que do verdadeiro ideal.¹⁶² Desse modo, após uma longa introdução repleta de floreios retórico-dialéticos de inspiração romântica, Kierkegaard confessa “[...] não compartilhar muitas das veementes e sanguíferas [*sangvinske*] esperanças de nossos contemporâneos [...]”¹⁶³ (tradução nossa), no que ele então explicita sua posição, a saber, a de conceder à

¹⁶⁰ Fenger vai ao cerne da questão ao ponderar que, estilisticamente falando, “[...] Kierkegaard certamente possui tanto a fúria da paixão quanto a grandiosa simplicidade do mito, mas em seu pior [estado] ele é tão prolixo, confuso, frustrante, superornamentado, bizantino, e decididamente chinês com seus significados dentro de significados que mesmo um leitor dinamarquês pode ter dificuldade para compreender o que o texto quer dizer”. FENGER, Henning. *Kierkegaard, the myths and their origins*. Trad. G.C. Schoolfield. New Haven: Yale University Press, 1980. p. 122

¹⁶¹ KIERKEGAARD, Søren. Vor Journal-Litteratur. Studium efter Naturen i Middagsbelysning. In: PETERSEN, Teddy. *Kierkegaards polemiske debut*. Odense: Odense Universitetsforlag, 1977. p. 39; KIERKEGAARD, Søren. Our journalistic literature. In: KIERKEGAARD, Søren. *Early Polemical Writings*. Edited and translated by J. Watkin. Princeton: Princeton University Press, 1990. p. 36

¹⁶² KIERKEGAARD, Søren. Vor Journal-Litteratur. Studium efter Naturen i Middagsbelysning. In: PETERSEN, Teddy. *Kierkegaards polemiske debut*. Odense: Odense Universitetsforlag, 1977. p. 39; KIERKEGAARD, Søren. Our journalistic literature. In: KIERKEGAARD, Søren. *Early Polemical Writings*. Edited and translated by J. Watkin. Princeton: Princeton University Press, 1990. p. 36-37

¹⁶³ KIERKEGAARD, Søren. Vor Journal-Litteratur. Studium efter Naturen i Middagsbelysning. In: PETERSEN, Teddy. *Kierkegaards polemiske debut*. Odense: Odense Universitetsforlag, 1977. p. 40; KIERKEGAARD, Søren. Our journalistic literature. In: KIERKEGAARD, Søren. *Early Polemical Writings*. Edited and translated by J. Watkin. Princeton: Princeton University Press, 1990. p. 37-38

reflexão a primeira voz, ou, em suas próprias palavras, “[...] eu apenas quero me colocar aqui como *Réflexteur*” (tradução nossa).¹⁶⁴

E eis que tão logo Kierkegaard se posiciona como *réflexteur*, este dá início a uma investigação mais propriamente dita filosófica a respeito precisamente do ‘espírito do tempo’:

¹⁶⁴ KIERKEGAARD, Søren. Vor Journal-Litteratur. Studium efter Naturen i Middagsbelysning. In: PETERSEN, Teddy. *Kierkegaards polemiske debut*. Odense: Odense Universitetsforlag, 1977. p. 40; KIERKEGAARD, Søren. Our journalistic literature. In: KIERKEGAARD, Søren. *Early Polemical Writings*. Edited and translated by J. Watkin. Princeton: Princeton University Press, 1990. p. 37-38. Cabe apontar que tal termo não é isento de problemas; com efeito, diferentemente de Robert Perkins, para quem o termo recorda Hegel -- Cf. PERKINS, Robert. Power, politics, and media critique: Kierkegaard's first brush with the press. In: PERKINS, Robert (Org.). *International Kierkegaard Commentary: early polemical writings*. Macon, Georgia: Mercer University Press, 1999. v. 1, p. 33, suspeito que ele tenha muito mais a ver com toda uma outra gama de questões, mais ligadas, em última análise, ao âmbito da estética, do que ao da filosofia. Ora, para começar, *Le Robert Micro* assinala tal termo unicamente como “[a]parelho destinado a refletir ondas através de espelhos, de superfícies prismáticas” (tradução nossa). RÉFLECTEUR. In: LE ROBERT Micro. Dictionnaire d'apprentissage de la langue française. Rédaction dirigée par A. Rey. Paris: Dictionnaires Le Robert, 1998. p. 1127, o que remete às análises de Adorno referentes à Kierkegaard, tanto no sentido de ser “[...] como ‘reflexão’ que a realidade histórica aparece na ‘situação’ kierkegaardiana. E, aliás, refletida no sentido literal, como a luz que reverbera [...]”, quanto no sentido de ser uma imagem da técnica, e isto em um pensador teoricamente crítico, senão mesmo inimigo, de tal âmbito. ADORNO, Theodor. *Kierkegaard: construção do estético*. Tradução A.Valls. São Paulo: Ed. Unesp, 2010. p. 95. Mais especificamente creio que Adorno chega ainda mais perto de desvendar tal mistério -- e aqui vale assinalar que Adorno não cita esta palestra na sua obra -- ao reconhecer a presença do ‘espelho refletor’ como símbolo do personagem Johannes, o personagem do sedutor reflexivo criado por Kierkegaard presente em *Ou/Ou (Enten/eller)*, no que ele então explicita que “[n]o seu tempo, justamente no século XIX, os espelhos refletores eram chamados em geral de ‘espíões’; é assim que Kierkegaard chama a si mesmo em sua última prestação de contas [...]”. ADORNO, Theodor. *Kierkegaard: construção do estético*. Tradução A.Valls. São Paulo: Ed. Unesp, 2010. p. 103. De fato, tenho a impressão de que quando Kierkegaard se coloca como *réflexteur* neste momento, tal noção derivaria muito mais de seus projetos literários em andamento por volta deste mesmo momento, centrados na ideia do ‘mestre ladrão’, os quais, por sua vez, aparentemente acabaram por servir como preparação ou esboço para o personagem acima mencionado -- neste sentido, Cf. FENGER, Henning. *Kierkegaard, the myths and their origins*. Trad. G.C. Schoolfield. New Haven: Yale University Press, 1980. p. 81-131. Por sua vez, vale também dizer que tal tema do ‘mestre ladrão’, ou ainda mais sua consecução posterior, ou seja, Johannes, lembram em vários aspectos alguns outros personagens literários presentes em obras publicadas em contextos bastante diferentes por volta do mesmo período, tais quais ‘Vautrin’ d’*O Pai Goriot* de Balzac, publicado a partir de dezembro de 1834 na *Revue de Paris*, assim como ‘C. Auguste Dupin’, protagonista d’*Os assassinatos na Rue Morgue*, de autoria de Poe, ambos sombrios homens de fria, senão *gélida*, reflexão, verdadeiros detetives-espíões citadinos movidos por ideais bastante inescrutáveis. Em outros termos, acredito que a escolha de tal termo tenha muito mais a ver com o projeto em si do romantismo, ou mais especificamente do romantismo mais sombrio, aquele derivado de Novalis e dos *Ladrões* de Schiller, o qual teria sido popularizado por E.T.A.Hoffmann e, a partir deste, ter-se-ia espalhado por todo o século XIX através dos mais variados contextos, indo de Dostoiévski, Baudelaire a tantos outros.

[...] – devo desaprovar, na prática, de um abuso surgido do certamente belo, assim como algo ativo esforço [*travle Stræben*] da época (o de trazer os seres humanos, a despeito da burguesa limitação-cordial [*sneverhjertede Spidsborgerlighed*] e do luado sentimentalismo-familiar [*maaneskinsagtige Familie-Sentimentalitet*], em associação [*i Forening*], a trabalharem rumo a uma mesma meta) [...] (tradução nossa).¹⁶⁵

Em outros termos, a época é reconhecida por Kierkegaard como uma marcada pelo *associacionismo*, sendo esta ideia uma das colunas vertebrais da democracia dos modernos e, enquanto tal, de doutrinas como a de Saint-Simon (1760-1825) e, conseqüentemente, de um grande número de movimentos reformistas do século XIX, contando-se entre eles, obviamente, o marxismo. Pois contra tal *ethos*, Kierkegaard já alertava, e isto na seqüência imediata da passagem acima citada, para

[...] o abuso, a saber, de que logo se tem à mão um nome de partido [*et Partinavn*] para aquele cuja visão se aproxima um pouco da compreensão geral, no que não se leva em conta a multidão de nuances incontáveis que aqui podem ter lugar, dado que uma vida natural e saudável não tem sua confissão de fé pronta, o que é sinal para um dos últimos estádios da vida [...] (tradução nossa).¹⁶⁶

Como visto, tal passagem contém *in nocte* a filosofia política de Kierkegaard, pois nela se encontram sintetizadas, em primeiro lugar, a desconfiança, para não falar em desprezo, em relação aos partidos políticos, os quais precisamente em suas colorações mais modernas, ou

¹⁶⁵ KIERKEGAARD, Søren. Vor Journal-Litteratur. Studium efter Naturen i Middagsbelysning. In: PETERSEN, Teddy. *Kierkegaards polemiske debut*. Odense: Odense Universitetsforlag, 1977. p. 40; KIERKEGAARD, Søren. Our journalistic literature. In: KIERKEGAARD, Søren. *Early Polemical Writings*. Edited and translated by J. Watkin. Princeton: Princeton University Press, 1990. p. 37-38

¹⁶⁶ KIERKEGAARD, Søren. Vor Journal-Litteratur. Studium efter Naturen i Middagsbelysning. In: PETERSEN, Teddy. *Kierkegaards polemiske debut*. Odense: Odense Universitetsforlag, 1977. p. 40; KIERKEGAARD, Søren. Our journalistic literature. In: KIERKEGAARD, Søren. *Early Polemical Writings*. Edited and translated by J. Watkin. Princeton: Princeton University Press, 1990. p. 38

seja, divididos fundamentalmente entre liberais e conservadores, haviam se estabelecido em um período não muito anterior à palestra de Kierkegaard e que, com efeito, não fariam senão recrudesacer pelas décadas seguintes, sem falar na divisão cada vez mais aguda a se dar no seio do liberalismo, a partir da qual os movimentos políticos especificamente de esquerda viriam a surgir; em segundo, a analogia entre o âmbito da política e o âmbito da religião, sendo mais exatamente a confissão de fé o análogo a uma compreensão política pronta, totalmente esquematizada, sem abertura para flutuações ou mudanças trazidas pelo ritmo próprio da vida; assim como, por fim, a preferência, ainda algo velada, pela situação do indivíduo e, conseqüentemente, pelo âmbito da vida, fundamentalmente marcado pela variação, pela dinâmica própria da natureza, em detrimento da vida social, organizada a partir de leis *exteriores* ao indivíduo. Pois neste sentido, formula-se aqui a mais fundamental intuição da parte de Kierkegaard de que o mundo da política e/ou das tendências sociais passava a validar, a explicar, a organizar, senão mesmo a *ditar* as regras para o mundo da vida privada, isto é, o mundo da existência individual, idéia esta que viria a se configurar como uma verdadeira marca d'água nos escritos ditos maduros de Kierkegaard, especialmente os de sua última fase.

Mas, voltando à palestra, Kierkegaard, após tais colocações preliminares, propõe-se finalmente de entrar em seu assunto propriamente dito, no que ele então embarca em uma recapitulação histórica, com o intuito de comparar as teses de Ostermann a respeito do desenvolvimento do jornalismo político recente na Dinamarca com os fatos propriamente ditos. Assim, o ponto de partida escolhido por Kierkegaard para tal recapitulação acaba sendo, uma vez mais, a revolução de julho de 1830 na França, a qual, comparada à violência da de 1789, é descrita através do uso de palavras como ‘elegância e fineza’, no que Kierkegaard dá a crer que tal havia sido uma revolução ‘limpa e pura’, quer dizer, sem muito sangue ou violência, no que de fato, quando comparada à anterior, ela fora; não obstante, tal qual no caso anterior, “[...] o resto da Europa simultaneamente permaneceu como espectadores e viu, para servir-me de uma expressão de Börne, qual hora havia soado” (tradução nossa).¹⁶⁷

¹⁶⁷ KIERKEGAARD, Søren. Vor Journal-Litteratur. Studium efter Naturen i Middagsbelysning. In: PETERSEN, Teddy. *Kierkegaards polemiske debut*. Odense: Odense Universitetsforlag, 1977. p. 41; KIERKEGAARD, Søren. Our journalistic literature. In: KIERKEGAARD, Søren. *Early polemical writings*. Edited and translated by J. Watkin. Princeton: Princeton University Press, 1990. p. 39. Vale apontar o fato de aqui Kierkegaard se refere ao publicista e autor alemão Ludwig Börne (1786-1837), o qual, ao lado de Heine, foi de

Contudo, por mais que Kierkegaard reconhecesse que a Dinamarca também sofrera os efeitos de tal revolução tal qual o resto da Europa, no que diz respeito ao desenvolvimento do mais recente jornalismo político na Dinamarca ele dá um passo atrás e considera que a história não é bem aquela tal qual contada por Ostermann, ou seja, Kierkegaard lança uma certa suspeita em relação a uma associação mais imediata entre a revolução de julho de 1830 e tal desenvolvimento jornalístico, no que então se põe a refutar deveras sofisticadamente a tese de Ostermann, isto através de uma minuciosa recapitulação histórica do período entre 1829 e 1831 construída a partir da leitura do principal jornal liberal dinamarquês em discussão, a saber, o *Correio de Copenhague* (*Kjøbenhavnsposten*). Em outras palavras, para refutar Ostermann Kierkegaard se deu o trabalho de fazer uma recapitulação histórica acerca da mudança de linguagem em tal jornal, de modo a apreender se e até qual ponto teria sido de fato a revolução de julho o grande causador de tal transformação, ou se teria sido algum outro fator tal elemento determinante.¹⁶⁸

Assim, a partir de uma análise do *Correio de Copenhague*, Kierkegaard nota que durante o ano de 1829 suas matérias tinham a estética como ponto central, vindo então os assuntos de política nacional em segundo plano; não obstante, a inclinação mais geral dessa folha lhe parece ser mesmo estética. Em relação a 1830, Kierkegaard nota a mesma direção até o mês de setembro, quando passa a ser dada atenção às “[...] notáveis erupções vulcânicas ao redor de todo o âmbito europeu [...]” (tradução nossa);¹⁶⁹ não obstante, tais considerações são, de acordo

importância decisiva para a constituição do pensamento político moderno, isto é, pós-revolução de 1830, não apenas na Alemanha (neste sentido conforme a resenha de Sainte-Beuve para a tradução francesa de uma obra do primeiro: SAINTE-BEUVE, Charles-Augustin. L. BERNÉ. *Lettres écrites de Paris pendant les années 1830 et 1831*. In: SAINTE-BEUVE, Charles-Augustin. *Œuvres I*. Ed. Máxime Leroy. Paris: Gallimard, 1956. p. 437-441, assim como, tal qual se pode inferir pela passagem acima citada, na Dinamarca também. Adorno, neste sentido, notava com razão uma secreta afinidade entre Kierkegaard e autores materialistas da esquerda hegeliana como Börne, Feuerbach e Heine – Cf. ADORNO, Theodor W. *Kierkegaard: construção do estético*. Trad. Alvaro Valls. São Paulo: Ed. UNESP, 2010. p. 97, 284, os quais, como se sabe, seriam também fundamentais para a formação de Marx.

¹⁶⁸ KIERKEGAARD, Søren. Vor Journal-Litteratur. Studium efter Naturen i Middagsbelysning. In: PETERSEN, Teddy. *Kierkegaards polemiske debut*. Odense: Odense Universitetsforlag, 1977. p. 44-47; KIERKEGAARD, Søren. Our journalistic literature. In: KIERKEGAARD, Søren. *Early Polemical Writings*. Edited and translated by J. Watkin. Princeton: Princeton University Press, 1990. p. 39-42

¹⁶⁹ KIERKEGAARD, Søren. Vor Journal-Litteratur. Studium efter Naturen i Middagsbelysning. In: PETERSEN, Teddy. *Kierkegaards polemiske debut*. Odense: Odense Universitetsforlag, 1977. p. 44; KIERKEGAARD, Søren. Our journalistic literature. In:

com ele, mais teóricas do que práticas, no que são descartadas como amostra da passagem a um novo tipo de jornalismo, aquele mais combativo, mais especificamente engajado na discussão sobre a liberdade de imprensa.¹⁷⁰ Em relação a 1831, Kierkegaard nota o surgimento de mais e mais matérias ligadas a assuntos nacionais a partir de fevereiro; seria, porém, a partir do mês de março que, de acordo com ele, as coisas começaram a tomar uma nova direção, com o surgimento de artigos sobre a organização das assembleias nacionais, assim como sobre a censura. Contudo, seria mesmo a partir de finais de abril que as sementes do ‘novo desenvolvimento’ teriam efetivamente surgido, ou seja, a partir da assinatura da ordenação real de 14 de abril, a qual estipulava precisamente a organização de tais câmaras. Assim, após tal retomada histórica, Kierkegaard explicita então sua tese de que

[...] a respeito das origens do novo desenvolvimento [jornalístico], a regência deu o impulso aos jornalistas, e não o contrário. [...] Minhas considerações anteriores indicam que, assim como a regência em relação à literatura jornalística deu o tom, o mesmo deve acontecer posteriormente. O que de forma alguma não quer dizer [...] que o jornalismo de modo algum possa ter sido ativo, mas apenas que a regência foi o *primus motor* (tradução nossa).¹⁷¹

Como apontado acima, Kierkegaard não deixa de notar que apenas em 1834 a questão, ou melhor, a discussão acerca da liberdade de imprensa passa a ser desenvolvida no plano *prático*, o que quer dizer que “[...] deste momento em diante começa uma luta

KIERKEGAARD, Søren. *Early Polemical Writings*. Edited and translated by J. Watkin. Princeton: Princeton University Press, 1990. p. 42

¹⁷⁰ KIERKEGAARD, Søren. Vor Journal-Litteratur. Studium efter Naturen i Middagsbelysning. In: PETERSEN, Teddy. *Kierkegaards polemiske debut*. Odense: Odense Universitetsforlag, 1977. p. 44; KIERKEGAARD, Søren. Our journalistic literature. In: KIERKEGAARD, Søren. *Early Polemical Writings*. Edited and translated by J. Watkin. Princeton: Princeton University Press, 1990. p. 42

¹⁷¹ KIERKEGAARD, Søren. Vor Journal-Litteratur. Studium efter Naturen i Middagsbelysning. In: PETERSEN, Teddy. *Kierkegaards polemiske debut*. Odense: Odense Universitetsforlag, 1977. p. 45; KIERKEGAARD, Søren. Our journalistic literature. In: KIERKEGAARD, Søren. *Early Polemical Writings*. Edited and translated by J. Watkin. Princeton: Princeton University Press, 1990. p. 43-44

constante entre o *Correio de Copenhague* e o censor [...]”¹⁷², assim como o efetivo aparecimento da “[...] primeira semente jornalística do caos liberal [...]”, no que ele se refere ao surgimento do jornal *A Pátria* (*Fædrelandet*).¹⁷³ Em suma, em relação à questão acerca de quem teria dado o passo inicial em termos do recrudescimento das demandas democráticas tais quais apresentadas na imprensa, Kierkegaard acaba por escolher o governo como tal agente; entretanto, o que me interessa aqui, mais particularmente, é a asserção de que “[d]este ponto em diante tanto os passos da regência, quanto os da literatura jornalística [leia-se jornalismo político], os quais até então com intervalos convenientes haviam sido um pouco *piano*, passam a ficar algo mais *forte* [...]” (tradução nossa),¹⁷⁴ o que implica dizer tanto que a sinfonia política estava mal começando na Dinamarca, quanto que a obra de Kierkegaard encontrar-se-ia estruturada, para o bem ou para o mal, sob tais acordes.

Feito isto, Kierkegaard retorna a um ponto de vista que poderia ser descrito como um ponto de vista intermediário entre o histórico e o filosófico, o que significa que ele embarca uma vez mais, no que dá por encerrada sua recapitulação efetivamente histórica, em uma consideração algo mais geral sobre as características da época, extraídas ou formuladas, por sua vez, a partir da leitura sistemática de dois jornais liberais, o já citado *Correio de Copenhague*, assim como o recém criado *A Pátria*. No que ele assim procede, ele volta ao terreno algo mais congenial ao seu temperamento, a saber, o da *crítica cultural*, de maneira a considerar uma vez mais as características próprias ao espírito do tempo.¹⁷⁵

¹⁷² KIERKEGAARD, Søren. Vor Journal-Litteratur. Studium efter Naturen i Middagsbelysning. In: PETERSEN, Teddy. *Kierkegaards polemiske debut*. Odense: Odense Universitetsforlag, 1977. p. 46; KIERKEGAARD, Søren. Our journalistic literature. In: KIERKEGAARD, Søren. *Early Polemical Writings*. Edited and translated by J. Watkin. Princeton: Princeton University Press, 1990. p. 45

¹⁷³ KIERKEGAARD, Søren. Vor Journal-Litteratur. Studium efter Naturen i Middagsbelysning. In: PETERSEN, Teddy. *Kierkegaards polemiske debut*. Odense: Odense Universitetsforlag, 1977. p. 46; KIERKEGAARD, Søren. Our journalistic literature. In: KIERKEGAARD, Søren. *Early Polemical Writings*. Edited and translated by J. Watkin. Princeton: Princeton University Press, 1990. p. 45

¹⁷⁴ KIERKEGAARD, Søren. Vor Journal-Litteratur. Studium efter Naturen i Middagsbelysning. In: PETERSEN, Teddy. *Kierkegaards polemiske debut*. Odense: Odense Universitetsforlag, 1977. p. 46-47; KIERKEGAARD, Søren. Our journalistic literature. In: KIERKEGAARD, Søren. *Early Polemical Writings*. Edited and translated by J. Watkin. Princeton: Princeton University Press, 1990. p. 45

¹⁷⁵ Com efeito, tal recapitulação histórica pode parecer, num primeiro momento, no mínimo inusitada, ao ponto mesmo de causar uma certa estranheza. Por outro lado, ela dá bem uma

Assim, a partir da leitura extensiva principalmente do *Correio de Copenhagen*, Kierkegaard reconhece, em primeiro lugar, que sua época era marcada por um esforço, compreendido como uma espécie de corrente subterrânea, rumo ao formalismo; neste sentido, ele explicita tal idéia ao aludir particularmente a dois ‘pensadores’, a saber, Robespierre (1758-1794) e Fichte (1762-1814), nos seguintes termos:

Foi isso [o ‘esforço formal’, formel Stræben] o que na vida cotidiana, através de uma negligência a respeito do confortável, nos levou a enfatizar a beleza simétrica, a preferir o convencional às relações cordiais [hjertelige Omgang]. É todo este esforço que é corretamente assinalado, para servir-me das palavras de um outro autor, através dos experimentos de Fichte e dos outros filósofos no sentido de construir sistemas através de agudeza [mental], [assim como] do experimento de Robespierre com vistas a isso através da ajuda da guilhotina; é isso o que nos encontra nos versos alados de pássaro de verão [sommerfuglelet flydende Vers] de nossos poetas [assim como] nos sons de Auber; por fim, é isso o que no mundo político provoca as várias revoluções (tradução nossa).¹⁷⁶

Como visto, tal passagem exige interpretação. Em primeiro lugar, quando Kierkegaard se refere ao ‘esforço formal’ da época, no fundo o que ele quer dizer, e aqui Kant (1724-1804) talvez sirva de alguma

indicação do nível de imbricação ou de familiaridade de Kierkegaard para com o amplo âmbito do impresso no qual ele estava inserido, pois como muito razoavelmente aponta Niels J. Capelørn, “[...] Kierkegaard sempre discutiu com outros textos – por exemplo, [com uma peça de] teatro, [uma] ópera, um anúncio, um artigo de jornal, uma pregação ou uma conversa na rua. Søren Kierkegaard não foi uma pessoa que se sentou em seu escritório e escreveu, sem relação com qualquer [outra] coisa. Ele estava intermitentemente em diálogo e em discussão com alguém. E é somente quando se descobre todos estes parceiros de discussão que se realmente compreende mais profundamente seus textos” (tradução nossa). NIELS apud KASSEBEER, Søren. Geniet i svøb. *Berlingske Tidende*, København, p. 3, 16 nov. 2000.

¹⁷⁶ KIERKEGAARD, Søren. Vor Journal-Litteratur. Studium efter Naturen i Middagsbelysning. In: PETERSEN, Teddy. *Kierkegaards polemiske debut*. Odense: Odense Universitetsforlag, 1977. p. 47-48; KIERKEGAARD, Søren. Our journalistic literature. In: KIERKEGAARD, Søren. *Early Polemical Writings*. Edited and translated by J. Watkin. Princeton: Princeton University Press, 1990. p. 46

ajuda, é que ela lhe parecia marcada pelo paradigma da *razão*, no sentido mesmo de ser uma época voltada para os experimentos de índole especificamente racional; pois, de fato, como argumentava Kant no prefácio à sua *Fundamentação para a Metafísica dos Costumes*, de 1785,

[t]odo objeto de conhecimento racional é ou material, no que considera um objeto qualquer, ou formal, ocupando-se pura e simplesmente com as próprias formas do entendimento e da razão, e sobretudo com as regras gerais do pensamento, indistintamente [*ohne Unterschied*] do objeto [...] (tradução nossa).¹⁷⁷

Neste sentido, pois, dizer que a época estava marcada por um *esforço formal* implica dizer que ela era perpassada pela noção notadamente *científica* de experimentação, a qual, como se apreende pelo restante da citação, era vislumbrada por Kierkegaard como princípio ativo presente nos mais variados âmbitos, indo da vida privada, cotidiana, passando pelas relações sociais, assim como pelo âmbito da estética, até chegar ao mundo da política, convulsionado pelas mais *diversas* – e a palavra que ele utiliza aqui é literalmente esta, *mange* – revoluções. Logo, encontra-se também ou mais profundamente nesta passagem uma ligação velada, isto porque Kierkegaard não o cita, com o pensamento de Burke (1730-1797), para o qual a modernidade seria também marcada pela supremacia do esforço *intelectual* ou, em linguajar burkeano, dos *princípios abstratos*, em detrimento do conhecimento conquistado a partir das formas existentes, isto é, *tradicionalmente* constituídas das instituições que garantiriam a existência de uma dada sociedade.¹⁷⁸

Na seqüência, Kierkegaard desenvolve de maneira ainda mais aguda tais considerações, no que acaba por explicitar alguns de seus mais fundamentais conceitos, valores ou atitudes, de modo que se pode afirmar que, longe de serem pura e simplesmente *juvenilia*, o que, por

¹⁷⁷ KANT, Immanuel. Grundlegung zur Metaphysik der Sitten. In: KANT, Immanuel. *Kritik der praktischen Vernunft: Grundlegung zur Metaphysik der Sitten*. Herausgegeben von W. Weischedel. Frankfurt am Main: Surkhamp, 1974. p. 11

¹⁷⁸ BURKE, Edmund. *Reflections on the revolution in France*. Ed. by J.C.D Clark. Stanford, CA: Stanford Univeristy Press, 2001.

um lado, se pode conceder sob o ponto de vista estético, ou seja, de *controle* da linguagem; por outro, entretanto, percebe-se que em tais escritos primeiros Kierkegaard já possuía razoavelmente estruturada sua visão de mundo, a qual seria apenas desenvolvida ao longo do restante de sua produção, o que, por sua vez, não significa que não haveria mudança em seu posicionamento. De qualquer maneira, após levar em consideração as várias revoluções no mundo político, ele dá continuidade ao raciocínio com as seguintes palavras, as quais, não obstante a forte coloração hegeliana dos conceitos, são bastante claras quando explicitadas através de outros mais efetivamente kierkegaardianos:

Eu concordo completamente com todo este esforço de ater-se à forma, pelo menos no que ela continua a ser o meio através do qual nós possuímos a ideia, mas não se recorda que é a ideia quem deve determinar a forma, e não o contrário. A gente se esquece que a vida [*Livet*] não é algo abstrato, e sim algo individual em seu mais alto grau. Não se deve esquecer que a forma, por exemplo, junto à posição imediata do poeta genial, não é outra coisa senão o vir-a-ser da ideia no mundo [*Ideens Tilblivelse i Verden*], e que a reflexão deve apenas investigar se a ideia ganhou ou não a forma adequadamente correspondente [*tilsvarende*]. Deveria ser sempre lembrado que não é através da forma que a vida é conquistada, mas que é através da vida que a forma é conquistada (tradução nossa).¹⁷⁹

Uma vez mais, encontra-se aqui uma outra formulação do ponto de vista mais primordial de Kierkegaard, desta vez representando o cerne de sua filosofia propriamente dita. Com efeito, a passagem aborda o processo de constituição da realidade, explicitado através do conceito de *vir-a-ser*, em cujo processo, de acordo com Kierkegaard, a

¹⁷⁹ KIERKEGAARD, Søren. Vor Journal-Litteratur. Studium efter Naturen i Middagsbelysning. In: PETERSEN, Teddy. *Kierkegaards polemiske debut*. Odense: Odense Universitetsforlag, 1977. p. 48; KIERKEGAARD, Søren. Our journalistic literature. In: KIERKEGAARD, Søren. *Early Polemical Writings*. Edited and translated by J. Watkin. Princeton: Princeton University Press, 1990. p. 47

racionalidade, diferentemente de Hegel e dos hegelianos das mais variadas colorações – tenho em mente os ultra-hegelianos marxistas notadamente – tem apenas um papel secundário, limitado, no que ele, Kierkegaard, se aproxima neste ponto mais de Kant do que de Hegel. Contudo, diferentemente de Kant, o qual se mostrava mais interessado em limitar a razão com fins eminentemente científicos, aqui tal limitação da racionalidade é invocada precisamente com vistas à salvaguarda da *existência individual*, isto é, com vistas à sua dinâmica própria, necessariamente anterior à reflexão, sendo, em outros termos, conseqüentemente a existência o fator preponderante sobre a essência, e não o contrário. Tal filosofia, portanto, merece o nome que lhe foi dado, ou seja, *existencialismo*, o qual aparece formulado aqui de maneira bastante clara.

O que remete, por sua vez, novamente ao pensamento de Burke, ainda que com uma ressalva. Pois por mais que para este também o processo de transformação da realidade implicasse um anterior estar-no-mundo, de modo que apenas a partir de uma tomada de consciência dos dados circundantes que constituem o todo da realidade é que se poderia minimamente pensar nas condições e possibilidades de transformação da mesma, em detrimento de esquemas ou sistemas metafísicos que concebesssem a realidade como um todo a ser absolutamente abstraído e reconfigurado *deus ex machina*, Burke foi e permaneceu um homem eminentemente *político*, enquanto que o ponto de vista de Kierkegaard é eminentemente *existencial*. De modo que se pode dizer que Kierkegaard, *reformulando* as palavras e, conseqüentemente, o ponto de vista de Burke,¹⁸⁰ considera que

¹⁸⁰ Burke dissera “Esta política [de manutenção ou mesmo de reforma a partir da realidade *herdada*] me parece ser o resultado de profunda reflexão, ou melhor, o feliz efeito de se seguir a natureza, o qual é sabedoria sem reflexão, e acima dela. Um espírito de inovação é geralmente o resultado de um temperamento egoísta e de visões limitadas. As pessoas não conseguirão olhar para a posteridade quando não olham para trás para seus ancestrais. [...] Assim, ao preservar o método da natureza na condução do estado, no que melhoramos nunca somos completamente novos; no que retemos, nunca somos completamente obsoletos” (tradução nossa). BURKE, Edmund. *Reflections on the revolution in France*. Ed. by J.C.D Clark. Stanford, CA: Stanford Univeristy Press, 2001. p. 184-185. Vale lembrar, por outro lado, que Burke não é pura e simplesmente o conservador alucinado tal qual seus detratores buscam transmitir sua imagem, sendo talvez mais adequada a etiqueta de reformista moderado – ou *moderadíssimo*, concedo – para sua posição, tal qual se pode ver pela seguinte frase, a qual, como que encerrando a argumentação do trecho acima citado, reflete talvez mais profundamente sua posição a respeito da Revolução Francesa do que a passagem anteriormente citada: “Vós devíeis ter consertado aqueles muros; vós devíeis ter construído a partir daquela fundação” (tradução nossa). BURKE, Edmund. *Reflections on the revolution in France*. Ed. by J.C.D Clark. Stanford, CA: Stanford Univeristy Press, 2001. p. 186

Da mesma forma que um salto para trás é algo equivocado (o que a época como um todo está suficientemente disposta a reconhecer), da mesma maneira um salto para frente é equivocado – ambos porque um desenvolvimento natural [*en naturlig Udvikling*] não procede através de saltos, e a seriedade da vida [*Livets Alvor*] irá ironizar tais experimentos [*Forsøg*], por mais que sejam bem sucedidos no momento (tradução nossa).¹⁸¹

Como visto, tal fundamental circunspeção, a qual poderia ser descrita como de índole burkeana, ainda que Kierkegaard não apenas não o cite, como parece nunca ter tido contato com seu pensamento, acaba por ser também o antídoto prescrito por Kierkegaard contra o ímpeto progressista presente em seu contexto, pois, uma vez mais, tal qual Burke, o qual dizia que “[u]m estado sem os meios de alguma mudança está sem os meios de sua conservação [...]”,¹⁸² Kierkegaard parece também conceder à mudança, assim como à reflexão, um certo espaço dentro dos ideais sócio-políticos; contudo, suas análises acabam por centrar-se mais, novamente tal qual Burke, nos *excessos* dos partidários do progresso do que em uma agenda mais específica de propostas sócio-políticas mais ou menos tangíveis. Neste sentido, pois, para ele o caráter distinto da época, precisamente em sua absorção irrefletida da idéia de *progresso*, acabava sendo mesmo seu entusiasmo delirante, seu arrebatamento, sua excitação, o que, aliás, Baudelaire, em uma expressão que poderia muito bem ser do próprio Kierkegaard, chamava de *paganismo dos imbecis*.¹⁸³ De fato, servindo-se de uma analogia, Kierkegaard explica a seu público que

¹⁸¹ KIERKEGAARD, Søren. Vor Journal-Litteratur. Studium efter Naturen i Middagsbelysning. In: PETERSEN, Teddy. *Kierkegaards polemiske debut*. Odense: Odense Universitetsforlag, 1977. p. 48; KIERKEGAARD, Søren. Our journalistic literature. In: KIERKEGAARD, Søren. *Early Polemical Writings*. Edited and translated by J. Watkin. Princeton: Princeton University Press, 1990. p. 47

¹⁸² BURKE, Edmund. *Reflections on the revolution in France*. Ed. by J.C.D Clark. Stanford, CA: Stanford University Press, 2001. p. 186

¹⁸³ Em carta a seu amigo Ancelle datada de 18 de fevereiro de 1866, este, explicando o intuito de sua obra *La Belgique déshabillée*, comenta, pois, que “[...] o objetivo deste livro satírico é a ironização de tudo o que é chamado de *progresso*, o que eu particularmente chamo de *paganismo dos imbecis* [...]” (tradução nossa). BAUDELAIRE, Charles. *Correspondance*. Choix et présentation de C. Pichois et J. Thélot. Paris: Gallimard, 2000. p. 377-378

Provavelmente vós já estivéreis no caso de, viajando por uma estrada, na qual, em uma diligência, se chega não bem dormindo ao seu destino, mas, desconhecendo o caminho, tem-se que perguntar [pelo mesmo], no que um camponês diz: ‘Então virai primeiro à direita, depois à esquerda rumo à alameda de salgueiros junto ao lago da aldeia, no que tereis algo como uma meia milha ainda [a ser percorrida]; daí virai à direita, e aí estareis no lugar’; – mas provavelmente vós também já passastes pela experiência através da qual não se chega sempre de tal maneira a seu destino. Deve-se dirigir primeiramente à aldeia mais próxima, e aí indagar sobre o caminho até a próxima, e assim por diante. E aqui, cujo assunto é o novo desenvolvimento, que se cuide bem [*her passe man vel*] e olhe diligentemente a bússola. [Pois] ainda que o desenvolvimento e o progresso de outras nações possa nos ajudar bastante e nos ensinar muitas regras de prudência [*Forsigtighedsregel*], que seja bem lembrado que não se pode embarcar em uma viagem para a Zelândia [*Sjælland*] seguindo [*etfer*] um mapa da França.¹⁸⁴

Confundir, pois, o próprio terreno com um modelo adotado de fora, sem a menor relação para com aquele a ser transformado, tal é para Kierkegaard um dos enganos – e logo adiante na mesma passagem ele o adjetiva de *quixotesco* –¹⁸⁵ no qual incorria sua geração. Mas mais do estar acometida por um espírito quixotesco ou sonhador, o problema de Kierkegaard para com sua geração se resumia, e aqui ele uma vez mais se coloca na esteira dos moralistas, a algo mais profundo e interno, a saber, ao *desassossego*; pois como ele diz, “[...] todo este esforço que

¹⁸⁴ KIERKEGAARD, Søren. Vor Journal-Litteratur. Studium efter Naturen i Middagsbelysning. In: PETERSEN, Teddy. *Kierkegaards polemiske debut*. Odense: Odense Universitetsforlag, 1977. p. 49; KIERKEGAARD, Søren. Our journalistic literature. In: KIERKEGAARD, Søren. *Early Polemical Writings*. Edited and translated by J. Watkin. Princeton: Princeton University Press, 1990. p. 48

¹⁸⁵ KIERKEGAARD, Søren. Vor Journal-Litteratur. Studium efter Naturen i Middagsbelysning. In: PETERSEN, Teddy. *Kierkegaards polemiske debut*. Odense: Odense Universitetsforlag, 1977. p. 49; KIERKEGAARD, Søren. Our journalistic literature. In: KIERKEGAARD, Søren. *Early Polemical Writings*. Edited and translated by J. Watkin. Princeton: Princeton University Press, 1990. p. 48

tentei descrever como desassossegado [*Stundenløshed*], [...] não é ação [*Handlen*], mas uma inconstante hesitação [*en ustadig Famlen*]" (tradução nossa).¹⁸⁶

Kierkegaard dá a entender, portanto, que agir implica combinar de maneira adequada ambos os elementos reflexão e o ímpeto mais imediato propriamente denominado ação, o que quer dizer que no final das contas o *valor* que Kierkegaard busca prescrever para seus contemporâneos excitados pela revolução de julho, exatamente tal qual Burke o fizera no contexto da Revolução Francesa, acaba sendo o da *circunspeção*, dado que, para ele “[a] verdadeira ação [*den sande Handlen*] vai de par com a calma circunspeção” (tradução nossa).¹⁸⁷ Neste sentido, pode-se dizer que o tema central de sua palestra era a ideologia da modernidade, notadamente compreendida sob o conceito de *progresso*.

Consequentemente, pode-se afirmar que a palestra de Kierkegaard teve como intuito, em termos teóricos, fundamentalmente duas coisas: tanto recusar o modelo liberal francês, compreendido como conjunto de regras, normas ou valores para a condução ou organização da *res publica*, literária ou não, na Dinamarca, quanto, conseqüentemente, recomendar a *circunspeção*, o que no contexto da apresentação quer dizer, “[...] pesquisar um pouco mais cuidadosamente o que se tem como liberdade de imprensa, antes que se soe o alarme” (tradução nossa).¹⁸⁸ Isto feito, pode-se vislumbrar neste momento em Kierkegaard, em termos de sua filiação política, e isto muito entre parênteses, um partidário, ainda que inconsciente, de Burke, ou seja, algo entre um reformador

¹⁸⁶ KIERKEGAARD, Søren. Vor Journal-Litteratur. Studium efter Naturen i Middagsbelysning. In: PETERSEN, Teddy. *Kierkegaards polemiske debut*. Odense: Odense Universitetsforlag, 1977. p. 49; KIERKEGAARD, Søren. Our journalistic literature. In: KIERKEGAARD, Søren. *Early Polemical Writings*. Edited and translated by J. Watkin. Princeton: Princeton University Press, 1990. p. 48

¹⁸⁷ KIERKEGAARD, Søren. Vor Journal-Litteratur. Studium efter Naturen i Middagsbelysning. In: PETERSEN, Teddy. *Kierkegaards polemiske debut*. Odense: Odense Universitetsforlag, 1977. p. 49; KIERKEGAARD, Søren. Our journalistic literature. In: KIERKEGAARD, Søren. *Early Polemical Writings*. Edited and translated by J. Watkin. Princeton: Princeton University Press, 1990. p. 48

¹⁸⁸ KIERKEGAARD, Søren. Vor Journal-Litteratur. Studium efter Naturen i Middagsbelysning. In: PETERSEN, Teddy. *Kierkegaards polemiske debut*. Odense: Odense Universitetsforlag, 1977. p. 52; KIERKEGAARD, Søren. Our journalistic literature. In: KIERKEGAARD, Søren. *Early Polemical Writings*. Edited and translated by J. Watkin. Princeton: Princeton University Press, 1990. p. 52

moderado e um conservador;¹⁸⁹ não obstante, servindo-me precisamente da *prudência* prescrita por Kierkegaard, assim como por fidelidade à sua *sensibilidade* neste momento, prefiro considerá-lo sob o ponto de vista *estético*, no que assim ele revelar-se-ia um partidário do esteticismo apolítico, isto é, romântico,¹⁹⁰ como se pode apreender precisamente através de sua última frase proferida em tal palestra: “[...] será sempre para mim uma alegria se esta reunião quiser considerar meu esforço esta noite como o de colocar-me simplesmente [sozinho, *alene*] como *réflecteur*” (tradução nossa).¹⁹¹

2.2.3 ‘As considerações matutinas no número 43 do Correio de Copenhague’

Mas como dito anteriormente, a refutação de Ostermann através da palestra dada por Kierkegaard na Associação dos estudantes visava também uma outra apresentação, esta dada por Orla Lehmann (1810-1870) no mesmo lugar nesse mesmo mês de novembro de 1835. Não obstante, seria a partir do início do ano seguinte que este e Kierkegaard entrariam em um debate mais acirrado um contra o outro, o qual, ainda que partindo uma vez mais da questão mais superficial da liberdade de imprensa, acabaria por tomar uma dinâmica própria, no que então seria ainda mais aprofundada a questão do *espírito do tempo*. Em outras palavras, foi a partir do encontro com Lehmann que Kierkegaard pôde formular mais claramente suas críticas ao espírito do tempo.

¹⁸⁹ Perkins, neste sentido, diz que “[...] Kierkegaard não é, neste momento, nem um conservador reacionário, nem um liberal radical, mas um moderado conclamando a um ‘desenvolvimento natural’, o que quer que tal termo impreciso queira dizer” (tradução nossa). PERKINS, Robert. Power, politics, and media critique: Kierkegaard’s first brush with the press. In: PERKINS, Robert (Org.). *International Kierkegaard Commentary: early polemical writings*. Macon, Georgia: Mercer University Press, 1999. p. 33

¹⁹⁰ Com efeito, Hannay não apenas vislumbra ecos de Burke em tal palestra, assim como reconhece que o intuito de Kierkegaard nesta palestra era o de “[...] restabelecer o balanço em favor da arte e da filosofia, o que quer dizer, da cultura ao invés de política” (tradução nossa). HANNAY, Alastair. *Kierkegaard: a biography*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. p. 8, 13-14

¹⁹¹ KIERKEGAARD, Søren. Vor Journal-Litteratur. Studium efter Naturen i Middagsbelysning. In: PETERSEN, Teddy. *Kierkegaards polemiske debut*. Odense: Odense Universitetsforlag, 1977. p. 52; KIERKEGAARD, Søren. Our journalistic literature. In: KIERKEGAARD, Søren. *Early Polemical Writings*. Edited and translated by J. Watkin. Princeton: Princeton University Press, 1990. p. 52

Pois desta vez, como que retomando tais discussões mais acadêmicas, portanto mais restritas, do final do ano anterior com o intuito de levá-las ao espaço público, Lehmann teve uma longa série de artigos publicados entre os meses de janeiro e fevereiro de 1836 sob um mesmo título, a saber, ‘O caso da liberdade de imprensa’, cuja quinta parte seria analisada, assim como ridicularizada, por Kierkegaard em artigo de jornal publicado no dia 18 de fevereiro desse mesmo ano. Neste sentido, vale, pois, acrescentar que Lehmann, mais do que apenas um dos líderes do movimento estudantil, por volta deste momento tornava-se também um dos líderes do jornalismo político na Dinamarca ao assegurar junto ao jornal *Correio de Copenhague* (*Kjøbenhavnsposten*) uma colocação como analista político, a partir da qual ele viria a firmar-se no futuro como um dos principais políticos dinamarqueses de sua geração.¹⁹²

Nessa série de artigos, pois, Lehmann analisa o ressurgimento do *espírito público* após o período napoleônico, marcado por “[...] guerras, derrotas, humilhações, falência e má colheita [...]”.¹⁹³ E ao investigar as causas para a inexistência daquele no passado recente, Lehmann desenvolve então a tese de que, durante e após tal momento histórico,

[...] as pessoas, exaustas, agora buscavam consolação onde quer que elas achassem que a encontrariam. O presente não oferecia nada senão degradação e

¹⁹² A título de ilustração, vale lembrar que precisamente em 1835 Lehmann, junto de J. F. Giødswad (1811-1891), futuro intermediário de Kierkegaard junto aos tipógrafos em seus projetos pseudonímicos, assim como um dos futuros editores do jornal *A Pátria* [*Fædrelandet*], no qual, aliás, Kierkegaard viria a ter todos os seus artigos de jornal impressos desde junho de 1842 até meados de maio de 1855, quando lançou sua própria folha poucos meses antes de morrer, lançaram um livro ou brochura contendo três discursos políticos franceses escritos por Chateaubriand, André-Marie Jean Jacques Dupin e Paul-Louis Courier. Além disso, ambos Lehmann e Giødswad, precisamente no que deram por volta deste momento uma guinada em direção à politização no jornal *Correio de Copenhague*, fizeram com que as vendas saltassem de 550 para 1000 exemplares (não tenho a informação se diária ou semanalmente; Cf. SCARAMUCCIA, Andrea. Jens Finsteen Giødswad: an amiable friend and a despicable journalist. In: STEWART, Jon (Org.). *Kierkegaard and his Danish contemporaries: Philosophy, Politics and Social Theory*. Farnham: Ashgate, 2009. t. 1, p. 16; sobre Lehmann, Cf. ALLEN, Julie K. Orla Lehmann: Kierkegaard’s Political Alter-Ego?. In: STEWART, Jon (Org.). *Kierkegaard and his Danish contemporaries: Philosophy, Politics and Social Theory*. Farnham: Ashgate, 2009. t. 1, p. 85-99

¹⁹³ LEHMANN, Orla. Trykkefrihedssagen V. In: PETERSEN, Teddy. *Kierkegaards polemiske debut*. Odense: Odense Universitetsforlag, 1977. p. 60-66; LEHMANN, Orla. Press freedom affair V. In: KIERKEGAARD, Søren. *Early polemical writings*. Edited and translated by J. Watkin. Princeton: Princeton University Press, 1990. p. 136-141. Vale explicitar que em 1813, precisamente o ano de nascimento de Kierkegaard, a Dinamarca decretara falência nacional.

miséria; não foi por acaso, portanto, que elas mudaram seu olhar de direção e fugiram rumo às apagadas figuras da antiguidade, de modo a esquecer, na contemplação de uma suposta grandiosidade do passado, a pequenez do presente. [...] Assim, surgiu um tipo de ‘vida parada’, sob a qual se estetizava, se brincava com a ‘velha Dinamarca’ [...].¹⁹⁴

Neste ponto uma consideração, e das mais importantes, deve ser feita. Quando Lehmann critica tal período, ele coloca em xeque pura e simplesmente o que se convencionou chamar posteriormente de ‘época dourada da Dinamarca’, ou seja, o concreto conjunto cultural – para não dizer *ideológico* – baseado num amálgama entre cristianismo e cultura humanística que dava *legitimidade* ao sistema absolutista dinamarquês.¹⁹⁵ Com efeito, tal noção, a saber, da *época de ouro da Dinamarca*, pode ser efetivamente substituída por uma outra, a de *Dannelse*, ou seja, *cultura* ou *educação* em dinamarquês, cujo sentido, por sua vez, se aproxima muitíssimo do conceito de *Bildung* dos alemães. Assim, pois, a *época de ouro da Dinamarca* pode ser descrita como o arranjo histórico geralmente delimitado, do ponto de vista temporal, entre as décadas de 1800-1850 e, do ponto de vista espacial, como sendo virtualmente sinônimo da cidade de Copenhagen, dado que sob tal arranjo a centralização administrativa, um dos pilares de tal *constructo*, por necessidade implicava a centralização cultural. E deste ponto de vista, deve-se acrescentar que os valores literários, ou mais exatamente ético-literários, senão mesmo ‘culturais’ em seu sentido

¹⁹⁴ LEHMANN, Orla. Trykkefrihedssagen V. In: PETERSEN, Teddy. *Kierkegaards polemiske debut*. Odense: Odense Universitetsforlag, 1977. p. 60-61; LEHMANN, Orla. Press Freedom Affair V. In: KIERKEGAARD, Søren. *Early polemical writings*. Edited and translated by J. Watkin. Princeton: Princeton University Press, 1990. p. 134-135

¹⁹⁵ De acordo com Bukdahl, “[...] a igreja e a classe superior estavam ligadas em uma elite cultural humanístico-religiosa. Se alguém lançava um ataque contra a religião, [...] o lado humanístico também se sentia sob ataque, e vice versa. [...] Kierkegaard não compreendia esta dinâmica na década de 1830, e mesmo depois ele provavelmente não compreendeu que sua campanha contra o amálgama entre religião e humanismo [...] podia ter também conseqüências sociais. Mas o povo comum entendia [isto] muito bem. Eles compreenderam que a campanha de Kierkegaard era também um ataque à síntese sócio-político-religiosa que constituía o ‘establishment’ [sic] [...], [o qual] Kierkegaard resumia [...] sob o termo ‘cultivo’ ou ‘cultura’ [Dannelse]” (tradução nossa). BUKDAHL, Jørgen. *Søren Kierkegaard and The Common Man*. Grand Rapids, Michigan: Eerdmans Publishing, 2001. p. 55-56. Para uma análise mais detalhada de tal período, assim como sobre a relação de Kierkegaard a respeito do mesmo, Cf. KIRMMSE, Bruce. *Kierkegaard in golden age Denmark*. Bloomington: Indiana Univesity Press, 1990.

mais amplo, já que se trata precisamente de uma ideologia, esposados por tal amálgama podem ser resumidos sob o termo de (cultura) *Biedermeier*, a qual caracterizar-se-ia por ser “[...] uma arte estilizada, apolínea, que cultiva ‘o claro, o suave e o refinado’, [...] e que busca o harmônico ou, mais corretamente, o harmonizado. [...] [Em suma], aqui impera o ‘caminho mediano e a moderação’ [...]”. Em outros e mais precisos, assim como mais amplos termos, a cultura *biedermeier* se configura, pois, como “[...] a cultura do lar *par excellence*, cujo ponto de encontro era a mesa redonda da sala de jantar [...]” (tradução nossa).¹⁹⁶

Disso se pode inferir que, para Lehmann, o grande inimigo a ser combatido era precisamente o que ele denominava de ‘velha Dinamarca’,¹⁹⁷ ou seja, aquela “[...] atmosfera sentimental-idílica [...]”

¹⁹⁶ HANSEN, Søren Gorm. *H.C. Andersen og Søren Kierkegaard i dammelseskulturen*. København: Medusa, 1976. p. 28-29. Com efeito, ainda que o termo *biedermeier* venha do âmbito cultural alemão, designando o período que se estende entre 1815 e 1848, sendo mais exatamente um amálgama dos nomes de personagens Biedermann e Bummelmeier, dois ‘filisteus’ criados em 1848 pelo escitor A. von Scheffel (1826-1886) -- Cf. MAZZARI, Marcus. Hoffmann e as primícias da arte de enxergar. In: HOFFMANN, E. T. A. *A janela de esquina do meu primo*. São Paulo: Cosac & Naify, 2010. p. 67. Nota 5, as atitudes descritas acima o transcendem, ao ponto de serem encontradas em um sem-número de autores, romancistas, dramaturgos, pensadores e afins das mais variadas nacionalidades, como, por exemplo, E. A. Poe (1809-1849), o qual, em seu famoso ‘conto’ de título *A filosofia dos móveis*, publicado em 1840 nos Estados Unidos, aborda precisamente vários destes valores; neste sentido, seu encerramento, após uma detalhada descrição do quarto ideal, não por acaso se dá com as seguintes palavras, as quais asseguram seu valor maior, a saber, a *harmonia*: “[...] e lança uma tranqüila, e no entanto mágica radiância sobre tudo” (tradução nossa). POE, Edgar A. The philosophy of furniture. In: POE, Edgar A. *Poetry and tales*. Ed. P.F. Quinn. New York: The Library of América, 1984. p. 387. Quanto a Kierkegaard, vale lembrar que Adorno, ainda que em nenhum momento se sirva desse conceito, o fustiga precisamente ao levar em consideração a presença de imagens do que ele próprio denomina de *intérieur* em sua produção, as quais, de acordo com sua interpretação, confirmariam, ou melhor, *refletiriam* a radical aversão kierkegaardiana ao mundo concreto exterior e, mais especificamente, ao sofrimento e miséria da maior parte de sua população. Para Adorno, pois, “[o] *intérieur* é a *imagem* concreta do ‘ponto’ filosófico de Kierkegaard: todo o exterior real se concentrou num ponto”. ADORNO, Theodor W. *Kierkegaard: construção do estético*. Trad. Alvaro Valls. São Paulo: Ed. UNESP, 2010. p. 107. E ainda que tais críticas de Adorno não sejam completamente confiáveis, dado que vários outros detalhes lhe escapam (neste sentido, ver as réplicas a este da parte de PATTISON, George. *‘Poor Paris!’ Kierkegaard’s critique of the spectacular city*. New York: Walter de Gruyter, 1999 -- vale não obstante apontar que um dos principais valores, tanto em seu sentido estético quanto existencial, que Kierkegaard teria absorvido dos sermões e conversas com o bispo J. P. Mynster (1775-1854), a principal autoridade eclesiástica dinamarquesa de seu período e freqüentador da casa de seu pai, teria sido aquele ligado ao âmbito do *íntimo*. Cf. VERGOTE, Henri-Bernard. *Sens et répétition: essai sur l’ironie kierkegaardienne*. Paris: Cerf/Orante, 1982. t. 1, p. 76; PATTISON, George. *‘Poor Paris!’ Kierkegaard’s critique of the spectacular city*. New York: Walter de Gruyter, 1999. p. 109-125

¹⁹⁷ LEHMANN, Orla. Trykkefrihedssagen V. In: PETERSEN, Teddy. *Kierkegaards polemiske debut*. Odense: Odense Universitetsforlag, 1977. p. 61; LEHMANN, Orla. Press Freedom Affair V.

(tradução nossa)¹⁹⁸ a partir da qual se *estetizava* a vida, o que no contexto significava, paralelamente ao termo *biedermeier*, *romantismo*, mais especificamente em sua formulação apolítica, o qual, por sua vez, quando ligado mais exatamente ao contexto das palestras do ano anterior, visava, entre outras pessoas, o *romântico* estudante de teologia Søren Kierkegaard. Pois, de acordo com Lehmann, em comparação a esta “[...] época na qual se estava satisfeito com tudo, quando cada um tomava conta de seu próprio negócio e deixava o governo tomar conta do resto [...]” (tradução nossa),¹⁹⁹ o início da década de trinta se mostrava como uma lufada de ar novo, revigorador, pelo fato de trazer as sementes do “[...] sério espírito de reforma que, aliás, se considera como o traço marcante de nossa época [...]” (tradução nossa).²⁰⁰ Consequentemente, a tese desenvolvida por Lehmann em tais artigos ia no sentido do esclarecimento de que, doravante, caberia aos dinamarqueses – e talvez mais especificamente a Søren Kierkegaard – reconhecerem o fato de que estavam no limiar de uma nova era, diametralmente oposta à anterior:

Este sentido de cidadania que desperta [vaagnende Statsborgersind], este algo tão freqüentemente desapreciado que vem à mente quando ouvimos a tão geralmente má utilizada

In: KIERKEGAARD. *Early Polemical Writings*. Edited and translated by J. Watkin. Princeton: Princeton University Press, 1990. p. 135

¹⁹⁸ LEHMANN, Orla. Trykkefrihedssagen V. In: PETERSEN, Teddy. *Kierkegaards polemiske debut*. Odense: Odense Universitetsforlag, 1977. p. 61; LEHMANN, Orla. Press Freedom Affair V. In: KIERKEGAARD. *Early Polemical Writings*. Edited and translated by J. Watkin. Princeton: Princeton University Press, 1990. p. 136

¹⁹⁹ LEHMANN, Orla. Trykkefrihedssagen V. In: PETERSEN, Teddy. *Kierkegaards polemiske debut*. Odense: Odense Universitetsforlag, 1977. p. 63; LEHMANN, Orla. Press Freedom Affair V. In: KIERKEGAARD. *Early polemical writings*. Edited and translated by J. Watkin. Princeton: Princeton University Press, 1990. p. 138. Vale lembrar que nesta passagem ecoam quase que literalmente as famosíssimas palavras de Benjamin Constant pronunciadas em 1819 a respeito da liberdade dos modernos, para o qual precisamente “[o] perigo da liberdade moderna é que, absorvidos no gozo de nossa existência privada e na busca de nossos interesses particulares, nós renunciámos deveras facilmente o nosso direito de partilha [em relação ao] poder político. Os depositários da autoridade não deixam de nos exortar a isso. Eles estão dispostos a nos poupar todo tipo de trabalho, exceto o de obedecer e de pagar!” (tradução nossa). CONSTANT, Benjamin. De la liberté des Anciens comparée à celle des Modernes. Discours prononcé à l’Athénée Royal de Paris em 1819. In: CONSTANT, Benjamin. *Écrits politiques*. Ed. M. Gauchet. Paris: Gallimard, 1997. p. 616.

²⁰⁰ LEHMANN, Orla. Trykkefrihedssagen V. In: PETERSEN, Teddy. *Kierkegaards polemiske debut*. Odense: Odense Universitetsforlag, 1977. p. 61; LEHMANN, Orla. Press Freedom Affair V. In: KIERKEGAARD. *Early polemical writings*. Edited and translated by J. Watkin. Princeton: Princeton University Press, 1990. p. 136

expressão ‘espírito público’ é aquilo a partir do qual a Dinamarca pode esperar seu renascimento; mas, ainda que este espírito público, através da revolução de julho, através da introdução e das primeiras atividades das assembleias provinciais consultivas e da crise contínua da liberdade de imprensa, tenha recebido um impulso poderoso e frutífero, ninguém há de negar que, entre nós, ele esteja em sua primeira infância [...]. É nesta aurora da vida e da liberdade do povo que nos encontramos no momento [...]. Mas se se quer a mesquinhez e o egoísmo que anteriormente oprimiam a alma e sufocavam todo esforço superior pereçam [...]; se se quer que os poderes adormecidos sejam despertos para a vida e para a alegria na vida, [que eles sejam] colocados em atividade e em movimento para que eles próprios trabalhem pela liberdade e pelo bem-estar; se se quer o grande jardim no qual todos moramos e construímos seja limpo de todas as ervas daninhas que de forma tão viçosa cresceram nele [...] – então se deve alegrar-se e louvar a direção que o povo tomou, então se deve regozijar sobre o estilo mais vigoroso que nossa imprensa começa a utilizar. Se se quer o fim, deve-se então querer também os meios para isso; mas limpar uma terra não cultivada exige um arado, e o arado é afiado; purgar os fluidos não sadios do corpo doente exige medicamento, e este é geralmente bastante amargo; assim, repetimos, se se quer a coisa, deve-se também querer os meios. Quão injusto se é, portanto, em relação à imprensa! [...]. Em suma, acreditamos que as reclamações que estão na moda no momento – ou pelo menos há pouco tempo, às quais atribuímos um peso e uma extensão muito maiores do que têm de fato de maneira a não parecer levá-las demasiado levemente – em sua maioria se originam, em nossa opinião, de reminiscências de um tempo passado [*en forsvunden Tid*] que meio inconscientemente ainda se movem sorrateiramente em meio ao novo tempo [*den nye*

Tid], ou que se originam de uma total falta de compreensão (tradução nossa).²⁰¹

Como se vê, o recado não poderia ter sido dado com maior clareza. E a resposta, como se pode presumir, tampouco tardaria a aparecer. Com efeito, se tal trecho fora publicado no dia 12 de fevereiro de 1836, Kierkegaard já no dia 18 seguinte teria publicada sua réplica,²⁰² desta feita assinada sob o pseudônimo de ‘B.’, e novamente no jornal de J.L. Heiberg, a saber, o *Correio voador de Copenhague* [*Kjøbenhavns flyvende Post*], de coloração conservadora. E se até então sua posição ideológica, arvorado em *réflecteur*, podia não ter ficado completamente clara, neste curto artigo ela seria algo mais explicitada, e isto desde suas primeiras linhas.

Pois Kierkegaard decide ali introduzir sua discussão servindo-se de uma epígrafe contendo três versos do poeta Adam Oehlenschläger (1779-1850), cuja obra *Poemas* [*Digte*], lançada no dia de natal de 1802, marcara o surgimento do romantismo na Dinamarca. Foi, então, na qualidade de defensor da ‘época dourada dinamarquesa’ que Kierkegaard decidiu contra-atacar Lehmann.

Neste sentido, após uma introdução na qual retoma, retorcendo, assim como distorcendo, muitas das expressões de Lehmann, o que, aliás, é feito ao longo de todo o seu artigo, precisamente com o intuito de esvaziá-las de seu poder de oratória, Kierkegaard aborda uma questão que neste momento lhe incomoda, a saber, como saber que uma época histórica passou? Em outras palavras: é a história uma ciência positiva, sujeita a leis e demarcações não apenas imutáveis, mas, sobretudo, inquestionáveis? Ou ainda, em termos mais ironicamente kierkegaardianos: *o futuro já chegou*? Pois, de fato, no artigo em questão, Kierkegaard, após novamente invocar a figura de Don Quixote de forma a ridicularizar os esforços dos (jornalistas) liberais, formula suas dúvidas quanto ao giro para o futuro nos seguintes termos:

²⁰¹ LEHMANN, Orla. Trykkefrihedssagen V. In: PETERSEN, Teddy. *Kierkegaards polemiske debut*. Odense: Odense Universitetsforlag, 1977. p. 61, 63-65; LEHMANN, Orla. Press Freedom Affair V. In: KIERKEGAARD. *Early polemical writings*. Edited and translated by J. Watkin. Princeton: Princeton University Press, 1990. p. 135, 138-139

²⁰² KIERKEGAARD, Søren. Kjøbenhavnspostens Morgenbetragtninger i Nr. 43. In: PETERSEN, Teddy. *Kierkegaards polemiske debut*. Odense: Odense Universitetsforlag, 1977. p. 66-71; KIERKEGAARD, Søren. The morning observations in Kjøbenhavnspostens No. 43. In: KIERKEGAARD, Søren. *Early polemical writings*. Edited and translated by J. Watkin. Princeton: Princeton University Press, 1990. p. 6-11

Há, certamente, uma grande diferença entre este tempo descrito pelo *Correio de Copenhague* e o tempo que se inicia a partir da conhecida metamorfose [significando a passagem de jornal estético a político] do *Correio de Copenhague*. Mas quando foi este tempo? [...] Ele se inicia em 1799. Mas quando ele termina? Sim, o nó [*Knuden*] é exatamente esse (tradução nossa).²⁰³

Como visto, a situação vivida por Kierkegaard neste momento representa à perfeição o ambiente mental ou intelectual tal qual promovido pela Revolução Francesa e que caracterizaria o século XIX como um todo, ambiente este que, por sua vez, foi magistralmente descrito por Koselleck através das seguintes palavras, com algumas diferenças, porém: Koselleck fala na citação a seguir do contexto imediatamente anterior à Revolução, daí seu caráter ‘apolítico’, o qual, conseqüentemente, mantinha o encobrimento da crise para os próprios críticos; já o contexto no qual Kierkegaard estava inserido já se mostrava fortemente marcado pela política. De qualquer maneira, eis as palavras de Koselleck:

[a] certeza progressista da vitória e as visões escatológicas do juízo final não se excluíam, mas, antes, fundavam-se igualmente na certeza apolítica dos vereditos burgueses. Estes são projetados no futuro e, para os homens esclarecidos, determinam o desenvolvimento, a natureza e o fim da crise. O futuro parece ter sido alcançado.²⁰⁴

Em outras palavras, Kierkegaard buscava através de tais questões minar precisamente os pressupostos modernistas ou progressistas de seus interlocutores ‘burgueses’. Não obstante, isso é feito de maneira

²⁰³ KIERKEGAARD, Søren. Kjøbenhavnspostens Morgenbetragtninger i Nr. 43. In: PETERSEN, Teddy. *Kierkegaards polemiske debut*. Odense: Odense Universitetsforlag, 1977. p. 68; KIERKEGAARD, Søren. The morning observations in Kjøbenhavnspostens No. 43. In: KIERKEGAARD, Søren. *Early polemical writings*. Edited and translated by J. Watkin. Princeton: Princeton University Press, 1990. p. 8

²⁰⁴ KOSELLECK, Reinhart. *Crítica e crise: uma contribuição à patogênese do mundo burguês*. Trad. Luciana V.-B. Castelo-Branco. Rio de Janeiro: Ed. UERJ; Contraponto, 1999. p. 158

socrática, ou seja, de maneira indireta, no que a questão é formulada em termos fundamentalmente estéticos, para detrimento da política. Daí o fato de Kierkegaard se incomodar com a descrição feita por Lehmann acerca do passado recente da literatura dinamarquesa, no que ele então explicita seu ponto de vista nem tão neutro assim como queria fazer crer o *réflecteur*:

E como era constituído aquele tempo, aquele tempo sentimental-idílico, o qual – que isto seja dito entre parênteses – se caracteriza como a maior atividade literária que talvez jamais tenha visto a Dinamarca; – como era [aquele tempo] constituído? [...] E ainda que seja um fato que na[quela] época de aflição se olhava para trás para os dias de prosperidade desaparecidos, havia algum mal nisso? Deve-se ter consciência de que havia algo de errado e triste na época, já que era isso o que nos determinava a olhar para trás. E não é a consciência do que se foi uma vez exatamente o mais revigorante [*det meest Styrkende*] [estímulo] para uma nova e poderosa atividade? Eu sei bem que tal como acontece com os estados, tal acontece com seres humanos individuais [*enkelte Mennesker*], e que um indivíduo que nunca foi bom em nada sempre tem uma espantosa pressa em relação ao tempo [*en forskrækkelig Hastværk ind i Tiden*, literalmente *dentro do tempo*] e nunca ousa olhar em seu redor, [de modo que] a abominação da ruína a permanecer atrás de si não o petrifique como a esposa de Ló de outrora; mas para aquele que teve melhores tempos, uma tal retrospectção [*Tilbageskuen*] se mostra útil [*gavnlig*] em seu mais alto grau.²⁰⁵

²⁰⁵ KIERKEGAARD, Søren. Kjøbenhavnspostens Morgenbetragtninger i Nr. 43. In: PETERSEN, Teddy. *Kierkegaards polemiske debut*. Odense: Odense Universitetsforlag, 1977. p. 69; KIERKEGAARD, Søren. The morning observations in Kjøbenhavnspostens No. 43. In: KIERKEGAARD, Søren. *Early polemical writings*. Edited and translated by J. Watkin. Princeton: Princeton University Press, 1990. p. 9.

A retrospectiva é, portanto, defendida por Kierkegaard como uma situação ou uma atitude existencial tão válida quanto outra qualquer, no que ele de fato tem razão, pois do ponto de vista estritamente existencial, como não justificar semelhante atitude em pessoas que estejam sofrendo de fato, não interessando o motivo do sofrimento? Pois *quem* pode dizer o que elas *devem* fazer? E mesmo que não estejam sofrendo, não se pode simplesmente gostar do passado, e mesmo preferi-lo ao presente, tal qual o personagem de nome Gil Pender presente no filme *Meia-Noite em Paris* do cineasta Woody Allen, o qual, não obstante, acaba se resignando ao seu tempo contemporâneo? Há, em suma, uma única maneira de se encarar ou conceber a vida? Ou em termos histórico-políticos, já que o próprio Kierkegaard reconhece uma certa analogia entre a vida individual e a coletiva, não se pode conceber um tipo de desenvolvimento que leve em consideração o passado e tudo o que este teve de melhor? O que implica perguntar-se se a noção moderna de progresso tem *necessariamente* de constituir-se a partir da metáfora da *tabula rasa*? Neste sentido, vale precisar que Kierkegaard não parece advogar pura e simplesmente a *nostalgia*, dado que ele concebe a retrospectiva como um meio de fortalecer seja a vida individual, seja a vida social com vistas ao presente e ao futuro. Em outras palavras, Kierkegaard não é neste momento, como em nenhum outro – dado o seu *individualismo* – um reacionário, e sim um conservador moderado.

Enfim, Kierkegaard, aparentemente brincando, acaba por levantar algumas questões seriíssimas, as quais tocam em alguns dos pontos nevralgicos da condição humana na modernidade, já que tais questões abordam o uso, particularmente político, da história, o qual, por sua vez, mostrar-se-ia cada vez mais presente na vida cotidiana de milhares de indivíduos de todos os cantos do globo ao longo dos séculos XIX e XX. E ainda que Kierkegaard não tenha se dado o trabalho, seja neste texto, seja em qualquer outro, de desenvolver tal problemática tal qual faria um Nietzsche particularmente em sua *Consideração Intempestiva II*, aquela especificamente sobre a utilidade e a desvantagem da história para a vida,²⁰⁶ não obstante ela é de importância fundamental para ele também, dado que a filosofia da história, particularmente aquela mitologizada pelo hegelianismo, seria uma de suas *bêtes noires* favoritas.

²⁰⁶ NIETZSCHE, Friedrich. Unzeitgemässe Betrachtungen II. Vom Nutzen und Nachtheil der Historie für das Leben. In: NIETZSCHE, Friedrich. *Kritische Studienausgabe*. Herausgegeben von G. Colli und M. Montinari. Berlin: DTV & de Gruyter, 1999. bd. 1, p. 243-334

De qualquer maneira, tal ceticismo de fundo romântico acaba por ser a posição de Kierkegaard no início de 1836 acerca do uso particularmente político da história, a qual seria novamente colocada à prova no embate que viria a seguir, desta vez com o jornal *A Pátria*.

2.2.4 ‘Sobre a polêmica de A Pátria’

Como visto anteriormente, no que Lehmann decidira tornar público, ao levar para o âmbito jornalístico o teor das discussões ocorridas durante o mês de novembro do ano anterior na Associação de Estudantes da Universidade de Copenhague, ele, conseqüentemente, implícita ou explicitamente convidava outros participantes a entrar no debate. Pois seguindo tal lógica, no dia 04 de março saíria, desta vez no jornal *A Pátria* [*Fædrelandet*], uma resenha ou crítica que abordava precisamente o debate mais geral sobre o jornalismo liberal, o qual incluía, conseqüentemente, algumas palavras acerca do ultimo artigo de Kierkegaard. Assim, sob o título ‘*Sobre a polêmica do Correio voador*’,²⁰⁷ outro engajado jornalista de tendência liberal, Johannes Hage (1800-1837), faria com que a polêmica tomasse uma nova dinâmica, já que se colocava como árbitro entre Kierkegaard e Lehmann.

Mais exatamente, Hage, então editor do jornal *A Pátria* [*Fædrelandet*], sai em tal artigo em defesa de seu colega Lehmann, por mais que este pertencesse à outra folha, sendo o denominador comum entre elas a adesão ao liberalismo e, conseqüentemente, aos projetos reformistas. Isto, por sua vez, acrescido do fato de que Hage passa em revista outros artigos, faz com que deste ponto em diante a discussão se torne mais complexa, com várias idas e vindas entre artigos e autores diferentes, o que complica em boa medida o entendimento das peças seguintes. Mas para dizer a verdade, o problema, contudo, talvez não estivesse no razoável, ainda que confuso artigo de Hage, e sim na obstinação com que Kierkegaard encarava todo este debate, já que, no final das contas, o que

²⁰⁷ HAGE, Johannes. Om Flyvepostens Polemik. In: PETERSEN, Teddy. *Kierkegaards polemiske debut*. Odense: Odense Universitetsforlag, 1977. p. 73-78; HAGE, Johannes. On the polemic of the *Flyvende Post*. In: KIERKEGAARD, Søren. *Early polemical writings*. Edited and translated by J. Watkin. Princeton: Princeton University Press, 1990. p. 142-148

provavelmente estava em xeque para ele era exatamente sua entrada, assim como sua manutenção, no âmbito literário.

Pois quanto a Kierkegaard, Hage critica sua atitude ao alegar que esta caracterizar-se-ia mais por zombaria e chistes espirituosos do que por uma industriosa coleção de fatos concretos que ajudariam a discutir a realidade efetiva.²⁰⁸ Neste sentido, Hage critica a atitude de Kierkegaard ao considerar ser

[...] suficientemente fácil detectar alguma deficiência na forma dos artigos d'A *Pátria*; uma asserção não é feita de maneira suficientemente forte; uma palavra é infelizmente escolhida – nisto há uma oportunidade conveniente de se encher o papel por um preço muito baixo (tradução nossa).²⁰⁹

Pirotecnia retórica, aliada a uma desesperada tentativa de chamar a atenção para si mesmo, tal parece ser fundamentalmente a crítica de Hage a Kierkegaard. De fato, ainda que Hage visse no artigo do ainda mascarado Kierkegaard uma peça literária bem-escrita, ele reclamava precisamente do uso de ironia e habilidades dialéticas a serviço de “[...] um pequeno eu próprio [...]”, através do que ele criticava o que tomava como egocentrismo de seu autor.²¹⁰

Para além deste tipo mais pessoal de crítica, Hage também discute com Kierkegaard a partir do terreno da filosofia da história, no que ele levava o seguinte em consideração:

[...] no que diz respeito àquela retrospectão [*Tilbagekuen*] em relação ao tempo passado

²⁰⁸ HAGE, Johannes. Om Flyvepostens Polemik. In: PETERSEN, Teddy. *Kierkegaards polemiske debut*. Odense: Odense Universitetsforlag, 1977. p. 72; HAGE, Johannes. On the polemic of the Flyvende Post. In: KIERKEGAARD, Søren. *Early polemical writings*. Edited and translated by J. Watkin. Princeton: Princeton University Press, 1990. p. 142

²⁰⁹ HAGE, Johannes. Om Flyvepostens Polemik. In: PETERSEN, Teddy. *Kierkegaards polemiske debut*. Odense: Odense Universitetsforlag, 1977. p. 72; HAGE, Johannes. On the polemic of the Flyvende Post. In: KIERKEGAARD, Søren. *Early polemical writings*. Edited and translated by J. Watkin. Princeton: Princeton University Press, 1990. p. 142

²¹⁰ HAGE, Johannes. Om Flyvepostens Polemik. In: PETERSEN, Teddy. *Kierkegaards polemiske debut*. Odense: Odense Universitetsforlag, 1977. p. 75; HAGE, Johannes. On the polemic of the Flyvende Post. In: KIERKEGAARD, Søren. *Early polemical writings*. Edited and translated by J. Watkin. Princeton: Princeton University Press, 1990. p. 144

[*svundne Tid*], é compreensível que uma pessoa viva nele, mas isso não deve, contudo, enfraquecer a força através da qual a gente deva encontrar o futuro [*møde Fremtiden*]; pois é exatamente isso com o que temos proximamente com que lidar, e se é errado ter, como simbolicamente se expressa o Correio Voador [isto é, Kierkegaard], pressa em relação ao tempo [*Hastværk ind i Tiden*, uma vez mais, literalmente ‘pressa *dentro* do tempo’], então é tão errado colocar-se indolente e covardemente [*at gaae dorsk og modløs*] dentro do tempo (tradução nossa).²¹¹

Como visto, a questão toda dizia respeito à maneira como colocar-se diante, ou melhor, *dentro do tempo*: os liberais, inebriados pelo progresso, buscando apressá-lo, e Kierkegaard, por sua vez, querendo para-lo, por mais que fosse com vistas a apenas discutir a sua aceleração. De qualquer modo, Hage encerra sua crítica dizendo-se indiferente a futuras controvérsias que não se baseassem em objeções bem-fundamentadas.²¹²

No entanto, como se pode imaginar, seu oponente não estava disposto a se entregar tão facilmente, como se pode depreender de sua epígrafe, a qual, assim como no seu artigo anterior, Kierkegaard utiliza tanto como introdução ao tema, quanto como indicação de seu estado de espírito. De fato, em sua nova réplica, servindo-se de alguns versos do libreto de Mozart para a ópera *Figaro*, ele avisa: “Não, vós dançareis de acordo com minha música” (tradução nossa).²¹³ Tal é, pois, seu estado de espírito logo na abertura do artigo de título ‘*Sobre*

²¹¹ HAGE, Johannes. Om Flyvepostens Polemik. In: PETERSEN, Teddy. *Kierkegaards polemiske debut*. Odense: Odense Universitetsforlag, 1977. p. 74; HAGE, Johannes. On the polemic of the Flyvende Post. In: KIERKEGAARD, Søren. *Early polemical writings*. Edited and translated by J. Watkin. Princeton: Princeton University Press, 1990. p. 143-144

²¹² HAGE, Johannes. Om Flyvepostens Polemik. In: PETERSEN, Teddy. *Kierkegaards polemiske debut*. Odense: Odense Universitetsforlag, 1977. p. 78; HAGE, Johannes. On the polemic of the Flyvende Post. In: KIERKEGAARD, Søren. *Early polemical writings*. Edited and translated by J. Watkin. Princeton: Princeton University Press, 1990. p. 148

²¹³ KIERKEGAARD, Søren. Om Fædrelandets Polemik. In: PETERSEN, Teddy. *Kierkegaards polemiske debut*. Odense: Odense Universitetsforlag, 1977. p. 78; KIERKEGAARD, Søren. On the polemic of Fædrelandet. In: KIERKEGAARD, Søren. *Early polemical writings*. Edited and translated by J. Watkin. Princeton: Princeton University Press, 1990. p. 12

a polêmica de *A Pátria*’, publicado, tal qual nas vezes anteriores, no conservador *Correio voador de Copenhagen*, isto no dia 12 de março de 1836.

Lá, pois, o anônimo autor ‘B.’ confessa ter sido “[...] esta confusa compreensão do passado o que provocou nosso ataque [Angreb] [...]”,²¹⁴ no que ele, não aceitando de forma alguma o epíteto de *sentimental-idílico* para o recente passado dinamarquês, uma vez mais afirma sua fidelidade para com o princípio estético sobre o sócio-político. E, novamente tal qual Burke, Kierkegaard faz questão de utilizar precisamente neste contexto um termo que reflete bem o seu sentimento em relação àquela época passada, a saber, o da *admiração*:

Se aquela época realmente tivesse sido fraca [svag], então ela teria sucumbido sob todos aqueles violentos sofrimentos, sua vida teria sido uma sombra de vida [*et Skyggeliv*]; mas longe de ser esse o caso, nós precisamente devemos admirar [*beundre*] sua rica abundância poética. De modo que é uma injustiça, assim como uma inconsistência psicológica, descrever aquele tempo como tendo sido sentimental-idílico [...] (tradução nossa).²¹⁵

²¹⁴ KIERKEGAARD, Søren. Om Fædrelandets Polemik. In: PETERSEN, Teddy. *Kierkegaards polemiske debut*. Odense: Odense Universitetsforlag, 1977. p. 81; KIERKEGAARD, Søren. On the polemic of Fædrelandet. In: KIERKEGAARD, Søren. *Early polemical writings*. Edited and translated by J. Watkin. Princeton: Princeton University Press, 1990. p. 15

²¹⁵ KIERKEGAARD, Søren. Om Fædrelandets Polemik. In: PETERSEN, Teddy. *Kierkegaards polemiske debut*. Odense: Odense Universitetsforlag, 1977. p. 84; KIERKEGAARD, Søren. On the polemic of Fædrelandet. In: KIERKEGAARD, Søren. *Early polemical writings*. Edited and translated by J. Watkin. Princeton: Princeton University Press, 1990. p. 18. Burke, por sua vez, escrevera: “De forma a evitar os males da inconstância e da versatilidade, dez mil vezes piores do que aqueles da obstinação e do mais cego preconceito, nós consagramos o estado, de maneira que nenhum homem deva tratar de olhar para seus defeitos ou corrupções senão com devida precaução; para que ele nunca sonhe de começar sua reforma por sua subversão; para que ele encare as faltas do estado como as feridas de um pai, com pia admiração [*awe*] e tremulante solicitude” (tradução nossa). BURKE, Edmund. *Reflections on the revolution in France*. Ed. by J.C.D Clark. Stanford, CA: Stanford University Press, 2001. p. 260. Cabe lembrar, porém, que Kierkegaard teria um papel fundamental precisamente no dismantelamento da ligação estado-religião na Dinamarca a partir de finais da década de 1840, no que ele próprio faria com que tal tipo de *admiração* descrita por Burke viesse por terra.

Para Kierkegaard, longe daquele tempo ter sido pura e simplesmente ‘sentimental-idílico’, como o descrevera Lehmann, o mais correto seria reconhecer que precisamente seu vigor estético era o que lhe dava seu caráter, dado que, como ele explica uma vez mais recorrendo a uma analogia entre a vida histórica e a vida individual, um desenvolvimento vigoroso na vida intelectual seria uma espécie de compensação no indivíduo acometido por tristezas e preocupações, tornando-se, dessa forma, seu maior bem.²¹⁶ Conseqüentemente, Kierkegaard considera ser uma verdadeira injustiça não reconhecer precisamente no que a época tinha de melhor ou de mais vigoroso a sua maior qualidade, dado que, como ele diz,

Uma época [*Tidsalder*] não pode fazer tudo; e se nossa época contemporânea [*Samtid*] conseguir trazer sua inteligência política a um ponto semelhante à estética naquele tempo, então ela poderá se deitar tranquilamente em sua sepultura [...] (tradução nossa).²¹⁷

Uma vez mais, portanto, o *réflecteur* acaba por declarar seu ‘partido’, a saber, o da estética romântica em sua variante anti-social; não obstante, tal passagem comporta uma brecha, a partir da qual se torna lícito conceber um vislumbre, da parte de Kierkegaard, de uma época efetivamente política. De fato, Kierkegaard, ainda que declaradamente um partidário da estética, parece ali dar mostras de manter uma mentalidade aberta para a política, desde que esta, em seu esforço reformatório e/ou emancipatório, fosse investida de uma mesma dose de seriedade, assim como de grandiosidade, tal qual animara o espírito dos maiores escritores e estetas do recente passado dinamarquês. E seguindo esta linha de raciocínio, Kierkegaard reitera sua vontade no sentido de traçar ou aceitar uma linha de

²¹⁶ KIERKEGAARD, Søren. Om Fædrelandets Polemik. In: PETERSEN, Teddy. *Kierkegaards polemiske debut*. Odense: Odense Universitetsforlag, 1977. p. 84; KIERKEGAARD, Søren. On the polemic of Fædrelandet. In: KIERKEGAARD, Søren. *Early polemical writings*. Edited and translated by J. Watkin. Princeton: Princeton University Press, 1990. p. 18

²¹⁷ KIERKEGAARD, Søren. Om Fædrelandets Polemik. In: PETERSEN, Teddy. *Kierkegaards polemiske debut*. Odense: Odense Universitetsforlag, 1977. p. 84; KIERKEGAARD, Søren. On the polemic of Fædrelandet. In: KIERKEGAARD, Søren. *Early polemical writings*. Edited and translated by J. Watkin. Princeton: Princeton University Press, 1990. p. 19

aproximação ou de acordo entre o seu ponto de vista e o de seus adversários ao reconhecer que concordava fundamentalmente com a réplica que estipulava que uma tal atitude retrospectiva não deveria se limitar à mera nostalgia, e sim que a retrospecção, tal qual ele a compreendia, era no fundo uma forma de preparar o futuro.²¹⁸ Em suma, Kierkegaard dá mostras neste artigo no sentido de reconhecer que, em alguns pontos pelo menos, a diferença entre seu ponto de vista e o dos liberais dizia respeito mais à *forma* na qual estava posta a ideia do que a ela própria.²¹⁹

De modo que tal parece ser, em suma, a moral do ambíguo artigo de Kierkegaard publicado em março de 1836 sob o título *Sobre a polêmica de A Pátria*. No entanto, tal qual nas outras ocasiões, outras réplicas viriam em seguida no decorrer de uma nova fase da polêmica, desta vez, a última na qual Kierkegaard tomaria parte.

2.2.5 ‘Ao Sr. Orla Lehmann’

Pois desta vez seria novamente Orla Lehmann a tomar a palavra, desta vez sem o recurso a um pseudônimo, para se defender dos ataques de Kierkegaard, isto no artigo intitulado ‘*Réplica ao Sr. B. do Correio voador*’, publicado no dia 31 de março de 1836.²²⁰ Contudo, nesta ocasião o tom passa a ser algo mais moderado, dado que, buscando acertar as contas em definitivo com o tal sr. ‘B.’, Lehmann visa explicitar o motivo que teria gerado toda a confusão entre ambas as partes, no que aborda, uma vez mais, a questão acerca da interpretação da história recente da Dinamarca.

Antes disso, porém, Lehmann faz questão de explicitar que seu adversário não estaria de fato interessado em uma séria e construtiva discussão política, e sim “[...] no conflito pelo conflito [...]” (tradução

²¹⁸ KIERKEGAARD, Søren. Om Fædrelandets Polemik. In: PETERSEN, Teddy. *Kierkegaards polemiske debut*. Odense: Odense Universitetsforlag, 1977. p. 82-83; KIERKEGAARD, Søren. Om Fædrelandets Polemik. In: PETERSEN, Teddy. *Kierkegaards polemiske debut*. Odense: Odense Universitetsforlag, 1977. p. 16-17

²¹⁹ KIRMMSE, Bruce. *Kierkegaard in golden age Denmark*. Bloomington: Indiana Univesity Press, 1990. p. 50

²²⁰ LEHMANN, Orla. Svar til Flyvepostens Hr. B. In: PETERSEN, Teddy. *Kierkegaards polemiske debut*. Odense: Odense Universitetsforlag, 1977. p. 88-93; LEHMANN, Orla. Reply to Mr. B. of the Flyvende Post. In: KIERKEGAARD, Søren. *Early polemical writings*. Edited and translated by J. Watkin. Princeton: Princeton University Press, 1990. p. 152-159

nossa).²²¹ Mais precisamente, Lehmann critica a atitude de seu adversário como o “[...] sistema de se pegar artigos específicos, às vezes até mesmo frases específicas de um artigo, de maneira a apontar verdadeiras ou supostas contradições sem sequer jamais vir adiante com uma política própria, com novos fatos ou com informações melhores” (tradução nossa).²²² Neste sentido, Lehmann confessa não ter compreendido, mesmo tendo a discussão se estendido durante tantos meses, tanto de maneira oral quanto escrita, qual seria o *real* motivo das críticas do sr. ‘B.’, isto é, de Kierkegaard, tanto aos seus artigos, quanto aos de seus colegas; de fato, para ele é como se “[...] o cerne [da argumentação de Kierkegaard] est[ivesse] escondido dentro de uma casca muito grossa” (tradução nossa).²²³

Não obstante, ele arrisca uma interpretação, a saber, a de que a diferença fundamental entre eles residiria na compreensão divergente acerca do período anterior da história dinamarquesa:

Se perguntarmos agora o que o Sr. B. do *Correio voador* encontra nisto para reclamar, então eu espero ter corretamente compreendido sua intenção quando assumo o seguinte: que o artigo no *Correio de Copenhague* fora parcial e injusto ao avaliar de forma excessivamente baixa o passado e de forma excessivamente alta o presente. A primeira é dita como a colocação de sua [do *Correio de Copenhague*] ênfase apenas no lado escuro desta época, enquanto que seu lado mais claro, a saber, sua capacidade literária, especialmente estética, assim como a resiliência com a qual o povo aguentou todos os seus infortúnios, foi vista apenas como transiente; a

²²¹ LEHMANN, Orla. Svar til Flyvepostens Hr. B. In: PETERSEN, Teddy. *Kierkegaards polemiske debut*. Odense: Odense Universitetsforlag, 1977. p. 89; LEHMANN, Orla. Reply to Mr. B. of the Flyvende Post. In: KIERKEGAARD, Søren. *Early polemical writings*. Edited and translated by J. Watkin. Princeton: Princeton University Press, 1990. p. 153

²²² LEHMANN, Orla. Svar til Flyvepostens Hr. B. In: PETERSEN, Teddy. *Kierkegaards polemiske debut*. Odense: Odense Universitetsforlag, 1977. p. 88; LEHMANN, Orla. Reply to Mr. B. of the Flyvende Post. In: KIERKEGAARD, Søren. *Early polemical writings*. Edited and translated by J. Watkin. Princeton: Princeton University Press, 1990. p. 152

²²³ LEHMANN, Orla. Svar til Flyvepostens Hr. B. In: PETERSEN, Teddy. *Kierkegaards polemiske debut*. Odense: Odense Universitetsforlag, 1977. p. 93; LEHMANN, Orla. Reply to Mr. B. of the Flyvende Post. In: KIERKEGAARD, Søren. *Early polemical writings*. Edited and translated by J. Watkin. Princeton: Princeton University Press, 1990. p. 158

segunda é dita como aquela que erroneamente atribui ao ímpeto reformista de nosso tempo um vigor que ele não possui (tradução nossa).²²⁴

Como visto, o próprio Lehmann reconhecia que a questão dizia respeito à entrada da Dinamarca na era da filosofia da história. Neste sentido, Lehmann esclarece que, no que desenvolvera sua argumentação a respeito do passado, não visara, de forma alguma, discorrer sobre outros âmbitos ou aspectos que não fossem da ordem da política, já que, como ele diz a respeito de seus artigos “[...] aqui não era questão de se manter uma característica abrangente para uma época específica, mas apenas de seguir uma certa tendência desde seu ponto de partida, passando por sua decadência, até chegar à sua ressurreição” (tradução nossa).²²⁵ Isto, por sua vez, faz então com que Lehmann interprete as críticas de seu adversário como baseadas em uma mera questão de gosto e, neste sentido, ele faz questão de advertir o mesmo, como se estivesse a aconselhá-lo a respeito do futuro: “[...] a direção inteira de nossa época [...] tende a democratizar [*at demokratisere*] tudo, riqueza, ciência, sim, até mesmo caráter [...]” (tradução nossa),²²⁶ no que dava a entender que divergências de gosto seriam doravante cada vez mais comuns.

Por fim, Lehmann, antes de assinar seu artigo com o próprio nome, diferentemente do que havia feito na sequência que dera origem à parte impressa da polêmica, uma vez mais coloca em dúvida a seriedade do sr. ‘B.’, considerando suas réplicas mais como exercícios estilísticos de teor humorístico, no que dava a entender que sua intenção maior ou mais profunda seria a de divertir o público, isto em detrimento de discussões sérias e responsáveis baseadas em informações sólidas e relevantes.²²⁷ E como se fosse para não sair da dinâmica da democracia,

²²⁴ LEHMANN, Orla. Svar til Flyvepostens Hr. B. In: PETERSEN, Teddy. *Kierkegaards polemiske debut*. Odense: Odense Universitetsforlag, 1977. p. 90-91; LEHMANN, Orla. Reply to Mr. B. of the Flyvende Post. In: KIERKEGAARD, Søren. *Early polemical writings*. Edited and translated by J. Watkin. Princeton: Princeton University Press, 1990. p. 155

²²⁵ LEHMANN, Orla. Svar til Flyvepostens Hr. B. In: PETERSEN, Teddy. *Kierkegaards polemiske debut*. Odense: Odense Universitetsforlag, 1977. p. 91; LEHMANN, Orla. Reply to Mr. B. of the Flyvende Post. In: KIERKEGAARD, Søren. *Early polemical writings*. Edited and translated by J. Watkin. Princeton: Princeton University Press, 1990. p. 155-156

²²⁶ LEHMANN, Orla. Svar til Flyvepostens Hr. B. In: PETERSEN, Teddy. *Kierkegaards polemiske debut*. Odense: Odense Universitetsforlag, 1977. p. 92; LEHMANN, Orla. Reply to Mr. B. of the Flyvende Post. In: KIERKEGAARD, Søren. *Early polemical writings*. Edited and translated by J. Watkin. Princeton: Princeton University Press, 1990. p. 157

²²⁷ LEHMANN, Orla. Svar til Flyvepostens Hr. B. In: PETERSEN, Teddy. *Kierkegaards polemiske debut*. Odense: Odense Universitetsforlag, 1977. p. 93; LEHMANN, Orla. Reply to

tornada explícita pelo próprio Lehmann neste seu artigo, tais críticas seriam assimiladas e reformuladas em novas críticas, potencialmente portadoras ou criadoras de novas críticas, tal qual o crítico artigo seguinte do hiper-crítico Kierkegaard.

E eis que lá ele começa reclamando da confusão na qual se transformara este imenso debate jornalístico, esta “[...] guerra de trinta anos [...]”, pois “[...] quando escrevo contra o *Correio de Copenhague*, *A Pátria* responde, e quando escrevo contra *A Pátria*, o *Correio de Copenhague* responde, e só Deus sabe por quanto tempo esta antífona [*Vexelsang*] há de perdurar [...]”²²⁸, no que ele acrescentava:

[p]arece, portanto, como se eu tivesse chegado a me sentar na cadeira das maravilhas [*Forundringsstolen*, nome de um jogo infantil de adivinhação] [com] os liberais ora dançando em multidão em volta dela [...], ora individualmente dando um passo adiante para dizer o que os maravilhava [...] (tradução nossa).²²⁹

Em suma, era a concretização do prognóstico de Heine acerca da revolução de 1830, ou seja, as línguas estavam de fato soltas.

Pois dando seqüência a sua argumentação, repleta, aliás, de citações de frases dos participantes do debate, além do recrudesimento de silogismos compostos a partir da mais fria lógica, tudo isto contribuindo para que este artigo chegue próximo ao caos retórico absoluto, Kierkegaard desenvolve então sua objeção principal presente neste artigo, a saber, a de que sua divergência a respeito das posições liberais não poderia ser resumida a uma questão estilística, já que, como ele concebe tal questão,

Mr. B. of the Flyvende Post. In: KIERKEGAARD, Søren. *Early polemical writings*. Edited and translated by J. Watkin. Princeton: Princeton University Press, 1990. p. 158

²²⁸ KIERKEGAARD, Søren. Til Hr. Orla Lehmann. In: PETERSEN, Teddy. *Kierkegaards polemiske debut*. Odense: Odense Universitetsforlag, 1977. p. 94; KIERKEGAARD, Søren. To Mr. Orla Lehmann. In: KIERKEGAARD, Søren. *Early polemical writings*. Edited and translated by J. Watkin. Princeton: Princeton University Press, 1990. p. 24

²²⁹ KIERKEGAARD, Søren. Til Hr. Orla Lehmann. In: PETERSEN, Teddy. *Kierkegaards polemiske debut*. Odense: Odense Universitetsforlag, 1977. p. 94; KIERKEGAARD, Søren. To Mr. Orla Lehmann. In: KIERKEGAARD, Søren. *Early polemical writings*. Edited and translated by J. Watkin. Princeton: Princeton University Press, 1990. p. 24

[...] seria perigoso [*farligt*] admitir que o equívoco na forma é uma questão de gosto [*Smagssag*], no sentido de que ‘cada um pode ter sua opinião’. Em certo sentido, ninguém pode negar esta [última proposição], pois não se pode em toda a eternidade proibir uma pessoa de ter sua opinião sobre o que quer que seja; mas desde que isto possa [*formodentlig*] significar que uma opinião é tão certa quanto outra, devemos protestar. Isto levaria à mais completa licenciosidade [*Tøilesløshed*] em um sentido estilístico, e [...] se este princípio fosse aceito, as regras sendo completamente abandonadas, [então] a mais completa anarquia [*det fuldkomneste Anarchie*] ocorreria em seu sentido literário (tradução nossa).²³⁰

Eis, aqui, pois, o cerne da questão, já que neste momento Kierkegaard vislumbra as consequências da abertura do campo literário, ou seja, a entrada dos valores democráticos no campo da literatura. Em outras palavras, Kierkegaard parece aqui aceitar o pressuposto antropológico da Revolução Francesa, a saber, o de que os seres humanos são fundamentalmente iguais (diante da lei); no entanto, levar tal idéia adiante, no sentido de dizer que absolutamente todos os seres humanos possuem idéias ou opiniões tão válidas ou verdadeiras quanto as outras, ou seja, aceitar as consequências *práticas* de tal pressuposto, isto é, assumir o subjetivismo enquanto princípio ordenador do mundo social, isto ele não estava disposto a fazer, dado que a pluralidade absoluta de valores, de acordo com sua interpretação, acabaria invalidando toda e qualquer discussão.

Com efeito, Kierkegaard nada mais faz aqui do que questionar os próprios pressupostos da argumentação de Lehmann, o qual falara na *democratização de tudo* em seu último artigo, o que faz com que o questionamento socrático de Kierkegaard neste trecho vá exatamente no sentido de se buscar fazer uma verdadeira escavação dos princípios democráticos e, conseqüentemente, dos pressupostos da modernidade,

²³⁰ KIERKEGAARD, Søren. Til Hr. Orla Lehmann. In: PETERSEN, Teddy. *Kierkegaards polemiske debut*. Odense: Odense Universitetsforlag, 1977. p. 96; KIERKEGAARD, Søren. To Mr. Orla Lehmann. In: KIERKEGAARD, Søren. *Early polemical writings*. Edited and translated by J. Watkin. Princeton: Princeton University Press, 1990. p. 27

pois a partir dos mesmos, como não reconhecer então que uma forma de governo – ou de qualquer outra coisa – não se resume no final das contas apenas a uma *questão de gosto*? E como então resolver precisamente o embate interminável que poderia se seguir de tal princípio,

a não ser que o Sr. Lehmann surja com uma emenda para o proposto princípio-da-confusão-de-gosto [*Smags-Forvirrings-Princip*], a saber, o de que cada um tem sua opinião e que a maioria de votos [*Stemmeffleerhed*] resolve as coisas. Se for assim como o Sr. Lehmann pretende ter a ‘ciência democratizada’, então esta certamente declinará tal científica brincadeira de carnaval [*videnskabelige Carnevallystigheder*] (tradução nossa).²³¹

Kierkegaard, ao invés de aceitar tal ligação mais imediata entre democracia – ou *progresso* – e verdade, decide usar precisamente a *ironia* como meio para se chegar, por mais indiretamente que fosse, à verdade. Com efeito, replicando, ou melhor, retomando as críticas reiteradamente feitas de que não estaria interessado, no decorrer da polêmica, fosse nos valores políticos, fosse na verdade em si, Kierkegaard uma vez mais questiona tais pressupostos, alegando precisamente que não haveria nada que impedisse ‘exercícios estilísticos de teor humorístico’ de visarem precisamente a verdade, por mais que pudessem ter efetivamente como meta mais imediata o puro ‘entretenimento’ dos outros.²³² Neste sentido, Kierkegaard vai um pouco além e ainda critica o estilo de seus opositores ao confessar que

[...] não me surpreendeu que os ditos senhores Hage e Lehmann tomaram meus artigos como se não fossem algo senão para divertir, pois [su]a forma certamente contrasta, em parte, com o estilo

²³¹ KIERKEGAARD, Søren. Til Hr. Orla Lehmann. In: PETERSEN, Teddy. *Kierkegaards polemiske debut*. Odense: Odense Universitetsforlag, 1977. p. 97; KIERKEGAARD, Søren. To Mr. Orla Lehmann. In: KIERKEGAARD, Søren. *Early polemical writings*. Edited and translated by J. Watkin. Princeton: Princeton University Press, 1990. p. 27-28

²³² KIERKEGAARD, Søren. Til Hr. Orla Lehmann. In: PETERSEN, Teddy. *Kierkegaards polemiske debut*. Odense: Odense Universitetsforlag, 1977. p. 101; KIERKEGAARD, Søren. To Mr. Orla Lehmann. In: KIERKEGAARD, Søren. *Early polemical writings*. Edited and translated by J. Watkin. Princeton: Princeton University Press, 1990. p. 32-33

circunspeto [*høitidelige*] de agente funerário que se encontra comumente no *Correio de Copenhague* [...] (tradução nossa).²³³

Em outros termos: uma retórica, ou mesmo uma *aparência* circunspecta, ou melhor, *idônea*, como se costuma dizer quando se tem a moralidade questionada, pode ser mais enganadora do que a mais pura e folgazona ironia. Eis aqui, pois, um belo ensinamento não exatamente assimilado por gerações e gerações de homens e mulheres democráticos, diga-se de passagem.

Por fim, Kierkegaard, seguindo a atitude de Lehmann em seu artigo anterior, assina pela primeira seu nome próprio em uma obra sua, o que confere a este artigo um valor especial dentro da produção kierkegaardiana. E ainda que a polêmica seguisse adiante, desta vez ela o faria sem a presença do *réflecteur* auto-desmascardo. São estas, pois, as linhas mestras do processo primeiro de reconhecimento do espírito do tempo na obra de Kierkegaard, a partir das quais ele viria a constituir – ainda que em sentido contrário – sua produção.

²³³ KIERKEGAARD, Søren. Til Hr. Orla Lehmann. In: PETERSEN, Teddy. *Kierkegaards polemiske debut*. Odense: Odense Universitetsforlag, 1977. p. 102; KIERKEGAARD, Søren. To Mr. Orla Lehmann. In: KIERKEGAARD, Søren. *Early polemical writings*. Edited and translated by J. Watkin. Princeton: Princeton University Press, 1990. p. 34

3 KIERKEGAARD E O PROBLEMA DA ‘MAIS NOVA GERAÇÃO’

*“Je suis très jeune, j’ai pu pécher contre la politique des tyrans,
blâmer des lois fameuses et des coutumes reçues;
mais parce que j’étais jeune,
il m’a semblé que j’en étais plus près de la nature”.*

(Saint-Just).

No que as sociedades europeias de finais do século XVIII e do início do século XIX reorganizaram suas perspectivas sociais de conjunto com vistas ao futuro, uma esfera da atividade humana até então mais ou menos menosprezada ganhou uma significação completamente nova, transformando-se assim tanto em um setor separado quanto em uma atividade especializada. Trata-se da *educação*, dado que através de tal passagem ela passa a ser cada vez mais concebida em termos de um investimento no futuro. Acontece, porém, que esta revolução trazia em seu âmago um valor potencialmente destrutivo, uma vez que pressupunha uma forma de economia social baseada na *juventude*, concebida precisamente como *poder* (ou *energia*) *de futuro*.²³⁴ Neste sentido, a década de 1830 não por acaso se colocou como a *década da juventude*²³⁵ e, no que diz respeito, pois, à análise da assunção de tal valor na França da década de 1830, dois momentos se impõem: a batalha literário-sócio-política em torno da peça teatral de Victor Hugo (1802-1885) intitulada *Hernani*, assim como o romance de Stendhal (1783-1842) de título *O vermelho e o negro* (*Le rouge et le noir*), ambos verdadeiros *acontecimentos* literários que tinham como pressuposto o

²³⁴ GAUCHET, Marcel. *Le désenchantement du monde: une histoire politique de la religion*. Paris: Gallimard, 1985. p. 350-352

²³⁵ Pois como coloca a questão um especialista em literatura francesa do período, “[q]uem quer que se vire para o jornalismo dos anos de 1830 não pode senão ser surpreendido pela freqüência com a qual se exprime uma inquietude que toca em todos os domínios da cultura e da inteligência, e que é sobretudo viva entre os jovens: poetas, dramaturgos, artistas em geral” (tradução nossa). BERTHIER, Patrick. Le thème du ‘grand homme de province à Paris’ dans la presse parisienne au lendemain de 1830. In: COLLOQUE DE LA SORBONNE, 2003, Paris. *Illusions perdues*. Ed. J.-L. Diaz et A. Guyaux. Paris: Presses de l’Université de Paris-Sorbonne, 2004. p. 25

novo estatuto da juventude em meio ao desenvolvimento das sociedades *modernas*. Kierkegaard, por sua vez, abordaria explicitamente esta problemática em seu primeiro livro, uma resenha literária de um romance de seu compatriota Hans Christian Andersen (1805-1875) publicada em 1838 e que trazia como pano de fundo a reencenação da querela dos antigos contra os modernos. Assim, é sobre essa problemática que me volto agora com o intuito de melhor explicitar os motivos mais profundos de sua crítica ao romancista e poeta Hans Christian Andersen.

3.1 A QUERELA DOS ANTIGOS E DOS MODERNOS EM TORNO DE HERNANI

Como se sabe, no que diz respeito a Victor Hugo foi sua obra propriamente *poética*, paralelamente às suas produções teatral, ensaística e novelística, aquela que de fato tanto estabeleceu quanto selou sua reputação na França. E eis que precisamente em sua primeira publicação no gênero, através da obra *Odes e Poesias Diversas* (*Odes et Poésies Diverses*), de 1822, este afirmava já desde as primeiras linhas de seu prefácio que

[e]xistem duas intenções na publicação deste livro, a intenção literária e a intenção política; mas, na concepção [*pensée*] do autor, a última é consequência da primeira, dado que a história do homens não apresenta poesia senão julgada do alto de ideias monárquicas e de crenças religiosas (tradução nossa).²³⁶

Por outro lado, sabe-se não menos que por volta de meados da década de 1820 sua concepção política começou a mudar, no que ele foi, portanto, do monarquismo ao liberalismo, acomodando-se mais tarde no

²³⁶ HUGO, Victor. *Odes et Ballades*. In: HUGO, Victor. *Œuvres Poétiques I*. Préface par G. Picon; Édition établie et annoté par P. Albouy. Paris: Gallimard, 1964. p. 265 (Bibliothèque de la Pléiade)

que poderia ser melhor descrito como republicanismo.²³⁷ Neste sentido, pois, a revolução de Julho pode ter tido alguma importância neste processo; não obstante, tal importância não pode ser sobreestimada, dado que tal conversão já estava consolidada na mente do ‘jovem poeta’ desde antes dela, como se pode comprovar através da chamada *batalha do Hernani*, ocorrida antes dessa revolução e considerada por muitos como um sinal pressagiador da mesma.

O fato é que no início de 1830, mais especificamente no dia 25 de Fevereiro, deu-se a estreia de sua tanto aguardada quanto debatida peça de título *Hernani*, escrita entre os dias 29 de Agosto e 24 de Setembro de 1829.²³⁸ O curioso, porém, é que o enorme interesse suscitado em torno da mesma se devia menos a si própria, ou seja, a seus méritos ou deméritos estritamente literários, ou mesmo dramaturgicos, do que à dinâmica estabelecida a partir da imbricação entre literatura e questões de ordem sócio-política. Dito em outros termos, a estréia de *Hernani* serviu aos *partidos literários*, ou seja, aos chamados *ultras* ou *classicistas*, por definição monarquistas e, por extensão *antigos*, assim como ao partido opositor, o dos *modernos* ou, de acordo com o contexto, o dos *românticos*, isto é, aqueles que esposavam a noção de *progresso* tanto em literatura quanto em política, como motivo para confrontação aberta, no que se revelou que a sociedade francesa estava dividida em duas partes.

Não obstante tal divisão maior, me interessa aqui o fato mais singular de que tal batalha, iniciada antes mesmo da primeira apresentação,²³⁹ deu ensejo a uma dinâmica muito própria da

²³⁷ Sobre tal período, Cf. BÉNICHOU, Paul. *Romantismes français*. Paris: Gallimard, 1996. v. 1, p. 355-381. Pelo fato da paginação ser corrida nos dois tomos da obra, considero-a como uma só.

²³⁸ Deste ponto em diante sigo as informações dadas por ALBOUY, Pierre. *Hernani*. Notice et notes. In: HUGO, Victor. *Œuvres Poétiques I*. Édition établie et annoté par P. Albouy. Paris: Gallimard, 1964. p. 1760-1769

²³⁹ Neste sentido, cabe lembrar que as obras literárias costumavam ser lidas por seus autores nos salões literários que costumavam frequentar, o que faz com que elas já fossem conhecidas por um reduzido número de pessoas antes mesmo de suas publicações propriamente ditas. Daí, por exemplo, que alguém como Stendhal (1783-1842), não obstante o equívoco em relação à data da apresentação, pudesse comentar em carta datada do dia 10 de Janeiro de 1830 a um conhecido inglês que “*Hernani*, tragédia do Sr. V. Hugo, mal imitada dos 2 *gentlemen of Verona* [sic] e de outras peças deste gênero do divino Shaks[peare] [sic], vai causar uma batalha no Teatro-Francês por volta do 6 [de] Fevereiro” (tradução nossa). STENDHAL. *Correspondance II: 1821-1834*. Préface par V. del Litto. Édition établie et annoté par H. Martineu e V. del Litto. Paris: Gallimard, 1967. p. 172 (Bibliothèque de la Pléiade)

modernidade, a saber, aquela relativa ao surgimento das *vanguardas*,²⁴⁰ no caso literárias, isto porque surgia precisamente neste contexto um grupo de fervorosos admiradores de Victor Hugo, geralmente mais novos do que ele e os de sua geração, ainda que não muito,²⁴¹ os quais, como será visto, desempenharam um papel primordial na batalha, assim como para muito além dela.

Mas quanto à batalha, vale apontar que assim que começaram os ensaios dos atores, os jornais das mais diferentes colorações começaram

²⁴⁰ Vale explicitar que o conceito de *vanguarda* (*avant-garde*), ainda que baseado na noção biológica de *geração*, pressupõe mutações, diferenças ou distanciamentos de ordem não mais biológica e sim de ordem intelectual, dado que tais mutações podem ocorrer no seio de uma *mesma* geração. Desse modo, quando Tocqueville (1806-1859), um dos mais argutos pensadores do período, discorria sobre a aceleração do tempo na modernidade através das seguintes palavras, “[...] entre as nações democráticas, cada nova geração é um novo povo [...]” (tradução nossa). TOCQUEVILLE, Alexis de. *Œuvres II: De la démocratie en Amérique II*. Édition publiée sous la direction d’André Jardin. Paris: Gallimard, 1992. p. 570. (Bibliothèque de la Pléiade), ele estava já *defasado* em termos de sua compreensão da vertiginosa aceleração do tempo, precisamente porque a noção de tempo passava a se descolar cada vez mais da noção biológica implícita no mesmo, passando a ser ditado pela noção de *moda*. Neste sentido, pois, vale explicitar que precisamente por volta da década de 1830 surgiram, em diferentes *metrópoles* europeias, as ‘tribos urbanas’, como se pode ver, por exemplo, no *Bildungsroman* de Thomas Carlyle (1795-1881) intitulado *Sartor Resartus*, originalmente publicado em fascículos em 1834; lá, pois, este, no que conduz seu personagem Diogenes Teufelsdröckh por Londres, dedica ao ‘corpo dandíaco’ (*dandiacal body*) as seguintes considerações: “[...] o que é que o Dandy exige [...]? Unicamente, podemos dizer, que vós venhais a reconhecer sua existência; [que vós venhais] a admitir sua existência como a de um objeto vivo; e, no caso de isto falhar, como [a de] um objeto visual, ou algo que reflita raios de luz. [...] Quanto ao resto, estas pessoas, animadas com o zelo de uma nova Seita, demonstram coragem e perseverança, e aquela força que há na natureza de um homem, ainda que nunca tão escravizada. Eles afetam grande pureza e separatismo; eles se distinguem por uma vestimenta particular [...]; da mesma maneira, na medida do possível, por um discurso particular (aparentemente uma *Língua-franca* quebrada, ou Inglês-Francês) [...]. Eles têm seus templos, dentre os quais o principal, como o Templo Judeu fazia, se encontra em sua metrópolis [...]. Nem mesmo Livros Sagrados faltam à Seita; estes eles chamam de Romances da Moda [*Fashionable Novels*]; no entanto, o Cânone não está completo, e alguns são canônicos enquanto que outros não” (tradução nossa). CARLYLE, Thomas. *Sartor Resartus: the life and opinions of Herr Teufelsdröckh in three books*. Ed. Roger Tarr. Berkeley: University of California Press, 2000. p. 201-203. Ora, Pierre Albouy, por sua vez, ao se referir a tal *destacamento* dos mais jovens românticos na batalha do *Hernani*, se serve precisamente da palavra ‘tribus’ para descrevê-los, no sentido exato de serem uma ‘tribo moderna’, com seus códigos, vestimentas e linguagem próprios. Cf. ALBOUY, Pierre. *Hernani*. Notice et notes. In: HUGO, Victor. *Œuvres Poétiques I*. Édition établie et annotée par P. Albouy. Paris: Gallimard, 1964. p. 1764

²⁴¹ Com efeito, Bénichou fala da *grande geração* romântica, aquela formada especificamente por Vigny, Hugo e Sainte-Beuve, Cf. BÉNICHOU, Paul. *Romantismes français*. Paris: Gallimard, 1996. v. 1, p. 331-390, os quais nasceram por volta de finais do século XVIII e início do século XIX (1797, 1802 e 1804, respectivamente), em contraposição àqueles que, como veremos, seriam denominados de *jovem-França*, nascidos a partir da década de 1810 e, neste sentido, pertencentes à mesmíssima geração de Kierkegaard (1813).

a disseminar notícias, ou melhor, *factóides* sobre a peça, os quais ajudaram em boa medida a acirrar os ânimos entres os membros dos dois partidos mencionados acima. E como se não bastasse, havia ainda a instituição da censura, a qual, neste caso, não pôde fazer muita coisa, já que o cerne da questão se encontrava para *além* do texto, residindo mais exatamente em um conflito de gerações, se é que se pode apontar uma causa principal em meio a tantas outras.

Mas, uma vez mais, para retornar ao que me interessa mais particularmente a respeito desta batalha, esta espécie de mini querela dos antigos contra os modernos, ou melhor, dos *modernos* – ou mesmo dos *mais* modernos – contra os *antigos*, o fato é que foram precisamente os *mais* modernos entre os modernos, ou seja, os mais jovens românticos que desempenharam o papel decisivo na batalha, já que coube a eles, com o aval do autor da peça, se colocarem como a tropa de frente – e a palavra francesa *avant-garde* significa exatamente isto – em termos do conflito propriamente dito com os *classicistas*, o que significou que ali, pois, coube a eles fazerem frente, isto tanto diante quanto dentro do teatro, à *claque* daqueles, para o que tinham até mesmo uma espécie de senha de guerra que utilizavam entre si. Em decorrência de tal estado de espírito, foram trocados no saguão de entrada do teatro entre os membros e aderentes dos dois partidos envolvidos não apenas impropérios, senão literalmente *detritos*, tal qual um pedaço de repolho lançado, supostamente pelos classicistas, sobre um dos membros recrutados por Hugo, ninguém mais ninguém menos do que Honoré Balzac (1799-1850), o qual ainda estava para virar *de* Balzac.²⁴²

Já outro membro, e dos mais destacados, entre os revoltosos, foi Théophile Gautier (1811-1872), o qual, para tal ocasião, vestiu um colete vermelho que o tornou praticamente imortal desde então na França;²⁴³ este, de fato, décadas mais tarde do acontecido o rememoraria nos seguintes termos:

Quando se assiste hoje a uma representação de *Hernani* a partir da interação entre os atores sobre um velho exemplar marcado à unhas nas margens para designar os trechos tumultuosos,

²⁴² GENGEMBRE, Gerard. *Balzac: Le Napoléon des lettres*. Paris: Gallimard, 1992. p. 39

²⁴³ Vale explicitar que, até onde eu saiba, tal cor não implicava, neste momento, uma adesão aos partidos ou ideologias de esquerda, os quais viriam a surgir somente no decorrer da década seguinte.

interrompidos ou vaiados [...], experimenta-se uma surpresa indizível que as gerações atuais, libertas [*débarrassées*] destas tolices por nossos corajosos esforços, jamais compreenderão. Como imaginar que um verso como este:

É meia-noite? – Meia-noite, logo,
tenha levantado tempestades e que se brigou três dias acerca deste hemistíquio? Isto era considerado trivial, familiar, inconveniente; um rei pergunta a hora como um burguês e se lhe responde como a um grosseiro: Meia-noite. Bem feito [*C'est bien fait*] (tradução nossa).²⁴⁴

Como o comprova a análise de Gautier, ainda que retrospectiva, o fato é que o conflito de gerações não fazia senão se acirrar, o que seria também enfatizado pelo outro grande acontecimento literário deste mesmo ano de 1830, a saber, a publicação no dia 15 de Novembro de *O vermelho e o negro*, o romance de Stendhal sobre o qual me debruçarei agora.

3.2 O VERMELHO E O NEGRO, OU ‘OS DUZENTOS MIL JULIEN SOREL QUE POVOAM A FRANÇA’

Aqui, pois, encontra-se em boa medida a mesma dinâmica de *destacamento intencional* representada pela mais nova geração tal qual ocorrera no contexto da batalha do *Hernani*. Com efeito, neste romance escrito de finais de 1829 aos primeiros meses de 1830 e cujo subtítulo é *Crônica de 1830*,²⁴⁵ Stendhal retrata o caminho percorrido por Julien Sorel, jovem provinciano que tem sua bíblia, ou melhor, para ater-me às palavras do próprio autor, seu *corão*²⁴⁶ nas obras *Confissões* de Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), assim como no *Memorial de Santa-Helena*, obra do conde de Las Cases,

²⁴⁴ GAUTIER apud ALBOUY, Pierre. *Hernani*. Notice et notes. In: HUGO, Victor. *Œuvres Poétiques I*. Édition établie et annoté par P. Albouy. Paris: Gallimard, 1964. p. 1766

²⁴⁵ STENDHAL. *Le rouge et le noir*. Ed. M. Crouzet. Paris: Le livre de poche, 1997. Em carta Stendhal diria, a respeito de seu romance, que “[j]ulgo 1830 como se estivesse em 1840” (tradução nossa). STENDHAL. *Correspondance II: 1821-1834*. Préface par V. del Litto. Édition établie et annoté par H. Martineu e V. del Litto. Paris: Gallimard, 1967. p. 209

²⁴⁶ STENDHAL. *Le rouge et le noir*. Ed. M. Crouzet. Paris: Le livre de poche, 1997. p. 29

companheiro de Napoleão Bonaparte (1769-1821) quando de sua prisão na ilha que dá título a seu livro e que em boa medida ajudou a estabelecer, a partir de sua publicação em 1823, a reputação daquele para o restante do século XIX entre os franceses. Assim, (auto-)composto a partir de Rousseau e Napoleão Bonaparte, Julien Sorel representa para Stendhal a *energia*, ou seja, aquilo tudo que Stendhal via em *negativo* fosse nas classes dirigentes da França desde a restauração, fosse na sociedade francesa de maneira mais geral por volta do mesmo período. Com efeito, Stendhal explicitou sua compreensão acerca da própria obra em um esboço de resenha que preparou para que um amigo italiano encarregado por uma revista desse mesmo país a revisar o romance utilizasse como base para a sua própria revisão, no que especificava, portanto, que

A França *moral* é ignorada no estrangeiro, eis porque antes de vir ao romance do Sr. de S[tendhal], foi necessário dizer que nada se assemelha menos à França alegre, divertida, um pouco libertina, que de 1715 a 1789 foi o modelo da Europa, do que a França grave, moral, morosa que nos legaram os jesuítas, as congregações e o governo dos Bourbon de 1814 a 1830. Como não há nada mais difícil em termos de romances do que pintar de acordo com a natureza, de não *copiar dos livros*, ninguém antes do Sr. de S. havia ousado fazer o retrato destes modos tão pouco amáveis, mas que, não obstante isto, visto o espírito de rebanho [*l'esprit mouton*] da Europa, acabarão por reinar de Nápoles a São Petersburgo (tradução nossa).²⁴⁷

O problema de fundo do romance, pois, se dá a partir do estabelecimento de uma dicotomia entre duas França, a saber, a *alegre* [*gaie*], caracterizada pelo o *amor*, o valor supremo da visão de mundo de Stendhal, sendo este mais especificamente concebido e representado ao longo de suas obras através do conceito equivalente de *paixão*, e a França triste, ou mais exatamente, aquela “[...] tão moral, tão hipócrita e, por consequência, tão *tedios*[a] [...]” (tradução

²⁴⁷ STENDHAL. Stendhal critique de Stendhal. Projet d'article. In: STENDHAL. *Le rouge et le noir*. Ed. M. Crouzet. Paris: Le livre de poche, 1997. p. 560

nossa),²⁴⁸ aquela na qual a *política*, o *dinheiro* e, conseqüentemente, a maquinação desenfreada voltada a estes dois objetivos, passavam a reinar como valores supremos, no que retiravam precisamente do amor, da *felicidade*, esta outra palavra tão cara a Stendhal, seu *élan* vital. Assim, no que Stendhal explicita, a respeito de Sorel, que “[n]este século no qual toda energia está morta, sua energia lhes causa medo [...]” (tradução nossa),²⁴⁹ ele acaba expondo os princípios mesmo de sua misantrópica, assim como desencantada visão de mundo.²⁵⁰

Dai, pois, o desenvolvimento de um personagem e, conseqüentemente, de todo um romance a partir do conceito de *energia*, ou, como o próprio autor revela em carta na qual precisamente discutia seu romance então publicado, da *força de vontade*,²⁵¹ representada, por sua vez, no imaginário do protagonista, através do recurso à figura incontornável de Napoleão Bonaparte. Com efeito, Napoleão, amplamente reconhecido pelo próprio século XIX como o modelo por excelência da noção moderna de autonomia,²⁵² se configura como uma das chaves de leitura do romance, posto que serve de *protótipo* ao ambicioso²⁵³ e

²⁴⁸ STENDHAL. Stendhal critique de Stendhal. Projet d'article. In: STENDHAL. *Le rouge et le noir*. Ed. M. Crouzet. Paris: Le livre de poche, 1997. p. 560

²⁴⁹ STENDHAL. *Le rouge et le noir*. Ed. M. Crouzet. Paris: Le livre de poche, 1997. p. 318.

²⁵⁰ De fato, em um de seus projetos de autobiografia, Stendhal confessa, a respeito de seu pai, ter-se “[...] espantado, [...] ao descobrir que ele não lia mais Bourdaloue, Massillon e sua bíblia de Sacy em vinte e dois volumes. A morte de Luís XVI o havia lançado, assim como a vários outros, na *História de Carlos I* de Hume [...]. Tão logo, meu pai, variável e absoluto em seus gostos, se tornou todo política [*fut tout politique*]. Eu não via em minha infância senão o ridículo da mudança [...]” (tradução nossa). STENDHAL. Vie d'Henry Brulard. In: *Œuvres Intimes II*. Édition établie par V. del Litto. Paris: Gallimard, 1982. p. 642. (Bibliothèque de la Pléiade).

²⁵¹ STENDHAL. *Correspondance II: 1821-1834*. Préface par V. del Litto. Édition établie et annoté par H. Martineu e V. del Litto. Paris: Gallimard, 1967. p. 218

²⁵² Hegel, por exemplo, falara de Napoleão nos seguintes termos: “*Napoleão* estabeleceu [o poder governamental] como força militar, colocando-se com vontade individual na liderança do Estado. [...] Com imenso poder de caráter, ele se dirigiu para o exterior, subjugou toda a Europa [...]. Jamais se obteve maior vitória, jamais se executaram marchas tão geniais; todavia, também nunca a impotência da vitória surgiu tão nitidamente como naquela época. A mentalidade dos povos, isto é, sua religiosidade e sua nacionalidade, finalmente derrubou esse colosso [...]”. HEGEL, Georg W.F. *Filosofia da História*. Trad. M. Rodrigues e H. Harden. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999. p. 369

²⁵³ Tocqueville, neste sentido, faz uma alusão implícita a Napoleão em sua obra publicada ao considerar que “[...] os ambiciosos das democracias se preocupam menos do que todos os outros com os interesses e juízos do futuro: apenas o momento atual lhes ocupa e absorve. [...] O que eles querem, antes de tudo, é o império. Seus modos permanecem quase sempre menos elevados do que sua condição; o que faz com que eles transportem muito freqüentemente para uma fortuna extraordinária gostos bastante vulgares, e que eles pareçam não ter se elevado ao poder soberano

maquiavélico Julien Sorel.²⁵⁴ Mais especificamente, cabe explicitar que a ideia para este personagem foi construída a partir da história verídica vivida por um jovem ex-seminarista chamado Berthet, o qual se tornou famoso na França em 1827 por ter assassinado com dois tiros a ex-amante a sangue-frio. Para ser mais exato, não apenas Berthet cometeu tal assassinato e a consequente tentativa frustrada, diga-se de passagem, de suicídio após tal ato, mas, como se isso não bastasse, a própria cena do crime foi o interior de uma igreja, na qual ocorria precisamente uma missa católica. De modo que, a partir da confluência entre estes dois *acontecimentos* verídicos, a saber, Napoleão e o chamado ‘caso Berthet’, Sorel é representado como um seminarista que vê em tal carreira apenas seu aspecto material, ou seja, um *meio* para alcançar o poder e o dinheiro, não havendo nele, portanto, a menor intuição do aspecto espiritual do cristianismo que ele mesmo deveria professar. Ora, como ele mesmo *raciocina* consigo mesmo,

Quando Bonaparte fez com que falassem de si, a França tinha medo de ser invadida: o mérito militar era necessário e estava na moda. Hoje em dia, vê-se padres de quarenta anos tendo cem mil francos de renda, quer dizer, três vezes mais do que os famosos generais de divisão de Napoleão. Eles [os padres] necessitam de pessoas que lhes apóiem. [...] É preciso ser padre (tradução nossa).²⁵⁵

Assim, Stendhal se serve de Julien Sorel neste romance da ascensão social de forma a abordar a *derrocada* do sistema de

senão para se prover mais facilmente de pequenos e grosseiros prazeres” (tradução nossa). TOCQUEVILLE, Alexis de. *Œuvres II: De la démocratie en Amérique II*. Édition publié sous la direction d’André Jardin. Paris: Gallimard, 1992. p. 764 (Bibliothèque de la Pléiade)

²⁵⁴ Stendhal, com efeito, explicita que “[...] não trata de forma alguma Julien como um herói de mulheres recatadas [*femmes de chambre*], ele [o próprio autor] mostra todos seus defeitos, todos os maus movimentos de sua alma, fundamentalmente bem egoísta [...]” (tradução nossa). STENDHAL. *Stendhal critique de Stendhal*. Projet d’article. In: STENDHAL. *Le rouge et le noir*. Ed. M. Crouzet. Paris: Le livre de poche, 1997. p. 563

²⁵⁵ STENDHAL. *Le rouge et le noir*. Ed. M. Crouzet. Paris: Le livre de poche, 1997. p. 34. Em outra passagem, Sorel se pergunta “O que farei minha vida inteira? [...] eu venderei aos fiéis um lugar no céu” (tradução nossa). STENDHAL. *Le rouge et le noir*. Ed. M. Crouzet. Paris: Le livre de poche, 1997. p. 184

classes, e isto em seu sentido mais tocquevilliano possível,²⁵⁶ posto que Sorel, mesmo pobre, passa a almejar certos objetivos em sua vida que seriam absolutamente impossíveis para alguém em sua situação antes da Revolução Francesa.²⁵⁷ Neste sentido, *O vermelho e o negro* pode ser concebido, para além do fato mais primordial de ser uma obra eminentemente literária, como uma obra de alçada tanto filosófica, dada a ênfase em uma categoria que estava já por tomar o âmbito filosófico de arrastão, mais especificamente sob a roupagem do conceito de *vontade*, quanto de alçada sociológica, senão mesmo sócio-política, dada sua ênfase na noção, implícita no texto e

²⁵⁶ Em 1840 este dizia: “[e] m meio ao movimento contínuo que reina no seio de uma sociedade democrática, [...], não há, por assim dizer, mais classes [...]” (tradução nossa). TOCQUEVILLE, Alexis de. *Œuvres II: De la démocratie en Amérique II*. Édition publiée sous la direction d’André Jardin. Paris: Gallimard, 1992. p. 514. (Bibliothèque de la Pléiade). O que, por sua vez, não faria senão tornar mais explícita as noções – ou os *sinônimos* – de *autonomia* e *vontade individual*, particularmente visíveis no romance quando Sorel fala de seu “[...] projeto de fazer fortuna [...]” (tradução nossa) (grifo nosso). STENDHAL. *Le rouge et le noir*. Ed. M. Crouzet. Paris: Le livre de poche, 1997. p. 54. Ou quando em outra passagem do romance Stendhal retrata Sorel no momento mesmo em que toma consciência do novo estatuto ontológico dos seres humanos na modernidade, ou seja, quando Sorel diz a si mesmo: “[...] eu sou livre!” (tradução nossa) (grifo do autor). STENDHAL. *Le rouge et le noir*. Ed. M. Crouzet. Paris: Le livre de poche, 1997. p. 78. Ora, como não pensar na *Fenomenologia do Espírito* de Hegel, ou, dentro do âmbito do romance, na passagem central do já citado *Sartor Resartus*, de Carlyle, no qual seu personagem Teufelsdröckh repentinamente se pergunta: “Do que *tens* medo?”, no que vem em seguida a seguinte resposta: “Enquanto eu pensei nisso, correu-me por toda a minha alma um rio de fogo; e eu sacudi o Medo desprezível de longe de mim para sempre. Eu era forte, de uma força desconhecida; um espírito, quase um deus. Daquele tempo em diante, a índole da minha miséria foi mudada: não o Medo ou o Sofrimento lamuriento era mais ela, mas Indignação e sinistra Rebeldia de olhar de fogo [*grim fire-eyed Defiance*]. Assim havia o Não Eterno (*das Ewige Nein*) ribombado autoritariamente através de todos os recessos de meu Ser, do meu Eu [*Me*]; e foi então que todo meu Eu se levantou, em nativa majestade criada por Deus, e com ênfase gravou seu Protesto. Tal Protesto, a mais importante transação na Vida, deve como aquela Indignação e Rebeldia, sob um ponto de vista psicológico, ser corretamente chamada. O Não Eterno havia dito: ‘Olhe, tu estás sem pai [*fatherless*], proscrito [*outcast*], e o Universo é meu (do Diabo);’ ao que meu Eu completo respondeu: Eu não sou teu, mas Livre, e para sempre te odeio!” (tradução nossa). CARLYLE, Thomas. *Signs of the times*. In: CARLYLE, Thomas. *Scottish and other miscellanies*. London: Everyman’s Library, 1964. p. 126

²⁵⁷ Com efeito, em seu esboço de resenha Stendhal reiteradamente enfatiza a contemporaneidade de seu romance, argumentando, isto acerca da paixão da personagem aristocrática Mlle de La Mole por Sorel, que “[e]is [aí] novamente uma das circunstâncias de nosso romance que teria sido impossível antes de 1789” (tradução nossa). STENDHAL. *Stendhal critique de Stendhal. Projet d’article*. In: STENDHAL. *Le rouge et le noir*. Ed. M. Crouzet. Paris: Le livre de poche, 1997. p. 567

explícita nas cartas nas quais Stendhal discute sua obra com amigos, de Julien Sorel como representante de sua geração.²⁵⁸

Tudo isto para dizer que a *crônica de 1830* discute nada mais nada menos do que a inédita situação do repentino aparecimento de “[t]rezentos mil homens de vinte e cinco anos [que] fariam a guerra com prazer [...]”,²⁵⁹ homens cuja orientação no mundo passava a se basear na “[...] primeira lei de todos os seres, desde o inseto até o herói, [a] *de se conservar*.”²⁶⁰ Logo, através de Julien Sorel Stendhal abordava o surgimento de *toda uma geração* efetivamente *individualista*²⁶¹ e *materialista*.²⁶² Daí a abordagem da visão de mundo na qual o *dinheiro* ou, como diria Tocqueville, o *bem-estar material* passava a ser o horizonte, o limite – se é que se pode falar em limites em relação à geração, senão mesmo à *civilização* da *ambição* – ao qual tais jovens almejavam.

²⁵⁸ Em carta a seu amigo Mareste, por exemplo, Stendhal menciona os “[...] duzentos mil Julien Sorel que povoam a França [...]”, em contraposição à “[...] aristocracia [...] sem energia, sem fidelidade à sua palavra, cheia de falsidades que ela chama de finezas como em 1791” (tradução nossa). STENDHAL. *Correspondance II: 1821-1834*. Préface par V. del Litto. Édition établie et annoté par H. Martineu e V. del Litto. Paris: Gallimard, 1967. p. 254. Por sua vez, quanto a uma ótima leitura contemporânea, e que leva em consideração todos estes níveis de leitura, Cf. CROUZET, Michel. Introduction. In: STENDHAL. *Le rouge et le noir*. Ed. M. Crouzet. Paris: Le livre de poche, 1997. p. I-XLIII

²⁵⁹ STENDHAL. *Correspondance II: 1821-1834*. Préface par V. del Litto. Édition établie et annoté par H. Martineu e V. del Litto. Paris: Gallimard, 1967. p. 187. A mesma frase se encontra quase que literalmente no romance em duas ocasiões: Cf. STENDHAL. *Le rouge et le noir*. Ed. M. Crouzet. Paris: Le livre de poche, 1997. p. 279 e 385. Já em outra passagem do romance, Stendhal chega mesmo a *adjetivar*, no que diz respeito a seu protagonista, sua coragem, outro conceito fundamental do romance, descrevendo-a assim como *jovem* coragem, Cf. STENDHAL. *Le rouge et le noir*. Ed. M. Crouzet. Paris: Le livre de poche, 1997. p. 51.

²⁶⁰ STENDHAL. Stendhal critique de Stendhal. Projet d'article. In: STENDHAL. *Le rouge et le noir*. Ed. M. Crouzet. Paris: Le livre de poche, 1997. p. 563

²⁶¹ Os próprios conceitos de *indivíduo/individualidade* não por acaso aparecem nas cartas em que Stendhal discute seu romance com seus amigos, Cf. STENDHAL. *Correspondance II: 1821-1834*. Préface par V. del Litto. Édition établie et annoté par H. Martineu e V. del Litto. Paris: Gallimard, 1967. p. 221 e 224. Tocqueville, por sua vez, explicitaria em 1840 que “[o] *individualismo* é uma expressão recente que uma ideia nova fez nascer. Nossos pais não conheciam senão o egoísmo” (tradução nossa). TOCQUEVILLE, Alexis de. *Œuvres II: De la démocratie en Amérique II*. Édition publié sous la direction d'André Jardin. Paris: Gallimard, 1992. p. 612

²⁶² Pois como diria mais tarde Tocqueville, “[o] goso do bem-estar [material] forma como que o traço notável [*saillant*] e indelével das eras democráticas” (tradução nossa). TOCQUEVILLE, Alexis de. *Œuvres II: De la démocratie en Amérique II*. Édition publié sous la direction d'André Jardin. Paris: Gallimard, 1992. p. 537

De modo que se pode dizer que o fenômeno do *niilismo*²⁶³ acaba sendo uma das questões chave da obra, encontrando, de fato, nas enigmáticas palavras do título, sua expressão mais condensada, já que, como o explicita Michel Couzet, tais cores tanto poderiam se referir – já que não fica claro ao longo do romance o sentido de tal título – às cores da roleta, no que implicariam o jogo e, conseqüentemente o *risco*, assim como às cores da guilhotina, onde de fato Julien Sorel encontra seu fim.²⁶⁴ O que faz, pois, com que o romance de Stendhal discuta o momento em que a *negação* se transforma, ou melhor, passa a ser absorvida, e isto por toda uma geração, como *práxis revolucionária*. Assim, Sorel acaba por representar precisamente uma nova noção de subjetividade, para a qual não existem limites intransponíveis, dado que tudo passava a ser concebido como uma luta pela conservação e/ou expansão das energias vitais, noção esta que seria retomada, expandida e reaproveitada de todas as maneiras possíveis particularmente pelos romancistas russos tais quais Turgueniev (1818-1883) e mais especificamente ainda Dostoiévski (1821-1881), os quais, conseqüentemente, mostrar-se-iam verdadeiros herdeiros de Stendhal.²⁶⁵ De fato, este chega a confessar enquanto narrador a uma certa altura do romance as seguintes convicções, as quais seriam em

²⁶³ Compreendo o niilismo fundamentalmente como “[...] a ‘falta de sentido’ que desponta quando desaparece o poder vinculante das respostas tradicionais ao porquê da vida e do ser”. VOLPI, Franco. *O niilismo*. Trad. A. Vannucchi. São Paulo: Loyola, 1999. p. 55

²⁶⁴ CROUZET, Michel. Introduction. In: STENDHAL. *Le rouge et le noir*. Ed. M. Crouzet. Paris: Le livre de poche, 1997. p. vii. Nota 2.

²⁶⁵ Com efeito, o estudioso de Nietzsche Giacoia Júnior pondera que “A compreensão do Niilismo como lógica do movimento agonizante de nossos valores e ideais, Nietzsche a ilustra por meio de uma intensa frequentação do romance de Tolstoi, Turgueniev, Dostoiévski e sob forte impressão causada pelo ativismo de Herzen e de Bakunin. Niilistas são, para Nietzsche, movimentos sociopolíticos e suas derivações religiosas, filosóficas, morais e científicas, cuja dinâmica consiste na destruição impiedosa do ‘real’, do ‘existente’. Neste sentido, o Niilismo representa, para Nietzsche, a transformação conseqüente da negação cristã do mundo e da ‘realidade’ em práxis revolucionária”. GIACOIA JÚNIOR, Oswaldo. A crise da cultura como escalada do niilismo (De onde procede o mais sinistro dos hóspedes?). In: GIACOIA JÚNIOR, Oswaldo. *Labirintos da alma: Nietzsche e a auto-supressão da moral*. Campinas: Ed. UNICAMP, 1997. p. 33. Faltou, não obstante, mencionar a frequentação das obras de Stendhal, o qual Nietzsche cita diversas vezes tanto em sua obra publicada, quanto em suas anotações e cartas, sendo sua primeira menção àquele em obra publicada a seguinte: “[...] Stendhal, o qual talvez entre todos os franceses deste século tivera os olhos e ouvidos mais profundos [*gedankenreichsten*, literalmente ‘mais ricos de pensamentos’]”. (tradução nossa). NIETZSCHE, Friedrich. *Die fröhliche Wissenschaft*. In: NIETZSCHE, Friedrich. *Kritische Studienausgabe*. Herausgegeben von G. Colli und M. Montinari. Berlin: DTV & de Gruyter, 1999. bd. 3, p. 450

boa medida aceitas por aqueles: “É preciso renunciar a toda prudência. Este século foi feito para confundir tudo. Nós caminhamos para o caos” (tradução nossa).²⁶⁶

3.3 A IRONIA ILIMITADA OU A GERAÇÃO ‘JOVEM-FRANÇA’

Como dito anteriormente, a batalha acerca da peça *Hernani* ajudou, entre outras coisas, tal qual estabelecer a reputação de líder do romantismo francês a Victor Hugo, assim como dar a ambos Hugo e o movimento mais geral do romantismo uma exposição na França e fora dela até então inimaginável, a explicitar a noção propriamente dita de *vanguarda*. Com efeito, se por um lado tal noção pressupõe um distanciamento a respeito da noção de geração, dado que desliga o conceito de tempo da noção biológica propriamente dita do mesmo, no que passa a vigorar uma noção mais *instantânea* ou *momentânea* de temporalidade, por outro a mesma noção de geração, agora em sentido sociológico, passa a ser fator determinante para o estabelecimento de sua dinâmica, dado que não se pode conceber uma vanguarda em termos estritamente individuais. Daí, pois, a importância do surgimento dos *Jovem-França* (*Les Jeunes-France*), um grupo de jovens artistas, fundamentalmente pintores, poetas e escultores, os quais, como já dito também, por mais próximos que estivessem tanto em termos biológicos quanto em termos espaciais de seus antecessores, já passavam a apontar para um horizonte que muito provavelmente aqueles mesmos jamais estariam dispostos a imaginar ou a corroborar.²⁶⁷ De fato, se o grupo formado outrora por Victor Hugo e em torno do qual viria a se estabelecer a

²⁶⁶ STENDHAL. *Le rouge et le noir*. Ed. M. Crouzet. Paris: Le livre de poche, 1997. p. 442

²⁶⁷ Com efeito, Sainte-Beuve, um membro próximo do cenáculo original, diria por volta de 1833 acerca do pequeno cenáculo que “[f]ormou-se, há dois ou três anos, uma sociedade de jovens pintores, escultores e poetas [...]. Eles acreditaram poder continuar a organizar, em um plano mais largo, o cenáculo esboçado por seus antecessores [*ainés*] em 1829; eles caíram, como todos os imitadores, nos inconvenientes mais graves. Resultou disso, entre alguns [deles], um contentamento precoce, um desprezo do grande público, formas estranhas e afetadas [*maniérées*] que não são compreendidas fora do círculo, um tipo de gíria maçônica que geralmente lhes estorva o pensamento. Estimamos demais o coração e o pensamento destes jovens artistas para não lhes falar com franqueza” (tradução nossa). SAINTE-BEUVE apud BÉNICHOU, Paul. *Romantismes français*. Paris: Gallimard, 1996. v. 1, p. 398-399. Já Bénichou, a respeito precisamente destes dois ‘cenáculos’ e à luz de finais do século XX, colocaria a questão nos seguintes termos: “[...] os mais velhos meditam e profetizam; os mais jovens [*cadets*] [se] enraivecem [*enragent*], escandalizam, lançam anátema contra o burguês [...]” (tradução nossa). BÉNICHOU, Paul. *Romantismes français*. Paris: Gallimard, 1996. v. 2, p. 1926

grande geração romântica na França se chamava *cenáculo*, seu *destacamento* viria a ser conhecido como o *pequeno cenáculo*; não obstante, sua alcunha principal seria mesmo a etiqueta *Jovem-França*, a qual, ainda que dada de maneira heterônoma, viria a ser aceita pelos membros do grupo.²⁶⁸

Este, pois, foi composto nos primeiros anos da década de 1830 fundamentalmente por Pétrus Borel (1809-1859), Philothée O’Neddy (1811-1875) e Théophile Gautier (1811-1872), os quais, para além de outros agregados e amigos, tal qual Gerard de Nerval (1808-1855), se encontravam para discutir e fazer arte, nos dois sentidos da expressão,²⁶⁹ como se viu, por exemplo, no episódio da batalha do *Hernani*. E ainda que sua duração tenha sido bastante efêmera, indo somente de 1830 a 1833, o fato mais profundo é o de que as raízes lançadas por tal grupo mostrar-se-iam fundamentais para a geração chamada de ‘pós-romântica’,²⁷⁰ mais especificamente através de Baudelaire²⁷¹ (1821-1867) e Flaubert (1821-1880), e isto em boa medida por causa do espírito, ou como o explicita Paul Bénichou, dos “[...] temas Jovem-França [:] frenesi das paixões, atração pelo nada, revolta, ódio ao burguês, culto da arte, divinização do poeta.”²⁷² Em outros termos, foi através da *geração*²⁷³ *Jovem-França* que a desmesura, isto é, o *nilismo*, se colocou de maneira incontornável no panorama literário francês.²⁷⁴

²⁶⁸ Sobre o grupo dos Jovem-França, cf. BÉNICHOU, Paul. *Romantismes français*. Paris: Gallimard, 1996. v. 1, p. 391-430; sobre o livro de Gautier de mesmo título, Cf. BÉNICHOU, Paul. *Romantismes français*. Paris: Gallimard, 1996. v. 2, p. 1941-1947

²⁶⁹ De fato, Bourdieu considera que com o surgimento da *boemia* artística, processo que seria simultâneo, se não idêntico, a este do aparecimento da geração jovem-França, teria surgido precisamente um estilo diferente de *arte de viver* baseado, entre outras coisas, na fantasia, na blague, no uso desmesurado de bebidas alcoólicas, assim como de drogas, no amor sob todas as suas formas e no ódio ao burguês, ideias estas que, como será visto adiante, perpassam a obra de Gautier que dá título a esta parte da tese. BOURDIEU, Pierre. *Les règles de l’art. Genèse et structure du champ littéraire*. Paris: Seuil, 1992. p. 84-89

²⁷⁰ BÉNICHOU, Paul. *Romantismes français*. Paris: Gallimard, 1996. v. 1, p. 401

²⁷¹ Como se sabe, Baudelaire viria a publicar em 1857 uma obra intitulada *As flores do Mal*, dedicada, não por acaso, “[a]o poeta impecável [...] mestre e amigo Théophile Gautier [...]” (tradução nossa). BAUDELAIRE, Charles. *Les Fleurs du Mal*. In: BAUDELAIRE, Charles. *Œuvres complètes I*. Texte établi, présenté et annoté par C. Pichois. Paris: Gallimard, 1975. p. 3. (Bibliothèque de la Pléiade).

²⁷² BÉNICHOU, Paul. *Romantismes français*. Paris: Gallimard, 1996. v. 1, p. 403

²⁷³ Ou como o coloca Bénichou: “[a] atitude dos Jovem-França foi aquela de toda uma juventude, da qual o pequeno cenáculo foi tanto o intérprete quanto o inspirador”. (tradução nossa). BÉNICHOU, Paul. *Romantismes français*. Paris: Gallimard, 1996. v. 1, p. 402

²⁷⁴ Baudelaire, com efeito, viria a dedicar a Pétrus Borel uma breve resenha, na qual reconhece que “[s]em Pétrus Borel, haveria uma lacuna no Romantismo. Na primeira fase de nossa revolução literária, a imaginação poética se voltou sobretudo para o passado; ela

Pois tal repentina e radical desvalorização dos valores pode ser encontrada à perfeição na obra de Théophile Gautier de título *Os Jovem-França*, publicada em 1833 na forma de livro. Com efeito, os contos que constituem esta obra, e que abordam individualmente um ou mais *jovens-França*, no que se constituem como perfis, ainda que imaginários, desta mais nova geração, ou melhor, deste *destacamento*, já haviam aparecido cá e acolá na imprensa da época, mas seria sob a rubrica mais geral de *Os Jovem-França* que eles de fato teriam sua relevância melhor estabelecida.

Lá, pois, desde o prefácio percebe-se o intuito da obra, a saber, a crítica impiedosa, mais especificamente sarcástica, de absolutamente todos os valores sociais.²⁷⁵ Assim, no que o prefaciador *jovem-França* se põe a explicar ao leitor a falta de importância de prefácios, ele diz:

No entanto, não ides inferir do que acabo de dizer que exista uma ideia nisto; eu ficaria desesperado de vos induzir em erro. Eu vos juro sobre o que há de mais sagrado. Existe ainda alguma coisa de sagrado? Eu vos juro sobre minha alma, na qual não acredito; sobre minha mãe, na qual acredito um pouco mais, que não existe realmente mais ideia em meu prefácio do que em um livro do Sr. Ballanche [...] (tradução nossa).²⁷⁶

frequentemente adotou o tom melodioso e enternecido dos remorsos. Mais tarde, a melancolia tomou um acento mais decidido, mais selvagem e mais terrestre. Um republicanismo misantrópico [selou] aliança com a nova escola [...]. Este espírito simultaneamente literário e republicano, diferentemente da paixão democrática e burguesa que nos oprimiu mais tarde de maneira tão cruel, era agitado ao mesmo tempo por um ódio aristocrático sem limites, sem restrições, sem piedade, contra os reis e contra a burguesia, [assim como por] uma simpatia geral por tudo o que em arte representasse o excesso na[s] cor[es] e na forma, por tudo o que fosse simultaneamente intenso, pessimista e byroniano; diletantismo de uma natureza singular, o qual apenas as detestáveis circunstâncias nas quais estava encerrada uma juventude entediada e turbulenta podem explicar” (tradução nossa). BAUDELAIRE, Charles. *Réflexions sur quelques-uns de mes contemporains*: Pétrus Borel. In: BAUDELAIRE, Charles. *Œuvres complètes II*. Texte établi, présenté et annoté par C. Pichois. Paris: Gallimard, 1976. p. 155

²⁷⁵ Vale explicitar, de acordo com Bénichou, que o temperamento de Gautier e, neste sentido, da maioria dos membros do ‘pequeno cenáculo’, era menos *politicizado* do que o de Borel, o que significa que a crítica, particularmente no caso do Gautier de *Os Jovem-França*, assume fundamentalmente a forma de crítica da moralidade, enquanto que em Borel ela teria uma alçada mais claramente política. BÉNICHOU, Paul. *Romantismes français*. Paris: Gallimard, 1996. v. 2, p. 400, 405-408, 422 e especialmente 1929-1932

²⁷⁶ GAUTIER, Théophile. *Les Jeunes-France*. Romans goguenards. In: GAUTIER, Théophile. *Romans, contes et nouvelles I*. Édition établie sous la direction de P. Laubriet. Paris: Gallimard, 2002. p. 15 (Bibliothèque de la Pléiade)

Assim, fica claro que desde o início do livro, até sua última linha, se desenvolve ali uma tal dinâmica de negação impiedosa dos mais diversos valores e instituições, entre eles, como visto acima, a própria esfera literária, a qual pode ser perfeitamente descrita como *niilista*,²⁷⁷ já que não são poupados nem mesmo os próprios fundamentos necessários, em termos lógicos, para o exercício da crítica. Neste sentido mesmo, o *nada* se torna objeto de reflexão, particularmente no prefácio, no qual o ‘prefaciador’ comenta que

Disseram-me inúmeras vezes que seria necessário fazer qualquer coisa, pensar em meu futuro. A palavra não fica ridícula em nossa boca, nós que não estamos seguros mesmo de uma hora? Que seria necessário alcançar um posto [*état*], por mais que não fosse senão para ter um título e uma etiqueta, como um bocal de apotecário. Que eu não podia não ser nada [*Que je ne pouvais ne pas n'être rien*], que isto jamais se havia visto; que aqueles que não eram nada, de fato, buscavam se assoprar a si mesmos [*cherchaient à se souffler eux-mêmes*] e a se tornar [*faire*] qualquer coisa. Ao que respondi que seria raro e curioso de poder e não querer, e de fechar a porta no nariz da Fortuna que viria bater nela por si própria (tradução nossa).²⁷⁸

Aqui, pois, não há mais *chão*, precisamente porque *não* se-lo quer. Em outros termos, há aqui em operação uma vigorosa vontade de negação, a qual, sendo fiel consigo mesma, acaba se voltando contra tudo e todos, pois como esclarece desde o início a epígrafe da obra,

²⁷⁷ De fato, o termo, assim como seus correlatos – *nada*, *suicídio* etc. – aparece inúmeras vezes na discussão que Bénichou estabelece a respeito dos *Jovem-França* e, mais especificamente a respeito de Gautier, este reconhece nele “[...] a escolha [*parti pris*] de tudo negar [...]” (tradução nossa). BÉNICHOU, Paul. *Romantismes français*. Paris: Gallimard, 1996. v. 1, p. 429

²⁷⁸ GAUTIER, Théophile. Les Jeunes-France. Romans goguenards. In: GAUTIER, Théophile. *Romans, contes et nouvelles I*. Édition établie sous la direction de P. Laubriet. Paris: Gallimard, 2002. p. 20. Para uma abordagem lógica sucinta do conceito de *nada*, Cf. MARION, Jean-Luc. Nothing and nothing else. In: LILLY, Reginald (Org.). *The ancients and the moderns*. Bloomington: Indiana University Press, 1996. p. 183-195

“Menos um homem que pensa/ Do que um boi que ruma” (tradução nossa).²⁷⁹

O niilismo tal qual praticado por Gautier tem, mais exatamente, como pressuposto filosófico o *materialismo*, o qual, por sua vez, leva à *apatia* mais completa, já que, como diz o mesmo prefaciador em uma passagem como a seguinte,

[...] eu nunca sei o ano, o mês, o dia ou a hora. De fato, eh! qu'importa? 1833 não será semelhante a 1832? ontem não foi como hoje, e como será amanhã? Que seja manhã ou noite, não é a mesma coisa? Comer, beber, dormir; dormir, beber, comer; ir de sua poltrona ao leito, de seu leito à sua poltrona, sem lembrança do dia anterior, sem projeto para amanhã; viver na hora, no minuto, no segundo, preso ao momento como um velho que não tem senão um momento: eis onde cheguei, e tenho vinte anos! (tradução nossa).²⁸⁰

Com efeito, se a grande marca do romantismo francês se baseava na passagem da religião a um tipo de sacerdócio laico, construído a partir da figura do poeta enquanto “[...] pesquisador [*chercheur*], intérprete e guia [...]” (tradução nossa),²⁸¹ aqui já não há o mínimo vestígio desta concepção de arte, ou, se por acaso ainda há, como diz algo equivocadamente Bénichou a respeito dos *Jovem-França*, ‘divinização do poeta’, isto deve ser compreendido em um sentido diferente daquele que os românticos da ‘grande geração’ a entendiam. Em outros termos, aqui o *poeta* passa a ser visto como a antítese por excelência do *burguês*, no que ele passa assim a ser entronizado, mas não no sentido de ser alçado à condição de *guia espiritual* da sociedade. Melhor dito, se algo se mantém desta concepção, ela logo aponta para o negativo, no sentido do poeta se tornar precisamente o guia espiritual *negativo*, por assim dizer, da sociedade. Logo, se a poesia e a arte aqui indicam alguma direção, esta é, novamente, a do *nada*, construída a

²⁷⁹ LA MORLIÈRE apud GAUTIER, Théophile. *Romans, contes et nouvelles I*. Édition établie sous la direction de P. Laubriet. Paris: Gallimard, 2002. p. 11

²⁸⁰ GAUTIER, Théophile. Les Jeunes-France. *Romans goguenards*. In: GAUTIER, Théophile. *Romans, contes et nouvelles I*. Édition établie sous la direction de P. Laubriet. Paris: Gallimard, 2002. p. 18

²⁸¹ BÉNICHOU, Paul. *Romantismes français*. Paris: Gallimard, 1996. v. 1, p. 260

partir de um materialismo militante, desencantado, o qual não poderia senão levar ao *tédio* mais profundo. É este, pois, o que leva o mesmo prefaciador a reconhecer que “Eu não sou nada, eu não faço nada; eu não vivo, eu vegeto; eu não sou um homem, eu sou uma ostra”.²⁸²

De fato, tal dinâmica avassaladora de desvalorização de todos os valores se encontra presente, ainda que sob diferentes nuances, do início ao fim destes *romances zombeteiros*, como diz o subtítulo da obra. No primeiro conto propriamente dito da coletânea, intitulado ‘Sob a mesa. Diálogo báquico sobre várias questões de alta moral’, parte-se de um encontro às duas da manhã entre dois amigos, já completamente bêbados, os quais se encontram debaixo de uma mesa, onde eles inventam de discutir ‘moral’! Sua epígrafe, um poema do próprio Gautier, começa com os seguintes versos, “O que é a virtude? Nada, menos do que nada, uma palavra/ A ser riscada da língua” (tradução nossa)²⁸³ Pois seguindo o espírito desta, vê-se debaixo da mesa Théodore – seria isto mais uma ironia? – e Roderick, o qual se confessa *materialista*;²⁸⁴ e eis que eles discutem, ou melhor, *duvidam* mais especificamente da virtude feminina, no que chegam ao final da discussão ao seguinte acordo: “Troquemos, sobretudo, de amantes: para mim a loira, para ti a morena./ – Topo! está dito” (tradução nossa)²⁸⁵ Logo, é a *devassidão* [*débauche*] que acaba sendo proposta como saída para as situações existenciais vividas pelos dois personagens.

O conto seguinte aborda o adoecimento mental do pintor e poeta ‘Onuphrius Wphly’ (!), “[...] Jovem-França e romântico furioso [*forcené*] [...]” (tradução nossa),²⁸⁶ leitor apaixonado de “[...] lendas maravilhosas, de antigos romances de cavalaria, de poesias místicas, de tratados de cabala, de baladas alemãs, de livros de magia e de demonografia [...]”

²⁸² GAUTIER, Théophile. Les Jeunes-France. Romans goguenards. In: GAUTIER, Théophile. *Romans, contes et nouvelles I*. Édition établie sous la direction de P. Laubriet. Paris: Gallimard, 2002. p. 19

²⁸³ GAUTIER, Théophile. Les Jeunes-France. Romans goguenards. In: GAUTIER, Théophile. *Romans, contes et nouvelles I*. Édition établie sous la direction de P. Laubriet. Paris: Gallimard, 2002. p. 25

²⁸⁴ GAUTIER, Théophile. Les Jeunes-France. Romans goguenards. In: GAUTIER, Théophile. *Romans, contes et nouvelles I*. Édition établie sous la direction de P. Laubriet. Paris: Gallimard, 2002. p. 29-30

²⁸⁵ GAUTIER, Théophile. Les Jeunes-France. Romans goguenards. In: GAUTIER, Théophile. *Romans, contes et nouvelles I*. Édition établie sous la direction de P. Laubriet. Paris: Gallimard, 2002. p. 39

²⁸⁶ GAUTIER, Théophile. Les Jeunes-France. Romans goguenards. In: GAUTIER, Théophile. *Romans, contes et nouvelles I*. Édition établie sous la direction de P. Laubriet. Paris: Gallimard, 2002. p. 43

(tradução nossa).²⁸⁷ E eis que Wphly começa, a partir de um determinado momento, a ver o diabo por todos os lados. Mais exatamente, tal conto é composto de duas partes, uma na qual é descrito o desenvolvimento da alucinação do protagonista, e outra, na qual é narrado um sonho do mesmo, no qual ele é enterrado vivo. Em suma, ali o *nada*, uma vez mais, muito claramente se faz presente, como quando o narrador descreve o estágio final de loucura de Onuphrius Wphly nos seguintes termos:

Saído do arco do real, ele se lançou às profundezas nebulosas da fantasia e da metafísica; mas ele não tinha podido voltar com o ramo de oliveira; ele não havia encontrado a terra seca onde colocar o pé e não havia sabido encontrar o caminho através do qual tinha vindo [...] (tradução nossa).²⁸⁸

Ora, a imagem da ‘terra seca onde colocar o pé’ remete ao *fundamento*, o qual se coloca precisamente como negação do nada, pois como continua a passagem, “[...] ele não pôde, quando a vertigem o encontrou tão alto e tão longe, baixar como ele havia desejado, e reatar com o mundo positivo” (tradução nossa).²⁸⁹ Sem um *fundamento*, pois, nada resta ao jovem-França Onuphrius senão a negatividade da loucura.

Por sua vez, ‘Daneil Jovard ou a conversão de um clássico’ aborda, como o título diz, a *autoconstrução* de um *jovem-França* a partir de seu estado anterior, ou seja, seu estado de *clássico*. Neste sentido, este conto vai à raiz da noção de *modernidade*, dado que Jovard é retratado como tendo ido, e isto *subitamente*,²⁹⁰ a partir de um encontro fortuito com um antigo colega de escola, o qual havia se

²⁸⁷ GAUTIER, Théophile. Les Jeunes-France. Romans goguenards. In: GAUTIER, Théophile. *Romans, contes et nouvelles I*. Édition établie sous la direction de P. Laubriet. Paris: Gallimard, 2002. p. 44

²⁸⁸ GAUTIER, Théophile. Les Jeunes-France. Romans goguenards. In: GAUTIER, Théophile. *Romans, contes et nouvelles I*. Édition établie sous la direction de P. Laubriet. Paris: Gallimard, 2002. p. 66

²⁸⁹ GAUTIER, Théophile. Les Jeunes-France. Romans goguenards. In: GAUTIER, Théophile. *Romans, contes et nouvelles I*. Édition établie sous la direction de P. Laubriet. Paris: Gallimard, 2002. p. 66

²⁹⁰ Ou como diz o narrador: “Coisa horrível para se pensar! alguns dias haviam bastado para destruir uma convicção de vários anos [...]” (tradução nossa). GAUTIER, Théophile. Les Jeunes-France. Romans goguenards. In: GAUTIER, Théophile. *Romans, contes et nouvelles I*. Édition établie sous la direction de P. Laubriet. Paris: Gallimard, 2002. p. 79

tornado jovem-França, “[...] de clássico pudibundo que ele havia sido e que ele ainda era no dia anterior [...]” (tradução nossa)²⁹¹, ao “[...] mais furioso [*forcené*] jovem-França, o mais endiabrado romântico que jamais havia trabalhado sob o lustre d’*Hernani* [...]” (tradução nossa).²⁹² Em outros termos, trata-se aqui da arbitrária constituição de si possibilitada pela noção moderna de *autonomia*, pois como diz o narrador,

[d]esde este instante, o jovem Daniel foi perpassado pela mais horrível ambição que jamais havia devorado um peito humano.

Ao voltar para casa, ele encontrou seu pai que lia o *Constitutionnel*, e o chamou de ‘guarda nacional’! Após uma única lição, utilizar *guarda nacional* como injúria, ele que havia sido criado na patriotaria [*patriotarie*] e na religião da baioneta cidadã, qual imenso progresso! qual passo de gigante! Ele deu um soco em seu tubo de pano mortuário [*tuyau de poêle*] (seu chapéu), retirou sua camisa pelas mangas, e jurou, por sua alma, que ele jamais a vestiria novamente; ele subiu ao seu aposento, abriu sua cômoda, tirou todas as suas camisas, e lhes cortou a gola sem piedade, a guilhotina sendo um par de tesouras de sua mãe. Ele acendeu o fogo, queimou seu Boileau, seu Voltaire e seu Racine, todos os versos clássicos que tinha, e não foi senão por milagre que aqueles que nos servem de epígrafe escaparam desta combustão geral (tradução nossa).²⁹³

²⁹¹ GAUTIER, Théophile. Les Jeunes-France. Romans goguenards. In: GAUTIER, Théophile. *Romans, contes et nouvelles I*. Édition établie sous la direction de P. Laubriet. Paris: Gallimard, 2002. p. 75

²⁹² GAUTIER, Théophile. Les Jeunes-France. Romans goguenards. In: GAUTIER, Théophile. *Romans, contes et nouvelles I*. Édition établie sous la direction de P. Laubriet. Paris: Gallimard, 2002. p. 75

²⁹³ GAUTIER, Théophile. Les Jeunes-France. Romans goguenards. In: GAUTIER, Théophile. *Romans, contes et nouvelles I*. Édition établie sous la direction de P. Laubriet. Paris: Gallimard, 2002. p. 78. A epígrafe, com efeito, é composta a partir de dois poemas supostamente compostos pelo próprio Jovard *antes* – “Qual santo transporte me agita, e qual é meu delírio! Um sopro fez vibrar as cordas de minha lira; Ó Musas, castas irmãs, e tu, grande Apolo [...]” – e *depois* de sua conversão: “Pelo inferno! Eu sinto um imenso desejo/ De triturar sua carne entre meus dentes, e de arrancar,/ Com algum pedaço de sua pele azul e verde,/ Seu coração meio

Como visto, Jovard foi acometido, por assim dizer, por uma Revolução Francesa *subjéctiva*, à qual o próprio Gautier conscientemente remete através da permanência da guilhotina, transformada em tesoura na cena agora já eminentemente burguesa. De fato, a guilhotina reaparece logo em seguida, no que Jovard é representado como tomando parte na batalha do *Hernani*, onde ele grita “Mandem os clássicos à guilhotina!”²⁹⁴ A lógica do terror, com toda sua arbitrariedade, se instaura, pois, uma vez mais, sem que Jovard pareça se dar conta de que ele mesmo poderia vir a se tornar ele mesmo um ‘clássico’.²⁹⁵

Mas isso não lhe dizia respeito. O que lhe importava era viver no momento, de acordo, mais exatamente, com a *moda do momento*, daí o fato de que “[...] ele havia passado, do voltairanismo mais constitucional à hugolatria mais canibal e mais feroz” (tradução nossa)²⁹⁶ Mais do que isso, Jovard, ele mesmo jovem poeta, passa a ser tomado, a partir dessa conversão, de uma vontade imensa de, como diz o narrador, *famosidade* [*famosité*],²⁹⁷ no que ele passa a ser governado pelo imperativo de se individualizar a todo preço, isto é, de se destacar em relação a todos os outros que lhe circundavam da maneira mais profunda e radical possível, por mais absurdos que pudessem ser tais meios de singularização:

apodrecido em seu peito aberto” (tradução nossa). GAUTIER, Théophile. Les Jeunes-France. Romans goguenards. In: GAUTIER, Théophile. *Romans, contes et nouvelles I*. Édition établie sous la direction de P. Laubriet. Paris: Gallimard, 2002. p. 68

²⁹⁴ GAUTIER, Théophile. Les Jeunes-France. Romans goguenards. In: GAUTIER, Théophile. *Romans, contes et nouvelles I*. Édition établie sous la direction de P. Laubriet. Paris: Gallimard, 2002. p. 79

²⁹⁵ Vale, neste sentido, apontar que Baudelaire seria ele mesmo criticado publicamente pelo jornal *Le Figaro* em 1859 por ter supostamente renegado seus mestres de outrora, mais especificamente Hugo, no que Baudelaire teria dito publicamente, de acordo com tal jornal, “*Hugo! quem conhece Hugo? Conhece-se este... Hugo?*”. Mais do que isto, o jornal criticava precisamente “[...] o orgulho do Jovard de outrora que leva o Baudelaire de hoje a renegar seus mestres [...]”, crítica esta que fez com que Baudelaire escrevesse uma carta ao diretor do jornal em questão na qual retomava trechos da notícia originalmente publicada de forma a lhe pedir uma retratação. Cf. BAUDELAIRE, Charles. *Correspondance*. Choix et présentation de C. Pichois et J. Thélot. Paris: Gallimard, 2000. p. 145

²⁹⁶ GAUTIER, Théophile. Les Jeunes-France. Romans goguenards. In: GAUTIER, Théophile. *Romans, contes et nouvelles I*. Édition établie sous la direction de P. Laubriet. Paris: Gallimard, 2002. p. 80

²⁹⁷ GAUTIER, Théophile. Les Jeunes-France. Romans goguenards. In: GAUTIER, Théophile. *Romans, contes et nouvelles I*. Édition établie sous la direction de P. Laubriet. Paris: Gallimard, 2002. p. 80

[e]le teve várias vezes o desejo de escrever seu nome sobre todos os muros [...]. Ele teve a ideia de fazer levar [seu] nome [...] sobre as costas e sobre o peito do homem-cartaz [*homme-affiche*], ou de tê-lo bordado sobre seu próprio colete, em letras grandes, e isto bem antes dos saint-simonianos.

Ele deliberou quinze dias se não suicidar-se-ia, para fazer colocar seu nome nos jornais, e tendo ouvido gritar nas ruas a condenação à morte de um criminoso, ele sofreu a tentação de assassinar alguém para se fazer guilhotinar e, [assim] ocupar consigo a atenção pública (tradução nossa).²⁹⁸

Em suma,

Todos os meios de voltar o[s] olho[s] sobre si, ele os emprega: seu chapéu é mais pontudo do que todos os outros; ele tem mais barba sozinho do que três soldados [*sapeurs*], sua fama [*renommée*] cresce em razão de sua barba; hoje tendes um colete vermelho, amanhã ele vestirá uma veste escarlate. Olhai-o um pouco, eu vos rogo! ele se dá tanto trabalho para obter um de vossos olhares, ele mendiga uma olhadela como um outro um posto ou um favor; não o confundais com a multidão, ele lançar-se-ia da ponte. Para atrair vossa atenção, ele caminharia de ponta-cabeça e cavalgaria ao contrário.

O que me espanta é que ele não tenha ainda posto luvas em seus pés e botas em suas mãos, isto seria, no entanto, bastante notável. Se lhe encontra por todos os lugares: no baile, no concerto, no ateliê dos pintores, no escritório dos poetas em voga. Ele não faltou, há dois anos, a uma única estreia de teatro [...] (tradução nossa).²⁹⁹

²⁹⁸ GAUTIER, Théophile. Les Jeunes-France. Romans goguenards. In: GAUTIER, Théophile. *Romans, contes et nouvelles I*. Édition établie sous la direction de P. Laubriet. Paris: Gallimard, 2002. p. 80-81

²⁹⁹ GAUTIER, Théophile. Les Jeunes-France. Romans goguenards. In: GAUTIER, Théophile. *Romans, contes et nouvelles I*. Édition établie sous la direction de P. Laubriet. Paris: Gallimard, 2002. p. 81-82

Uma vez mais, a crítica dos modos se mostra nesta obra tão radical e impiedosa que ela não se abstém de se voltar contra o próprio autor e seu círculo, no que Gautier, diga-se de passagem, se revela como um implacável, imparcial, autocrítico e, acima de tudo, engraçadíssimo satirista. Em verdade, a singularidade desta coletânea de contos reside precisamente no uso ilimitado, desenfreado, *terrorista* mesmo da *ironia*,³⁰⁰ muito provavelmente como o panorama literário francês jamais poderia ter imaginado, com a exceção talvez de Rabelais, o qual, aliás, servia de modelo a Gautier, sendo, assim, citado ao longo da obra, mais especificamente na novela intitulada ‘Esta e aquela ou a jovem-França apaixonada’.³⁰¹

Ali, pois, o tema volta a ser o das relações entre homens e mulheres, já que Rodolphe, esta outra encarnação do poeta jovem-França,³⁰² faz questão de se apaixonar, “[...] não [de] uma paixão ‘vendedora de temperos’ e burguesa, mas [de] uma paixão de artista [...]” (tradução nossa).³⁰³ Logo, Rodolphe, precisamente enquanto ‘romântico furioso’, decide, a partir de uma ideia, se apaixonar por uma espanhola ou italiana, dado que inglesas, francesas e alemãs seriam frias demais para lhe fornecer um motivo de paixão poética.³⁰⁴ Mas seria logo

³⁰⁰ Com efeito, Baudelaire escreveria no primeiro dos dois perfis que viria a dedicar a Gautier especificamente a respeito da coletânea *Os Jovem-França* que “[p]or mais viva e rica que tivesse sido até então a nova seiva literária, é preciso reconhecer que um elemento lhe faltava, ou pelo menos não se deixava observar senão raramente [...]; quero falar do riso e do sentimento do grotesco. *Os Jovem-França* logo provaram que a escola se completava. Por mais despretenhosa [*legér*] que esta obra pudesse parecer a várias pessoas, ela contém grandes méritos. Além da *beleza do diabo*, quer dizer, a graça charmosa e a audácia da juventude, ela contém o riso, e o melhor riso. Evidentemente, em uma época repleta de tolices, um autor se instalava em plena ironia e provava que não era tolo. Um vigoroso bom senso o salvava dos pastiches e das religiões à la mode” (grifo do autor). BAUDELAIRE, Charles. Théophile Gautier [I]. In: BAUDELAIRE, Charles. *Œuvres complètes II*. Texte établi, présenté et annoté par C. Pichois. Paris: Gallimard, 1976. p. 110-111

³⁰¹ GAUTIER, Théophile. Les Jeunes-France. Romans goguenards. In: GAUTIER, Théophile. *Romans, contes et nouvelles I*. Édition établie sous la direction de P. Laubriet. Paris: Gallimard, 2002. p. 97

³⁰² GAUTIER, Théophile. Les Jeunes-France. Romans goguenards. In: GAUTIER, Théophile. *Romans, contes et nouvelles I*. Édition établie sous la direction de P. Laubriet. Paris: Gallimard, 2002. p. 104

³⁰³ Gautier reiteradamente se serve, entre outras, da palavra *épicier*, significando literalmente ‘vendedor de temperos’, como sinônimo de *burguês*. GAUTIER, Théophile. Les Jeunes-France. Romans goguenards. In: GAUTIER, Théophile. *Romans, contes et nouvelles I*. Édition établie sous la direction de P. Laubriet. Paris: Gallimard, 2002. p. 84

³⁰⁴ GAUTIER, Théophile. Les Jeunes-France. Romans goguenards. In: GAUTIER, Théophile. *Romans, contes et nouvelles I*. Édition établie sous la direction de P. Laubriet. Paris: Gallimard, 2002. p. 84

uma francesa coquete, de traços mediterrâneos, a escolhida, especialmente porque era casada, o que não fazia senão atizar a volúpia do jovem don Juan. E eis que, uma vez conquistada a mulher, de maneira a apimentar a relação, o próprio Rodolphe decide escrever uma carta ao marido, aliás, *classicista*, na qual lhe revelava, sob anonimato, os detalhes da conquista.³⁰⁵ Este, perfeito *burguês* que era, não faz muita coisa, o que irrita o temperamento romântico de Rodolphe, o qual, diante de tal impasse, pede então a seu melhor amigo, Albert, que faça ele próprio a corte à sua amante.³⁰⁶ De modo que uma vez mais se propaga a idéia da *devassidão*³⁰⁷ na obra de Gautier, não obstante o fato de que Rodolphe, por fim, acaba se apaixonando por sua empregada, a qual parecia de fato gostar dele.³⁰⁸

Mas, como já visto, o ódio ao burguês acaba sendo mesmo um dos motivos constituintes da obra. Neste sentido, o jovem-França seguinte, o singularíssimo Élias Wildmanstadius, somente pode ser compreendido sob essa luz, dado que, diferentemente de todos os outros jovem-França apresentados ao longo da obra, este não se volta para o futuro, e sim para o passado, pois, como curiosamente explicita o narrador logo no início deste conto,

[e]ntre as inumeráveis variedades de jovens-França, uma das mais notáveis, sem contestação, é aquela da qual iremos nos ocupar. Existe o jovem-França byroniano, o jovem-França artista, o jovem-França apaixonado, o jovem-França *viveur*, *chiqueur*, fumante, com ou sem barba [...]. Mas de todas as espécies de jovem-França, o jovem-França Idade Média é a mais numerosa, e os

³⁰⁵ GAUTIER, Théophile. Les Jeunes-France. Romans goguenards. In: GAUTIER, Théophile. *Romans, contes et nouvelles I*. Édition établie sous la direction de P. Laubriet. Paris: Gallimard, 2002. p. 126

³⁰⁶ GAUTIER, Théophile. Les Jeunes-France. Romans goguenards. In: GAUTIER, Théophile. *Romans, contes et nouvelles I*. Édition établie sous la direction de P. Laubriet. Paris: Gallimard, 2002. p. 135

³⁰⁷ Pois como diz Rodolphe a certa altura a Mariette, sua empregada e futura mulher, “É no entanto algo de bem ignóbil e bem rococó a virtude [...]. Deixa a virtude às velhas e aos disformes [...]” (tradução nossa). GAUTIER, Théophile. Les Jeunes-France. Romans goguenards. In: GAUTIER, Théophile. *Romans, contes et nouvelles I*. Édition établie sous la direction de P. Laubriet. Paris: Gallimard, 2002. p. 138

³⁰⁸ GAUTIER, Théophile. Les Jeunes-France. Romans goguenards. In: GAUTIER, Théophile. *Romans, contes et nouvelles I*. Édition établie sous la direction de P. Laubriet. Paris: Gallimard, 2002. pp. 136-140

indivíduos que a compõem não são medianamente curiosos a serem examinados (tradução nossa).³⁰⁹

Eis, pois, que Wildmanstadius, com uma alma do século XV no XIX, isto é, “[...] em meio a uma civilização egoísta e prosaica, [...] se sentindo inábil [*gauche*] e deslocado [*déplacé*] nesta sociedade para a qual não havia sido feito, havia feito a escolha de se fechar em si mesmo e de criar para si uma existência à parte [...]” (tradução nossa).³¹⁰ Daí, pois, que suas roupas, moradia, alimentação, leituras, linguajar, modos, tudo, enfim, remetessem à idade média. E se este, como o narrador dá a entender, em anos anteriores ainda se mostrava capaz de manter um mínimo de contato com o mundo *contemporâneo*, mais exatamente através de seus contemporâneos, tal qual o próprio narrador, mais para o final de sua vida Wildmanstadius foi se fechando cada vez mais, na medida em que “[...] os aspectos burgueses e mercantis dos habitantes [...]” (tradução nossa)³¹¹ se tornavam mais e mais opressivos, até que ele viesse a morrer dentro de seu mausoléu medieval no momento mesmo em que sua catedral favorita, onde costumava passar horas a fio, foi incendiada por um raio caído do céu.³¹²

Por fim, o último conto da obra aborda precisamente “[...] a orgia, a única poesia possível nestes tempos de prosaísmo; a orgia...” (tradução nossa),³¹³ concebida por um grupo de amigos, todos jovem-França, sem dúvida e, conseqüentemente, beberrões, como antídoto para o *tédio* que padeciam em um de seus encontros.³¹⁴ Pois munidos

³⁰⁹ GAUTIER, Théophile. Les Jeunes-France. Romans goguenards. In: GAUTIER, Théophile. *Romans, contes et nouvelles I*. Édition établie sous la direction de P. Laubriet. Paris: Gallimard, 2002. p. 146

³¹⁰ GAUTIER, Théophile. Les Jeunes-France. Romans goguenards. In: GAUTIER, Théophile. *Romans, contes et nouvelles I*. Édition établie sous la direction de P. Laubriet. Paris: Gallimard, 2002. p. 147

³¹¹ GAUTIER, Théophile. Les Jeunes-France. Romans goguenards. In: GAUTIER, Théophile. *Romans, contes et nouvelles I*. Édition établie sous la direction de P. Laubriet. Paris: Gallimard, 2002. p. 150

³¹² GAUTIER, Théophile. Les Jeunes-France. Romans goguenards. In: GAUTIER, Théophile. *Romans, contes et nouvelles I*. Édition établie sous la direction de P. Laubriet. Paris: Gallimard, 2002. p. 151

³¹³ GAUTIER, Théophile. Les Jeunes-France. Romans goguenards. In: GAUTIER, Théophile. *Romans, contes et nouvelles I*. Édition établie sous la direction de P. Laubriet. Paris: Gallimard, 2002. p. 164

³¹⁴ GAUTIER, Théophile. Les Jeunes-France. Romans goguenards. In: GAUTIER, Théophile. *Romans, contes et nouvelles I*. Édition établie sous la direction de P. Laubriet. Paris: Gallimard, 2002. p. 155-157

de romances recém publicados que traziam cenas de orgia em seus enredos, estes se põem a reproduzir fielmente tais cenas, no que acabam por criar um caos intertextual dos diabos. Verdade seja dita, não apenas aqui, mas também nos outros contos, a orgia, neste caso, ou a desmesura, de maneira mais geral, nunca é tratada por Gautier em seu aspecto mais crasso ou, por assim dizer, material, tanto é que aqui, por exemplo, a *orgia* é compreendida fundamentalmente como bebedeira desenfreada, *descabelada*, como a adjetiva o próprio autor,³¹⁵ ou seja, como *desordem*, portanto. Em outros termos, a crítica dos valores tal qual empreendida por Gautier se estabelece muito mais a partir da *ironia* – e aqui, vale dizer, a intertextualidade desempenha papel predominante, – do que da *destruição* impiedosa tal qual desenvolvida em uma obra de Sade (1740-1814)³¹⁶ ou de algum outro *libertino* propriamente dito, pois, com efeito, se tratam de duas tradições literárias diferentes, as quais, não obstante, podem ter seus pontos de aproximação.³¹⁷ De qualquer forma, o que quero dizer é que a coletânea de Gautier se coloca como um exercício crítico em ironia, sendo esta concebida como desenfreada, é verdade, mas que, no final das contas, se sabe anódina, já que se reconhece de antemão como um *jogo*, sendo, de fato, o caráter lúdico um dos mais profundos a perpassá-la. Por outro lado, sendo todo jogo por definição uma aventura mais ou menos aberta, isto é, um acontecimento que depende em boa medida da maneira como é encarado, esta mesma obra, algo anódina ou, melhor dito, *naïf*, ou ainda, maravilhosamente *naïf*, já que se trata de uma verdadeira pérola da tradição literária da ironia, pode ser interpretada, por isso

³¹⁵ GAUTIER, Théophile. Les Jeunes-France. Romans goguenards. In: GAUTIER, Théophile. *Romans, contes et nouvelles I*. Édition établie sous la direction de P. Laubriet. Paris: Gallimard, 2002. p. 152

³¹⁶ Neste sentido, em seu *Diálogo entre um padre e um moribundo*, Sade coloca na boca do segundo as seguintes palavras: “Tu edificas, tu inventas, tu multiplicas; eu, por minha vez, destruo, eu simplifico” (tradução nossa). SADE, Marquis de. *Dialogue entre un prêtre et un moribond*. In: SADE, Marquis de. *Œuvres I*. Édition établie par M. Delon. Paris: Gallimard, 1990. p. 5 (Bibliothèque de la Pléiade)

³¹⁷ Como dito anteriormente, em dois momentos mais específicos da coletânea de Gautier é *sugerido* o tema da devassidão, já que não se presencia o que acontece a partir de tal sugestão, tanto é que eles são colocados ao *final* da história; por sua vez, Sade *inicia* *Os cento e vinte dias de Sodoma ou a Escola da libertinagem* com uma tal proposta de troca entre amantes, sendo o restante do romance precisamente a atualização de tal proposta. SADE, Marquis de. *Les cent vingt journées de Sodome ou L’École du libertinage*. In: SADE, Marquis de. *Œuvres I*. Édition établie par M. Delon. Paris: Gallimard, 1990. p. 15-310; Cf. mais especificamente p.

mesmo, como uma inquietante mostra do espírito do tempo em termos precisamente de algo que poderia ser denominado de *moral*, em seu sentido mais amplo. Em suma, se Sade, para ficarmos com ele, representava uma exceção, ou mesmo uma aberração, já Gautier acaba por representar precisamente o momento em que muitos dos pressupostos mais profundos de Sade passam a ser reproduzidos de forma diluída, por assim dizer, mas não menos perigosa, já que se trata, em verdade, de toda uma geração repentinamente se revelando, ao menos em potência, como sádica ou, melhor dito, como *niilista*.³¹⁸

Neste sentido, uma outra obra, esta de Alfred de Musset (1810-1857), *A confissão de uma criança do século* (*La confession d'un enfant du siècle*), publicada em fevereiro de 1836, não faz senão confirmar a tese de que surgira toda uma geração perigosamente voltada para o *nada* a partir da revolução de Julho.³¹⁹ Nesta obra, pois, Musset traça precisamente o perfil de toda uma geração “[...]”

³¹⁸ Assim, se Sade escrevera que “[o] ateísmo é, no momento, o único sistema de todas as pessoas que sabem raciocinar [...]” (tradução nossa). SADE, Marquis de. *La Philosophie dans le Boudoir*. Paris: Gallimard, 1976. p. 193), Gautier retoma quase que exatamente as mesmas palavras, no que concebe o seguinte diálogo em *Sous la table*: “– Tu é então materialista, ô Roderick?/ – Eu o sou, todos os homens de espírito o são [...]” (tradução nossa). GAUTIER, Théophile. Les Jeunes-France. Romans goguenards. In: GAUTIER, Théophile. *Romans, contes et nouvelles I*. Édition établie sous la direction de P. Laubriet. Paris: Gallimard, 2002. p. 29. A título de ilustração, vale precisar que nesta mesmíssima página surgem frases como as seguintes: “[...] tudo é relativo [...]”, “[...] a carne é mais eloqüente do que o espírito [...]” etc.

³¹⁹ Walter Benjamin, por exemplo, concebia tal processo como tendo acontecido mais tarde, pois, de acordo com sua argumentação, “[o] tédio começou a ser visto como uma epidemia nos anos quarenta. Lamartine teria sido o primeiro a ter dado expressão a este mal”. BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Editores R. Tiedemann e W. Bolle. Trad. do alemão I. Aron; Trad. do francês C. P.B. Mourão. Belo Horizonte: Ed. UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007. p. 148 [D 3a, 4]). Por sua vez, há também a tese de que Tocqueville teria sido, isto com a publicação de *Da democracia na América II*, escrita de 1835 a 1839 e publicada no início de 1840, um dos primeiros a relacionar a indiferença em termos religiosos a uma dinâmica sócio-política. Cf. ANTOINE, Agnès. *L'impensé de la démocratie*: Tocqueville, la citoyenneté et la religion. Paris: Fayard, 2003. p. 155. Ora, como o explicita Bénichou, “[é] permitido designar sob o nome de ‘Jovem-França’, em seu sentido mais amplo, não apenas um grupo particular de jovens românticos [...], mas toda uma juventude cuja característica, assim como ideal, comportava uma aliança de revolta e de desespero, de excesso consciente [voulu] na paixão e de humor sarcástico, de abatimento e de imaginação sem freio.” De modo que “[o] desencantamento febril, o abatimento moral do qual fala Musset, a *deseperança* que ele conhece tão bem, aparecida, sobretudo, então, cresceram face ao prosaísmo da seqüência [da revolução] de Julho, na juventude de então. Musset, que escreve [a ‘confissão’] alguns anos mais tarde, testemunha por este momento, que foi também aquele dos Jovem-França” (tradução nossa). BÉNICHOU, Paul. *Romantismes français*. Paris: Gallimard, 1996. v. 1, p. 1565, 1636. Por sua vez, vale uma vez mais lembrar que se trata da mesmíssima geração de Kierkegaard.

ardente, pálida, nervosa [...]” (tradução nossa),³²⁰ acometida da “[...] doença do século presente [...]” (tradução nossa),³²¹ isto é, “[...] de uma doença moral abominável [...]” (tradução nossa).³²² Com efeito,

[t]rês elementos compartilhava então a vida que se oferecia então às gentes jovens [*jeunes gens*] : atrás delas um passado para sempre destruído, se agitando ainda sobre suas ruínas, com todos os fósseis dos séculos do absolutismo; diante deles a aurora de um imenso horizonte, os primeiros brilhos do futuro; e entre estes dois mundos... algo de semelhante ao Oceano que separa o velho continente da jovem América, não sei o quê de vago e de flutuante, um mar agitado e pleno de naufrágios, perpassado de vez em quando por alguma vela branca distante ou par algum navio assoprando um pesado vapor; o século presente, em uma palavra, que separa o passado do futuro, que não é nem um nem o outro e que se assemelha aos dois simultaneamente, e no qual não se sabe, a cada passo que se dá, se se caminha sobre uma semente ou sobre um detrito.

Eis a partir de qual caos foi necessário escolher então: eis o que se apresentava às crianças [*enfants*] cheias de força e de audácia, filhos [*filis*] do Império e netos [*petit-fils*] da Revolução (tradução nossa).³²³

³²⁰ MUSSET, Alfred de. La confession d’un enfant du siècle. In: MUSSET, Alfred de. *Œuvres complètes en prose*. Introduction, chronologie, notes et variantes, index, bibliographie établis par M. Allem et Paul-Courant. Paris: Gallimard, 1960. p. 65 (Bibliothèque de la Pléiade)

³²¹ MUSSET, Alfred de. La confession d’un enfant du siècle. In: MUSSET, Alfred de. *Œuvres complètes en prose*. Introduction, chronologie, notes et variantes, index, bibliographie établis par M. Allem et Paul-Courant. Paris: Gallimard, 1960. p. 78 (Bibliothèque de la Pléiade)

³²² MUSSET, Alfred de. La confession d’un enfant du siècle. In: MUSSET, Alfred de. *Œuvres complètes en prose*. Introduction, chronologie, notes et variantes, index, bibliographie établis par M. Allem et Paul-Courant. Paris: Gallimard, 1960. p. 65 (Bibliothèque de la Pléiade)

³²³ MUSSET, Alfred de. La confession d’un enfant du siècle. In: MUSSET, Alfred de. *Œuvres complètes en prose*. Introduction, chronologie, notes et variantes, index, bibliographie établis par M. Allem et Paul-Courant. Paris: Gallimard, 1960. p. 69 (Bibliothèque de la Pléiade)

Ora, por mais que Musset pareça recuar de forma algo anacrônica o surgimento de tal geração desencantada ao período da restauração,³²⁴ o fato mais primordial em sua descrição é que ele credita o surgimento do niilismo a partir da história recente da França, a qual sofrera um razoável número de mudanças de regime, sendo, como se sabe, algumas delas da maneira mais radical e violenta possível, e isto tudo em menos de 50 anos. Daí, pois, o sentimento de impotência e angústia que perpassam sua análise, já que, como continua a passagem acima citada,

[o]ra, o passado elas não queriam mais, pois a fé em nada não se dá [*la foi en rien ne se donne*]; o futuro, elas o amavam, mas quê! como a Pigmalião [,] Galateia: era para elas como uma amante de mármore, e elas esperavam que ela se animasse, que o sangue colorasse suas veias. Restava-lhes, pois, o presente, o espírito do século, anjo do crepúsculo que não é nem a noite nem o dia; elas o encontraram sentado sobre um saco de cal cheio de ossos, fechado no pano dos egoístas, tremendo de um frio terrível. A angústia da morte lhes entrou na alma diante da vista deste espectro meio múmia, meio feto [...] (tradução nossa).³²⁵

No entanto, para que tal processo ganhasse a dinâmica própria da negação tal qual desenvolvida, como visto, por Gautier em sua obra *Os Jovem-França*, Musset compreende que, após a queda de Napoleão, faltava ainda o desenvolvimento de uma visão desencantada de mundo no âmbito das *ideias*, a partir do qual tais elementos dispersos, a saber, o *desencantamento*, a *angústia*, o *tédio*, a *dúvida universal*, o *vazio*, a *devassidão*, o *desespero*, o *nada* – e, neste sentido, vale explicitar que todas estas palavras ou conceitos fazem parte da descrição de Musset acerca deste processo – entrassem literalmente em combustão, pois como de fato escreve Musset,

³²⁴ Cf., neste sentido, BÉNICHOU, Paul. *Romantismes français*. Paris: Gallimard, 1996. v. 2, p. 1634-1637. De fato, não apenas Musset incorre nesse tipo de erro, como, consequentemente, seu relato é todo ele composto por verbos no passado, quando muitas vezes o processo ao qual ele se refere lhe é contemporâneo, o que não faz senão aumentar tal confusão.

³²⁵ MUSSET, Alfred de. La confession d'un enfant du siècle. In: MUSSET, Alfred de. *Œuvres complètes en prose*. Introduction, chronologie, notes et variantes, index, bibliographie établis par M. Allem et Paul-Courant. Paris: Gallimard, 1960. p. 69-70 (Bibliothèque de la Pléiade)

[q]uando as ideias inglesas e alemãs passaram assim sobre nossas cabeças, foi como um desgosto enorme e silencioso, seguido de uma convulsão terrível. Pois formular ideias gerais [equivale a transformar] o **salpêtre** em pólvora e o cérebro homérico do grande Goethe havia sugado, como um alambique, todo o licor do fruto proibido. Aqueles que não o leram então acreditaram não saber de nada. Pobres criaturas! a explosão os levou como grãos de pó rumo ao abismo da dúvida universal.

Foi como uma negação [*dénégation*] de todas as coisas do céu e da terra, a qual pode ser nomeada desencantamento, ou, se se quiser, *desesperança* [*désespérance*]; como se a humanidade em letargia tivesse sido acreditada como morta por aqueles que lhe tomavam o pulso. [Da mesma maneira] que este soldado a quem lhe era perguntado outrora: ‘No que crês?’ e que como primeiro respondeu: ‘Em mim’; assim a juventude da França, escutando esta questão, respondeu primeiro: ‘Em nada [*A rien*]’ (tradução nossa).³²⁶

Como visto, Musset credita em boa medida tal processo tanto a Goethe, citado nominalmente na passagem acima, quanto a Byron, o qual já havia sido citado um pouco antes.³²⁷ Neste sentido, pois, ambos

³²⁶ MUSSET, Alfred de. La confession d’un enfant du siècle. In: MUSSET, Alfred de. *Œuvres complètes en prose*. Introduction, chronologie, notes et variantes, index, bibliographie établis par M. Allem et Paul-Courant. Paris: Gallimard, 1960. p. 74. (Bibliothèque de la Pléiade). Neste sentido, ele dizia que “Uma literatura caveirosa [*cadavéreuse*] e infecta, que não tinha senão a forma, mas uma forma tenebrosa, começou a borrifar [através] de um sangue fétido todos os monstros da natureza” (tradução nossa). MUSSET, Alfred de. La confession d’un enfant du siècle. In: MUSSET, Alfred de. *Œuvres complètes en prose*. Introduction, chronologie, notes et variantes, index, bibliographie établis par M. Allem et Paul-Courant. Paris: Gallimard, 1960. p. 75. (Bibliothèque de la Pléiade), no que muitos vêem uma clara antecipação da obra de Baudelaire.

³²⁷ De fato, Musset diz o seguinte a respeito dos dois: “[o]ra, por volta daquela época [na qual Napoleão havia morrido], dois poetas, os dois mais belos gênios do século depois de Napoleão, acabavam de consagrar suas vidas a juntar todos os elementos de angústia e de dor espalhados pelo universo. Goethe, o patriarca de uma literatura nova, depois de ter pintado em Werther a paixão que leva ao suicídio, havia traçado em seu Fausto a mais sombria figura humana que tivera jamais representado o mal e o infortúnio. Seus escritos começaram então a passar da Alemanha para a França. Do fundo de seu gabinete de estudo, envolto por pinturas e estátuas, rico, feliz e tranquilo, ele observava vir até nós sua obra de trevas com um sorriso paternal. Byron lhe respondeu com um grito de dor que fez estremecer a Grécia, e suspendeu Manfred

são enlistados de forma a darem conta do processo, seja de ‘fuga dos deuses’ – “[i]nfelizmente! infelizmente! a religião se vai [...]” (tradução nossa)³²⁸ –, seja de *destruição* propriamente dita do cristianismo – “[e]is o que fez o cristianismo; e agora, depois de tantos anos, o que fizeram aqueles que o destruíram?” (tradução nossa),³²⁹ ou o que ele chama talvez mais propriamente ainda de *mudança universal*.³³⁰ Sejam quais forem as causas de tal complexo processo, o fato mais primordial é que, de acordo com Musset, a partir de determinado momento “[o]s homens duvidaram de tudo: as gentes jovens negaram [*nièrent*] tudo [...]” (tradução nossa),³³¹ e mesmo “[...] as crianças [*enfants*] [passaram a] cuspi[r] o pão de Deus” (tradução nossa).³³²

sobre os abismos, como se o nada [*le néant*] tivesse sido a senha para o enigma tenebroso no qual ele se encobria” (tradução nossa). MUSSET, Alfred de. *La confession d’un enfant du siècle*. In: MUSSET, Alfred de. *Œuvres complètes en prose*. Introduction, chronologie, notes et variantes, index, bibliographie établis par M. Allem et Paul-Courant. Paris: Gallimard, 1960. p. 73. (Bibliothèque de la Pléiade). Ora, o que chama a atenção aqui é precisamente a junção destes dois nomes, a qual não se deixa colocar tão facilmente, já que Goethe, por mais que tivera de fato composto um personagem *negativo* em *Werther*, mais especificamente, já em outras obras suas, mais tardias, teria dado uma guinada radical para uma concepção mais conservadora de mundo. Dito em outros termos, Musset faz aqui uma leitura de Goethe que definitivamente não seria corroborada por outros contemporâneos seus, os quais viam em Goethe precisamente o *antídoto* para tal visão pessimista de mundo representada por Byron, pois, por exemplo, como o colocava Carlyle precisamente com tais problemas em mente, isto em *Sartor Resartus*, romance do mesmo período produzido no contexto inglês, “[f]echai vosso Byron; abri vosso Goethe” (tradução nossa). CARLYLE, Thomas. *Sartor Resartus: the life and opinions of Herr Teufelsdröckh in three books*. Ed. Roger Tarr. Berkeley: University of California Press, 2000p. 143. Por sua vez, Kierkegaard, como argumentarei adiante, também proporia o mesmíssimo Goethe exatamente como antídoto para o pessimismo byroniano.

³²⁸ MUSSET, Alfred de. *La confession d’un enfant du siècle*. In: MUSSET, Alfred de. *Œuvres complètes en prose*. Introduction, chronologie, notes et variantes, index, bibliographie établis par M. Allem et Paul-Courant. Paris: Gallimard, 1960. p. 75 (Bibliothèque de la Pléiade)

³²⁹ MUSSET, Alfred de. *La confession d’un enfant du siècle*. In: MUSSET, Alfred de. *Œuvres complètes en prose*. Introduction, chronologie, notes et variantes, index, bibliographie établis par M. Allem et Paul-Courant. Paris: Gallimard, 1960. p. 77 (Bibliothèque de la Pléiade)

³³⁰ MUSSET, Alfred de. *La confession d’un enfant du siècle*. In: MUSSET, Alfred de. *Œuvres complètes en prose*. Introduction, chronologie, notes et variantes, index, bibliographie établis par M. Allem et Paul-Courant. Paris: Gallimard, 1960. p. 72 (Bibliothèque de la Pléiade)

³³¹ MUSSET, Alfred de. *La confession d’un enfant du siècle*. In: MUSSET, Alfred de. *Œuvres complètes en prose*. Introduction, chronologie, notes et variantes, index, bibliographie établis par M. Allem et Paul-Courant. Paris: Gallimard, 1960. p. 75 (Bibliothèque de la Pléiade)

³³² MUSSET, Alfred de. *La confession d’un enfant du siècle*. In: MUSSET, Alfred de. *Œuvres complètes en prose*. Introduction, chronologie, notes et variantes, index, bibliographie

Com efeito, para além de desenvolver uma genealogia na qual história e literatura têm papel predominante em termos da compreensão do fenómeno do niilismo, Musset desenvolve também tanto uma análise psicológica na qual a mudança universal é retratada como tendo produzido dois tipos diferentes de respostas ou de atitudes face o mesmo processo, quanto uma análise sócio-política do mesmo processo, abordando mais especificamente os efeitos de tal visão desencantada de mundo em termos das diferentes classes sociais presentes na França de seu contexto, no que, indiretamente, explicitava também sua visão sócio-política. No que diz respeito, pois, ao primeiro tipo de análise, lê-se que, a partir de tal mudança de paradigma,

[e]is então o que dizia a alma:

Infelizmente! infelizmente! a religião se vai; as nuvens do céu caem como chuva; não temos mais esperança [*espoir*], nem espera [*attente*], nem [mesmo] dois pequenos pedaços de madeira negra em cruz diante dos quais estender as mãos. O astro do futuro mal se levanta; ele não pode sair do horizonte; ele permanece circundado por nuvens, e, como o sol no inverno, seu disco aparece com um vermelho de sangue, que ele guardou de [17]93. Não há mais amor, não há mais glória. Qual noite espessa sobre a terra! E nós estaremos mortos quando vier o dia.’

Eis então o que dizia o corpo:

‘O homem está cá embaixo para se servir de seus sentidos; existem mais ou menos pedaços de um metal amarelo ou branco, com o qual se tem direito a mais ou menos estima. Comer, beber e dormir, isto é viver. Quanto aos laços que existem entre os homens, a amizade consiste a emprestar dinheiro, mas é raro ter um amigo que se possa amar o suficiente por isto. A paternidade [*parenté*] serve para [se ter] heranças; o amor é um exercício do corpo; o único gozo intelectual é a vaidade’ (tradução nossa).³³³

établis par M. Allem et Paul-Courant. Paris: Gallimard, 1960. p. 76 (Bibliothèque de la Pléiade)

³³³ MUSSET, Alfred de. La confession d’un enfant du siècle. In: MUSSET, Alfred de. *Œuvres complètes en prose*. Introduction, chronologie, notes et variantes, index, bibliographie

Surgem, pois, em termos psíquicos, duas alternativas: ou a melancolia, ou o materialismo. Não obstante, tais alternativas são também problematizadas à luz de outros fatores, mais especificamente sócio-políticos, já que Musset parece levar em consideração a assimilação de tal processo de desencantamento de acordos com as diferentes classes sociais. Assim, ele considera que

[o]s antagonistas do Cristo disseram, pois, ao pobre: ‘Tem paciência até o dia da justiça: [mas] não há justiça; espera a vida eterna para então reclamar tua vingança: [mas] não há vida eterna; reúne tuas lágrimas e aquelas de tua família, os gritos de tuas crianças e os suspiros de tua mulher, para levá-las aos pés de Deus na hora de tua morte: [mas] não há Deus.

Então é certo que o pobre secou suas lágrimas, que ele disse à sua mulher para se calar, às suas crianças para irem consigo, e que ele se endireitou sobre a gleba com a força de um touro. Ele disse ao rico: ‘Tu que me oprimas, tu não és senão um homem’; e ao padre: ‘Tu que me consolaste, tu mentiste.’ Era justamente o que queriam os antagonistas do Cristo. Talvez acreditam fazer assim a felicidade dos homens ao enviar o pobre à conquista da liberdade.

Mas se o pobre, tendo uma vez bem compreendido que os padres o enganam, que os ricos o roubam, que todos os homens têm o mesmo direito, que todos os bens são deste mundo e que sua miséria é ímpia; se o pobre, acreditando em si e em seus dois braços como crença, disse a si mesmo um dia: ‘Guerra ao rico! Para mim também o gozo aqui embaixo, já que não há outro! para mim a terra, já que o céu está vazio! para mim e para todos, já que todos são iguais!’ ó raciocinadores sublimes que o levaram até lá, o que vós irei lhe dizer se ele for vencido? (tradução nossa).³³⁴

établis par M. Allem et Paul-Courant. Paris: Gallimard, 1960. p. 75 (Bibliothèque de la Pléiade)

³³⁴ MUSSET, Alfred de. La confession d’un enfant du siècle. In: MUSSET, Alfred de. *Œuvres complètes en prose*. Introduction, chronologie, notes et variantes, index, bibliographie

Em suma, diante de tal *mudança universal*, sobram as seguintes atitudes mais fundamentais: ou a *melancolia*, ou o *materialismo*, o qual, por sua vez, leva ou à devassidão, ou à *revolta política*. Musset, neste sentido, parece oscilar entre a melancolia e o materialismo sensualista ou orgiástico, como fica claro pelo restante do romance, no qual ele aborda exatamente suas incursões orgiásticas, as quais não deixam de vir acompanhadas de um forte sentimento de culpa, o qual, por sua vez, o torna melancólico; já a revolta política, claramente repudiada por Musset, seria o caminho escolhido pelas vanguardas políticas surgidas na França por volta deste período. Contudo, seria no contexto alemão que consolidar-se-ia um tipo de atitude que uniria revolta política e revolta metafísica, tendo mais especificamente como ligação entre ambas a *ironia* desmesurada, ilimitada, isto a partir de um movimento claramente inspirado nos *jovem-França* e que ganharia o nome, em homenagem a este, de *jovem Alemanha* (*junges Deutschland*). É para este movimento então que me volto agora.

3.4 O CASAMENTO DA REVOLTA POLÍTICA COM A REVOLTA METAFÍSICA OU O MOVIMENTO DA JOVEM ALEMANHA

Como dito acima, o movimento que ganharia o nome de *jovem Alemanha* nesse país tinha como inspiração os últimos desenvolvimentos franceses tanto nas letras quanto na política, sendo que esta mistura seria promovida de maneira talvez ainda mais radical do que os próprios franceses a concebiam neste mesmo período. Cabe agora explicitar seus principais elementos.

Em primeiro lugar, vale já precisar que nunca houve um movimento coeso, unificado ou concreto entre os partidários das ‘novas ideias’ na Alemanha; pelo contrário, devido à forte repressão política presente tanto na Alemanha quanto em outros âmbitos de língua alemã,

établis par M. Allem et Paul-Courant. Paris: Gallimard, 1960. p. 78 (Bibliothèque de la Pléiade). Em outra passagem ele diz: “[d]e sorte que os ricos se diziam: ‘Não há de verdadeiro senão a riqueza, todo o resto é um sonho; gozemos e morramos.’ Aqueles de fortuna mediocre se diziam: ‘Não há de verdadeiro senão o esquecimento, todo o resto é um sonho; esqueçamos e morramos.’ E os pobres se diziam: ‘Não há de verdadeiro senão o infortúnio, todo o resto é um sonho; blasfememos e morramos.’” (tradução nossa). MUSSET, Alfred de. *La confession d’un enfant du siècle*. In: MUSSET, Alfred de. *Œuvres complètes en prose*. Introduction, chronologie, notes et variantes, index, bibliographie établis par M. Allem et Paul-Courant. Paris: Gallimard, 1960 p. 76 (Bibliothèque de la Pléiade)

como no Império Austro-Húngaro, por exemplo, seus ‘membros’ viviam dispersos, o que, não obstante, não impedia o contato puramente intelectual, tanto através da publicação de suas obras, quanto através da troca de cartas, notadamente o caso de Karl Gutzkow (1811-1878) e do então refugiado político Georg Büchner (1813-1837). Em outras palavras, tal movimento deve ser pensado mais a partir de uma confluência ideal do que de uma confluência concreta em sentido pessoal, ou seja, trata-se, com o surgimento de tal movimento na Alemanha, da chegada e da dispersão das ‘novas ideias’ nesse país. Já em relação ao epíteto ‘jovem Alemanha’, este teria sido dado, por sua vez, pelo crítico literário Wolfgang Menzel (1798-1873) em 1835, no que este pôs-se a criticar os escritos dos jovens escritores de inclinação liberal alemães através de uma sequência de artigos de jornal. Portanto, tal qual no caso original, a etiqueta ‘jovem Alemanha’ foi aplicada de maneira heterônoma, de forma a desacreditar tais escritores diante do público leitor.³³⁵

Logo, o movimento da *jovem Alemanha* pode ser sucintamente descrito como a expressão literária, fundamentalmente em prosa,³³⁶ do ‘espírito do tempo’, isto é, o espírito liberado a partir da revolução de julho de 1830 na França, o qualurgia tanto aqueles intelectuais nascidos ainda em finais do século XVIII tais quais Ludwig Börne (1786-1837) e Heinrich Heine (1797-1856), considerados os verdadeiros pais do movimento, quanto os mais jovens tais quais os acima citados Gutzkow e Büchner, entre vários outros, a exigirem maior liberdade, primordialmente em seus aspectos político, moral e religioso.³³⁷ Portanto, foi a revolução de 1830, uma vez mais, que acabou agindo como um despertador dos ideais *modernos* em um país particularmente atrasado em termos tanto políticos quanto econômicos; com efeito, Karl

³³⁵ MASSEY, Marilyn C. *Christ unmasked: the meaning of the life of Jesus in German politics*. Chapel Hill: University of North Caroline Press, 1983. p. 59-64. Para além disto, vale também precisar que tal movimento se confunde com a etiqueta, também dada de maneira arbitrária, de ‘Pré-Março’ (*Vormärz*), nome através do qual os alemães já no século XX viriam a se referir ao conjunto da produção literária produzida nesse país entre 1815 e 1848.

³³⁶ Pois como explora a questão um estudioso de Heine, “[p]aralelamente à prosa da década de 1820 de crítica contemporânea [*Zeitskritik*] de Börne, [a obra] *Reisebilder* de Heine, a qual fundou um novo gênero, operou uma influência [em termos da] criação de forma e estilo sobre a jovem geração de escritores, já que a prosa, através da mistura de diferentes elementos formais que não eram permitidos pela estética clássica, possibilitava uma mais específica imagem do tempo” (tradução nossa). HÖHN, Gerhard. *Der Zeitschriftsteller*. In: HÖHN, Gerhard. *Heine Handbuch: Zeit – Person – Werk*. Stuttgart: J.B. Metzler, 2004. p. 3

³³⁷ HERMAND, Jost. Nachwort. In: HERMAND, Jost (Hrsg.). *Das Junge Deutschland: Texte und Dokumente*. Stuttgart: Phillip Reclam, 1966. p. 370

Gutzkow, um dos futuros líderes do ‘movimento’, confessaria mais tarde que “[...] dois meses antes da revolução de Julho eu não tinha nenhum conceito de política européia [...]; eu sabia apenas que a liga patriótica dos estudantes alemães [*Burschenschaft*] não estava completamente morta e que a Alemanha não possuía unidade” (tradução nossa).³³⁸ Já outra testemunha, Theodor Mundt (1808-1861), descrevia a *energia* liberada pela revolução na França através das seguintes palavras:

[e]u noto uma doença em mim, a qual eu ainda não encontrei descrita em nenhuma obra de patologia. Estou com o pólipó do tempo [*Zeitpolyp*]. Desde a revolução de Julho de 1830 ela se depositou em meu coração [...]. Ela é a dor do tempo no meu ser mais interior, a qual me faz languescer. O espírito do tempo me causa dor, Esperance! Conheces isto? O espírito do tempo palpita, ribomba e rodopia em mim, ele assobia em mim como uma codorniz, toca o trompete de batalha para mim, canta a Marselhesa por entre as minhas vísceras e treveja em mim nos pulmões e no fígado com os timbales do tumulto por todos os lados. Em vão leio em tal estado de ânimo meu velho e amado Goethe, para que eu, através dele, possa novamente me mover por entre a boa, dourada e patriarcal tranquilidade de uma Alemanha literária [...]. Nada mais ajuda (tradução nossa).³³⁹

O fato mais primordial, portanto, foi o de que a revolução de 1830 funcionou pelos territórios alemães como um verdadeiro divisor de águas; Heine, neste sentido, consideraria que tal revolução precisamente “[...] rompeu o nosso tempo igualmente em duas metades uma a partir da outra [...]” (tradução nossa).³⁴⁰ Acontece, porém, que à liberação provida pela revolução de 1830 na França seriam acrescentados dois

³³⁸ GUTZKOW, Karl. Die Julirevolution. In: HERMAND, Jost (Hrsg.). *Das Junge Deutschland: Texte und Documente*. Stuttgart: Phillip Reclam, 1966. p. 12

³³⁹ MUNDT, Theodor. Die Julirevolution. In: HERMAND, Jost (Hrsg.). *Das Junge Deutschland: Texte und Documente*. Stuttgart: Phillip Reclam, 1966. p. 16

³⁴⁰ HEINE, Heinrich. Ludwig Börne, Eine Denkschrift. In: HEINE, Heinrich. *Sämtliche Schriften*. Hg. von K. Briegleb. München: Deutscher Taschenbuch, 2005. bd. 4, p. 59

acontecimentos, ou melhor, dois outros divisores de água na Alemanha, a saber, as mortes de Hegel, em 1831, e a de Goethe, em 1832. Heine, de fato, antes mesmo da morte deste último, já se referia a tal acontecimento nos seguintes termos:

[m]inha velha profecia acerca do fim do período artístico, a qual começou com o peso de Goethe e que através de seu caixão terminará, parece estar próxima de sua consecução. A arte atual deve ir por terra, porque seu princípio tem raízes no falecido velho Regime, no passado do sagrado Império Romano. Por isso, como todos os resíduos supérfluos e murchos deste passado, [tal princípio] se encontra na mais desagradável contradição com o presente (tradução nossa).³⁴¹

Posteriormente Heine reiteraria tal compreensão, dizendo então que

[a] maioria [das pessoas] acredita que com a morte de Goethe venha a começar na Alemanha um novo período literário, que com ele tenha ido a velha Alemanha também para o túmulo, que a época aristocrática da literatura esteja em seu fim, e que comece a democrática, ou, como um jornalista francês recentemente expressou: ‘o espírito dos indivíduos [isto é, dos ‘grandes homens’ – GGR] acabou, e o espírito de todos começou’ (tradução nossa).³⁴²

Como visto, havia uma espécie de consenso entre os escritores da nova geração no sentido de que uma literatura propriamente dita social somente poderia florescer a partir do desaparecimento dos velhos mandarins culturais, os quais não compartilhavam tal acepção de produção literária. Com efeito, se Goethe, o pai primevo da literatura

³⁴¹ HEINE, Heinrich. Über Frankreich. In: HEINE, Heinrich. *Sämtliche Schriften*. Hg. von K. Briegleb. München: Deutscher Taschenbuch, 2005. bd. 3, p. 72

³⁴² HEINE, Heinrich. Die Romantische Schule. In: HEINE, Heinrich. *Sämtliche Schriften*. Hg. von K. Briegleb. München: Deutscher Taschenbuch, 2005. bd. 3, p. 360

moderna em língua alemã, por um lado encontrava uma onda favorável de aceitação de sua obra fora de seu país em seus últimos anos de vida, por outro, em seu próprio país Goethe se via cada vez mais vilipendiado pelos mais diversos lados nesse mesmo período, atitude esta que somente viria a crescer com seu falecimento; assim, não haveria mais, para parafrasear o crítico literário estadunidense Harold Bloom, a angústia da influência, tal qual o expressava um outro ‘jovem Alemanha’:

[s]im, grande morto, nós te chamamos agora de volta, tua morte é agora nossa vida! Padecemos e gememos sob tua estatura brilhante; não há nada mais desagradável do que suportar grandeza, e desta fadiga tu nos há copiosamente encarregado. Nossa vida foi uma luta eterna contra tua luz, e aqueles que buscaram da maneira mais venenosa te combater, estes te honravam! Não é agradável ser desprezado, e nós fomos desprezados! – Por isso não te acordamos agora, cabeça [rodeada] de lauréis! Descansa em paz na cova de tua altitude real do Grão-ducado de Weimar, tão tranquilo como se estivesses com aquele velho e esquecido Kaiser na praia vazia da ilha. [...] Sim, sim, esquecido! Tenha certeza, zangado, tu serás esquecido! (tradução nossa).³⁴³

É bem verdade, porém, que mesmo entre seus críticos nem todos se mostravam assim tão fogosos em suas reclamações ou críticas, mas o fato mais geral é que havia a sensação entre os jovens intelectuais alemães de que Goethe, através de sua *estatura*, funcionava mesmo como um impedimento ao nascimento de uma nova concepção literária, a qual seria cada vez mais associada aos modelos contemporâneos franceses, tal qual os escritores do movimento *jovem-França* – ligação esta, aliás, estabelecida pelo crítico Wolfgang Menzel ao dar o epíteto, baseando-se naquele, de *jovem Alemanha* a seus compatriotas –, assim como Hugo e Balzac, por exemplo. Gutzkow, neste sentido, fazia questão de classificar as produções deste, e mais especificamente seu *Pai Goriot*, como *Zeitgemälde*, ou seja, como *pinturas do tempo*

³⁴³ UNGERN-STERBERG, Alexander von. Feinde und Gegenbilder. In: HERMAND, Jost (Hrsg.). *Das Junge Deutschland: Texte und Dokumente*. Stuttgart: Phillip Reclam, 1966. p. 21

contemporâneo,³⁴⁴ em oposição à resignação política tal qual expressa na *afeição à vida caseira (Häuslichkeit)* promovida nas obras de Goethe.³⁴⁵ O que os *jovem Alemanha* queriam, portanto, era promover a saída da literatura de dentro de casa de modo que se pudesse retratar a vida moderna em todas as suas contradições, em toda a sua riqueza contemporânea; o que eles queriam, pois, era captar o *tempo contemporâneo* através de seus escritos, pois como urgia um deles ao seus pares:

[j]ovens poetas, senti vosso talento e impulso para lutar pela mais alta palmeira, para escrever um romance, não caminhai pelas decadentes e vazias ruas de um período [*Zeit*] extinto, não batei nos túmulos dos mortos para acordá-los – eles nunca viveram por vós, vossos corações eles não conhecem – eles pertencem ou à História, ou ao esquecimento. Apenas os mortos dos mitos pertencem ao povo, à poesia. Apanhai o tempo, [...] agarrai a própria vida. Eu sei o que vos acomete. Não é verdade que infelizmente haja pouca poesia nestes tempos, nesta vida que vivemos na Alemanha? De onde vem o material para um romance contemporâneo [*zeitgeschichtlichen*]? Eu vos pergunto, em comparação, de onde Goethe o tirou para [o seu] Wilhelm Meister? – Compreendi-me bem. Sobretudo, nenhum Wilhelm Meister de novo no mundo. Isso já foi feito, isso pertence a Goethe e ao seu tempo (tradução nossa).³⁴⁶

Para que o tempo fosse devidamente agarrado, porém, o espaço aberto pelo duplo falecimento de Hegel e Goethe não bastava, uma vez que as forças da reação, bastante fortes na Alemanha, não se limitavam

³⁴⁴ GUTZKOW, Karl. [Notiz über Balzac]. In: GUTZKOW, Karl. *Liberaler Energie: Eine Sammlung seiner kritischen Schriften*. Hg. von P. Demetz. Frankfurt am Main: Ullstein Buch, 1974. p. 206

³⁴⁵ GUTZKOW, Karl. [Goethe als Dichter der Häuslichkeit]. In: GUTZKOW, Karl. *Liberaler Energie: Eine Sammlung seiner kritischen Schriften*. Hg. von P. Demetz. Frankfurt am Main: Ullstein Buch, 1974. p. 88-91

³⁴⁶ WIENBARG, Ludolf. Der Griff in die Gegenwart. In: HERMAND, Jost (Hrsg.). *Das Junge Deutschland: Texte und Dokumente*. Stuttgart: Phillip Reclam, 1966. p. 99

aos âmbitos estético e filosófico. Faltava, consequentemente, derrubar o pilar da teologia, ou seja, reforçar a crítica à Igreja e, particularmente, a católica apostólica romana, presente no sul do país e considerada então a região mais atrasada do mesmo. O processo iniciado em finais do século XVIII de crítica a tais instituições, portanto, seria retomado pelos membros da jovem Alemanha, e com um vigor inédito que apenas o espírito do tempo seria capaz de fomentar.

E se na França a relação entre o trono e o altar, isto é, o Estado e a Igreja, se encontrava enfraquecida desde a Revolução Francesa, na Alemanha tal ligação ainda se mantinha em boa medida intacta, não obstante a crítica de índole racionalista tal qual praticada por Lessing (1729-1781) em finais do século XVIII.³⁴⁷ Neste sentido, se fosse para haver uma ‘reforma do amor’, tal qual Gutzkow entendia a questão,³⁴⁸ então nada mais natural do que exigir a derrocada do cristianismo institucionalizado, como já o fazia, aliás, Heine, o qual falava do catolicismo em meados da década de 1830 nos seguintes termos:

[e]u falo daquela religião em cujos primeiros dogmas está contida uma condenação de toda carne e à qual não apenas pertence uma supremacia do espírito sobre a carne, senão que esta [supremacia] aspira a matá-la para que o espírito impere; eu falo daquela religião através de cujas tarefas artificiais precisamente os pecados e a hipocrisia vieram ao mundo, no que, de fato, através da condenação da carne, os mais inocentes prazeres dos sentidos foram transformados em pecados, e que através da impossibilidade de se tornar puro espírito, a hipocrisia teve que se desenvolver; eu falo daquela religião que se tornou igualmente através da doutrina da condenação de todos os bens terrestres, [assim como] da humildade canina [*Hundedemut*] e [da] paciência angelical o mais experimentado suporte do despotismo. Os homens conhecem agora a essência desta religião, eles não se deixam mais contentar com instruções [vindas] do céu, eles

³⁴⁷ MASSEY, Marilyn C. *Christ unmasked: the meaning of the life of Jesus in German politics*. Chapel Hill: University of North Caroline Press, 1983. p. 43-55

³⁴⁸ GUTZKOW, Karl. Fragen der Moral. In: HERMAND, Jost (Hrsg.). *Das Junge Deutschland*. Texte und Documente. Stuttgart: Phillip Reclam, 1966. p. 177

sabem que também a matéria possui seu lado bom e que ela não vem do Diabo, e agora eles reivindicam [*vindizieren*] os prazeres da terra, este belo jardim divino, nossa mais inalienável herança. Precisamente porque agora conseguimos apreender todas as consequências daquele espiritualismo absoluto, podemos também acreditar que a visão de mundo cristã-católica chega a seu término. Pois cada tempo é uma esfinge que se lança para o abismo à medida que se solucionou seu enigma (tradução nossa).³⁴⁹

Como visto, o linguajar daquilo que viria a ser conhecido como a ‘esquerda hegeliana’, a qual viria a surgir apenas na década de 1840, já estava formalizado uma década antes, como o trecho acima citado o comprova. Logo, tal qual aconteceria mais tarde com pensadores como Feuerbach (1804-1872) e Marx (1818-1883), Heine já ligava a revolta metafísica à revolta política, no que passava assim a *reivindicar*, a partir da descoberta da *essência do cristianismo*, o gozo imediato dos prazeres da terra.³⁵⁰

E de fato, tal ligação levaria por vezes o movimento da *jovem Alemanha* à rebelião política mais escancarada, tal qual pode ser vista no manifesto produzido a quatro mãos pelo pastor Friedrich Ludwig Weidig (1791-1837) e pelo escritor e dramaturgo Georg Büchner, os quais em 1834 tentaram em vão sublevar os camponeses no sudeste da Alemanha. Pois nesse manifesto, eles conclamavam aos camponeses:

Paz nas choupanas! Guerra aos palácios!

No ano de 1834 é como se [...] Deus tivesse feito os camponeses e artesãos no quinto dia, e os príncipes e nobres no sexto dia, e como se o Senhor dissesse a estes: Imperai sobre todos os animais que se arrastam sobre a terra, e tivesse contado os camponeses e burgueses [*Bürger*] como vermes. A vida dos nobres é um longo

³⁴⁹ HEINE, Heinrich. Die Romantische Schule. In: HEINE, Heinrich. *Sämtliche Schriften*. Hg. von K. Briegleb. München: Deutscher Taschenbuch, 2005. bd. 3, p. 362

³⁵⁰ Vale precisar que de acordo com o crítico literário Pierre Barberis, Voltaire (1694-1778), ainda no século XVIII, se referia provocativamente ao ‘paraíso terrestre no qual estou’. BARBERIS, Pierre. *Chateaubriand: une réaction au monde moderne*. Paris: Larousse, 1972. p.

domingo, eles habitam belas casas, vestem roupas delicadas, têm caras gordas e falam uma língua própria; já o povo se encontra diante deles como esterco na lavoura. O camponês vai para trás do arado, o nobre vai para trás do camponês e do arado e o empurra com o boi no arado, ele lhe toma os grãos e lhe deixa o resto. A vida do camponês é um longo dia de trabalho; estranhos consomem suas lavouras diante de seus olhos, seu corpo é um calo e seu suor é o sal na mesa do nobre. [...] No Grão-ducado de Hessen vivem 718,372 moradores, os quais dão anualmente ao estado 6,363,364 Florins. [...] Este dinheiro é o dízimo de sangue que é tomado do corpo do povo. Cerca de 700,000 pessoas suam, gemem e padecem fome para isso. Em nome do estado [esse dinheiro] lhes é extorquido, aqueles que fazem exigências [*die Presser*] se encarregam do governo e o governo diz que é necessário manter a ordem no estado. Mas o que é esta coisa poderosa: o estado? A partir do momento em que uma quantidade de pessoas passa a viver em uma terra, então passam a existir decretos e leis, a partir dos quais, diz-se, cada um deve se adequar, [e assim] eles criam um estado. O estado também são *todos*; as ordens no estado são as leis, através das quais o bem de *todos* é assegurado, e isto deve resultar do desejo de *todos*. [...] Vós [camponeses] não sois nada, vós não tendes nada! Vós sois sem direitos. Vós deveis dar o que vosso insaciável exigente [*Presser*] ordena, e deveis trazer o que vós mesmos carregais. E no momento em que um tirano pisca – e a Alemanha tem bem uns trinta desses – secam terra e povo. Mas como escreveu o profeta, assim ocorrerá na Alemanha: o dia da ressurreição não tardará (tradução nossa).³⁵¹

Em suma, o movimento da *jovem Alemanha* se caracterizava como um movimento emancipatório em todos os níveis, isto é, estético,

³⁵¹ BÜCHNER, Georg. Der Hessische Landbote. In: BÜCHNER, Georg. *Schriften, Briefe, Documente*. Hg. von H. Poschmann. Frankfurt am Main: Deutscher Klassiker, 2006. p. 53-54, 65

social, político, econômico e religioso. Seus principais participantes, por conta de tais tipos de exigências, por um lado, e por outro por causa da violência dos regimes aos quais pertenciam, tinham, pois, na maioria das vezes duas alternativas: ou fugir para o exílio, casos de Heine e do acima citado Büchner, o qual, aliás, morreu escondido ainda muito jovem, ou padecer a humilhação de irem para a prisão, como aconteceu com Gutzkow mais de uma vez. E se hoje em dia não se fala tanto neles quanto naqueles que viriam logo a seguir – falo mais particularmente de Feuerbach, Marx e Engels, entre outros –, não obstante permanece o fato de que estes últimos tiveram as bases para suas contribuições em boa medida preparadas por seus antecessores, ou seja, os jovens radicais agrupados em torno da bandeira da *jovem Alemanha*. Agora cabe medir a influência deste movimento na Dinamarca da década de 1830, de modo a ver se se pode falar também no movimento da *jovem Dinamarca*.

3.5 HANS CHRISTIAN ANDERSEN E O SURGIMENTO DA ‘JOVEM DINAMARCA’

Eis então que por volta de meados da década de 1830 surgiriam na Dinamarca os primeiros sinais do niilismo que vinha a fazer prosélitos entre as juventudes da França e da Alemanha, sem contar as de outros países. E ainda que, por um lado, não se possa falar de um movimento propriamente denominado ‘jovem Dinamarca’, já que tal denominação não foi utilizada por tais terras, por outro a *dinâmica* de tal movimento mais amplo fez sentir seus efeitos de maneira bastante clara no panorama literário dinamarquês, e isto através de um romance do até então poeta, dramaturgo e, obviamente, romancista Hans Christian Andersen (1805-1875), o qual viria a se consolidar a partir de finais da década de 1830 como o mais bem-sucedido escritor contemporâneo dinamarquês, isto por causa da guinada que este daria, a partir da descoberta de sua verdadeira vocação literária em termos de sua relocação para o âmbito que viria a ser denominado de literatura infantil.

Curiosamente, porém, antes de se consagrar como um dos contistas infantis por excelência, no que alcançaria reputação internacional, e isto ainda em vida, Andersen pode ser considerado, como Kierkegaard o faria em 1838, como tendo passado por uma

fase, por assim dizer, niilista, isto particularmente através da publicação em 1837 de seu terceiro romance, intitulado *Apenas um tocador* (*Kun en Spillemand*).³⁵²

Nessa obra, pois, Andersen se propôs a retratar o crescimento, compreendido como indo do que poderia ser descrito como infância tardia, passando pela adolescência até se chegar à primeira fase adulta de dois personagens, a saber, Christian, o protagonista da história, não apenas homônimo de seu autor, senão em boa medida uma espécie de *alter ego* do mesmo, e Naomi, ambos, e aqui está o cerne da questão, verdadeiros *párias*, ou seja, verdadeiras exceções, consequentemente, verdadeiros *marginais* em relação à sociedade na qual se encontravam. Isto porque Christian é um músico, um artista, portanto, e, mais do que isto, tal qual os personagens da coletânea de Gautier, um *jovem* artista e, neste sentido, duplamente o oposto do burguês, enquanto que Naomi é uma *jovem judia*. De modo que, desde seu ponto de partida, *Apenas um tocador* se coloca como um romance da marginalidade.

Marginalidade, aliás, que era a do próprio Andersen. Pois este filho único de um artesão, descrito pelo próprio Andersen³⁵³ como um livre pensador fascinado por Napoleão Bonaparte,³⁵⁴ o qual viria a se casar com uma moça também oriunda das classes mais baixas,³⁵⁵ teve de trocar sua infância tardia após a morte do pai, o qual se enlistara no exército no lugar de um outro em troca de dinheiro, por um trabalho em uma confecção de roupas, isto por volta de 1816.³⁵⁶

³⁵² ANDERSEN, Hans Christian. Rien qu'un violoneux. In: ANDERSEN, Hans Christian. *Œuvres II*. Textes traduits, présentés et annotés par R. Boyer. Paris: Gallimard, 1995. p. 447-724 (Bibliothèque de la Pléiade)

³⁵³ Os dados a seguir foram extraídos da primeira versão, de três, que Andersen escreveria de sua autobiografia; ANDERSEN, Hans Christian. *Biographie* (1805-1831). In: ANDERSEN, Hans Christian. *Œuvres II*. Textes traduits, présentés et annotés par R. Boyer. Paris: Gallimard, 1995. p. 1-131 (Bibliothèque de la Pléiade)

³⁵⁴ ANDERSEN, Hans Christian. *Biographie* (1805-1831). In: ANDERSEN, Hans Christian. *Œuvres II*. Textes traduits, présentés et annotés par R. Boyer. Paris: Gallimard, 1995. p. 11 (Bibliothèque de la Pléiade)

³⁵⁵ O tradutor e editor do volume da Pléiade, Régis Boyer, refere-se a Andersen como “[...] criança do populacho [*bas peuple*] [...]” (tradução nossa). BOYER, Régis. *Biographie*. Notice. In: ANDERSEN, Hans Christian. *Œuvres II*. Textes traduits, présentés et annotés par R. Boyer. Paris: Gallimard, 1995. p. 1301 (Bibliothèque de la Pléiade)

³⁵⁶ ANDERSEN, Hans Christian. *Biographie* (1805-1831). In: ANDERSEN, Hans Christian. *Œuvres II*. Textes traduits, présentés et annotés par R. Boyer. Paris: Gallimard, 1995. p. 16 (Bibliothèque de la Pléiade). Outro importantíssimo romancista do século XIX, o inglês Charles Dickens (1813-1870), passaria também por uma experiência semelhante por volta de 1824-1825, período em que seus pais, de origem pequeno-burguesa, tiveram sérios problemas

Não obstante a miséria, o jovem Andersen crescia fascinado por teatros de marionetes, música, dança, tudo, enfim, que tivesse que ver com arte, de modo que desde muito cedo seu sonho, ou melhor, sua *ambição* era a de se tornar *artista*, isto em uma época em que a sociedade dinamarquesa ainda mantinha em boa medida uma pronunciada noção de *hierarquia* entre as classes sociais.³⁵⁷

Acontece, porém, que Andersen era filho de seu tempo, e provavelmente possuía desde bastante cedo alguma noção do quão longe poderia chegar a partir unicamente de sua *força de vontade*, e esta, com efeito, não lhe faltava; muito pelo contrário, se houve alguém, para além de Napoleão Bonaparte e Julien Sorel – apenas para borrar os registros, no que me atenho exatamente à ideologia liberal do século XIX – que pode ser descrito como uma personalidade *enérgica*, este alguém foi precisamente Hans Christian Andersen. Pois de pedido em pedido junto aos *cultos*, isto tanto em sua cidade natal, Odense, quanto na capital, Copenhague, para onde ele iria em 1819 com quase nenhum dinheiro e sem ajuda de praticamente ninguém, isto com o intuito primeiro de se fazer ator, ele conseguiu se fazer favorecer, até chegar a ganhar uma bolsa real de estudos, a qual lhe daria a chancela necessária para participar mais plenamente do mundo dos cultos.

Esta é, em suma, a história da ascensão social daquele que seria o *digter*³⁵⁸ H. C. Andersen. Já em seu romance *Apenas um tocador*, ainda que fortemente carregado de tintas autobiográficas, as coisas tomariam um outro rumo para o personagem de nome Christian, no que tal obra se coloca de antemão como algo entre um romance autobiográfico e uma obra de crítica social, sendo, consequentemente, na falta de uma melhor acepção, um romance

financeiros, os quais forçaram então o jovem Dickens a trabalhar em uma fábrica, experiência esta que viria a marcar de maneira indelével sua visão de mundo e, consequentemente, sua produção literária. SANDERS, Andrew. The Man from Nowhere. In: SANDERS, Andrew. *Dickens and The Spirit of the Age*. Oxford: Oxford Univeristy Press, 1999. p. 17-38

³⁵⁷ As passagens em que Andersen rememora o mal-estar que sentia diante de repreensões aristocráticas dos *mais cultos* – sendo a *cultura* para os próprios membros da sociedade de então o valor de distinção social por excelência – são numerosas demais para serem citadas, no que se tornam, nem tanto tais repreensões em si, mas o fato de Andersen ter *subido* socialmente, o tema maior ou mais profundo de sua autobiografia; neste sentido, Cf. BOYER, Regis. Biographie. Notice. In: ANDERSEN, Hans Christian. *Œuvres II. Textes traduits, présentés et annotés* par R. Boyer. Paris: Gallimard, 1995. p. 1301-1302 (Bibliothèque de la Pléiade)

³⁵⁸ Tal termo, tal qual sua tradução literal, *poeta*, significa em dinamarquês fundamentalmente todo produtor, ou melhor, todo *criador de arte* pertencente ao âmbito do escrito.

realista.³⁵⁹ De fato, o romance tem seu enredo estruturado, do ponto de vista temporal, entre 1813 e 1832, indo, pois, desde as guerras napoleônicas, as quais, tal qual na história real de seu autor, privam o personagem Christian de seu pai,³⁶⁰ até o período de liberalização incipiente alavancado pela revolução de Julho na França; já do ponto de vista espacial, a obra pode ser analisada a partir do eixo campo-cidade, dado que Christian vai do interior, Odense, à capital Copenhague, sem falar na capital por excelência do século XIX, ou seja, Paris, para onde ele iria após seus fracassos na capital anterior, isto por causa de seu sonho de se tornar um grande artista. Assim, a história aborda como Christian, “[...] filho da miséria [...]” (tradução nossa)³⁶¹ e, para piorar, a partir de certa altura do romance ‘órfão’ de pai,³⁶² mesmo possuindo o dom da arte ou mais especificamente um talento natural para o violão, não obstante, não consegue atualizar sua potencialidade artística, precisamente porque ao longo de sua história, ele, diferentemente de seu autor, não vem a ser bem-sucedido em termos de sua ascensão social.

³⁵⁹ Ora, se, de acordo com Dolf Oehler, “[...] a kitschização dos *misérables* (fossem prostitutas, assassinos, mulheres traídas, órfãos, bebedores ou santos desclassificados) *romantiza* o verdadeiro sofrimento social, estilizando-o exótica, aventureasca e gastronomicamente [...]”, no que estaríamos “[...] longe do realismo [...]”, falt[ando] a disposição para encarar os fatos de frente [...]”. OEHLER, Dolf. *Quadros Parisienses (1830-1848)*: estética anti-burguesa em Baudelaire, Daumier e Heine. Trad. J. M. Macedo e S. Titan Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 31, então o romance de Andersen não poderia ser efetivamente descrito como realista, precisamente porque faz uso de tal procedimento na abordagem de tais questões. Por outro lado, o mero fato de abordá-las, trazendo como personagens assassinos, prostitutas, ciganos, marinheiros, miseráveis, músicos, judeus, suicidas, mulheres que se vestem como homens, assim como niilistas, sendo, aliás, algumas destas características presentes em alguns casos em um mesmo personagem, faz com que se torne legítimo ver no romance de Andersen a introdução, no mínimo, do romance moderno, isto é, social, na Dinamarca; neste sentido, Cf. MYLIUS, Johan de. *Offenbare und unsichtbare Schrift in Sören Kierkegaards Aus eines noch Lebenden Papieren*. In: CAPPELØRN, Niels J.; DEUSER, H.; SÖDERQUIST, K. B. (Ed.). *Kierkegaard Studies Yearbook 2006*. Berlin: Walter de Gruyter, 2006. p. 24-25

³⁶⁰ No romance, o pai de Christian, tal qual o pai verídico do autor, um artesão que vendera sua liberdade em troca de dinheiro, vai também à guerra; diferentemente do original, porém, o pai no romance supostamente morre nas guerras napoleônicas, apenas para reaparecer mais tarde, ainda que rapidamente.

³⁶¹ ANDERSEN, Hans Christian. Rien qu’un violoneux. In: ANDERSEN, Hans Christian. *Œuvres II. Textes traduits, présentés et annotés par R. Boyer*. Paris: Gallimard, 1995. p. 486 (Bibliothèque de la Pléiade)

³⁶² ANDERSEN, Hans Christian. Rien qu’un violoneux. In: ANDERSEN, Hans Christian. *Œuvres II. Textes traduits, présentés et annotés par R. Boyer*. Paris: Gallimard, 1995. p. 507 ss et seq. (Bibliothèque de la Pléiade)

De maneira que, se no início do romance seu autor já colocava as seguintes alternativas em relação a seu personagem, a saber, “[e]le será ou um artista excepcional ou um miserável ser desgarrado [...]” (tradução nossa)³⁶³, sua ‘moral’, por assim dizer, será negativa, já que nessa obra é abordada precisamente a relação entre um promissor talento individual e seu meio social, o que, por sua vez, faz desse mesmo romance uma obra seja de análise, seja de crítica, propriamente dita, social.³⁶⁴ Isto porque o tema que de fato perpassa a obra acaba sendo precisamente o tema da situação do artista no seio de uma sociedade democrático-capitalista,³⁶⁵ isto é, uma sociedade

³⁶³ ANDERSEN, Hans Christian. Rien qu’un violoneux. In: ANDERSEN, Hans Christian. *Œuvres II. Textes traduits, présentés et annotés par R. Boyer*. Paris: Gallimard, 1995. p. 485. (Bibliothèque de la Pléiade).

³⁶⁴ Aspecto este que escapa completamente à compreensão da mesma obra em um artigo recente produzido por um dos mais renomados estudiosos de Kierkegaard. Lá, pois, Joakim Garff analisa precisamente o que faria do romance de Andersen um *Bildungsroman* mal-sucedido, no que ele desenvolve a tese, na minha opinião insuficiente, de que “[...] o livro de Andersen é peculiar no sentido de que não é nem um *Bildungsroman* nem um anti-*Bildungsroman* [a non-*Bildungsroman*]. Ele toma uma posição entre as duas e, desta terceira posição, ele é incapaz de reafirmar a metafísica literária sem a qual o gênero sucumbe e a obra degenera.” Em outros termos, Garff considera que tais falhas têm como origem “[...] o fato de que ela [a dubiedade do romance de HCA] entrou em conflito com a estrutura de desenvolvimento do *Bildungsroman* ao mesmo tempo em que tentava manter e desenvolver diversos axiomas da tradição da *Bildung*.” (tradução nossa). GARFF, Joakim. Andersen, Kierkegaard – and the Deconstructed Bildungsroman. In: CAPPELØRN, Niels J.; DEUSER, H.; SÖDERQUIST, K. B. (Ed.). *Kierkegaard Studies Yearbook 2006*. Berlin: Walter de Gruyter, 2006. p. 89. Em suma, no que Garff busca compreender a *negatividade* do romance de Andersen a partir de categorias estritamente estéticas ou literárias, ele acaba por não compreender a alçada sócio-política da obra.

³⁶⁵ Pois como muito propriamente coloca a questão Bourdieu em termos de meados do século XIX, “Estamos longe das sociedades eruditas e de clubes da sociedade aristocrática do século XVIII ou mesmo da Restauração. A relação entre os produtores culturais e os dominantes não possui mais nada do que pôde caracterizá-la nos séculos anteriores, trate-se da dependência direta a respeito do comandatário [...] ou mesmo da submissão a um mecenas ou a um protetor oficial das artes. Trata-se, doravante, de uma verdadeira *subordinação estrutural*, que se impõe de maneira bastante desigual aos diferentes autores segundo sua posição no campo [de produção cultural], e que se institui através de duas mediações principais: de uma parte o mercado, cujas sanções ou imposições se exercem sobre os empreendimentos literários seja diretamente, através dos números de vendas, do número de entradas etc., seja indiretamente, através de novos postos oferecidos pelo jornalismo, pela edição, pela ilustração e por todas as formas da literatura industrial; de outra parte as ligações duráveis, fundadas sobre afinidades de estilo de vida e de sistema de valores, que, pelo intermédio dos salões, notadamente, unem uma parte, ao menos, dos escritores a certas frações da alta sociedade, e contribuem a orientar as generosidades do mecenas de estado”. (tradução nossa). BOURDIEU, Pierre. *Les règles de l’art: genèse et structure du champ littéraire*. Paris: Seuil, 1992. p. 78. Quanto ao fato de que Bourdieu pense aqui no caso francês me é indiferente, dado que, como argumentarei adiante, os fatores são praticamente os mesmos em relação à sociedade dinamarquesa de então.

produtora de tudo *exceto* arte, pelo menos de acordo com tais críticos, geralmente artistas, que viam tais termos a partir de uma compreensão antagônica do processo de modernização das sociedades nas quais estavam inseridos, já que, para eles, tratava-se *ou* de arte, *ou* de mercado, não havendo para eles posição intermediária entre tais termos.³⁶⁶ E no que o mercado prevalecia, os artistas sentiam tais transformações exatamente como uma *ameaça*, o que faz, pois, de *Apenas um tocador* um romance da *alienação*, uma vez que Christian não logra encontrar seu espaço como artista nesse tipo de sociedade.

Neste sentido, a obra de Andersen pode ser descrita como o ‘canto de cisne’ do paradigma de produção cultural baseado na noção de mecenato, já que ali, com efeito, a questão para Christian dizia respeito a lograr ou não *cativar* algum *culto*, ou seja, algum membro das classes altas, para que este lhe servisse de patrocinador, ou seja, de mecenas; pois como compreende tal relação Andersen,

[o] gênio, nele, havia sido vivificado pela música, ele aspirava a um tipo de materialização. Ele presentia a pérola em sua alma, a santa pérola da arte. Ele não sabia que, tal qual a pérola no mar, que deve ou esperar o mergulhador que a leve à luz ou se prender ao mole ou à ostra, [ele devia esperar por] um alto patronato para chegar, de tal forma, à contemplação. [...] O gênio é um ovo que tem necessidade de calor, da fecundação do acaso, senão é um ovo estéril (tradução nossa).³⁶⁷

Ora, vale precisar que tal temática, a saber, a das transformações estruturais, políticas e econômicas dentro do âmbito do impresso e, conseqüentemente, a da situação dos autores ou escritores diante das mesmas, foi discutida de maneira extremamente acalorada no contexto francês da década de 1830, fosse em termos de abordagem literária, ou seja, através de sua problematização

³⁶⁶ Sobre tal compreensão, Cf. BOURDIEU, Pierre. *Les règles de l'art: genèse et structure du champ littéraire*. Paris: Seuil, 1992. p. 75-164

³⁶⁷ ANDERSEN, Hans Christian. Rien qu'un violoneux. In: ANDERSEN, Hans Christian. *Œuvres II*. Textes traduits, présentés et annotés par R. Boyer. Paris: Gallimard, 1995. p. 546-547 (Bibliothèque de la Pléiade)

enquanto romance, conto ou peça de teatro, fosse enquanto discussão teórica. A título de exemplo, em 1832 o escritor, poeta e romancista Alfred de Vigny (1797-1863) publicara um romance, *Stello*, no qual discutia a precisamente a situação do escritor nas modernas sociedades democráticas e capitalistas. Em 1834, o mesmo Vigny reformularia tal obra, no que teria origem sua peça de teatro intitulada *Chatterton*, cujo personagem principal, baseado no poeta inglês homônimo de destino trágico, lhe servia de modelo para “[...] mostrar o homem espiritualizado reprimido [*étouffé*] por uma sociedade materialista, na qual o calculador avaro explora sem piedade a inteligência e o trabalho” (tradução nossa).³⁶⁸ Assim, *Chatterton* tinha como questão central a falta de apoio material ao poeta, este compreendido em seu sentido mais amplo, nesse tipo de sociedade, o que levava Vigny então a colocar, a partir do exemplo do Chatterton original, cujo final havia sido o suicídio, a seguinte questão: “[q]uando um homem morre desta forma, é ele um suicida? É a sociedade que lhe lança à fogueira” (tradução nossa).³⁶⁹

Tal tese, curiosamente, seria reelaborada por Tocqueville (1806-1859), no que teria origem uma das teses mais importantes do primeiro volume, aquele publicado em 1835, de *Da democracia na América* [*De la démocratie en Amérique*], a saber, a tese da ‘tirania da maioria’, na qual Tocqueville discorre sobre a situação do *escritor*, compreendido como produtor intelectual, em meio às sociedades democráticas. Assim, ele considera que

[n]a América, a maioria traça um círculo formidável ao redor do pensamento. Dentro destes limites, o escritor é livre, mas infeliz dele se ousar sair deste círculo. Não é que deva temer um auto-da-fé, mas ele está sujeito a desgostos de todos os tipos e a perseguições todos os dias. A carreira política lhe é fechada: ele ofendeu o único poder que tem a faculdade de abri-la. Se lhe é recusado tudo, até a glória.

³⁶⁸ VIGNY, Alfred de. Chatterton. In: VIGNY, Alfred de. *Œuvres Complètes I: poésie, théâtre*. Texte établi, présenté et annoté par F. Germain et A. Jarry. Paris: Gallimard, 1986. p. 759 (Bibliothèque de la Pléiade)

³⁶⁹ VIGNY, Alfred de. Chatterton. In: VIGNY, Alfred de. *Œuvres Complètes I: poésie, théâtre*. Texte établi, présenté et annoté par F. Germain et A. Jarry. Paris: Gallimard, 1986. p. 756 (Bibliothèque de la Pléiade)

Antes de publicar suas opiniões, ele acreditava possuir partidários; parece-lhe que não os tem mais, a partir do momento em que mostrou-se a todos; pois aqueles que o criticam expressam-se em alta voz, e aqueles que pensam como ele, sem ter coragem, se calam e se distanciam. Ele cede, se dobra enfim sob o esforço do cotidiano, e retorna ao silêncio, como se sentisse remorso por ter dito a verdade. Correntes e carrascos são instrumentos grosseiros empregados outrora pela tirania; mas em nossos dias a civilização aperfeiçoou até o próprio despotismo, o qual, no entanto, parecia não ter mais nada a aprender. Os príncipes tinham, por assim dizer, materializado a violência; as repúblicas democráticas de nossos dias a tornaram tão intelectualizada quanto a vontade humana que busca coagir. Sob o governo absoluto de um só, o despotismo, para chegar à alma, atingia grosseiramente o corpo, e a alma, ao escapar destes golpes, elevava-se gloriosa acima dele; mas nas repúblicas democráticas, não é assim que procede a tirania; ela deixa o corpo e vai direto à alma. O senhor não diz mais: Pensareis como eu, ou morrereis; mas, sim: Sois livre para não pensar como eu, vossa vida, vossos bens, tudo vos permanece; mas, a partir de hoje, sois um estrangeiro entre nós. [...] Permanecereis entre os homens, mas perdereis vossos direitos humanos [*droits à l'humanité*]. Quando vos aproximardes de vossos semelhantes, eles fugirão de vós como de um ser impuro, e aqueles que acreditarem em vossa inocência, mesmo estes abandonar-vos-ão, pois seriam abandonados por sua vez. Ide em paz, deixo-vos a vida, mas vo-la-deixo pior do que a morte (tradução nossa).³⁷⁰

³⁷⁰ TOCQUEVILLE, Alexis de. *Œuvres II: De la démocratie en Amérique I*. Édition publié sous la direction d'André Jardin. Paris: Gallimard, 1992. p. 293-294 (Bibliothèque de la Pléiade)

E ainda que não haja menção do suicídio como termo para o *escritor* tocquevilliano, o fato mais primordial é que Tocqueville parece corroborar a tese de Vigny, no sentido de que, em última instância, seria de fato a pressão social a causa para o fracasso daquele; neste sentido, ele acrescenta que “[s]e a América não teve ainda grandes escritores, não devemos procurar em outro lugar as razões: não existe gênio literário sem liberdade de espírito, e não existe liberdade de espírito na América.”³⁷¹

Já Balzac, ainda que partindo de um outro ponto de vista,³⁷² abordaria as transformações no âmbito da produção impressa na segunda parte da trilogia romanesca que viria posteriormente a ganhar o título comum de *Ilusões Perdidas*,³⁷³ título este, aliás, que bem poderia ser o do romance de Andersen, já que em certa passagem Andersen retrata Christian a pensar “[...] nas horas que vinham de se acabar, em todas as suas falhas, em todas as suas *esperanças destruídas*” (tradução

³⁷¹ TOCQUEVILLE, Alexis de. *Œuvres II*: De la démocratie en Amérique I. Édition publiée sous la direction d'André Jardin. Paris: Gallimard, 1992. p. 294 (Bibliothèque de la Pléiade)

³⁷² Balzac discute a tese de Vigny, a qual, por sua vez, seria retomada também pelo marquês de Custine em um romance intitulado *O mundo como ele é* [*Le monde comme il est*], publicado em 1835, em uma resenha originalmente dedicada à *Revue de Paris*, a qual, não obstante, não foi publicada; lá, pois, Balzac considera, a partir do livro de Custine, que “[o] sentido desta obra é o de que o mundo tende a reprimir [*étouffer*] as gentes de coração e de espírito. Os numerosos suicídios que atestam males escondidos seriam em geral baseados no desespero de talentos desconhecidos. Não aceitamos este juízo. Este dado nos parece falso. A massa, seja ela tomada a partir do alto, seja ela tomada a partir de baixo, é uma natureza maleável sobre a qual os homens verdadeiramente fortes devem imprimir sua marca; mas esta massa possui a propriedade de arrastar em seu turbilhão as gentes cujo caráter é incompleto: umas, demasiado pesadas, vão ao fundo; as mais leves flutuam. Não acreditamos nem nos grandes homens desconhecidos, nem nas belas obras abortadas [*enfouies*]. A imprensa derrubou o altar sobre o qual Atenas escreveu: *Diis ignotis*. Hoje, aquele que se mata se reconhece vencido, a sociedade não deve perder nada com seu suicídio./ Em pouco tempo, eis assim dois escritores pertencentes às sumidades sociais que buscam justificar o suicídio, o Sr. de Custine e o Sr. Vigny. Os dois se equivocam. O sofrimento é o aprendizado das grandes vontades humanas” (tradução nossa). BALZAC, Honoré de. Article destiné à la ‘Revue de Paris’, *Le monde comme il est* par le marquis de Custine. In: BALZAC, Honoré de *Œuvres Diverses II*. Édition publiée sous la direction de P.-G. Castex, par R. Chollet et al. Paris: Gallimard, 1996. p. 1199 (Bibliothèque de la Pléiade)

³⁷³ Os títulos originais da trilogia são: *Os dois poetas*, originalmente publicado em 1837; *Um grande homem de província em Paris*, publicado em 1839, e por fim *Eva e David*, publicado em 1843, ano este no qual também foram publicados pela primeira vez os três romances juntos, já sob o título de *Ilusões Perdidas*; Cf. BALZAC, Honoré de. *Illusions perdues*. In: BALZAC, Honoré de. *La Comédie humaine V: études de mœurs: Scènes de la vie de province, scènes de la vie parisienne*. Édition publiée sous la direction de P.-G. Castex. Paris: Gallimard, 1977. p. 3-732 (Bibliothèque de la Pléiade)

nossa) (grifo nosso)³⁷⁴ Assim, mesmo sendo posterior ao romance de Andersen, Balzac se aproxima muito da discussão deste, precisamente porque havia um debate vivíssimo na França acerca do tema,³⁷⁵ no que então, revertendo os fatores, seria Andersen aquele a se aproximar, desde fora, já que ele escrevia desde a Dinamarca, do debate francês. De qualquer modo, Balzac aborda tal problemática a partir do jovem de província em Paris, este chamado Lucien Chardon, o qual, tal qual Christian, abandona sua cidade natal, no caso Angoulême, para tentar sua sorte enquanto poeta na capital, onde, no entanto, como diz o título, tem suas ilusões perdidas.

Sainte-Beuve, por sua vez, discutiria tais temas, ainda que a partir de outra perspectiva, mais especificamente a partir de 1839, através da publicação de seu artigo sobre a *literatura industrial*, no qual abordava o surgimento de todo um panorama inédito produzido a partir da confluência entre valores políticos, isto é, democráticos, assim como econômicos, ou seja, capitalistas, dentro do âmbito literário, os quais, por sua vez, viriam a dificultar em muito a produção de consistentes obras literárias, e isto particularmente para os jovens.³⁷⁶ Neste sentido, tal qual Andersen, Sainte-Beuve lamentava o desaparecimento de uma instituição tão antiga quanto fundamental para o desenvolvimento de produções literárias, a saber, o mecenato, o qual, sob os modernos regimes democráticos e capitalistas, era trocado pela ‘mão invisível’ do mercado, para parafrasear Adam Smith. Neste sentido, Sainte-Beuve pedia em 1843 que se rendesse justiça

[...] a estes homens que impuseram seus nomes em seus séculos, Péricles, Augusto, Leão X e Luís XIV; [...] sua ausência total e prolongada é bem capaz hoje de fazer apreciar seu papel: eles impediram os gênios e os talentos de se desviarem, de se dissiparem, os medíocres de

³⁷⁴ ANDERSEN, Hans Christian. Rien qu'un violoneux. In: ANDERSEN, Hans Christian. *Œuvres II*. Textes traduits, présentés et annotés par R. Boyer. Paris: Gallimard, 1995. p. 598 (Bibliothèque de la Pléiade)

³⁷⁵ BERTHIER, Patrick. Le thème du ‘grand homme de province à Paris’ dans la presse parisienne au lendemain de 1830. In: BERTHIER, Patrick. *Illusions Perdues*: Colloque de la Sorbonne. Ed. J.-L. Diaz et A. Guyaux. Paris: Presses de l’Université de Paris-Sorbonne, 2004. p. 25-50

³⁷⁶ SAINTE-BEUVE, Charles-Augustin. De la littérature industriel. In: SAINTE-BEUVE, Charles-Augustin. *Portraits contemporains*. Éd. M. Brix. Paris: PUPS, 2008. p. 749-766

passarem sobre o corpo dos grandes; eles mantiveram as proporções, os níveis [*rangs*], as vocações, o equilíbrio [*balance*] das artes. Boileau não pôde ser o Boileau completo senão no dia no qual Luís XIV disse bem alto por toda Versalhes: ‘o Sr. Des Préaux [seu nome era Nicolas Despreaux-Boileau] conhece a si mesmo em versos melhor do que eu.’ Hoje, quando este gênero de deferência e de patrocínio [*patronage*] vale pouco de acordo com nossas ideias, quando nas condições atuais ele correria o risco de ser pouco aceito pelos homens de talento, quando todo poeta diria de bom grado imediatamente ao senhor: ‘Eu me conheço em matéria de Estado melhor do que ti’; [...] o que acontece e o que se vê? A anarquia entre os homens de talento é completa; cada um se faz centro, cada um se denomina rei [...] (tradução nossa).³⁷⁷

Assim, por mais que a análise de Sainte-Beuve seja de tipo institucional, no fundo sua discussão também pode ser aproximada da de Andersen por volta do mesmo período. Já Baudelaire, para finalizar, acusaria mais tarde, tal qual Vigny fizera em *Chatterton*, peça esta, aliás, que ele cita em sua exposição do problema, precisamente os Estados Unidos da América de terem sido “[...] para Poe senão uma vasta prisão [...], [sendo assim] [...] sua vida interior, espiritual, de poeta ou mesmo de bêbado, senão um esforço perpétuo para escapar à influência desta atmosfera antipática” (tradução nossa).³⁷⁸ Assim, tal qual seus contemporâneos franceses, Andersen

³⁷⁷ SAINTE-BEUVE, Charles-Augustin. Quelques verités sur la situation en littérature. 1843. In: SAINTE-BEUVE, Charles-Augustin. *Portraits contemporains*. Éd. M. Brix. Paris: PUPS, 2008. p. 1102

³⁷⁸ BAUDELAIRE, Charles. Edgar Poe, sa vie et ses œuvres. In: BAUDELAIRE, Charles. *Œuvres complètes II*. Texte établi, présenté et annoté par C. Pichois. Paris: Gallimard, 1976. p. 297. Vale também apontar que diante disso, seu amigo e escritor Barbey D’Aurevilly (1808-1889), tal qual Balzac fizera em relação à tese de Vigny, publicou um artigo no qual repudiava tal tese, entendendo assim que Baudelaire “[...] fez da história e desta morte de Edgar Poe uma acusação terrível, uma impreciação contra a América inteira! É a velha tese, a tese individual, e é preciso dizê-lo, já que é a mesma coisa, a *tese boêmia* contra as sociedades” (tradução nossa). D’AUREVILLY apud BAUDELAIRE, Charles. Marginalia [Articles de Veuillot et de Barbey d’Aurevilly, Le Réveil, 15 mai 1858]. In: BAUDELAIRE, Charles. *Œuvres complètes II*. Texte établi, présenté et annoté par C. Pichois. Paris: Gallimard, 1976. p. 342

faz de tal discussão acerca da nova conjuntura do âmbito literário o *leitmotiv* de seu romance, o que não faz senão reforçar o caráter *moderno*, no sentido de *contemporâneo* mesmo, de seu romance.³⁷⁹

Lá, pois, tal problemática aparece de forma claríssima quando Christian, já em Copenhague, após ter sido empregado pelo marinheiro Peter Wik, no que toca às vezes seu violão, consegue se fazer ouvir desde o navio onde morava, o qual, ancorado no porto, dava para as casas dos ricos comerciantes,³⁸⁰ entre as quais, aliás, morava nesta época uma antiga conhecida de sua infância, a judia Naomi, a qual Christian já tinha visto por aquelas redondezas. E eis que em certa altura do romance o *pária*³⁸¹ Christian se encontra por acaso com o ‘Sr. Conde’, pai, como se descobre mais tarde, da judia Naomi, no que Christian lhe diz, “[ó] senhor!’ [...] ‘Eu não conheço absolutamente ninguém em toda esta cidade que queira me ajudar! Eu gostaria de aprender música! [...]’ ” (tradução nossa),³⁸² no que o conde lhe responde:

‘[...] isso não é tão fácil quanto o crês! Ademais, é necessário que tenhas bastante gênio, e isto o tempo apenas pode mostrar se de fato o tens! É preciso te lembrar que és uma criança pobre! Se o gênio está em ti, ele seguramente manifestar-se-á quando rolares tua bossa por mais uma temporada no mar. Per aspera ed astra! É preciso se purificar na adversidade. Se tiver que acontecer algo

³⁷⁹ O qual, aliás, se encontra também nas epígrafes que abrem cada capítulo, pois ali são citados nomes como Victor Hugo, Jules Janin, Scribe, Alexandre Dumas, Goethe, Schiller, Lenau, Ludwig Tieck, Eichendorff, Heine, Karl Gutzkow, sem contar os dinamarqueses J.L. Heiberg, Ehlenschläger, Christian Winther e Henrik Hertz. Além destes, o estadunidense Washington Irving é mencionado no corpo do texto. Cf. ANDERSEN, Hans Christian. *Œuvres II*. Textes traduits, présentés et annotés par R. Boyer. Paris: Gallimard, 1995. p. 561. (Bibliothèque de la Pléiade).

³⁸⁰ Cf. ANDERSEN, Hans Christian. Rien qu’un violoneux. In: ANDERSEN, Hans Christian. *Œuvres II*. Textes traduits, présentés et annotés par R. Boyer. Paris: Gallimard, 1995. p. 539 et seq. (Bibliothèque de la Pléiade)

³⁸¹ “Ele sentia, como o pária, que pertencia a uma casta desprezada” (tradução nossa). ANDERSEN, Hans Christian. Rien qu’un violoneux. In: ANDERSEN, Hans Christian. *Œuvres II*. Textes traduits, présentés et annotés par R. Boyer. Paris: Gallimard, 1995. p. 549 (Bibliothèque de la Pléiade)

³⁸² ANDERSEN, Hans Christian. Rien qu’un violoneux. In: ANDERSEN, Hans Christian. *Œuvres II*. Textes traduits, présentés et annotés par R. Boyer. Paris: Gallimard, 1995. p. 559 (Bibliothèque de la Pléiade)

contigo, uma providência mais alta certamente te ajudará, podes ter certeza; [já] eu, infelizmente, não posso fazer nada por ti, já tenho tantos outros para ajudar!’ (tradução nossa).³⁸³

Não vindo, pois, a ajuda do Conde, Christian volta em 1816 primeiramente à sua cidade natal, Odense, onde Peter Wik lhe consegue um patrono, o senhor Knepus,³⁸⁴ junto ao qual ele, não obstante, não fica por muito tempo, já que a misteriosa Naomi o exorta a sair “[...] desta Odense pequeno-burguesa [...]” (tradução nossa).³⁸⁵ Alguns anos mais tarde, precisamente no dia 04 de setembro de 1819, em meio ao que viria a ser conhecido como a ‘batalha dos judeus’, dia este no qual os judeus foram atacados pelos cidadãos de Copenhague em meio a uma vaga de violência anti-semita vinda da Alemanha,³⁸⁶ Christian e Naomi mais uma vez se encontram, apenas para se separarem logo em seguida. E eis que Christian, após um bom lapso de tempo, se encontra em Paris, vivendo, como não poderia deixar de ser, em uma *mansarda*, já que “[...] em Paris [...] o destino do artista pobre é o de não poder residir senão bastante alto [...]” (tradução nossa).³⁸⁷ De forma que Christian pode ser aí visto como um verdadeiro *boêmio*, talvez até mesmo habitando o *Quartier Latin*! E, com efeito, a fome e o frio proverbiais dos artistas pobres eram também sentidas por Christian, o qual mesmo em meio a tal adversidades ainda mantinha a esperança de encontrar um mecenas. E se este não aparecia – no que o romance

³⁸³ ANDERSEN, Hans Christian. Rien qu’un violoneux. In: ANDERSEN, Hans Christian. *Œuvres II*. Textes traduits, présentés et annotés par R. Boyer. Paris: Gallimard, 1995. p. 559 (Bibliothèque de la Pléiade)

³⁸⁴ ANDERSEN, Hans Christian. Rien qu’un violoneux. In: ANDERSEN, Hans Christian. *Œuvres II*. Textes traduits, présentés et annotés par R. Boyer. Paris: Gallimard, 1995. p. 574 et seq. (Bibliothèque de la Pléiade)

³⁸⁵ ANDERSEN, Hans Christian. Rien qu’un violoneux. In: ANDERSEN, Hans Christian. *Œuvres II*. Textes traduits, présentés et annotés par R. Boyer. Paris: Gallimard, 1995. p. 607 (Bibliothèque de la Pléiade)

³⁸⁶ Cf. ANDERSEN, Hans Christian. Rien qu’un violoneux. In: ANDERSEN, Hans Christian. *Œuvres II*. Textes traduits, présentés et annotés par R. Boyer. Paris: Gallimard, 1995. p. 628 et seq. (Bibliothèque de la Pléiade); BOYER, Régis. Rien qu’un violoneux. Notes. In: ANDERSEN, Hans Christian. *Œuvres II*. Textes traduits, présentés et annotés par R. Boyer. Paris: Gallimard, 1995. p. 1420. (Bibliothèque de la Pléiade). Nota 2.

³⁸⁷ ANDERSEN, Hans Christian. Rien qu’un violoneux. In: ANDERSEN, Hans Christian. *Œuvres II*. Textes traduits, présentés et annotés par R. Boyer. Paris: Gallimard, 1995. p. 673 (Bibliothèque de la Pléiade)

de fato se coloca como *realista* – pelo menos o narrador parece se apiedar de Christian, como quando se lamenta por ele:

[...] se fossem ouvidos [os acordes de Christian] nos salões dos poderosos! E se, em cada século, um verdadeiro talento fosse salvo da falta e da miséria! Ó tu que és poderoso! Tu compreendes as obras do pintor e do escultor, já que elas decoram teus salões. Mas as criações do poeta, as obras do músico não são para ti senão um passatempo. As mais ricas tapeçarias do espírito, as quais nem ferrugem nem traça podem consumir, tu não as compreende bem, é preciso que um século te tenhas falado de sua divindade. *Não deixa o verdadeiro talento terrestre se perder!*... Que estas palavras sejam ouvidas [...] (tradução nossa) (grifo nosso).³⁸⁸

Não obstante tais preces, e a despeito de uma audição arranjada por um amigo na capital francesa, a qual, aliás, lhe pareceu ter sido bem sucedida,³⁸⁹ Christian simplesmente não conseguia *chegar lá*. De forma que, após um corte na narração de doze anos (!),³⁹⁰ Christian é repentinamente visto como tendo se relocado para sua cidade natal, já desencantado, tendo “[a] Bíblia, seu violão e a cegonha [...] [como] amigos” (tradução nossa).³⁹¹ A bem da verdade, Christian reatara a amizade com uma antiga conhecida de infância, a qual, neste momento, casada e com filhos, lhe fazia companhia aos domingos, mas o fato é que Christian estava arruinado espiritualmente, e foi assim que ele morreu, ou como diz o narrador

³⁸⁸ ANDERSEN, Hans Christian. Rien qu'un violoneux. In: ANDERSEN, Hans Christian. *Œuvres II*. Textes traduits, présentés et annotés par R. Boyer. Paris: Gallimard, 1995. p. 676 (Bibliothèque de la Pléiade)

³⁸⁹ ANDERSEN, Hans Christian. Rien qu'un violoneux. In: ANDERSEN, Hans Christian. *Œuvres II*. Textes traduits, présentés et annotés par R. Boyer. Paris: Gallimard, 1995. p. 676-677 (Bibliothèque de la Pléiade). Não obstante, não fica claro o que se passa a partir desta no romance.

³⁹⁰ ANDERSEN, Hans Christian. Rien qu'un violoneux. In: ANDERSEN, Hans Christian. *Œuvres II*. Textes traduits, présentés et annotés par R. Boyer. Paris: Gallimard, 1995. p. 694 (Bibliothèque de la Pléiade)

³⁹¹ ANDERSEN, Hans Christian. Rien qu'un violoneux. In: ANDERSEN, Hans Christian. *Œuvres II*. Textes traduits, présentés et annotés par R. Boyer. Paris: Gallimard, 1995. p. 720 (Bibliothèque de la Pléiade)

na última sentença do romance, “[e]ra um pobre homem que era enterrado. *Apenas um tocador!*” (tradução nossa).³⁹²

Contudo, mais interessante do que o insuportavelmente insípido personagem Christian, protagonista de *Apenas um tocador*, é sua amiga de infância, a judia Naomi, já que ela representa, ainda mais do que Christian, o ‘espírito do tempo’ no romance. De fato, Naomi, filha do ‘Conde’ com uma judia assassinada por um tio de Christian, já mais velha, se transforma em uma mulher ousada, que se veste em certas ocasiões, tal qual George Sand, como homem, e para quem ser “[...] infeliz [...] é bem mais interessante do que ser uma pessoa banal e feliz” (tradução nossa).³⁹³ Naomi, pois, é a burguesa anti-burguesa, ou seja, a boêmia, a mulher com alma de artista, ainda que o artista efetivamente na história fosse sua contrapartida, ou seja, Christian; Naomi é, em suma, uma *niilista*, isto é, uma mulher ambiciosa, impulsiva, excessiva, enérgica, desmesurada, e que por isso mesmo se mostra disposta a arriscar absolutamente *tudo* por sua felicidade.

De maneira que é através dela que Andersen desenvolve tanto parte de sua crítica social, mais especificamente a respeito dos modos do clero dinamarquês, quanto sua compreensão do próprio fenômeno do niilismo. Digo parte porque, como já visto, a tese fundamental do romance, é mesmo a tese *boêmia*, como dizia D’Aurevilly a respeito da tese sustentada por Baudelaire no contexto francês acerca do que este colocava como “[...] a situação dos homens de imaginação nas sociedades protestantes e comerciais [...]” (tradução nossa).³⁹⁴ Não obstante tal tese, há também este outro eixo de crítica social na obra articulado a partir de Naomi, a saber, aquele através do qual o ex-camponês Andersen acerta suas contas com a elite *culta* dinamarquesa. De modo que Andersen, nestas passagens mal escondido sob a máscara do narrador, ridiculariza a classe dos nobres e dos burgueses mais abastados precisamente tanto por sua insuficiência cultural, ou seja, por pretenderem ser a encarnação da

³⁹² ANDERSEN, Hans Christian. Rien qu’un violoneux. In: ANDERSEN, Hans Christian. *Œuvres II*. Textes traduits, présentés et annotés par R. Boyer. Paris: Gallimard, 1995. p. 724 (Bibliothèque de la Pléiade)

³⁹³ ANDERSEN, Hans Christian. Rien qu’un violoneux. In: ANDERSEN, Hans Christian. *Œuvres II*. Textes traduits, présentés et annotés par R. Boyer. Paris: Gallimard, 1995. p. 605 (Bibliothèque de la Pléiade)

³⁹⁴ BAUDELAIRE, Charles. *Correspondance*. Choix et présentation de C. Pichois et J. Thélot. Paris: Gallimard, 2000. p. 107

cultura quando de fato eram, não obstante, profundamente ignorantes, quanto por sua subserviência cultural. Neste sentido, uma passagem mais específica sintetiza tais críticas a respeito dos *cultos*, na qual Christian se encontra em alto mar junto de dois membros da elite, uma senhora que “[...] escrevia versos, mas somente em alemão, pois, pensava ela, que somente nessa língua se podia exprimir os sentimentos elevados [...]” (tradução nossa),³⁹⁵ assim como de um ‘conselheiro’, isto é, um membro da burocracia estatal, a qual, de fato, era em boa medida formada a partir dos quadros de elite cultural dinamarquesa. Pois este, representado por um poeta antiquado e artificial, é mais particularmente descrito como escritor “[...] de catálogos de vendas de leilões, de críticas e de opúsculos [...]” (tradução nossa),³⁹⁶ o qual, no navio,

estudava a navegação, sobre a qual queria escrever um tratado, pois não havia ramo [do conhecimento] a respeito do qual ele não tivesse escrito [...]. Ele entendia tudo igualmente bem. [Assim], ele esperava que um dia o governo o notasse e o contratasse fosse como inspetor de haras, fosse como capitão de navio, ou mesmo como diretor do Teatro [Real de Copenhague] (tradução nossa).³⁹⁷

Já em outra passagem, as raízes ‘populares’ de Andersen vêm ainda mais à tona, pois no que Christian é levado à biblioteca do Conde, pai de Naomi, o narrador diz então que lá

³⁹⁵ ANDERSEN, Hans Christian. Rien qu’un violoneux. In: ANDERSEN, Hans Christian. *Œuvres II*. Textes traduits, présentés et annotés par R. Boyer. Paris: Gallimard, 1995. p. 534 (Bibliothèque de la Pléiade)

³⁹⁶ ANDERSEN, Hans Christian. Rien qu’un violoneux. In: ANDERSEN, Hans Christian. *Œuvres II*. Textes traduits, présentés et annotés par R. Boyer. Paris: Gallimard, 1995. p. 535 (Bibliothèque de la Pléiade)

³⁹⁷ ANDERSEN, Hans Christian. Rien qu’un violoneux. In: ANDERSEN, Hans Christian. *Œuvres II*. Textes traduits, présentés et annotés par R. Boyer. Paris: Gallimard, 1995. p. 537-538. (Bibliothèque de la Pléiade). De fato, mais do que ser um autor da chamada ‘literatura industrial’, como diria Sainte-Beuve, sob a fachada de poeta respeitável, tal personagem, de acordo com os estudiosos de Andersen, seria baseado no escritor Christian Molbech; Cf. BOYER, Regis. Biographie. Notice. In: ANDERSEN, Hans Christian. *Œuvres II*. Textes traduits, présentés et annotés par R. Boyer. Paris: Gallimard, 1995. p. 1406 (Bibliothèque de la Pléiade)

[...] não se encontravam senão eminentes autores, ou seja, Goethe, Racine, Swift, mas nenhum livro dinamarquês, como acontece geralmente entre as nossas classes pretensamente superiores, um tipo de biblioteca feita para o olhar e que manifesta [bom] gosto, mas saber se este existe realmente, não se lhe aprende senão através da conversação! (tradução nossa).³⁹⁸

Já no que diz respeito a um terceiro eixo de crítica social, a saber, o de tratamento crítico do clero, Andersen se serve de um personagem, o pastor Patermann, o qual é logo de sua aparição na história descrito nos seguintes termos:

Quando os patrões empregam um doméstico, eles não prestam atenção apenas às suas capacidades essenciais; eles olham também se não há nada de ridículo em seu porte exterior ou em sua maneira de falar. Quem quer que apareça em cena deve ter uma aparência que convenha ao personagem a ser representado a fim de render de maneira digna a obra do autor. Sua voz em particular é de importância. Por sua vez, o pastor, o qual é a voz mesma de Deus, pode, entre nós, aparecer com a voz mais lamentável, com os discursos mais ridículos. Temos pastores que cantam, que falam através do nariz, pastores afetados que, geralmente, não mantiveram senão as falhas dos pastores da capital que brilharam em seu tempo. [...] Todos estes traços que um clérigo não devia possuir se encontravam no pastor do domínio, o Sr. Patermann [...]. Ele tinha algo de repugnante, de tolo, de sedutor em seus lábios sempre sorridentes. [...] A governanta via nele um rosto de apóstolo, sua frequência era, segundo suas palavras, a poesia na prosa da vida. Não nos é

³⁹⁸ ANDERSEN, Hans Christian. Rien qu'un violoneux. In: ANDERSEN, Hans Christian. *Œuvres II*. Textes traduits, présentés et annotés par R. Boyer. Paris: Gallimard, 1995. p. 563-564 (Bibliothèque de la Pléiade)

possível ser da mesma opinião (tradução nossa).³⁹⁹⁻⁴⁰⁰

Assim é retratado o pastor incumbido de dar aulas a Naomi para sua confirmação, sendo esta uma exigência de sua avó paterna.⁴⁰¹ Naomi, por sua vez, é descrita por Andersen nos seguintes termos:

[e]nquanto que, em geral, junto à juventude, a imaginação transforma todo mito em realidade, começava nela a volatilização straussiana que dissolve todo fenômeno histórico em mitos. Elaborava-se nela uma concepção das coisas da religião tal qual ela começa, em nosso tempo, a se exprimir junto a alguns indivíduos da Alemanha, um tipo de pensamento livre. [...] O que o anjo do Senhor havia profetizado a Hagar sobre o filho que ele lançaria ao mundo parecia repousar sobre Naomi tanto quanto sobre Ismael: ‘Ele será um homem selvagem; sua mão será contra todos, e todos serão contra ele!’ (tradução nossa).⁴⁰²

O que faz, pois, de Naomi uma *niilista*, como fica claro em outra passagem, na qual Andersen explicita uma vez mais sua ideologia, a qual “[...] do ponto de vista religioso [...] não era nem ascética nem helênica; ela era, sobretudo, uma partidária precursora

³⁹⁹ ANDERSEN, Hans Christian. Rien qu’un violoneux. In: ANDERSEN, Hans Christian. *Œuvres II*. Textes traduits, présentés et annotés par R. Boyer. Paris: Gallimard, 1995. p. 614 (Bibliothèque de la Pléiade)

⁴⁰⁰ Pouco adiante, Andersen coloca na boca do pastor, em meio a uma aula na qual ele abordava a parábola do bom samaritano, as seguintes palavras: “Neste país os pobres são o rebotalho desprezível, uma mistura de mentira e de astúcia” (tradução nossa). ANDERSEN, Hans Christian. Rien qu’un violoneux. In: ANDERSEN, Hans Christian. *Œuvres II*. Textes traduits, présentés et annotés par R. Boyer. Paris: Gallimard, 1995. p. 615 (Bibliothèque de la Pléiade)

⁴⁰¹ ANDERSEN, Hans Christian. Rien qu’un violoneux. In: ANDERSEN, Hans Christian. *Œuvres II*. Textes traduits, présentés et annotés par R. Boyer. Paris: Gallimard, 1995. p. 613 et seq. (Bibliothèque de la Pléiade)

⁴⁰² ANDERSEN, Hans Christian. Rien qu’un violoneux. In: ANDERSEN, Hans Christian. *Œuvres II*. Textes traduits, présentés et annotés par R. Boyer. Paris: Gallimard, 1995. p. 619-620 (Bibliothèque de la Pléiade)

da ‘jovem Alemanha’ ” (tradução nossa).⁴⁰³ Daí, pois, que o pastor Patermann achasse que ela era “[...] um João Batista mulher [...]” (tradução nossa),⁴⁰⁴ ou mesmo “[...] um Anticristo em matéria de fé [...]” (tradução nossa).⁴⁰⁵

Entretanto, algumas considerações se fazem aqui necessárias a respeito de tal *niilismo* de Naomi, já que se do ponto de vista da religião Naomi era considerada um anticristo, do ponto de vista literário Naomi se mostra algo mais conservadora, como quando Andersen a faz participar de um dos debates mais acalorados de meados do século XIX, a saber, aquele acerca da morte de Goethe, o qual falecera em 1832, abrindo assim espaço para os jovens autores se posicionarem pro ou contra a idéia de uma nova literatura, já liberta da influência opressora deste que era tido então como uma espécie de ‘pai primevo’ da literatura moderna. Assim, quando Naomi ouve alguém pronunciar que Goethe estava morto, ela replica: “Um verdadeiro e grande poeta não morre jamais! [...]” (tradução nossa).⁴⁰⁶ Já do ponto de vista político, sua posição parece também ser bastante dúbia, dado que, se por um lado, quando de sua estadia em Paris – e aqui vale precisar que ela viaja, ou melhor, *erra* por Viena, Paris e Roma, sem contar outras cidades menores desses países, isto por causa de uma paixão desmesurada e, consequentemente, *moderna*, por um polonês misterioso, no que Andersen reescreve o mito do judeu errante para o século XIX – ela sustenta um discurso político no qual o conceito de *necessidade absoluta*, introduzido pelos jacobinos, aparece em meio a uma discussão sobre Napoleão Bonaparte. Lá, pois, um monarquista a repreende por sua adoração a este último, no que ela retruca:

⁴⁰³ ANDERSEN, Hans Christian. Rien qu’un violoneux. In: ANDERSEN, Hans Christian. *Œuvres II. Textes traduits, présentés et annotés* par R. Boyer. Paris: Gallimard, 1995. p. 626 (Bibliothèque de la Pléiade)

⁴⁰⁴ ANDERSEN, Hans Christian. Rien qu’un violoneux. In: ANDERSEN, Hans Christian. *Œuvres II. Textes traduits, présentés et annotés* par R. Boyer. Paris: Gallimard, 1995. p. 626 (Bibliothèque de la Pléiade)

⁴⁰⁵ ANDERSEN, Hans Christian. Rien qu’un violoneux. In: ANDERSEN, Hans Christian. *Œuvres II. Textes traduits, présentés et annotés* par R. Boyer. Paris: Gallimard, 1995. p. 619 (Bibliothèque de la Pléiade)

⁴⁰⁶ ANDERSEN, Hans Christian. Rien qu’un violoneux. In: ANDERSEN, Hans Christian. *Œuvres II. Textes traduits, présentés et annotés* par R. Boyer. Paris: Gallimard, 1995. p. 703 (Bibliothèque de la Pléiade)

Posição esta bastante diferente da de um Ludwig Börne, para o qual Goethe não era nada senão um ‘Fürstenknecht’, ou seja, um servo de príncipes; Cf. WILSON, W. Daniel. Goethe and the political world. In: SHARPE, Lesley (Ed.). *The Cambridge companion to Goethe*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002. p. 217

– O Deus que todos adoramos, diz Naomi, parece ter apresentado, em seu governo do mundo, partes de sombra, mas existem elas de fato? Napoleão era um querubim que trazia uma espada e uma chama, ele separou os tempos novos dos antigos. Quando a lama [que é expelida por uma carroça] atravessa o campo, as raízes das flores são cortadas, a grama é extirpada e o verde inocente é desmembrado, mas isto é uma necessidade: em seguida, o grão da benção ondula sobre o sulco mortal! Milhões ganharam com isso!’ (tradução nossa).⁴⁰⁷

Com efeito, em outra passagem, isto em meio ao aniversário da revolução de Julho em Paris, na qual, aliás, Andersen tomou parte em 1833, Naomi é retratada atirando com sua pistola, a partir de sua janela, sobre os guardas reais, no que o narrador explica assim tal ação: “[s]ua alma inquieta tinha necessidade de movimento” (tradução nossa).⁴⁰⁸ Por outro lado, entretanto, tal niilismo parece ser suavizado como quando, em meio à mesma comemoração em Paris, entre os participantes dos festejos, se vê o quanto “[...] Naomi, a sorridente, a alegre beleza, como a chamavam, e todo mundo desejavam ver a nobre rainha tão feliz quanto si própria” (tradução nossa).⁴⁰⁹ Ora, pode-se conceber uma *niilista* propriamente dita, ou seja, uma radical negadora de valores, aquela mesma que momentos antes havia atirado contra guardas reais, agora se encontrar enternecida pela esposa do ‘rei burguês’?! Nos romances de Andersen, pelo que parece, sim.⁴¹⁰

⁴⁰⁷ ANDERSEN, Hans Christian. Rien qu’un violoneux. In: ANDERSEN, Hans Christian. *Œuvres II*. Textes traduits, présentés et annotés par R. Boyer. Paris: Gallimard, 1995. p. 704 (Bibliothèque de la Pléiade)

Em outra passagem, Naomi justifica em carta uma repentina e misteriosa viagem não como um capricho, mas como uma *necessidade absoluta*. ANDERSEN, Hans Christian. Rien qu’un violoneux. In: ANDERSEN, Hans Christian. *Œuvres II*. Textes traduits, présentés et annotés par R. Boyer. Paris: Gallimard, 1995. p. 641 (Bibliothèque de la Pléiade)

⁴⁰⁸ ANDERSEN, Hans Christian. Rien qu’un violoneux. In: ANDERSEN, Hans Christian. *Œuvres II*. Textes traduits, présentés et annotés par R. Boyer. Paris: Gallimard, 1995. p. 708 (Bibliothèque de la Pléiade)

⁴⁰⁹ ANDERSEN, Hans Christian. Rien qu’un violoneux. In: ANDERSEN, Hans Christian. *Œuvres II*. Textes traduits, présentés et annotés par R. Boyer. Paris: Gallimard, 1995. p. 713 (Bibliothèque de la Pléiade)

⁴¹⁰ Ora, talvez tal flutuação de ânimo seja ela mesma um sinal de sua instabilidade emocional, e, consequentemente, de sua desmesura, a qual, aliás, fica patente ao longo do romance. De

Em suma, tais são os aspectos centrais que dariam origem ao primeiro livro publicado por Kierkegaard, a saber, a resenha literária de *Apenas um tocadador* que ganharia o título de *Dos papeis de alguém ainda vivo, publicado contra sua vontade por S. Kjerkegaard*.⁴¹¹

3.6 KIERKEGAARD E O PROBLEMA DA ‘MAIS NOVA GERAÇÃO’

Pois em 1838 sairia o primeiro livro publicado por Kierkegaard, o qual tem como problema central o surgimento, assim como a assimilação, das ‘ideias modernas’ na Dinamarca. Neste sentido, trata-se, ainda que postulado de maneira ex-cêntrica,⁴¹² do surgimento do fenômeno do *niilismo* e, conseqüentemente, da repentina *chegada da modernidade* por tais terras. De maneira que Kierkegaard se serve precisamente do romance de H.C. Andersen – e vale lembrar que o subtítulo dado à maior parte da obra comporta explicitamente as seguintes palavras: “Sobre Andersen como

forma que Naomi poderia ser efetivamente considerada como uma niilista, pertencendo, pois, àquela galeria de “[...] jovens [que] organizavam piqueniques, saraus, [que] às vezes saíam pela cidade em verdadeira cavalcada, em carruagens e a cavalo [...], [que] [p]rocuravam aventuras, até as inventa[rem] e [as] organiza[rem] por brincadeira com o único fito de provocar uma história alegre [...], [que] tratavam por cima dos ombros nossa cidade como alguma Cidade dos Tolos [...] [e que] eram chamados de zombadores e galhofeiros porque não se detinham diante de nada [...]”, tal qual Dostoiévski descreve um grupo deles em *Os demônios*. Com efeito, talvez seja ela aquela dama descrita por Dostoiévski na seqüência da passagem acima citada, na qual ele relata o momento em que “[...] alguém anunciou subitamente que em um quarto do hotel acabavam de encontrar um forasteiro que se suicidara com um tiro e que estavam aguardando a polícia. No mesmo instante surgiu a idéia de ir ver o suicida. A idéia foi aprovada: nossas damas nunca tinham visto suicidas. Lembro-me de que uma delas disse ali mesmo, em voz alta, que ‘tudo já está tão dominado pelo tédio que não há por que fazer cerimônia com divertimentos, contanto que sejam interessantes’ ”. DOSTOIÉVSKI, Fiodor. *Os demônios*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2004. p. 314, 320; Cf., neste sentido, DOSTOIÉVSKI, Fiodor. *O idiota*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2004. p. 294, assim como TURGUÊNIEV, Ivan. *Pais e filhos*. Trad. R. Figueiredo. São Paulo: Cosac Naify, 2011. p. 87

⁴¹¹ KIERKEGAARD, Søren. Af en endnu levendes Papirer. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 7-57. Vale, por sua vez, precisar que o sobrenome Kierkegaard não possuía então uma grafia inequívoca; neste sentido; Cf. GARFF, Joakim. *Søren Kierkegaard: a biography*. Translated by B. Kirmmse. Princeton: Princeton University Press, 2005. p. 3

⁴¹² Cf. mais adiante esclarecimento acerca de tal palavra.

Romancista, com constante referência à sua última obra: ‘Apenas um tocador’ ” (tradução nossa)⁴¹³ – com o intuito de extrair dele valores mais profundos ou mesmo estruturais, os quais, por isso mesmo, podiam ser encontrados dispersos por tipos diferentes de discursos presentes no contexto dinamarquês, entre eles o literário. Em outras palavras, Kierkegaard dá início à sua produção ‘oficial’ precisamente com uma obra de crítica sócio-cultural, já que discute o estado das coisas a partir do âmbito da cultura, o que, por sua vez, implica dizer que o niilismo, originalmente um fenômeno surgido no âmbito da teologia,⁴¹⁴ já se encontrava diluído, por assim dizer, e consequentemente presente no âmbito mais geral das ideias, ou seja, no âmbito da cultura.

No que diz respeito à organização de sua resenha vale precisar que Kierkegaard, como que conscientemente estabelecendo ligações com a querela dos antigos e dos modernos, decide estruturar sua argumentação a partir de um par de conceitos opostos, a saber, *a mais nova geração* [*den yngre Generation*] em oposição à *mais velha geração* [*den ældre Generation*]. Neste sentido, sua resenha desenvolve polemicamente uma leitura panorâmica dos experimentos, particularmente literários, desses dois ‘partidos’, considerando mais especificamente Hans Christian Andersen como síntese do que Kierkegaard chama de *o mais novo desenvolvimento* (como um todo) [*den hele nyere Udvikling*]. De modo que se pode dizer que se Kierkegaard e os dinamarqueses em geral não tinham ainda acesso ao conceito propriamente dito de *modernidade*, sua presença negativa, por assim dizer, não deixa de se fazer sentir ao longo deste breve e praticamente indecifrável escrito.

E por falar em ‘presença negativa’, vale também explicitar que somente se compreende tal escrito à luz de três acontecimentos relativamente recentes, a saber, as mortes de Hegel (em 1831), de Goethe (em 1832) e do querido professor e mentor de Kierkegaard Poul Martin Møller (em 1838), de maneira que é exatamente a partir

⁴¹³ KIERKEGAARD, Søren. Af en endnu levendes Papirer. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 15

⁴¹⁴ De acordo com uma estudiosa do assunto, no século XII o *nihilianismus* caracterizava uma heresia teológica referente à encarnação de Cristo; não obstante, seria apenas a partir da crítica de Jacobi a Kant e Fichte que o conceito passaria a ser utilizado no âmbito filosófico. CRAGNOLINI, Mónica B. *Nietzsche, Camino y Demora*. Buenos Aires: Editorial Biblos, 2003. p. 15-18

da presença negativa destes *grandes homens* que se configura o mapa literário-ideal estabelecido por Kierkegaard em sua resenha, e isto na proporção exata em que quanto mais inominados ou subterraneamente forem eles sentidos, mais importantes são eles. Em outros termos, em comparação a Hegel, claramente denominado algumas vezes, as presenças realmente importantes nesse escrito são precisamente as de Goethe, o verdadeiro herói dos escritos primeiros de Kierkegaard⁴¹⁵ e que, por isso mesmo, aparece ostensivamente poucas vezes em seus escritos públicos, assim como o goetheano Møller, o qual supostamente teria transmitido a seu pupilo tal tipo de devoção. Assim, a resenha de 1838 publicada por Kierkegaard se coloca de antemão como uma discussão normativa acerca dos caminhos a serem tomados (então) pelos jovens escritores dinamarqueses, sendo, conseqüentemente, Hans Christian Andersen tomado como sinal paradigmático dos equívocos cometidos no plano literário-cultural pela nova geração.

Por outro lado, outra característica marcante de tal texto é a tentativa da parte de Kierkegaard de agarrar a dinâmica propriamente dita *moderna* do tempo em sua última exposição ou em seu último momento de vir-a-ser, o que ele explicita através da expressão *o mais novo desenvolvimento*, expressão esta que, por sua vez, representa o então inexistente conceito de *modernidade*. Pois não é por acaso que a discussão propriamente dita da obra, isto após uma breve introdução que serve de prefácio à mesma e na qual Kierkegaard discute um tema que seria fundamental para sua produção posterior, a saber, a noção do ‘eu autoral dividido’,⁴¹⁶ tem início literalmente com as seguintes palavras:

[h]á no mais novo desenvolvimento como um todo [*den hele nyere Udvikling*] uma grande tendência para – longe de se lembrar com gratidão as lutas e dificuldades que o mundo atravessou para ser o que é -, na medida do possível, esquecer os resultados que através do

⁴¹⁵ FENGER, Henning. *Kierkegaard, the myths and their origins*. Trad. G.C. Schoolfield. New Haven: Yale University Press, 1980. p. 81-88

⁴¹⁶ KIERKEGAARD, Søren. Af en endnu levendes Papirer. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 9-12

suor de seu rosto [ele, o mundo] conquistou [...] (tradução nossa).⁴¹⁷

A partir destas poucas palavras fica claro, portanto, que a discussão tem início com uma filosofia da história, de acordo com a qual tal ‘mais novo desenvolvimento’, até então inominado ou não explicitado, teria como característica fosse a tendência de “[...] convencer a si mesmo a respeito de sua efetividade [*Virksomhed*] e de seu significado [...]”,⁴¹⁸ fosse a tendência, decorrente desta primeira, de “[...] fazer de si mesmo o ponto de partida próprio para a história mundial [*Verdenshistorien*] [...]” (tradução nossa).⁴¹⁹ Nos dois casos Kierkegaard se refere à atitude moderna de fazer de um determinado período histórico seu próprio fundamento, no que então o ‘mais novo desenvolvimento’ colocar-se-ia de antemão como o mais típico produto da ideologia moderna do progresso.⁴²⁰

E, em verdade, tal parece ser o caso, já que logo adiante – e aqui vale explicitar que, tal qual nos outros escritos analisados até aqui, a prosa kierkegaardiana neste pequeno escrito é tão

⁴¹⁷ KIERKEGAARD, Søren. Af en endnu levendes Papirer. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 17

⁴¹⁸ KIERKEGAARD, Søren. Af en endnu levendes Papirer. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 17

⁴¹⁹ KIERKEGAARD, Søren. Af en endnu levendes Papirer. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 17

⁴²⁰ Uma caso paradigmático deste tipo de atitude pode ser encontrado em um brevíssimo ensaio escrito por Ludwig Feuerbach (1804-1872) intitulado ‘Necessidade de uma reforma da Filosofia’, de 1842, no qual suas premissas são precisamente tomadas como dados *a priori*: “[a]penas a transformação da Filosofia pode ser [a transformação] necessária, a verdadeira, à qual corresponde a necessidade do tempo, [a necessidade] da humanidade. [...] De qual lado se coloca a verdadeira necessidade? Ao lado da qual se coloca a necessidade do futuro – do futuro antecipado –; ao lado da qual o movimento progressivo [*vorwärtsgelende Bewegung*] está. A necessidade de conservação é apenas uma reação provocada, causada. A filosofia hegeliana era a combinação arbitrária de diversos sistemas dados anteriormente, [de] imperfeições, – sem força positiva, [já que era desprovido de] negatividade absoluta. Apenas quem possui a coragem de ser absolutamente negativo possui a força de criar o *novo*” (tradução nossa). FEUERBACH, Ludwig. *Notwendigkeit einer Reform der Philosophie*. In: FEUERBACH, Ludwig. *Anthropologischer Materialismus. Ausgewählte Schriften I*. Herausgegeben von A. Schmidt. Frankfurt am Main: Europäische Verlagsanstalt, 1967. p. 75-76. Como visto, Feuerbach toma como dado *a priori* a ligação entre o conceito de *necessidade* e o *futuro*, os quais, por sua vez, aparecem ligados pela *humanidade*, sendo tudo isto apresentado sem a menor necessidade de fundamentação, o que faz com que sua exposição não seja nada senão *ideologia do progresso*.

absurdamente tortuosa, obscura e prolixa que se tem enormes dificuldades para compreender do que ele fala em inúmeros momentos – aparece, ligado ao ‘mais novo desenvolvimento’, o nome de Hegel, no que se considera seu “[...] grande experimento [*Forsøg*] ao começar com [o] nada [...]” (tradução nossa).⁴²¹ De fato, Kierkegaard reconhece que tal experimento deve, enquanto uma das formas mais *respeitáveis*⁴²² do ‘mais novo desenvolvimento’,

[...] se impor diante de nós tanto quanto nos alegrar; se impor diante de nós em consideração à força moral através da qual a ideia é concebida, [assim como] da energia inteligente e [da] virtuosidade através das quais ele [o experimento] é levado a cabo; [e] nos alegrar já que a negação como um todo [*den hele Nægten*] é apenas um movimento dentro dos limites próprios do sistema [...] (tradução nossa).⁴²³

Não obstante tais considerações, o intuito de Kierkegaard nestas linhas introdutórias de sua resenha é o de simplesmente apontar a tendência mais profunda da época, a qual ele reconhece como aquela ‘de começar do começo’ – ele fala mais exatamente do “[...] prazer de se começar do começo (ou de novo) [*Lyst til at*

⁴²¹ KIERKEGAARD, Søren. Af en endnu levendes Papirer. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p.17. Stewart, por sua vez, esclarece que quando Hegel diz querer começar com [o] nada, tal categoria não deve ser compreendida como a do nada ontológico, e sim como um ponto de partida que não pressupõe algo sobre a ciência. STEWART, Jon. *Kierkegaard's relations to Hegel reconsidered*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003. p. 119

⁴²² Vale explicitar que tal elogio parece conter algo de dúvida, ou seja, algo de falso, pelo motivo mesmo de ser considerado como um dos fenômenos pertencentes à dinâmica maior denominada de ‘mais novo desenvolvimento’, a qual, por sua vez, é impiedosamente atacada por Kierkegaard ao longo de sua recensão. Já o acima citado Stewart vê nesta mesma passagem um bem-intencionado elogio que tinha como fim agradar o editor da revista na qual tal resenha deveria ser publicada, isto é, J.L.Heiberg e sua revista *Perseus*, onde, não obstante, o ensaio de Kierkegaard acabou não sendo publicado. STEWART, Jon. *Kierkegaard's relations to Hegel reconsidered*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003. p. 121

⁴²³ KIERKEGAARD, Søren. Af en endnu levendes Papirer. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 17

begynde forfra] [...]” (tradução nossa)⁴²⁴ –, isto compreendido como um incessante movimento que se crê capaz de fundamentar a si mesmo através da instituição de um início arbitrário, desligado de toda e qualquer tradição. Neste sentido, pois, suas ideias ficam mais claras quando ele fala de

[u]ma mais preocupante forma do mesmo equívoco, à qual originalmente almejávamos, [e que] se mostra [através] da tendência principal da época na política [*Tidsalderens Hovedretning i det Politiske*]. Equivocando-se a respeito do significado mais profundo de uma evolução histórica, prendendo-se, significativamente, como se estivesse em uma luta por sua existência, à expressão ‘o mundo sempre fica mais inteligente’, compreendida, vale notar, como sendo favorável a este momento, não obstante suas conseqüências parodísticas, aparecendo tanto como arrogância juvenil [...], quanto como falta de paciência [...], sob ambas estas formas esta tendência se coloca como culpada em relação a um atentado [*Attentat*] frente [a uma] dada realidade [*Virkelighed*]; sendo sua expressão: esqueça o real [*glem det Virkelige*] [...] (tradução nossa).⁴²⁵

Ora, por mais que a formulação das ideias seja tortuosa, fica claro que o ponto de vista esposado por Kierkegaard é uma vez mais aquele semelhante ao de Burke, no sentido de ambos criticarem a atitude impetuosa típica dos filósofos da modernidade, aquela que sempre vê em uma dada realidade o ponto de partida para uma nova

⁴²⁴ KIERKEGAARD, Søren. Af en endnu levendes Papirer. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 18

⁴²⁵ KIERKEGAARD, Søren. Af en endnu levendes Papirer. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 18-19. Habermas, neste sentido, considera que “[...] a modernidade não pode e não quer continuar a ir colher em outras épocas os critérios para sua orientação, ela tem de criar em si própria as normas por que se rege. A modernidade vê-se remetida para si própria sem que a isso possa fugir [...]”. HABERMAS, Jürgen. *O discurso filosófico da modernidade*. Trad. A.M. Bernardo et al. Lisboa: Dom Quixote, 1990. p. 18

e radical reescritura da história, isto é, para um novo recomeço *ab ovo*, atitude esta que Kierkegaard, na passagem citada, grifa através da expressão ‘esqueça o real’. Contrário, pois, aos impulsos psicológicos primeiros que funcionariam como causas desse tipo de atitude, a saber, tanto a arrogância juvenil, quanto a falta de paciência, Kierkegaard dá continuidade à sua crítica ao estabelecer uma analogia entre “[...] as grandiosas formações estatais que através de centenas de anos não se deixam ignorar [...] [e as] [...] florestas originais de outrora [...] [que então devem dar lugar ao] [...] arar da cultura na aurora do esclarecimento [*Culturens Plov i Oplysningens Morgenrøde*] [...]” (tradução nossa),⁴²⁶ passagem (ou *progresso*) que tem como finalidade fazer com que surja um terreno limpo no qual “[...] não possa haver o menor abrigo poético [...]” (tradução nossa).⁴²⁷ Aqui, pois, Kierkegaard, servindo-se de um *topos* relativamente recente consagrado pela tradição ocidental, de acordo com o qual a *cultura* abandonava seu caráter semântico original, ligado fundamentalmente à agricultura, para se estabelecer como a metáfora por excelência do âmbito espiritual, significando assim o cultivo do espírito,⁴²⁸ critica precisamente a tendência moderna, impulsionada precisamente pelo *esclarecimento*, de trocar a cultura ou, como Kierkegaard diz na passagem acima citada, a *poesia*, por uma visão de mundo desencantada na qual a política tem lugar privilegiado. Em outros termos, fica patente aqui a oposição entre, de um lado, poesia e cultura, ou ainda, para servir-me de um termo consagrado pelas escolas conservadoras ou aristocráticas presentes no contexto alemão, *Bildung*, e do outro, política, oposição esta

⁴²⁶ KIERKEGAARD, Søren. Af en endnu levendes Papirer. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 19-20

⁴²⁷ KIERKEGAARD, Søren. Af en endnu levendes Papirer. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. KIERKEGAARD. p. 19-20

⁴²⁸ Quanto a tal mutação semântica, em seus termos mais gerais, Cf. WILLIAMS, Raymond. Culture. In: WILLIAMS, Raymond. *Keywords: a vocabulary of culture and society*. New York: Oxford University Press, 1983. p. 87-93; já quanto ao contexto mais específico, a saber, a *Querela dos antigos e dos modernos* na França de finais do século XVII, no qual tal passagem se deu. DeJEAN, Joan. *Antigos contra modernos: as guerras culturais e a construção de um fin de siècle*. Trad. Zaida Maldonado. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. p. 177-197

geralmente denominada de romantismo apolítico, e que encontrava em Goethe um de seus maiores expoentes.⁴²⁹

Pois não é por acaso que na mesma passagem anteriormente citada, mais exatamente no que Kierkegaard se referia ao ‘significado mais profundo de uma evolução histórica’, ele então puxa precisamente ali uma nota de rodapé na qual cita duas estrofes de Goethe, de acordo com as quais “[a] razão se torna absurdo, [a] beneficência [uma] calamidade/ Ai de ti por fazeres parte da posteridade [*Vernunft wird Unsinn, Wohlthat Plage/ Weh Dir, daß*

⁴²⁹ Pois como coloca perfeitamente um estudioso do autor: “[n]a Alemanha Goethe é associado mais especificamente a[o termo] ‘Klassik’ (classicismo), o qual ele entendia como um bastião da moral superior e de padrões estéticos modelados a partir dos antigos e apresentados face às tendências corrosivas do Romantismo” (tradução nossa). HOFFMEISTER, Gerhart. Reception in Germany and abroad, In: SHARPE, Lesley (Ed.). *The Cambridge companion to Goethe*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002. p. 233. Já outro estudioso, ao abordar mais detalhadamente a política de Goethe, decide não por acaso encerrar sua exposição com a seguinte sentença, ainda mais paradigmática do que a anterior: “A grandeza de Goethe jaz não em seus valores políticos, mas em seu sucesso poético”. WILSON, W. Daniel. Goethe and the political world. In: SHARPE, Lesley (Ed.). *The Cambridge companion to Goethe*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002. p. 218. Em suma, um dos melhores indicativos deste tipo de compreensão esposada por Kierkegaard a partir de Goethe se encontra uma vez mais no romance de Thomas Carlyle anteriormente citado, a saber, *Sartor Resartus*, publicado originalmente em 1834 e que trazia como epígrafe as seguintes estrofes do mesmo Goethe: “Meu legado, quão esplêndido e largo!/ O tempo é meu patrimônio, minha lavoura é o tempo [*Mein Vermächtniss, wie herrlich weit und breit!/ Die Zeit ist mein Vermächtniss, mein Acker ist die Zeit.*]” (tradução nossa). GOETHE apud CARLYLE, Thomas. *Sartor Resartus: the life and opinions of Herr Teufelsdröckh in three books*. Ed. Roger Tarr. Berkeley: University of California Press, 2000. p. 1; através das quais Carlyle afirmava, tal qual Kierkegaard o faria, a importância da cultura, compreendida aqui como *civilização*, dado o seu caráter perene, em contraposição a valores mais prosaicos, como os da política e os valores do âmbito social de maneira mais ampla. Com efeito, Carlyle explicita tais noções ao considerar que “[v]isíveis e tangíveis produtos do Passado, de novo, eu os reconheço em número de três: Cidades, com seus Gabinetes e Arsenais; depois, Campos arados, ao qual ou a ambos divisões [e] Estradas com suas Pontes podem pertencer; e terceiro – Livros. Sendo que neste terceiro, em verdade, o último inventado, jaz um valor a suplantiar de longe os outros dois. Maravilhosa é de fato a virtude de um Livro verdadeiro. Não como uma Cidade morta de pedras, desfazendo-se anualmente, anualmente necessitando de reparos; mais como um campo arado, mas então um campo espiritual; como uma árvore espiritual, deixe-me dizer, ele permanece de ano a ano, e de época a época [...]” (tradução nossa). CARLYLE, Thomas. *Sartor Resartus: the life and opinions of Herr Teufelsdröckh in three books*. Ed. Roger Tarr. Berkeley: University of California Press, 2000. p. 129. Neste sentido, pois, Kierkegaard, assim como Carlyle, R.W. Emerson e Turguêniev, para ficarmos apenas com alguns deles, se inscreve em uma escola de pensamento que poderia ser denominada de romantismo apolítico de inclinação goetheana, escola esta que caracterizar-se-ia por sua índole aristocrático-conservadora, dado que Goethe passava, antes mesmo de sua morte, a representar a partir do âmbito literário uma posição análoga de chefe-de-escola tal qual Edmund Burke representava dentro do âmbito político.

Du ein Enkel bist.]]”,⁴³⁰ acrescentando a isso, isto ainda na mesma passagem, isto quando Kierkegaard fala das ‘consequências parodísticas’ de uma tal visão de mundo, uma segunda nota de rodapé, na qual ele se serve de duas estrofes cujo autor não foi identificado, as quais, por sua vez, remetem mais do que diretamente à expressão de Bernard de Chartres,⁴³¹ aquela que antecipava a querela dos antigos e dos modernos;⁴³² não obstante, Kierkegaard introduz ali uma diferença capital em relação à sentença de Bernard de Chartres, dado que ele reconhece que “[n]ós sobre os ombros dos antepassados nos colocamos/ Parecendo tão grandes – mas tão pequenos...” (tradução nossa),⁴³³ o que faz assim com que sua posição seja na interminável querela dos antigos e dos modernos, seja nas ‘guerras culturais’ do século XIX, fique bastante clara, sendo ele, portanto, neste momento, um partidário pessimista, já que anti-progressista, dos antigos, ou, para ater-me aos conceitos da obra aqui analisada, da *velha geração*, sem mais nem menos.

De maneira que após desenvolver tal introdução mais geral, Kierkegaard se dispõe a analisar um rapidamente a recente literatura romanesco-novelística produzida no contexto dinamarquês, levando-a em consideração precisamente em face de tal tendência mais profunda presente nesse mesmo contexto, o que faz então com que ele reconheça de partida na obra de título *Uma história do dia-a-dia* [*En Hverdags-Historie*], da então anônima, assim como experimentada⁴³⁴ autora Thomasine Gyllembourg, um marco em

⁴³⁰ GOETHE *apud* KIERKEGAARD, Søren. Af en endnu levendes Papirer. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 19, Nota 1.

⁴³¹ “Somos anões carregados nos ombros de gigantes. Assim vemos mais, e vemos mais longe do que eles, não porque nossa visão seja mais aguda ou nossa estatura mais elevada, mas porque eles nos carregam no alto e nos levantam acima de sua altura gigantesca...”. BERNARD DE CHARTRES *apud* LE GOFF, Jacques. *Os intelectuais na Idade Média*. Trad. M. de Castro. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006. p. 36

⁴³² LE GOFF, Jacques. *Os intelectuais na Idade Média*. Trad. M. de Castro. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006. p. 34-37

⁴³³ KIERKEGAARD, Søren. Af en endnu levendes Papirer. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 19, Nota 2.

⁴³⁴ Pois como diz um estudioso deste período da produção de Kierkegaard, “[e]le [Kierkegaard] corretamente percebeu que ambos estes autores [Gyllembourg e o também citado na resenha Blicher] começaram a escrever tarde na vida e que ambos [...] impregnaram seus romances com uma visão de vida a partir da qual a geração mais nova, completamente entregue à política e ao hegelianismo, poderia aprender algo” (tradução nossa). FENGER,

termos da mais recente produção literária nesse mesmo contexto, dado que nesta obra, diferentemente da generalizada *desconfiança* em relação à vida que caracterizaria a tendência mais profunda da época,⁴³⁵ Kierkegaard vê especificamente a “[...] alegria diante da vida [...]”, isto é, a confirmação de que “[...] a fonte da poesia da vida [*Livspoesiens Kilde*] não secou [...]” (tradução nossa);⁴³⁶ em suma, Kierkegaard reconhece nessa obra a noção mais fundamental de que ali estaria colocada a “[...] congruência comprovada entre as exigências e as anunciações da juventude com as prestações da vida [...]” (tradução nossa).⁴³⁷ Em outros termos, Kierkegaard vê nesta obra, oferecida como parâmetro para a posterior produção literária, aquele *toque evangelístico* [*evangelistisk Anstrøg*] necessário para a constituição de todo e qualquer *estudo edificante* [*opbyggende Studium*],⁴³⁸ o que significa, pois, que sua noção de literatura é pensada, de antemão, como uma perpassada por noções ou por valores ético-religiosos, no que uma vez mais se confirma sua adesão ao romantismo apolítico de orientação goetheana, de acordo com o qual a literatura seria o meio ideal de conservação e de transmissão de valores teológicos no contexto dessacralizado do século XIX.⁴³⁹ Pois não é outra coisa o que Kierkegaard diz quando se refere ao romance de formação (*Bildungsroman*) de Goethe intitulado *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister* [*Wilhelm Meisters Lehrjahre*]:

[s]e eu tivesse que dizer com poucas palavras o que propriamente considero como magistral no

Henning. *Kierkegaard, the myths and their origins*. Trad. G.C. Schoolfield. New Haven: Yale University Press, 1980. p. 129

⁴³⁵ KIERKEGAARD, Søren. Af en endnu levendes Papirer. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 20

⁴³⁶ KIERKEGAARD, Søren. Af en endnu levendes Papirer. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 21

⁴³⁷ KIERKEGAARD, Søren. Af en endnu levendes Papirer. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 21

⁴³⁸ KIERKEGAARD, Søren. Af en endnu levendes Papirer. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 21

⁴³⁹ Cf. o famoso livro VI, intitulado ‘Confissões de uma bela alma’. GOETHE, Johann W. von. Confissões de uma bela alma. In: GOETHE, Johann W. von. *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*. Trad. N.S. Neto. São Paulo: Ed. 34. 2009. p. 347-404

Wilhelm Meister de Goethe, eu diria que é a administração bem-sucedida [*den afrundede Styrelse*] que perpassa a obra toda, a completa ordem-mundial moral fichteana que o próprio romance doutrinariamente desenvolve, a qual é inerente [*immanent*] ao livro todo e que gradualmente leva Wilhelm ao ponto teoricamente postulado, se posso assim dizê-lo, de forma que pelo final do romance a visão de mundo que o poeta desenvolveu, mas que anteriormente existia exteriormente a Wilhelm, agora se encontra apropriada por ele [*optaget i ham*], e isto explica a impressão total que o romance transmite mais do que qualquer outro, [a saber] a de que [ali] está o mundo inteiro apreendido em um espelho, [em] um verdadeiro microcosmo (tradução nossa).⁴⁴⁰

Como visto, Kierkegaard reconhecia n' *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister* uma obra de cunho moral, dado que seu assunto seria precisamente a *Bildung*, ou seja, um tipo de cuidado de si que visava o desenvolvimento harmônico e total das capacidades humanas.⁴⁴¹ Daí, pois, que Kierkegaard faça em sua resenha, em termos literários, o elogio da geração mais velha [*den ældre Generation*], dado que esta não teria se deixado atrair pelo canto mágico da política, ou melhor, como ele mesmo diz, pela 'prosa estudantil da política',⁴⁴² ficando, consequentemente, com o

⁴⁴⁰ KIERKEGAARD, Søren. Notesbog 3, § 5 [Pap. I C 73; JP 2: 1455]. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 2001. bd. 19, p. 102. Vale, por sua vez, lembrar que a obra *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister* foi considerada por muitos no contexto das guerras culturais do século XIX como "[...] a Bíblia do Romantismo [...]" (tradução nossa). HOFFMEISTER, Gerhart. Reception in Germany and abroad. In: SHARPE, Lesley (Ed.). *The Cambridge companion to Goethe*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002. p. 236

⁴⁴¹ CASSIRER, Ernst. Goethes Idee der Bildung und Erziehung. In: CASSIRER, Ernst. *Gesammelte Werke*. Herausgegeben von B. Recki. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft; Hamburg: Felix Meiner, 2004. bd. 18, p. 127-148

⁴⁴² KIERKEGAARD, Søren. Af en endnu levendes Papirer. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 23

A contraposição mais específica entre a 'poesia da vida' e a 'prosa estudantil da política' parece ter como base a afirmação de Hegel de que "[o] romance, no sentido moderno, pressupõe uma realidade já ordenada como *prosa*. [...] Uma das colisões mais comuns e mais apropriadas para o romance é, por isso, o conflito entre a poesia do coração e a prosa adversa das relações sociais [...]". HEGEL apud MAZZARI, Marcus V. Apresentação. In: GOETHE,

paradigma anterior da *Bildung* como meta da existência humana, o que faz, pois, com que o desejo de Kierkegaard não seja outro senão o de que *a mais jovem geração* [*den yngre Generation*] tome parte no brinde segundo o qual “[v]iva o gênio, a beleza, a arte e toda esta maravilhosa Terra! Viva o que amamos e o que temos amado! Que viva aqui ou no outro mundo [*her eller hisset*] uma vida transfigurada como ela vive em nossas lembranças” (tradução nossa).⁴⁴³

Logo, Kierkegaard se mostra desde o início de sua resenha favorável à geração mais velha pelo motivo de que esta ainda teria olhos para o que ele denomina de *visão de vida* [*Livs-Anskuelse*], ou seja, para a noção mais profunda de que deve haver um fundamento para a existência que funcionaria como a condição *sine qua non* para a formação individual ético-espiritualmente constituída.⁴⁴⁴ Na falta

Johann W. von. *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*. Trad. N.S. Neto. São Paulo: Ed. 34, 2009. p. 14, Nota 5.

⁴⁴³ KIERKEGAARD, Søren. Af en endnu levendes Papirer. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 22. Vale lembrar que na passagem derradeira de *Pais e Filhos*, do russo Ivan Turguêniev (1818-1883), no que o túmulo do niilista Bazarov é descrito, ecoam palavras semelhantes a estas, segundo as quais “[p]or mais exaltado, pecador e rebelde o coração oculto no túmulo, as flores que crescem sobre ele olham para nós serenas, com seus olhos inocentes: não nos falam apenas de uma paz eterna, da grande paz da natureza ‘indiferente’; falam também da reconciliação eterna e da vida infinita...”. TURGUÊNIEV, Ivan. *Pais e filhos*. Trad. R. Figueiredo. São Paulo: Cosac Naify, 2011. p. 301. Ora, por trás não apenas desta passagem mais específica, senão do romance de Turguêniev como um todo jaz uma vez mais a sombra de Goethe, a qual é revelada em um texto fundamental escrito pelo próprio autor sobre seu romance, no qual ele reconhece abertamente “[...] nosso professor comum, Goethe [...]” (tradução nossa). TURGENEV, Ivan. *Fathers and Sons*. In: TURGENEV, Ivan. *Fathers and children*. New York: W.W. Norton, 2009. p. 172; o que, como já dito, faz com que Kierkegaard, Turguêniev, R.W. Emerson e Carlyle, entre outros, se encontrem sobre um mesmo terreno, a saber, o dos herdeiros de Goethe, ou seja, o terreno dos escritores-pensadores aristocrático-conservadores e, vale lembrar, geralmente de formação teológica (casos de Kierkegaard e R.W. Emerson notadamente, ambos teólogos protestantes, assim como o de Carlyle, o qual estudara durante algum tempo teologia e que mesmo a tendo abandonado nunca deixaria esmorecer a fortíssima influência calvinista transmitida por seus pais) que acreditavam poder fosse ressacralizar, fosse barrar o desencantamento do mundo através de uma compreensão teológica de literatura, tal qual expressa por Carlyle na seguinte passagem do seu *Sartor Resartus*: “‘[m]as não há religião’, reitera o professor. ‘Tolo! Eu te digo que sim. Hás tu propriamente considerado tudo o que jaz neste imenso oceano-congelado que chamamos de LITERATURA? Fragmentos de uma genuína *Homilética*-eclesiástica se encontram espalhados ali, os quais o Tempo ordenará: não, frações mesmo de uma *Liturgia* eu poderia apontar. E não conheces Profeta mesmo [em meio] às vestes, meio-ambiente e dialética desta época? [...] Não conheces um tal? Eu conheço, e o nomeio – Goethe” (tradução nossa).

⁴⁴⁴ Cf. KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 22-23. Pois como bem explica um

desta, pois, Kierkegaard vê o perigo da assunção de um outro paradigma de formação subjetiva, associado ao mundo da política e no qual os indivíduos a surgir mostrar-se-iam ou como *peessoas achatadas* [*fladtrykte Personer*],⁴⁴⁵ ou como *rostos cosmopolitas* [*Cosmopolit-Gesichter*], ou seja, nos dois casos como indivíduos massificados e, neste sentido, desprovidos de *caráter* próprio.⁴⁴⁶

estudioso, “[...] se nos *Sofrimentos do jovem Werther* o substantivo ‘coração’ recorre em inúmeras variações e se o motivo fundamental do *Fausto* reside no verbo ‘aspirar’ (*streben*), o *Wilhelm Meister* é dominado inteiramente pelo termo *Bildung* (‘formação’), cuja tradução é, para alguns autores, tão complexa quanto a da palavra grega *paideia* ou da latina *humanitas*. *Bildung* tem uma longa história atrás de si, começando com sua identificação com o sentido primeiro de *Bild* (‘imagem’, *imago*) e desdobrando-se na ideia de reprodução por semelhança, *Nachbildung* (*imitatio*): nessa acepção original, o arquétipo de *Bild* (‘imagem’) e da forma verbal *bilden* (‘formar’) estaria relacionado com o próprio criador, que ‘*formou* o homem à sua imagem e semelhança’.” MAZZARI, Marcus V. Apresentação. In: GOETHE, Johann W. von. *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*. Trad. N.S. Neto. São Paulo: Ed. 34, 2009. p. 11. Mais do que isso, a *Bildung* implica um forte senso de autodeterminação, ou seja, de autoformação ou de autoaprimoramento, dado que, como o explica outro estudioso, “[...] um homem ou mulher de *Bildung* era não apenas [alguém] culto, mas era também uma pessoa de bom gosto, que possuía um enfoque mais geral educado do mundo ao seu redor e que era assim capaz de um autodirecionamento [‘*self-direction*’] que se colocava em contraste com as pressões mais fortes por conformidade. Adquirir *Bildung* era também ser mais do que [alguém] educado; alguém podia se tornar meramente ‘educado’, por assim dizer, passivamente, aprendendo coisas de cor ou através da aquisição da habilidade de imitar as opiniões aceitas da época. Ser uma pessoa de *Bildung*, contudo, exigia que alguém se fizesse um homem ou mulher cultivados de bom gosto e inteligência” (tradução nossa). PINKARD, Terry. *German Philosophy 1760-1860: the legacy of idealism*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010. p. 7-8. Não obstante, vale explicitar que a concepção mais especificamente goetheana de *Bildung* parece apontar para um forte elemento religioso, tal qual este se encontra explicitado no já citado livro VI d’*Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*, no qual Goethe rompe a narrativa original de seu romance para dar lugar às ‘confissões de uma bela alma’, no qual uma mulher coloca no papel suas insatisfações a respeito de um conceito estritamente mundano de *Bildung*, no que ela passa, assim, a buscar, através do pietismo, a *pureza de coração*; Cf. GOETHE, Johann W. von. *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*. Trad. N.S. Neto. São Paulo: Ed. 34, 2009. p. 347-404

⁴⁴⁵ KIERKEGAARD, Søren. Af en endnu levendes Papirer. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 23

Vale explicitar que tal expressão é construída a partir da ‘prensa’ (*Tryk*), o que de fato corrobora seu caráter industrial e, consequentemente, massificado. Vale também especificar que Kierkegaard criticaria o excesso de produções literárias de Andersen, isto curiosamente vindo de alguém que seria não menos prolífico neste âmbito, ao comparar suas obras a *produtos de fábrica*; KIERKEGAARD, Søren. Af en endnu levendes Papirer. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 44; no que uma vez mais se corrobora a presença latente do conceito de *modernidade* em seus escritos primeiros.

⁴⁴⁶ De modo que se pode afirmar que Kierkegaard se antecipa aqui ao poeta T.S. Eliot, outro nome que casava literatura com teologia e que no século XX falaria de maneira crítica precisamente dos *homens vazios*. ELIOT, T.S. *The Hollow Men* = Os homens ocios. In: ELIOT, T.S. *Poesia*. Trad. I. Junqueira. São Paulo: Arx, 2004. p. 175-183. Cf. também ROSSATTI, G.G. Enxames de Eichmänner ou algumas palavras em torno dos 160 anos de

Em outros termos, Kierkegaard visa em sua resenha a formação subjetiva de fundo *aristocrático*, em contraposição a outro tipo de formação, o qual poderia ser descrito, consequentemente, por mais que ele mesmo não o faça, como *democrático*. Daí, pois, a consideração primeira acerca de Andersen na resenha, segundo a qual ele seria uma “[...] possibilidade de *personalidade* [...]” (tradução nossa) (grifo nosso),⁴⁴⁷ dado que enquanto poeta, isto é, enquanto criador, Andersen teria ‘pulado’, por assim dizer, sua fase de desenvolvimento denominada de ‘épica’, a qual, de acordo com o esquema hegeliano-heibergiano de maturação artística, estaria ligado à contemplação necessária para a produção de verdadeiras obras de arte.⁴⁴⁸ Pois precisamente neste sentido, Andersen é visto por Kierkegaard como um típico *produto* de sua época, posto que sua *formação* seria caracterizada por se dar no período propriamente dito *político*;⁴⁴⁹ não obstante, pelo fato de não se ter deixado impregnar

publicação de Doença para a morte. In: ROSSATTI, G.G. *Kierkegaard no nosso tempo*. Org. A. Valls e J. Martins. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2010. p. 87-100

⁴⁴⁷ KIERKEGAARD, Søren. Af en endnu levendes Papirer. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 26. Vale precisar que em uma das passagens mais importantes de *Pais e filhos*, na qual Turguêniev contrapõe o niilista Bazárov ao aristocrata Pável Petróvitch, este último resume seu ponto de vista ao dizer que “[o] indivíduo, prezado senhor, eis o que mais importa: o indivíduo humano deve permanecer rijo como uma rocha, pois tudo se edifica sobre ele”. TURGUÊNIEV, Ivan. *Pais e filhos*. Trad. R. Figueiredo. São Paulo: Cosac Naify, 2011. p. 85, sendo que a palavra *indivíduo* no trecho pode corresponder à palavra *personalidade*, tal qual a verteu um outro tradutor; assim, “A personalidade, meu caro, essa é a coisa principal; a personalidade humana deve ser tão sólida quanto uma rocha, pois [...]” (tradução nossa). TURGENEV, Ivan. *Fathers and children*. New York: W.W. Norton, 2009. p. 39. Indiferentemente a esta questão semântica sobre a qual não estou apto a opinar por desconhecer a língua russa, cabe precisar que o conceito de *indivíduo* [*den Enkelte*], sobre o qual Kierkegaard viria a estruturar toda a sua produção, não por acaso já se encontra presente em sua resenha; Cf. KIERKEGAARD, Søren. Af en endnu levendes Papirer. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 27

⁴⁴⁸ KIERKEGAARD, Søren. Af en endnu levendes Papirer. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 26-27. Sobre tal esquema de desenvolvimento da subjetividade artística, Cf. PATTISON, George. Art in an age of reflection. In: HANNAY, Alastair; MARINO, Gordon (Ed.). *The Cambridge companion to Kierkegaard*. Cambridge University Press, 2008. p. 76-100

⁴⁴⁹ KIERKEGAARD, Søren. Af en endnu levendes Papirer. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 27. Kierkegaard caracteriza mais especificamente ‘o assim chamado período político’ através das seguintes palavras: “Ele é um período de fermentação [*en Gjerings-Periode*], dizem os políticos; não obstante, ele não é nenhum período de ação [*Gjemings-Periode*]; ele é um período de transição – certamente! de qualquer modo as formações granfíticas já se foram há muito, as formações de rocha sedimentária se acabaram e,

por completo por este último, a “[...] auto-perdição lírica de Andersen [...]”⁴⁵⁰, através da qual Kierkegaard critica sua superabundância poética, no final das contas, acaba por ser mais feliz do que a “[...] auto-obsessão político-épica dos modernos” (tradução nossa).⁴⁵¹

Tudo isto para dizer que a discussão desenvolvida por Kierkegaard em sua resenha passa em boa medida pelo seguinte problema, de ordem, aliás, fundamentalmente pedagógica: como desenvolver, ou melhor, como *fundar poeticamente a personalidade* em um período eminentemente prosaico, materialista, pragmático e, sobretudo, *político*? Ou como o próprio Kierkegaard coloca a questão:

[...] o que, de fato, haveria para a poesia fazer em um tempo no qual os mais jovens [*den Yngre*], os quais se esforçam por algo superior, devem sentir no âmbito espiritual os mesmos sintomas que [sentiram] os franceses em sua marcha através das estepes russas, onde o olho em vão busca um ponto onde possa descansar; quando os homens mais velhos [*de ældre Mænd*], os quais ainda sabem o que querem, devem com dores ver os indivíduos [*Individerne*] se esmigalharem [*smuldre*] entre os dedos como areia seca? [o que, de fato,

de acordo com as aparências, nos perdemos há uma boa hora na formação de turfa” (tradução nossa). KIERKEGAARD, Søren. Af en endnu levendes Papirer. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 27. Uma vez mais, pois, a filosofia da história pressuposta por Kierkegaard tem como sentido a *decadência*.

⁴⁵⁰ KIERKEGAARD, Søren. Af en endnu levendes Papirer. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 26

⁴⁵¹ KIERKEGAARD, Søren. Af en endnu levendes Papirer. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 26. Vale precisar que Tocqueville concebera o fato mais primordial de que nas democracias “[...] a maioria vive pois em uma perpétua adoração de si mesma [...]” (tradução nossa). TOCQUEVILLE, Alexis de. *Œuvres II: De la démocratie en Amérique I*. Édition publiée sous la direction d’André Jardin. Paris: Gallimard, 1992. p. 294. (Bibliothèque de la Pléiade), e que o próprio Kierkegaard referir-se-ia em 1846 ao princípio antropológico da democracia como “[o] idolatrado [*forguede*] princípio positivo de sociabilidade [...]” (tradução nossa). KIERKEGAARD, Søren. En litterair Anmeldelse. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*, Bind 8. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 2004. p. 82

haveria para a poesia fazer] Em nosso tempo no qual experimentamos as mais ridículas combinações de indivíduos chacoalhados [*sammenrystede Individer*] tal qual cacos de vidro em um caleidoscópio; em nosso tempo, cujo princípio (*sit venia verbo*) não é senão o da profundidade e da interioridade do protestantismo agora reduzidos in absurdum como visão de vida [*Livs-Anskuelse*] zum Gebrauch für Jedermann [para o uso de qualquer um] [?] (tradução nossa).⁴⁵²

Como visto, toma corpo aqui uma tensão que viria a atravessar toda a produção de Kierkegaard, a saber, aquela entre um individualismo limitado, fundamentado em algo superior, impulsionado, por sua vez, precisamente pelo protestantismo, no qual, aliás, Kierkegaard não havia apenas sido *formado* desde criança mas que ele levaria de fato para o seu tûmulo precisamente na qualidade de teólogo luterano, e uma outra acepção de individualismo, propriamente dito desmesurado, sobre-humano, *niilista*, portanto, para não dizer nietzscheano e, neste sentido, moderno, senão mesmo pós-moderno, o qual, provavelmente segundo Hegel, Kierkegaard reconhece nesta passagem como tendo surgido exatamente do mesmo protestantismo que ele mesmo confessava. Em outros termos, Kierkegaard busca já aqui um meio-termo entre a liberdade e a necessidade absolutas, ou seja, aquele ponto de Arquimedes, vale dizer, aquele ponto de equilíbrio onde os olhos e, sobretudo a alma, pudessem encontrar repouso.

Neste sentido, tal ponto de equilíbrio – e vale precisar que a resenha de Kierkegaard é permeada por metáforas oriundas do mundo físico, as quais pressupõem precisamente o correto *centramento* da existência – almejado por Kierkegaard funcionaria precisamente como um *fundamento*, palavra esta que dá o verdadeiro tom à sua resenha, dado que o problema por trás da mesma não é outro senão o da relatividade extrema, ou seja, o do *niilismo*. E mesmo que Kierkegaard não tenha utilizado tal conceito em sua resenha ou mesmo em qualquer outra obra sua publicada, é

⁴⁵² KIERKEGAARD, Søren. Af en endnu levendes Papirer. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 28

indubitável que ele conhecia tal termo, visto que seu mentor Poul Martin Møller já fazia uso público do mesmo. De fato, este, antes mesmo da publicação do romance de Andersen, já apontava, a partir do exemplo de Goethe, o qual se referira ao romance de Victor Hugo *Nossa senhora de Paris* [*Notre-Dame de Paris*] como ‘literatura do desespero’,⁴⁵³ o surgimento de “[...] uma classe de escritores que se entregaram à poesia do desespero e do niilismo [*Fortvivlelser og Nihilismens Poesie*] [...]” (tradução nossa).⁴⁵⁴

O fato é que Møller, como um excepcional conhecedor dos últimos desenvolvimentos literários em escala europeia, via o surgimento de tal fenômeno a partir das vanguardas literárias surgidas nos contextos francês e alemão, no que ele, Møller, para além de alertar seus concidadãos para o potencial surgimento da total relatividade de valores, sendo este um outro nome para o fenômeno do niilismo,⁴⁵⁵ e mesmo de ter como clara a ligação entre os movimentos literários da ‘jovem-França’ e da ‘jovem Alemanha’, mais especificamente já utilizava a palavra *Nilismo* para descrever tal fenômeno, isto tanto ao discutir o romance de Schlegel *Lucinde* – o mesmo, aliás, que Kierkegaard iria discutir em sua dissertação de 1841 –, no que ele, Møller, acreditava que a dinâmica presente em *Lucinde* deveria “[...] acabar no esvaziamento de todo conteúdo, [os seja,] em um niilismo moral [*ende med Savn af alt Indhold, med en moralsk Nihilismus*] [...]” (tradução nossa),⁴⁵⁶ quanto ao discorrer em uma recensão publicada em 1836 sobre a então inominada autora Thomasine Gyllembourg, a mesma que Kierkegaard escolheria como contraposição a Andersen cerca de dois anos mais tarde. Pois nesta recensão encontramos as seguintes palavras:

[s]ob as diversas contradições na selvagem
literatura de [ambas] a jovem Alemanha e a jovem

⁴⁵³ HOFFMEISTER, Gerhart. Reception in Germany and abroad. In: SHARPE, Lesley (Ed.). *The Cambridge companion to Goethe*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002. p. 239

⁴⁵⁴ MØLLER apud FENVES, Peter. *Chatter: language and history in Kierkegaard*. Stanford, CA: Stanford University Press, 1993. p. 37

⁴⁵⁵ Com efeito, Nietzsche colocar-se-ia a seguinte questão no outono de 1887: “[N]iilismo: falta a meta; falta a resposta à pergunta ‘Por quê?’ [...] o que significa Niilismo? – que os valores superiores se desvalorizam” (tradução nossa). NIETZSCHE, Friedrich. *Nachlaß 1885-1887*. In: NIETZSCHE, Friedrich. *Kritische Studienausgabe*. Herausgegeben von G. Colli und M. Montinari. Berlin: DTV & de Gruyter, 1999. bd. 12, p. 350

⁴⁵⁶ MØLLER apud NORDENTOFT, Kresten. >>Hvad siger Brand-Majoren?<<. *Kierkegaards Opførelse med sin Samtid*. København: G.E.C. Gad, 1973. p. 27, Nota 1.

França, a mais notável é a seguinte, que se busca unir às vezes as duas partes em conflito, [a saber] uma indiferença moral esclarecida e um entusiasmado interesse no renascimento político do tempo. [...] Esta discórdia interna é também muito propagada por mais de um poeta francês, os quais ao mesmo tempo, por um lado, confessam [tanto] o mais profundo desprezo pela humanidade [quanto] um asco por todos os objetivos da vida, e por outro, um entusiasmo por um progresso político, o qual, não obstante, de acordo com sua concepção de vida apenas levará a um novo nada (tradução nossa).⁴⁵⁷

Como visto, Kierkegaard, por sua vez, não faria senão estender as reflexões de seu mentor tanto em sua recensão literária acerca do romance de H.C. Andersen, quanto em sua dissertação de 1841 sobre a ironia, na qual, a propósito, Kierkegaard não apenas viria a apoiar sua leitura acerca de *Lucinde* a partir de uma obra do teólogo alemão Johan Eduard Erdmann publicada em 1837, senão que citá-la-ia exatamente a partir de um capítulo que trazia como título precisamente ‘O Niilismo e a ironia religiosa’.⁴⁵⁸ Em outros termos, pode-se seguramente afirmar que Kierkegaard conhecia o conceito de *niilismo*, ainda que não o tenha utilizado, por algum motivo, em seus escritos públicos.⁴⁵⁹

Mas para voltar a Møller, ele também já antecipava uma das premissas mais básicas da resenha posterior de seu pupilo, a saber, aquela segundo a qual “[...] o verdadeiro poeta deve antes e acima de todo ser uma pessoa verdadeira [*den sande Digter maa først og*

⁴⁵⁷ MØLLER apud MYLIUS, Johan de. Offenbare und unsichtbare Schrift in Søren Kierkegaards Aus eines noch Lebenden Papieren. In: CAPPELØRN, Niels J.; DEUSER, H.; SÖDERQUIST, K. B. (Ed.). *Kierkegaard Studies Yearbook 2006*. Berlin: Walter de Gruyter, 2006. p. 36

⁴⁵⁸ KIERKEGAARD, Søren. Om Begrebet Ironi. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 324; Cf. também KIERKEGAARD, Søren. Journal DD. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 2000. bd. 17, p. 248

⁴⁵⁹ Vergote, com efeito, reconhece que “[s]e Kierkegaard não fala de niilismo para designar o ‘mal do século’, é porque ele prefere um outro termo, [...] um nome mais comum: [...] o desespero” (tradução nossa). VERGOTE, Henri-Bernard. *Sens et répétition: essai sur l’ironie kierkegaardienne*. Paris: Cerf/ Orante, 1982. t. 1, p. 233

fremmest være et sandt Menneske]" (tradução nossa),⁴⁶⁰ o que implica limitar a criação artística dentro de limites *éticos*, senão espirituais, para não dizer *teológicos*, os quais, consequentemente, não deviam ser ultrapassados. Em outras palavras, encontra-se aqui uma noção claramente, senão *classicamente* hierárquica de literatura; daí, pois, que Kierkegaard utilize em sua recensão expressões como *o verdadeiro poeta [den Sande Digter]*,⁴⁶¹ ou que ele, em determinado momento de sua discussão, recorra a uma sentença, nos dois sentidos da palavra, dos latinos, segundo a qual é necessário *revocare ad leges artis*,⁴⁶² quer dizer, que é necessário para o verdadeiro poeta conformar-se às leis da arte. Assim, a criação artística é concebida por Kierkegaard sob certas leis, as quais, em última instância, manteriam uma certa ordem *cósmica* – tal qual a ‘completa ordem-mundial moral fichteano’ reconhecida por ele n’*Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister* –, a qual serviria de garantia para a confecção da *verdadeira* – e, consequentemente, *bela e boa* – obra de arte.

Neste sentido, a *verdadeira* obra de arte se dissocia da falsa ao ter como fundamentação uma *visão de vida*, a qual é descrita por Kierkegaard como sendo

[...] propriamente a providência [*Forsynet*] em um romance, a qual é sua mais profunda unidade, a qual faz com que este tenha seu centro de gravidade em si mesmo; a qual o liberta de ser arbitrário ou sem propósito, já que o propósito [deve] est[ar colocado] de forma imanente através da obra de arte (tradução nossa).⁴⁶³

⁴⁶⁰ MØLLER apud MYLIUS, Johan de. Offenbare und unsichtbare Schrift in Søren Kierkegaards Aus eines noch Lebenden Papieren. In: CAPPELØRN, Niels J.; DEUSER, H.; SÖDERQUIST, K. B. (Ed.). *Kierkegaard Studies Yearbook 2006*. Berlin: Walter de Gruyter, 2006. p. 35

⁴⁶¹ KIERKEGAARD, Søren. Af en endnu levendes Papirer. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 30

⁴⁶² KIERKEGAARD, Søren. Af en endnu levendes Papirer. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 31-32

⁴⁶³ KIERKEGAARD, Søren. Af en endnu levendes Papirer. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 36

Assim, a obra de arte é compreendida por Kierkegaard como um produto de uma personalidade bem fundada, dado que, de acordo com sua principal definição de *visão de vida*,

[u]ma visão de vida é, a saber, mais do que a quintessência ou a soma de teses mantidas em sua neutralidade abstrata; ela é mais do que a experiência, a qual enquanto tal é sempre atomística, ela é especificamente a transsubstanciação da experiência, ela é uma inquebrantável confiança [*Sikkerhed*] em si mesmo ganha de todas experiências [*Empirie*] [...] (tradução nossa).⁴⁶⁴

Mais do que isso, uma *visão de vida* é, de acordo com Kierkegaard, uma espécie de *revelação*, dado que, como ele coloca a questão,

[s]e nos perguntarmos como uma tal visão de vida ocorre, então responde[re]mos que para aquele que não deixa sua vida malograr [*at futte ud*] muito, mas que na medida do possível busca levar essas observações novamente de volta para si, deve então necessariamente ocorrer um momento [*Øieblik*] no qual irrompe uma estranha luz sobre a vida, sem que, contudo, se tenha a necessidade mais distante de se ter compreendido todas as suas partes [*Enkeltheder*] possíveis, [e] para cuja compreensão sucessiva agora se tem a chave, [pois] deve, [como] digo, ocorrer um momento no qual, como Daub o aponta, a vida é compreendida de trás [*baglends*] através da ideia (tradução nossa).⁴⁶⁵

⁴⁶⁴ KIERKEGAARD, Søren. Af en endnu levendes Papirer. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 32

⁴⁶⁵ KIERKEGAARD, Søren. Af en endnu levendes Papirer. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 33

Em outros termos, a *visão de vida* exigida por Kierkegaard para a confecção da verdadeira obra de arte pressupõe a correta ou apropriada relação reflexiva para consigo mesmo na qual o eu [*selv*], para retomar a célebre formulação presente em *Doença para a morte* [*Sygdommen til Døden*], ‘se relaciona consigo mesmo’.⁴⁶⁶ De maneira que colocar-se como um ser humano em meio à existência implica precisamente para Kierkegaard um movimento circular – e logo na mesma seqüência citada acima ele de fato comenta que “[...] a existência [...] é sempre um círculo [...]” (tradução nossa)⁴⁶⁷ – a partir do qual as experiências são assimiladas e, conseqüentemente, ‘expelidas’, ou no caso, transformadas em arte, de maneira enriquecida, uma vez que teoricamente teriam passado pelo ‘filtro da subjetividade’, o que faz, pois, com que uma obra de arte sem uma tal *visão de vida* como pressuposto não seja considerada por Kierkegaard como sendo uma obra de arte enquanto tal, e sim um produto mal-sucedido, ex-cêntrico, torto, já que de acordo com tal concepção, “[...] o poeta deve antes e acima de tudo conquistar para si uma personalidade [*Personlighed*] competente, sendo apenas esta morta e transfigurada personalidade [aquela] que deve e pode produzir, e não [aquela] variegada, mundana, palpável” (tradução nossa).⁴⁶⁸

Conquistar uma ‘visão de vida’ implica, pois, *morrer para o mundo*, o que significa que Kierkegaard a concebe como uma forma de ascese, ou seja, de transformação espiritual. Andersen, neste sentido, não é considerado por Kierkegaard como um *verdadeiro* escritor, posto que, para ele, “[...] uma tal visão de vida [é] absolutamente necessária para um escritor [*Roman-Digter*] [...]” (tradução nossa),⁴⁶⁹ sendo o caso de Andersen, pelo contrário, marcado por uma *equivocada* relação para consigo mesmo [*hans*

⁴⁶⁶ KIERKEGAARD, Søren. Af en endnu levendes Papirer. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 129

⁴⁶⁷ KIERKEGAARD, Søren. Af en endnu levendes Papirer. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 34

⁴⁶⁸ KIERKEGAARD, Søren. Af en endnu levendes Papirer. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 37

⁴⁶⁹ KIERKEGAARD, Søren. Af en endnu levendes Papirer. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 34

Misforhold til sig selv]⁴⁷⁰ cuja causa seria sua “[...] visão mais fundamental [*Grund-Anskuelse*]: descontentamento com o mundo [...]” (tradução nossa).⁴⁷¹ Assim, Andersen, por causa de sua *negatividade*, isto é, por causa de “[...] sua descrença no mundo [...]” (tradução nossa),⁴⁷² não teria sido bem-sucedido na tarefa de cristalizar-se em uma personalidade verdadeiramente artística, ou seja, em um tipo de personalidade que teria como característica precisamente, tal qual um espírito, colocar-se *sobre* as vicissitudes do mundo. Na ausência de uma tal atitude, seus personagens, e aqui ele tem precisamente em vista o ‘tocador’ Christian, “[...] não chegam a nada no mundo [...]” (tradução nossa).⁴⁷³ Com efeito, Christian, o personagem central de *Apenas um tocador*, representaria para Kierkegaard mais exatamente “[...] um desconhecimento do poder do gênio e de sua relação diante de situações desfavoráveis (pois o gênio não é um sujeitinho qualquer [*en Praas*] que se apaga com o vento, mas um incêndio que a tormenta apenas provoca) [...]” (tradução nossa).⁴⁷⁴

Não obstante, vale precisar que para além dos aspectos teológicos implícitos na resenha, as críticas de Kierkegaard podem também ser analisadas do ponto de vista sócio-político, dado que a concepção de gênio desenvolvida no romance de Andersen pressupõe, como visto anteriormente, a instituição do patronato como suporte para o desenvolvimento artístico, o que faz com que tal concepção possa ser caracterizada como *social*; Kierkegaard, por sua vez, ao combater tal tipo de compreensão, desenvolve, ainda que implicitamente, uma noção mais aristocrático-individualista do mesmo processo, no que ele assim aproximar-se-ia de um ponto de

⁴⁷⁰ KIERKEGAARD, Søren. Af en endnu levendes Papirer. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 44-45

⁴⁷¹ KIERKEGAARD, Søren. Af en endnu levendes Papirer. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 45

⁴⁷² KIERKEGAARD, Søren. Af en endnu levendes Papirer. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 43

⁴⁷³ KIERKEGAARD, Søren. Af en endnu levendes Papirer. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 43

⁴⁷⁴ KIERKEGAARD, Søren. Af en endnu levendes Papirer. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 43

vista que poderia ser descrito como *aristocrático-liberal*. Não por acaso, a certa altura da resenha surge um conceito que ajuda a esclarecer a alçada da discussão, a saber, o conceito de *determinação da vontade* [*Villiesbestemmelse* ou *Villies-Determination*],⁴⁷⁵ o qual, representando por vezes o também presente conceito de *energia*,⁴⁷⁶ se coloca como antítese ao conjunto conceitual contrário, imputado por Kierkegaard a Andersen, denominado ora de *passividade original*, ora de *teoria da perda*, ou ainda como *atividade mal-sucedida*, conjunto este que é reconhecido por Kierkegaard como fazendo parte do ânimo mais fundamental de Andersen.⁴⁷⁷

Em suma, Andersen é duramente criticado por Kierkegaard por ter, enquanto romancista, incorrido no equívoco de deslocar o que ele denomina de *espírito imortal* [*Udødelig Aand*], o qual seria incumbido não apenas de dar o equilíbrio necessário à verdadeira obra de arte, senão de lhe dar seu caráter mais próprio, a saber, a transcendência ou, como expresse acima, a imortalidade.⁴⁷⁸ No que Andersen, pois, negaria, ainda que indiretamente, a transcendência, sua atitude teria, de acordo com Kierkegaard, semelhanças com o espírito mais profundo a animar o discurso filosófico dos modernos. De forma que se pode resumir a discussão presente em sua recensão de 1838 através da tese de que Kierkegaard, em seu primeiro livro, busca, como ele mesmo sofisticadamente diz, “[...] desinteressado por uma mais específica visão de vida [*Livs-Anskuelse*], simplesmente combater este ponto de vista negativo, assim como seu direito de

⁴⁷⁵ KIERKEGAARD, Søren. Af en endnu levendes Papirer. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 37-38

⁴⁷⁶ KIERKEGAARD, Søren. Af en endnu levendes Papirer. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 17, 27

⁴⁷⁷ KIERKEGAARD, Søren. Af en endnu levendes Papirer. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 36. Aqui pois tem início o vitalismo de Kierkegaard, já que, como diz um especialista a respeito de sua produção posterior, “[...] Kierkegaard faz equivaler a ausência de espírito não a uma falta de educação [ou] de cultura, mas a uma falta de *vontade* [...]” (tradução nossa) (grifo do autor). KIRMMSE, Bruce. ‘Out with it!’: The modern breakthrough, Kierkegaard and Denmark. In: HANNAY, Alastair; MARINO, Gordon (Ed.). *The Cambridge companion to Kierkegaard*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008. p. 19

⁴⁷⁸ KIERKEGAARD, Søren. Af en endnu levendes Papirer. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 38

passar a si mesmo como uma visão de vida [...]” (tradução nossa),⁴⁷⁹ concepção esta que vem também traduzida em termos filosóficos quando ele diz que o “[...] ceticismo enquanto tal não é uma teoria do conhecimento [...]” (tradução nossa).⁴⁸⁰ Logo, pode-se dizer que o problema mais fundamental em seu primeiro livro gira em torno do surgimento do fenômeno do *niilismo* tal qual representado pelos experimentos, fossem eles literários ou filosóficos, da mais nova geração, ideia esta que vem expressa na resenha sob o conceito de *negação*, termo este que, não por acaso, se faz presente desde a primeira página de sua recensão⁴⁸¹ e que não por acaso teria sua problematização aprofundada em sua obra seguinte, a saber, *O Conceito de Ironia*, a qual discutirei no próximo capítulo.

⁴⁷⁹ KIERKEGAARD, Søren. Af en endnu levendes Papirer. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 35, Nota 1.

⁴⁸⁰ KIERKEGAARD, Søren. Af en endnu levendes Papirer. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 35

⁴⁸¹ KIERKEGAARD, Søren. Af en endnu levendes Papirer. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 17

4 KIERKEGAARD E A BUSCA POR UMA BARREIRA NO SEIO DO MAESLTRÖM DA MODERNIDADE

*“Considerate people before they declare
themselves will observe the use which is made of **power**;
and particularly of so trying a thing as
new power in new persons,
of whose principles, tempers, and dispositions,
they have little or no experience [...]”* (grifo do autor).

(Edmund Burke).

Argumentei nos capítulos anteriores que Kierkegaard compreendia a tentativa de seus contemporâneos de estabelecerem os fundamentos para a própria época a partir de categorias imanentes como o motor para um fenômeno deveras pernicioso, a saber, a relativização absoluta dos valores. Pois à luz do século XX, ficou patente que esse processo teve início com o iluminismo,⁴⁸² o qual promoveu através da separação entre moral e política um tipo de crítica que afundaria todas as esferas da vida na mais profunda *crise*.⁴⁸³ Kierkegaard, neste sentido,

⁴⁸² É bem verdade, porém, que alguns espíritos mais perspicazes captaram a iminência da crise a partir dos ideais iluministas, tal qual o filósofo alemão Friedrich Heinrich Jacobi (1743-1819), o qual percebia, antes mesmo da Revolução Francesa, o potencial niilista nas teorias de contemporâneos seus tais quais Kant e Fichte, dado que estes, de acordo com ele, promoveriam como princípio de organização do mundo categorias como a consciência ou a razão, o que implicava, pois, o estabelecimento do subjetivismo enquanto princípio ontológico. GILLESPIE, Michael Allan. *Nihilism before Nietzsche*. Chicago: University of Chicago Press, 1996. p. 65-66

⁴⁸³ Ou como diz Koselleck: “No século XVIII, a intelectualidade burguesa transformou a história em processo, sem tornar-se consciente dessa transformação. Este acontecimento, que inaugura os tempos modernos, é idêntico à gênese da filosofia da história. [...] O alto tribunal da razão, entre cujos membros naturais a elite ascendente se inseria, envolveu em seu processo, em diferentes etapas, todas as esferas da vida. Mais cedo ou mais tarde, a teologia, a arte, a história, o direito, o Estado, a política e, finalmente, a própria razão são citados e chamados a prestar contas. Neste comércio jurídico, o espírito burguês desempenhava a função de acusador, de instância judicativa suprema e – o que teria uma importância decisiva para a filosofia da história – de partido. Os juízes burgueses estavam sempre ao lado do progresso. Ninguém – e nada – podia escapar à nova jurisdição”. KOSELLECK, Reinhart. *Crítica e crise: uma contribuição à patogênese do mundo burguês*. Trad. Luciana V.-B. Castelo-Branco. Rio de Janeiro: Ed. UERJ; Contraponto, 1999. p. 14

precisamente viria a estruturar toda a sua produção com vistas a barrar a iminência da crise, a qual ele, como visto, apreendia fundamentalmente através da frequência de obras literárias contemporâneas. Pois neste sentido, sua dissertação, publicada em 1841 sob o título de *O conceito de ironia com constante referência a Sócrates* [*Om Begrebet Ironi med stadigt Hensyn til Sócrates*], era encerrada com uma discussão baseada em leituras de algumas personalidades literárias e filosóficas as quais propunham em maior ou menor grau uma visão de mundo niilista, visão esta que Kierkegaard busca combater, senão barrar, através de um artifício específico. Cabe agora ver como ele concebia tal artifício, não sem antes, porém, abordar um romance a partir do qual ele mesmo estabelecerá sua discussão. Desse modo, discutirei primeiramente o romance *Lucinde* de Friedrich Schlegel (1772-1829), para depois abordar a interpretação kierkegaardiana do mesmo, assim como sua concepção de *ironia dominada*.

4.1 LUCINDE OU A PLENIPOTÊNCIA DO EU AUTO-POENTE

Na virada do século XVIII para o XIX, mais exatamente em 1799, foi publicado em Berlin o *Bildungsroman* de uma das duas metades que compunham uma das frentes estéticas, por assim dizer, mais importantes, assim como mais produtivas do romantismo alemão, a saber, o romancista e esteta Friedrich Schlegel, irmão do também esteta e crítico literário August Wilhelm Schlegel, (1767-1845). O romance, intitulado *Lucinde*, logo causou um grande escândalo por dois motivos fundamentais: seu teor erótico, por um lado, e por outro o fato inédito de ter sido publicado com o nome de seu autor, isto em clara contraposição às publicações anônimas ou pseudonímicas correntes nesse tipo de escritos.⁴⁸⁴

Mais do que isso, o livro também surgia como obra revolucionária pelo motivo de que conscientemente borrava, diante dos olhos do público, os limites entre os âmbitos público e privado, já que, como bem explora a questão Firchow, Schlegel “[...] havia admitido o público para dentro de seu quarto. E não apenas admitido, senão que o

⁴⁸⁴ FIRCHOW, Peter. Introduction. In: SCHLEGEL, Friedrich. *Friedrich Schlegel's Lucinde and the fragments*. Translated with an introduction by P. Firchow. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1971. p. 8

recebera lá” (tradução nossa).⁴⁸⁵ Neste sentido, pois, tal público era introduzido em tal quarto a detalhes picantes de uma relação amorosa entre um homem e uma mulher, sendo este o enredo básico do livro. Tal relação, por sua vez, nada mais era do que, como diria o próprio Schlegel, uma *alegoria* construída a partir da história real que havia dado ensejo ao romance, a saber, a ligação de seu autor com Dorothea Veit, filha do importante filósofo Moses Mendelssohn, a qual havia recém se divorciado. Assim, pois, os protagonistas do romance Julius e Lucinde nada mais seriam do que recriações artísticas de Schlegel e de sua amante Dorothea compostas pelo próprio Schlegel, o qual buscava com tal obra discutir as implicações morais de uma relação considerada então adúltera. Neste sentido, pois, *Lucinde* se coloca fundamentalmente como uma obra de crítica social, já que ali a *moral cristã*, assim como os valores éticos e culturais mais gerais que lhe acompanham, são colocados à prova, isto em nome de uma outra forma de amor, mais geral, mais aberta e, conseqüentemente, mais afastada da concepção *burguesa* deste mesmo sentimento.⁴⁸⁶

Acontece, porém, que para além da desconstrução sócio-cultural de determinados valores, Schlegel empreende também uma radical desconstrução literária do gênero literário denominado *romance*, isto através de uma organização material baseada no artifício retórico da *parabasis*, isto é, uma forma de discurso que se constitui a partir da ideia de *interrupção* do mesmo.⁴⁸⁷ Em outros termos, o romance de Schlegel é duplamente *negativo*, já que nega a moralidade vigente, assim como as regras aristotélicas de estabelecimento de uma obra de arte. O que, por sua vez, não quer dizer que *Lucinde* seja completamente desprovido de forma, como muitos quiseram ver desde que o romance foi publicado; *Lucinde*, pois, é um romance *irônico*, o que faz com que sua estrutura seja de uma outra ordem do que aquela da *razão*.⁴⁸⁸

⁴⁸⁵ FIRCHOW, Peter. Introduction. In: SCHLEGEL, Friedrich. *Friedrich Schlegel's Lucinde and the fragments*. Translated with an introduction by P. Firchow. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1971. p. 8

⁴⁸⁶ PAULSEN, Wolfgang. Friedrich Schlegels Lucinde als Roman. In: SCHLEGEL, Friedrich. *Lucinde. Ein Roman*. Frankfurt am Main: Insel, 1985. p. 147-148. Outro intérprete, Isaiah Berlin, notadamente diz que “[...] o propósito de *Lucinde* era romper convenções [...]” (tradução nossa). BERLIN, Isaiah. *The roots of Romanticism*. Ed. H. Hardy. Princeton: Princeton University Press, 1999. p. 114

⁴⁸⁷ FIRCHOW, Peter. Introduction. In: SCHLEGEL, Friedrich. *Friedrich Schlegel's Lucinde and the fragments*. Translated with an introduction by P. Firchow. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1971. p. 28-30

⁴⁸⁸ De fato, Firchow discorre longamente sobre a organização *orgânica* da obra: Cf. FIRCHOW, Peter. Introduction. In: SCHLEGEL, Friedrich. *Friedrich Schlegel's Lucinde and*

Pois não é outra coisa o que nos revela Julius logo ao final do primeiro trecho da obra, pretensamente uma carta de Julius a Lucinde, na qual ele diz que

[p]ara mim e para este escrito, pelo meu amor por ele e pela sua própria estruturação [*für ihre Bildung in sich*], não há objetivo [*Zweck*] mais conveniente [*zweckmäßiger*] do que eu negar aquilo que desde o princípio nós chamamos de ordem, distanciando-me dela e nitidamente apropriando-me do direito a uma excitante confusão [*Verwirrung*], [direito este] defendido através deste mesmo ato [*Tat*] (tradução nossa).⁴⁸⁹

Sob o signo da desordem, pois, *Lucinde* se coloca como um *Bildungsroman* onde o enredo propriamente dito é o que menos interessa,⁴⁹⁰ dado que sua estrutura irônico-subjetiva compensa a relativamente simples história de amor entre um homem e uma mulher. Com efeito, o romance é composto por treze trechos de tamanhos diferentes nos quais a ordem cronológica é rompida em favor de ‘humores passageiros’,⁴⁹¹ indo desde o formato das cartas, escritas por Julius tanto a sua amada Lucinde quanto a seu amigo Antonio, passando pela descrição objetiva, como no trecho mais longo do livro e que lhe dá seu ponto de equilíbrio, intitulado ‘Anos de aprendizado da masculinidade’, uma das prováveis fontes, aliás, do ‘Diário do sedutor’ do próprio Kierkegaard, sem contar também os diálogos entre Julius e Lucinde; em suma, estruturalmente falando, *Lucinde* reproduz a negação da ordem que seu autor propõe como tema presente na mesma, de modo que a partir das poucas palavras acima citadas nos é permitido ter uma boa ideia do protagonista Julius, “[...] educado [*gebildeter*] amante e escritor [...] [que insiste em seu] [...] indubitável direito à confusão

the fragments. Translated with an introduction by P. Firchow. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1971. p. 28-39

⁴⁸⁹ SCHLEGEL, Friedrich. *Lucinde*: Ein Roman. Frankfurt am Main: Insel, 1985. p. 16

⁴⁹⁰ Ou como coloca a questão Firchow em sua introdução, “[...] o enredo de *Lucinde* é a coisa menos importante nele, já que praticamente não possui enredo [...]” (tradução nossa). FIRCHOW, Peter. Introduction. In: SCHLEGEL, Friedrich. *Friedrich Schlegel’s Lucinde and the fragments*. Translated with an introduction by P. Firchow. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1971. p. 20

⁴⁹¹ SCHLEGEL, Friedrich. *Lucinde*: Ein Roman. Frankfurt am Main: Insel, 1985. p. 99

[*Verwirrungsrecht*] [...]” (tradução nossa).⁴⁹² Julius, pois, é um *niilista*, o qual, *fundamenta* tal atitude através de conceitos que remetem ao filósofo idealista Johann Gottlieb Fichte (1762-1814), o qual fora professor de Schlegel em Jena e que vinha por este mesmo período a desenvolver uma posição teórica na qual o mundo era logicamente deduzido a partir da vontade infinita do ‘eu absoluto’. Com efeito, Fichte considerava que

[...] não há de forma alguma nenhum ser puro para mim que me diga respeito e o qual eu contemple pura e simplesmente p[or pura] vontade de contemplação; apenas através de sua relação para comigo [existe] o que está em geral diante de mim. [...] Elevo-me neste ponto de vista, e sou uma nova criatura, e minha relação para com o mundo dado é transformada. Os fios através dos quais minha alma [*Gemüt*] estava ligada a este mundo [...] estão para sempre rompidos, e eu fico livre [...] (tradução nossa).⁴⁹³

Ainda em vida Fichte foi muito criticado no sentido de que seu ‘subjativismo absoluto’ levaria à morte de Deus e, conseqüentemente, à deificação do ser humano,⁴⁹⁴ uma vez que sua concepção de ‘eu auto-poente’ (*sich setzende Ich*)⁴⁹⁵ implicaria a constituição do mundo a partir deste mesmo ‘eu’, ainda que este fosse concebido não como o ‘eu’ empírico e singular de cada pessoa, e sim como consciência transcendental, absoluta, sendo, assim, sinônimo de ‘razão’.⁴⁹⁶ Não obstante, o próprio linguajar utilizado

⁴⁹² SCHLEGEL, Friedrich. *Lucinde*: Ein Roman. Frankfurt am Main: Insel, 1985. p. 16.

⁴⁹³ FICHTE, Johann G. Die Bestimmung des Menschen. In: FICHTE, Johann G. *Schriften zur Wissenschaftslehre*: Werke I. Herausgegeben von W. G. Jacobs. Frankfurt am Main: Deutscher Klassiker, 1997. p. 316, 367

⁴⁹⁴ Sobre a relação entre as teses de Fichte e o desenvolvimento do niilismo no âmbito literário-filosófico alemão. GILLESPIE, Michael Allan. Fichte and the Dark Night of the Noumenal I. In: GILLESPIE, Michael Allan. *Nihilism before Nietzsche*. Chicago: University of Chicago Press, 1996. p. 64-100

⁴⁹⁵ FICHTE, Johann G. Grundlage der gesamten Wissenschaftslehre. In: FICHTE, Johann G. *Schriften zur Wissenschaftslehre*. Werke I. Herausgegeben von W. G. Jacobs. Frankfurt am Main: Deutscher Klassiker, 1997. p. 71

⁴⁹⁶ Com efeito, o próprio filósofo Max Stirner, pseudônimo de Johann Caspar Schmidt (1806-1856), considerado por muitos como herdeiro direto de Fichte, reconhecia nas seguintes palavras a diferença entre sua concepção de ‘eu’ e aquela de seu predecessor: “[q]uando Fichte

por Fichte, baseado na identidade do eu para consigo mesmo como princípio absoluto, dá margem a leituras mais pedestres ou concretas, dado que, como ele mesmo diz, “[o] eu [*das Ich*] estabelece originalmente, pura e simplesmente, seu próprio Ser” (tradução nossa).⁴⁹⁷ Schlegel, em seu romance, nada mais faria do que oferecer a Julius a possibilidade de constituir sua própria liberdade através de um ato arbitrário no qual ele se arroga muito fichteanamente⁴⁹⁸ o *direito* de ser livre, sem mais nem menos, já que, como ele mesmo reconta uma de suas alucinações a sua amada,

[o] que não pode alcançar aquele a quem a própria ironia [*Witz*] através de uma voz vinda do céu aberto para baixo disse: ‘Tu és meu filho querido e pelo qual tenho apreço.’ E por que não devo, a partir de [minha] própria

diz, ‘O Eu é tudo’, parece que isto se harmoniza completamente com minhas exposições. Não apenas o Eu *é* tudo, senão que ele *destrói* [*zerstört*] tudo, e apenas o Eu auto-liberto [*das sich selbst auflösende Ich*], o nunca existente Eu [*das nie seiende Ich*], o *finito* [*endliche*] Eu é realmente Eu. Fichte fala do Eu ‘absoluto’, já eu falo de mim, do Eu transitório [*vergänglichen Ich*]” (tradução nossa). STIRNER, Max. *Der Einzige und sein Eigentum*. Stuttgart: Reclam, 1972. p. 199

⁴⁹⁷ FICHTE, Johann G. *Grundlage der gesamten Wissenschaftslehre*. In: FICHTE, Johann G. *Schriften zur Wissenschaftslehre. Werke I*. Herausgegeben von W. G. Jacobs. Frankfurt am Main: Deutscher Klassiker, 1997. p. 72

⁴⁹⁸ Vale precisar, não obstante, que, no que diz respeito a Fichte, absolutamente tudo parece ser possível de ser relativizado, já que, para além do fato de ele ter se servido de um linguajar altamente abstrato, uma das dificuldades maiores que sua obra impõe sobre os leitores é o fato mesmo de não haver uma versão única ou definitiva de sua obra mais importante, a saber, a *Doutrina da Ciência (Wissenschaftslehre)*; pelo contrário, dado o próprio descontentamento do filósofo com suas próprias formulações, este teria produzido ao longo de uns vinte anos *dezesseis* versões diferentes de tal obra, o que faz, pois, com que ela seja um ‘work in progress’ e, consequentemente, uma interminável revisão de seus principais conceitos e teses. Neste sentido, pois, tal concepção de ‘eu auto-poente’, particularmente desenvolvida nos *Fundamentos da Doutrina da Ciência total (Grundlage der gesamten Wissenschaftslehre)*, publicada em 1795, seria mitigada em escritos posteriores, nos quais tanto Deus quanto o que chamaríamos de ‘outro’ passam a desenvolver um papel cada vez maior em termos da limitação deste princípio; Cf. PINKARD, Terry. *German philosophy 1760-1860: the legacy of idealism*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010. p. 118-130. Por outro lado, cabe também lembrar que o próprio Fichte definiu *Lucinde* em setembro de 1799, ou seja, no mesmo ano de lançamento do romance, como um dos maiores ‘produtos de gênio’ que ele conhecia, e que ele estava nesse momento para reler a obra pela terceira vez; Cf. PAULSEN, Wolfgang. Friedrich Schlegels *Lucinde* als Roman. In: SCHLEGEL, Friedrich. *Lucinde: Ein Roman*. Frankfurt am Main: Insel, 1985. p. 145; FIRCHOW, Peter. Introduction. In: SCHLEGEL, Friedrich. *Friedrich Schlegel's Lucinde and the fragments*. Translated with an introduction by P. Firchow. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1971. p. 4 (Nenhum dos dois, contudo, fornece a referência original)

plenipotência [*eigner Vollmacht*] e arbítrio [*Willkür*], dizer de mim mesmo: ‘Eu sou o filho querido da ironia [*Witz*];’ tal qual muito nobre, errando pela vida atrás de aventuras, diz de si mesmo: ‘Eu sou o filho querido da fortuna.’ [?] (tradução nossa).⁴⁹⁹

De fato, não é outra a ideia transmitida através da passagem mais famosa e, conseqüentemente, mais citada do romance, na qual Julius se compara a um bebê, a “*inocente* Wilhelmine” (tradução nossa) (grifo nosso),⁵⁰⁰ para depois instar sua namorada, Lucinde, a ‘auto-colocar’ sua própria liberdade ela também:

[v]eja! esta adorável Wilhelmine não raro encontra um indizível prazer nisto, colocada de costas com as perninhas no alto a gesticular, despreocupada com sua saia e com o julgamento do mundo. Se a Wilhelmine faz isso, o que não posso eu fazer, já que, por Deus![,] sou um homem [...]. Ó liberdade digna de inveja face aos preconceitos! Livra-te também, cara namorada, de todos os restos de falsa vergonha, assim como eu rasguei os teus desagradáveis vestidos e os espalhei em uma bela desordem [*Anarchie*] (tradução nossa).⁵⁰¹

Neste sentido, pois, o objeto mais profundo de crítica do romance não é senão a moral – “Ó, não fuja tão rápido, Lucinde, a moral [*die Moral*] não vai te apanhar [...]” (tradução nossa)⁵⁰² –, a qual aparece também retratada sob o conceito de *Sittlichkeit* (eticidade),⁵⁰³ particularmente importante nos escritos de Hegel. Em contraposição a esta, pois, Schlegel elege uma posição marginal, *incivil*, de afronta, portanto, aos modos burgueses, o que faz com que a *ironia* dê ao seu ataque sua especificidade.

⁴⁹⁹ SCHLEGEL, Friedrich. *Lucinde*: Ein Roman. Frankfurt am Main: Insel, 1985. p. 41

⁵⁰⁰ SCHLEGEL, Friedrich. *Lucinde*: Ein Roman. Frankfurt am Main: Insel, 1985. p. 27

⁵⁰¹ SCHLEGEL, Friedrich. *Lucinde*: Ein Roman. Frankfurt am Main: Insel, 1985. p. 27

⁵⁰² SCHLEGEL, Friedrich. *Lucinde*: Ein Roman. Frankfurt am Main: Insel, 1985. p. 52

⁵⁰³ SCHLEGEL, Friedrich. *Lucinde*: Ein Roman. Frankfurt am Main: Insel, 1985. p. 27, 116

Vale precisar, porém, que não obstante sua força negativa, a ironia é empregada no romance não apenas para destruir, mas também para construir, já que, como diz Julius, “[a] sociedade é um caos que apenas através de ironia [*Witz*] será construída e levada à harmonia [...]” (tradução nossa).⁵⁰⁴ Daí, pois, o emprego estratégico da ironia, dado o seu caráter dúplice, pois como diz Julius, “[d]estruição e criação, um e o mesmo [...]” (tradução nossa).⁵⁰⁵ Assim, Julius considera que se

[...] o ser humano [*der Mensch*] é, naturalmente, um animal sério. Deve-se contrariar [*entgegenarbeiten*] esta vergonhosa e sofrível inclinação com todas as forças e de todos os lados. Para isso são também as ambigüidades [*Zweideutigkeiten*] boas, [mas] só raramente são elas ambíguas, e quando elas não o são e apenas admitem um único sentido, isto não é nem mesmo imoral, senão importuno e raso. Conversas frívolas devem ser, tanto quanto possível, inteligentes [*geistig*], graciosas e modestas; de resto, apenas malvadas o suficiente. – Isso é bom, mas qual papel elas devem ocupar na sociedade? – Elas devem manter o discurso [*Gespräch*] vivo, como o sal no tempero (tradução nossa).⁵⁰⁶

Manter, pois, o discurso vivo, implicava para Julius desconsiderar as convenções sociais que impediam o livre intercâmbio de ideias entre os sexos.⁵⁰⁷ Neste sentido, seu discurso parece se aproximar do discurso liberal, dado que, como a própria Lucinde lhe pergunta, “ ‘Como se pode querer escrever o que é mal permitido de ser dito, o que se pode apenas sentir?’ ”,⁵⁰⁸ aí vem então a seguinte réplica: “Quando se sente algo, então se deve querer dizê-lo, e o que se quiser dizer, deve-se também poder escrevê-lo”

⁵⁰⁴ SCHLEGEL, Friedrich. *Lucinde*: Ein Roman. Frankfurt am Main: Insel, 1985. p. 60

⁵⁰⁵ SCHLEGEL, Friedrich. *Lucinde*: Ein Roman. Frankfurt am Main: Insel, 1985. p. 35

⁵⁰⁶ SCHLEGEL, Friedrich. *Lucinde*: Ein Roman. Frankfurt am Main: Insel, 1985. p. 60

⁵⁰⁷ SCHLEGEL, Friedrich. *Lucinde*: Ein Roman. Frankfurt am Main: Insel, 1985. p. 59

⁵⁰⁸ SCHLEGEL, Friedrich. *Lucinde*: Ein Roman. Frankfurt am Main: Insel, 1985. p. 59

(tradução nossa).⁵⁰⁹ Assim, se pode dizer que o projeto de Schlegel posto em prática em *Lucinde* era, por um lado, análogo ao da Revolução Francesa, já que se tratava em um como no outro caso da destruição das bases da sociedade para que a partir de suas ruínas pudesse surgir uma nova concepção de humanidade,⁵¹⁰ por outro, contudo, seu projeto se distanciava da concepção francesa de renovação pelo motivo mesmo de que o fenômeno religioso não apenas não era descartado de tal empreitada como era mais exatamente privilegiado, ao ponto de Schlegel ver neste seu principal instrumento de regeneração social.

E já que era questão de afrontar os modos e a religiosidade reinante, nada melhor do que servir-se do então ofensivo termo *entusiasmo*, uma vez que este, associado aos pietistas, implicava no contexto a recusa da razão ou da ciência em favor do coração ou da fé cristã. Tratava-se, pois, de um termo chave na disputa entre

⁵⁰⁹ SCHLEGEL, Friedrich. *Lucinde*: Ein Roman. Frankfurt am Main: Insel, 1985. p. 59

Vale explicitar, não obstante, como fica claro em outra passagem do romance, que Schlegel era tudo menos um liberal, já que ali a opinião pública é descrita como um monstro inchado de veneno, o qual, uma vez ferido por Julius através de um golpe nas costas, se transforma em um sapo comum. SCHLEGEL, Friedrich. *Lucinde*: Ein Roman. Frankfurt am Main: Insel, 1985. p. 29. O que isso quer dizer, por sua vez, foi muito bem explicitado por Benjamin Constant (1767-1830), o qual conhecera os irmãos Schlegel pessoalmente através de sua amante Mme de Staël (1766-1817), no que esta se exilara em Berlin em 1804 e fizera de August Schlegel preceptor de seus filhos. Pois em anotação em seus diários datada de 02/10/1804, Constant fala do “[...] irmão de [August] Schlegel [ou seja, Friedrich]. É um pequeno homem redondo, demasiado gordo, com um nariz pontudo que sai de duas faces brilhosas, e uma boca que sorri de maneira bastante hipócrita sob este nariz pontudo, belos olhos, um ar subalterno, sobretudo quando ele não fala, e uma expressão de gelo quando escuta. Seus princípios são tão absurdos quanto os de seu irmão. O lugar [pays] que ele prefere na Alemanha é Viena [cabe lembrar que as divisões entre estes países na época era diferente daquela com a qual estamos acostumados], porque ali não há liberdade de imprensa. É realmente demasiado absurdo [fou] para pessoas cuja fama [considération] vem de sua pluma e que, não obstante todos os seus princípios bizarros, não poderiam escrever uma linha no lugar [pays] que eles preferem em relação àqueles [lugares ou países] onde são tolerados. Suas ideias [dos dois irmãos] são tão absurdas que eles se tornam completamente estúpidos neste assunto, não obstante sua inteligência [esprit] em outros”. (tradução nossa). CONSTANT, Benjamin. *Journaux intimes*. In: CONSTANT, Benjamin. *Œuvres*. Texte présenté et annoté par A. Roulin. Paris: Gallimard, 1957. p. 384. (Bibliothèque de la Pléiade). Ora, vale lembrar que Schlegel tornar-se-ia católico, e que viria a acabar seus dias como *Hofsekretär* de Metternich, verdadeiro sinônimo de conservadorismo político da primeira metade do século XIX, ao ponto de ser citado por Marx no primeiro parágrafo de seu famoso ‘manifesto’ de 1848 enquanto tal ;Cf. MARX, Karl. *Manifest der Kommunistischen Partei*. In: MARX, Karl. *Die Frühschriften*. Hrsg. S. Landshut. Stuttgart: Alfred Kröner, 1971. p. 525

⁵¹⁰ Vale, neste sentido, também precisar que o personagem Julius justifica certas atitudes suas a partir de um discurso da ordem jurídica, no que passa a arrogar-se certos *direitos*, como o direito à confusão [*Verwirrungsrecht*], assim como *direito ao ócio* [*Recht des Müßiggangs*] etc.

racionalistas, isto é, iluministas, por um lado, e crentes cristãos, pelo outro. Neste sentido, Schlegel desloca o termo de seu contexto original, no que passa a dar ao mesmo uma nova conotação, isto com o intuito expresso de chocar os dois partidos simultaneamente. Pois o que entende Schlegel por *entusiasmo* (ora expresso como ‘*Schwärmerei*’, ora como ‘*Begeisterung*’, ou ainda ‘*Enthusiasmus*’) tem antes a ver com a sensualidade, senão com a *sexualidade*, o que faz, conseqüentemente, com que *Lucinde* se coloque de partida como um romance de ideias, sendo sua tese central precisamente a *reabilitação da carne*. Assim, o *entusiasmo* acaba sendo uma das principais chaves teóricas do romance, no que ele acaba também se misturando, por assim dizer, ao termo mais fundamental do mesmo, a saber, *o amor*, o qual, por sua vez, forjado a partir da noção rousseauiana de natureza, faz com que ele seja abordado a partir de um ponto de vista propriamente dito libertino, uma vez que um dos principais ímpetus de Schlegel em *Lucinde* era o de justificar teoricamente a esfera do prazer ou da carnalidade; em uma palavra, tratava-se, em *Lucinde*, de explorar uma outra esfera do sagrado, a saber, o *entusiasmo* no sexo, o qual é proposto no romance como uma forma de *religião*.

E como se pode imaginar, tal religião estava muito longe de se basear na ortodoxia. Sendo uma *religião do amor*,⁵¹¹ ela implicava, como já dito, a reabilitação da carne, constituindo-se assim em um “[...] sublime evangelho dos verdadeiros prazer e amor [*Lust und Liebe*] [...]” (tradução nossa).⁵¹² Com efeito, Julius, seu profeta, para além da heresia de arrogar-se o *direito* à santidade,⁵¹³ pregava precisamente uma “[...] apologia da natureza e da inocência [...]”,⁵¹⁴ com o que pretendia jogar para longe “[...] todos os preconceitos da cultura [*Kultur*] e das convenções burguesas [...]” (tradução nossa).⁵¹⁵ E já que por este período ganhava força e consistência inéditas um dos valores maiores dos modos burgueses, a saber, o *trabalho*,⁵¹⁶ nada mais *natural*,

⁵¹¹ SCHLEGEL, Friedrich. *Lucinde*: Ein Roman. Frankfurt am Main: Insel, 1985. p. 22

⁵¹² SCHLEGEL, Friedrich. *Lucinde*: Ein Roman. Frankfurt am Main: Insel, 1985. p. 44

⁵¹³ SCHLEGEL, Friedrich. *Lucinde*: Ein Roman. Frankfurt am Main: Insel, 1985. p. 41

⁵¹⁴ SCHLEGEL, Friedrich. *Lucinde*: Ein Roman. Frankfurt am Main: Insel, 1985. p. 36

⁵¹⁵ SCHLEGEL, Friedrich. *Lucinde*: Ein Roman. Frankfurt am Main: Insel, 1985. p. 36

⁵¹⁶ Montesquieu (1689-1755), com efeito, articulava já no ‘Espírito das leis’ (1748) uma visão de mundo na qual o trabalho, este valor eminentemente burguês, ganhava uma conotação positiva, diferentemente do que rezava a tradição aristocrática francesa; assim, de acordo com este nobre anti-nobiliário, “[t]oda nação preguiçosa é grave; pois aqueles que não trabalham se consideram como soberanos daqueles que trabalham. Examinai todas as nações, e vereis que, na maioria delas a gravidade, o orgulho e a preguiça caminham juntas. [...] A preguiça é o

portanto, do que criticá-lo também como sendo precisamente a mais paradigmática negação da natureza:

[c]om a mais extrema indignação pensava eu nas pessoas ruins que querem subtrair o sono da vida. Elas aparentemente nunca dormiram, nem viveram. Por que são, pois, os deuses deuses, senão porque consciente e intencionalmente nada fazem, [senão] porque eles entendem isso e são mestres nisso? [...] Para quê este esforço [*Streben*] impreciso e progressos [*Fortschreiten*] sem repouso [*Stillstand*] e sem centro [*Mittelpunkt*]? [...] Nada é esta inquieta atividade [*Treiben*] senão um vício do norte [*nordische Unart*, isto é, *inglês*], e não traz [*wirkt*] nada senão tédio, nos outros e em nós. [...] a aplicação [*Fleiß*] e a utilidade [*Nutzen*] são os anjos da morte, com espada de fogo, os quais impedem às pessoas o retorno ao Paraíso (tradução nossa).⁵¹⁷

Como visto, Schlegel põe na boca de Julius um tipo de discurso que viria a se estabelecer e difundir ao longo do século XIX, a saber, o discurso de denúncia da *técnica*; em oposição a esta, pois, Julius concebe e valoriza as atividades mais ‘humanas’ do *pensar e poetar*

efeito do orgulho; o trabalho é uma conseqüência da vaidade: o orgulho de um espanhol levá-lo-á a não trabalhar; a vaidade de um francês levá-lo-á a saber trabalhar melhor do que os outros” (tradução nossa). MONTESQUIEU. L’esprit des lois. In: MONTESQUIEU. *Œuvres Complètes II*. Édition établie et annotée par R. Caillois. Paris: Gallimard, 1951. p. 561 (Bibliothèque de la Pléiade). Já Bentham (1748-1832), escrevendo um pouco mais tarde e desde o contexto da revolução industrial britânica – Hobsbawm, aliás, considera como decisiva a década de 1780 como aquela na qual ‘a revolução industrial explodiu’, em contraposição a outros historiadores que situam tal ‘explosão’ na década de 1860; Cf. HOBBSAWM, Eric. *A Era das revoluções: Europa 1789-1848*. Trad. M.T.L. Teixeira e M. Penchel. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003. p. 50-51) –, abria seu ‘Um Fragmento sobre o Governo’ (*A Fragment on Government*), de 1776, com as seguintes palavras: “A época na qual vivemos é uma época ocupada [*busy*]; na qual o conhecimento rapidamente avança à perfeição. No mundo natural, em particular, abundam descobertas e progressos. As mais distantes e recônditas regiões da terra atravessadas e exploradas – o sutil e vivificante elemento do ar tão recentemente analisado e nos tornado conhecido – são notáveis evidências, por mais que faltassem todas as outras, desta agradável verdade” (tradução nossa). BENTHAM, Jeremy. *A fragment on government*. Ed. J.H. Burns, H.L.A. Hart. Cambridge: Cambridge University Press, 2005. p. 3. Em suma, o *trabalho*, enquanto *valor*, assumia precisamente por este período sua conotação moderna.

⁵¹⁷ SCHLEGEL, Friedrich. *Lucinde*: Ein Roman. Frankfurt am Main: Insel, 1985. p. 46-47

[*Denken und Dichten*], as quais “[...] são possíveis apenas através de passividade [*Passivität*]” (tradução nossa).⁵¹⁸ Consequentemente, uma vez mais Julius arroga-se um *direito*, desta vez ao *ócio* [*Recht des Müßiggangs*]: “[e]u me proponho a me elevar, contente no gozo de minha existência [*Daseins*], sobre tudo o que é finito e sobre todas os objetivos [*Zwecke*] e propósitos [*Vorsätze*] desprezíveis” (tradução nossa).⁵¹⁹ De modo que sua intenção a este respeito não é outra senão a de fazer do *estudo do ócio* [*Studium des Müßiggangs*] parte de sua *religião*.⁵²⁰

Assim, em contraposição aos valores mecanicistas, Julius privilegia a contemplação da natureza e, neste sentido, um momento do romance se destaca, quando Julius, em meio ao “[...] caos das mais esplêndidas flores, [tanto] estrangeiras [quanto] nativas [...]”, ao inalar o vigoroso cheiro que vinha delas tem então uma alucinação, no que vê monstros e personificações, como a da ‘todo poderosa fantasia’,⁵²¹ a qual lhe diz:

‘A hora é esta [,] na qual a essência interna do divino pode ser revelada e descrita, todos os mistérios devem se descobrir e o temor deve cessar. Consagra-te e proclama que apenas a natureza é digna de ser honrada e que apenas a saúde é digna de ser amada’ (tradução nossa).⁵²²

Sendo, pois, uma religião da natureza, senão mais precisamente do *oculto* na natureza [*das Verborgene der Natur*],⁵²³ tal religião se coloca como uma religião do ânimo [*Mut*] e, mais especificamente, da *força* [*Kraft*],⁵²⁴ a qual corresponderia aos

⁵¹⁸ SCHLEGEL, Friedrich. *Lucinde*: Ein Roman. Frankfurt am Main: Insel, 1985. p. 47

⁵¹⁹ SCHLEGEL, Friedrich. *Lucinde*: Ein Roman. Frankfurt am Main: Insel, 1985. p. 48

⁵²⁰ SCHLEGEL, Friedrich. *Lucinde*: Ein Roman. Frankfurt am Main: Insel, 1985. p. 47

⁵²¹ SCHLEGEL, Friedrich. *Lucinde*: Ein Roman. Frankfurt am Main: Insel, 1985. p. 32

⁵²² SCHLEGEL, Friedrich. *Lucinde*: Ein Roman. Frankfurt am Main: Insel, 1985. p. 35. Vale apontar que aqui se encontra uma ligação bastante clara entre a noção rousseauniana de natureza e a apropriação feita mais tarde por Nietzsche deste mesmo valor, então transformado, como aqui, em *saúde*, tal qual particularmente trabalhado no prefácio de ‘A Gaia Ciência’: Cf. NIETZSCHE, Friedrich. *Die fröhliche Wissenschaft*. In: NIETZSCHE, Friedrich. *Kritische Studienausgabe*. Herausgegeben von G. Colli und M. Montinari. Berlin: DTV & de Gruyter, 1999. bd. 3, p. 345-352

⁵²³ SCHLEGEL, Friedrich. *Lucinde*: Ein Roman. Frankfurt am Main: Insel, 1985. p. 13

⁵²⁴ SCHLEGEL, Friedrich. *Lucinde*: Ein Roman. Frankfurt am Main: Insel, 1985. p. 97

componentes latentes da interioridade humana, a saber, “[...] força, natureza e santidade [*Kraft, Natur und Heiligkeit*] [...]” (tradução nossa).⁵²⁵ Com efeito, em uma de suas alucinações ou elucubrações consigo mesmo, Julius conversa, dentro de si, com seu próprio *Geist*, ou seja, com seu próprio espírito, o qual acaba por lhe revelar “[...] este horrível mundo de infinita força [*Kraft*] e de infinitas batalha e guerra [*Kampf und Krieg*] até a mais oculta profundidade do ser [*die verborgensten Tiefen des Daseins*] [...]”.⁵²⁶ Neste momento, curado das dores sentidas por toda uma existência humana,⁵²⁷ Julius sente prazer na dor, assim como algo que, como ele diz, “[...] me separava completamente das pessoas [...]”.⁵²⁸ Em outras palavras, Julius se sente *único*.

O fato é que a religião proposta por Schlegel em *Lucinde* se revela como sendo uma religião *privada*, compartilhada fundamentalmente por duas pessoas apenas, a saber, Julius e Lucinde. De maneira que *Lucinde* acaba servindo também como validação ideológica de um valor eminentemente moderno, a saber, o individualismo extremado em sua formulação *apolítica*. Em outros termos, uma das teses principais do romance pode ser tanto descrita, como o fez Hannah Arendt precisamente a partir deste romance, como o ato de se levar a vida privada a sério,⁵²⁹ quanto como, e aqui Benjamin Constant forneceria alguns anos mais tarde ao lançamento do romance, o qual ele, aliás, conhecia,⁵³⁰ a primeira interpretação

⁵²⁵ SCHLEGEL, Friedrich. *Lucinde*: Ein Roman. Frankfurt am Main: Insel, 1985. p. 93

⁵²⁶ SCHLEGEL, Friedrich. *Lucinde*: Ein Roman. Frankfurt am Main: Insel, 1985. p. 121

⁵²⁷ SCHLEGEL, Friedrich. *Lucinde*: Ein Roman. Frankfurt am Main: Insel, 1985. p. 118

⁵²⁸ SCHLEGEL, Friedrich. *Lucinde*: Ein Roman. Frankfurt am Main: Insel, 1985. p. 121

⁵²⁹ Falando do salão de Rahel Varnhagen, freqüentado por, entre outros, o próprio Friedrich Schlegel, Arendt considera que “[A]uto-cultivo [self-education] era essencial para aqueles cujas tradições sociais haviam sido abaladas. Pegos em meio a este processo de desligamento estavam não apenas os jovens nobres que haviam sido iluminados por tutores burgueses e [que consequentemente haviam sido] alienados dos ideais de sua própria classe, os quais, não obstante, não podiam se identificar com aqueles da classe média, mas também os judeus recém emancipados que não haviam tido tempo para formar uma nova tradição. Ambos foram, consequentemente, empurrados para suas próprias vidas. A veneração e estima das mulheres que é documentada neste salão é o resultado de se levar a vida privada a sério, um âmbito que parece ser mais naturalmente compatível com a mulher do que com o homem – e que foi revelado ao público de maneira quase desavergonhada no [romance] *Lucinde* de Schlegel” (tradução nossa). ARENDT, Hannah. Berlin Salon. In: ARENDT, Hannah. *Essays in understanding*: 1930-1954. Ed. J. Kohn. New York: Schocken Books, 2005. p. 60-61

⁵³⁰ Constant anotou no dia 26 de agosto de 1804 em seus diários a seguinte, ainda que fugaz, impressão sobre o romance em questão: “*Lucinde*, romance do irmão de Schlegel. De morrer de rir, ainda que exista nele, indubitavelmente, faíscas de talento” (tradução nossa).

teórica deste processo, ou seja, a noção concomitante a tal ato da *fuga da política* no sentido preciso de fuga da esfera ou da praça públicas.⁵³¹

De fato, o encerramento do mundo na estreita vida conjugal ou pura e simplesmente erótico-afetiva é postulado desde a primeiríssima sentença da obra, descontado o curto e enigmático prefácio, na qual Julius confessa a Lucinde que

[a]s pessoas e o que elas querem e fazem, pareciam-me, quando eu me lembrava disso, como figuras acinzentadas sem movimento: mas na sagrada solidão [*heiligen Einsamkeit*] ao meu redor tudo era luz e cor, e um sopro fresco e quente de vida e amor me tocava e sussurrava e se fazia sentir em todos os ramos do frondoso bosque (tradução nossa).⁵³²

Pode-se pensar, pois, que Julius estivesse em meio a tal bosque, mas não,⁵³³ como fica claro um pouco adiante, no que Julius, dando prosseguimento ao mesmo fluxo de pensamento, especifica que

[a] verdade da coisa é que eu estava postado diante da janela; quanto tempo, não sei direito: pois assim como com as regras da razão

CONSTANT, Benjamin. *Journaux intimes*. In: CONSTANT, Benjamin. *Œuvres*. Texte présenté et annoté par A. Roulin. Paris: Gallimard, 1957. p. 361. (Bibliothèque de la Pléiade). O resto de sua anotação, de fato, é apenas uma síntese da obra.

⁵³¹ Refiro-me às famosas teses já presentes na sua obra de 1814 conhecida como ‘Do espírito de conquista e de usurpação’ [*De l’esprit de conquête et de l’usurpation*], tornadas mais conhecidas através da palestra de 1819 conhecida como ‘Da liberdade dos antigos comparada àquela dos modernos’ [*De la liberté des Anciens comparée à celle des Modernes*], as quais abordam precisamente o movimento inerente às sociedades modernas no sentido de estas abandonarem a partilha do poder social em troca tanto do gozo da independência privada, quanto da livre perseguição dos interesses privados; Cf. CONSTANT, Benjamin. *De la liberté des Anciens comparée à celle des Modernes*. Discours prononcé à l’Athénée Royal de Paris em 1819. In: CONSTANT, Benjamin. *Écrits politiques*. Ed. M. Gauchet. Paris: Gallimard, 1997. p. 591-619

⁵³² SCHLEGEL, Friedrich. *Lucinde*: Ein Roman. Frankfurt am Main: Insel, 1985. p. 13

⁵³³ Firchow, por exemplo, considera que o cenário desta parte é precisamente tal jardim; Cf. FIRCHOW, Peter. Introduction. In: SCHLEGEL, Friedrich. *Friedrich Schlegel’s Lucinde and the fragments*. Translated with an introduction by P. Firchow. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1971. p. 32

[*Vernunft*] e da moralidade [*Sittlichkeit*], me esqueci completamente da contagem do tempo. Assim, eu me postava diante da janela e olhava para o espaço aberto [*Freie*]; a manhã certamente merece ser chamada de bela, o ar está tranquilo e quente o suficiente, também a grama diante de mim está bem fresca, e como as amplas planícies ora sobem, ora baixam, serpenteia o calmo, largo e argênteo rio em grandes elevações e arcos, até que ele e a fantasia do amante, tal qual o cisne que pesa sobre ele [o rio], se distanciam na lonjura e se perdem lentamente no infinito (tradução nossa).⁵³⁴

Como visto, Julius está sozinho dentro de um aposento de sua moradia, de onde enxerga, figurativamente, através da natureza, o infinito. Mas mesmo isto é negado, pelo menos em parte, logo adiante, no que Julius especifica que sua descrição do frondoso bosque, ou talvez a própria *realidade* do mesmo, “[e]ra ilusão, cara namorada, tudo ilusão, exceto que eu me postava diante da janela e que nada fazia, e que eu agora aqui estou sentado e faço algo, o que é também pouco mais ou bem pouco menos do que não fazer nada [*nichts tun*].”⁵³⁵ Não fazer nada, outro nome para a *passividade*, ganha pois o status de valor positivo, assim como a noção análoga de fuga dos seres humanos, compreendida como fuga da moralidade burguesa.

Neste sentido, o encerramento das relações sociais dentro do espaço privado do *intérieur*, como diria Adorno em crítica a Kierkegaard,⁵³⁶ encontra já em *Lucinde* sua formulação primeira, dado que, se para o crítico frankfurtiano “[o] espelho refletor dá testemunho da carência de objeto – ele só traz para dentro da habitação a aparência das coisas – e do isolamento privado [...], [o que faz, assim, com que] [...] espelho e tristeza perten[ça]m ao mesmo contexto [...]”,⁵³⁷ não é por acaso que Julius, típico sujeito privado, inativo, separado do processo de produção da economia, para

⁵³⁴ SCHLEGEL, Friedrich. *Lucinde*: Ein Roman. Frankfurt am Main: Insel, 1985. p. 14-15

⁵³⁵ SCHLEGEL, Friedrich. *Lucinde*: Ein Roman. Frankfurt am Main: Insel, 1985. p. 15

⁵³⁶ ADORNO, Theodor W. *Kierkegaard*: construção do estético. Trad. Alvaro Valls. São Paulo: Ed. UNESP, 2010. p. 100-112

⁵³⁷ ADORNO, Theodor W. *Kierkegaard*: construção do estético. Trad. Alvaro Valls. São Paulo: Ed. UNESP, 2010. p. 103

ficarmos uma vez mais com Adorno,⁵³⁸ encontra precisamente no espelho, a partir da contemplação de si mesmo, uma visão da *humanidade completa*, pois como ele mesmo diz, uma vez mais de maneira *mediata* a Lucinde,

[...] neste espelho não me envergonho de admirar e de amar a mim mesmo. Apenas aqui me vejo harmônico e completo, ou melhor, [vejo] toda a humanidade completa em mim e em ti. Pois também teu espírito [*Geist*] fica preciso e completo diante de mim [...] (tradução nossa).⁵³⁹

A bem da verdade, o enredo do livro se constitui mais especificamente a partir do encontro de Julius com Lucinde, no que tal obra se divide entre a vida anterior daquele, marcada por decepções amorosas e, conseqüentemente, por sofrimento, e a posterior, marcada pelo renascimento à vida operada por Lucinde sobre seu espírito. Neste sentido, em seus momentos de desespero solitário Julius se afastava deliberadamente “[...] [d]estas pessoas vazias, [de] suas pequenas relações e [de] seus mal-entendidos e [d]o jogo todo de secretas intenções e considerações [...]” (tradução nossa),⁵⁴⁰ sentimento este de desprezo que seria, quando muito, *mitigado* pelo encontro com Lucinde.⁵⁴¹ Pois não por acaso, no que Lucinde é *objetivamente* descrita pela primeira vez no romance, ela aparece como se tivesse “[...] uma

⁵³⁸ Adorno diz mais exatamente que “[...] quem fica olhando no espelho refletor é o sujeito privado, inativo, separado do processo de produção da economia [...]”. ADORNO, Theodor W. *Kierkegaard: construção do estético*. Trad. Alvaro Valls. São Paulo: Ed. UNESP, 2010. p. 103.

⁵³⁹ SCHLEGEL, Friedrich. *Lucinde: Ein Roman*. Frankfurt am Main: Insel, 1985. p. 18. Em outra passagem, na qual Julius se encontra novamente diante do espelho, sentindo vazio e tédio [*Leerheit und Überdruß*], o narrador em terceira pessoa – no único capítulo do texto em que tal recurso é utilizado – assim descreve tal cena: “[u]ma lágrima caiu sobre si mesmo, no que [*da*] ele viu primeiramente no espelho, quão opaco e duro o fogo do amor oprimido queimava de seus olhos escuros [...]” (tradução nossa). SCHLEGEL, Friedrich. *Lucinde: Ein Roman*. Frankfurt am Main: Insel, 1985. p. 68. Em outras palavras, mesmo sua relação para consigo mesmo era *mediada* pelo espelho.

⁵⁴⁰ SCHLEGEL, Friedrich. *Lucinde: Ein Roman*. Frankfurt am Main: Insel, 1985. p. 70

⁵⁴¹ Ou como diz Schlegel, “Julius havia também mudado seu comportamento; ele estava mais sociável [*geselliger*], e ainda que ele repudiasse várias [pessoas], de modo a ligar-se com menos pessoas de maneira mais íntima, ele então não as diferenciava de maneira tão dura [...]” (tradução nossa). SCHLEGEL, Friedrich. *Lucinde: Ein Roman*. Frankfurt am Main: Insel, 1985. p. 99

decidida inclinação para o romântico [*Romantischen*] [...]”⁵⁴² (tradução nossa), inclinação esta que vem especificada logo a seguir:

[t]ambém era ela daqueles que não vivem no mundo comum [*gemeinen Welt*], senão em um [mundo] auto-pensado [*selbstgedachten*] e auto-construído [*selbstgebildeten*]. Apenas o que ela amava e honrava de coração era de fato real para si [própria], todo o resto não; e ela sabia o que tinha valor. Ela também havia rompido com ousada decisão todas as considerações e laços, [no que] vivia completamente livre [*völlig frei*] e independente (tradução nossa).⁵⁴³

Com efeito, no que os dois passam a viver juntos, Lucinde acaba por atrair, aos poucos, o misantrópico Julius para uma atitude algo mais positiva a respeito do, como mencionado acima, *mundo comum*. Assim, eles decidem estabelecer uma *sociedade livre*,⁵⁴⁴ isto é, um *restrito grupo de pessoas excelentes* [*vorzügliche Menschen*], ou seja, de *aristocratas* que, tais quais o casal de patronos românticos, tivessem uma decidida inclinação para a *cultura* (*Bildung*), em contraposição à mera *educação* (*Erziehung*).⁵⁴⁵ E neste sentido, vale precisar que tal sociedade é descrita não em termos políticos propriamente ditos, senão em termos *pré-políticos*,⁵⁴⁶ ou seja, como uma *grande família*.⁵⁴⁷ E de fato, quando Lucinde dá sinais de estar grávida de Julius, este, baseado na preferência da amada pelo campo, então lhe faz a promessa de comprar uma pequena propriedade, precisamente com o intuito de “[...] não te ver mais olhar este monte desajeitado de tudo o que é corrupto e doente na humanidade [...]”,⁵⁴⁸ no que ele dá prosseguimento a seu raciocínio através das seguintes palavras:

⁵⁴² SCHLEGEL, Friedrich. *Lucinde*: Ein Roman. Frankfurt am Main: Insel, 1985. p. 91

⁵⁴³ SCHLEGEL, Friedrich. *Lucinde*: Ein Roman. Frankfurt am Main: Insel, 1985. p. 91

⁵⁴⁴ SCHLEGEL, Friedrich. *Lucinde*: Ein Roman. Frankfurt am Main: Insel, 1985. p. 99

⁵⁴⁵ SCHLEGEL, Friedrich. *Lucinde*: Ein Roman. Frankfurt am Main: Insel, 1985. p. 116

⁵⁴⁶ Pois como já fazia tal distinção Locke, “[...] estes dois *Poderes, Político e Paterno, são perfeitamente distintos e separados* [...]” (tradução nossa) (grifo do autor). LOCKE, John. *Two treatises of government*. Ed. P. Laslett. Cambridge: Cambridge University Press, 2005. p. 314

⁵⁴⁷ SCHLEGEL, Friedrich. *Lucinde*: Ein Roman. Frankfurt am Main: Insel, 1985. p. 99

⁵⁴⁸ SCHLEGEL, Friedrich. *Lucinde*: Ein Roman. Frankfurt am Main: Insel, 1985. p. 109

[...] e quando quero pensar [na humanidade] em geral, ela me parece como animais selvagens em correntes, os quais nem uma só vez conseguiriam se enfurecer livremente. No campo as pessoas ainda podem estar juntas sem se aglomerar de maneira feia [*ohne sich häßlich zu drängen*]. Lá belas moradias e amáveis cabanas como plantas e flores frescas poderiam adornar, se tudo for como deve ser, o solo verde, forma[ndo assim,] um digno jardim da divindade.

É claro que também lá encontraremos a vulgaridade [*Gemeinheit*, o comum] que ainda impera por todos os lados. Deveriam existir propriamente apenas duas ordens [*Stände*] de pessoas, as criativas [*den bildenden*] e as criadas [*den gebildeten*], o masculino [*den männlichen*] e o feminino [*den weiblichen*], e em vez de toda sociedade artificial [*künstlichen Gesellschaft*] um grande casamento destes dois níveis, e uma universal irmandade de todos os indivíduos [*allgemeine Brüderschaft aller einzelnen*]. Em vez daquelas vemos apenas uma infinidade de brutalidades [*Unzahl von Rohheit*, literalmente ‘cruzas’], e como insignificantes exceções alguns que através de deformação [cultural] [*Mißbildung*] são pervertidos! Mas ao ar livre pode sim o indivíduo [*das einzelne*], o qual é belo e bom, não ser tão esmagado pela massa maldosa [*schlechte Masse*] e por sua aparência de onipotência [*Allmacht*] (tradução nossa).⁵⁴⁹

⁵⁴⁹ SCHLEGEL, Friedrich. *Lucinde*: Ein Roman. Frankfurt am Main: Insel, 1985. p. 109-110.

Mas quem fala aqui? Stendhal, Stirner, Nietzsche?⁵⁵⁰ E como casar isto com a *religião do amor*?⁵⁵¹ Ora, como já dito anteriormente, a religião de Julius é *sui generis*, sendo mais exatamente a religião do pensar e do poetar, ou seja, a religião da *Bildung*, da arte pela arte e, consequentemente, a *religião do ódio dos filisteus*, isto é, de todos aqueles que teoricamente não teriam (bom) gosto (pela arte). Em suma, *Lucinde* simboliza precisamente a *religião do romantismo* extremado, inconsequente, desmesurado, em uma palavra, *niilista*, atitude esta que Kierkegaard buscaria *barrar* através de sua concepção de *ironia dominada*, a qual será agora analisada.

⁵⁵⁰ De fato, Isaiah Berlin considera que “[...] a noção irracionalista de liberdade tal qual desenvolvida pelos românticos extremados no virar do século, por exemplo [,] no romance de Friedrich Schlegel (ou de sua mulher) [?] *Lucinde*, no qual uma criança chutando e gritando é repentinamente apresentada como um símbolo da liberdade absoluta, completamente livre de leis, convenções, laços sociais – e no qual o casamento é denunciado, e a liberdade de associação entre os sexos é defendida, não como se preenchesse alguma harmonia cujos elementos são representados como se estivessem de alguma maneira racionalmente em relação uns com os outros, mas como a auto-realização do ilimitado espírito humano, livrando-se de seus laços, deixando a Terra ficar mais próxima da chama eterna e infinita que desconhece lógica ou regras [...]. Este é o ideal de anarquia violenta, ou o triunfo dos ousados [...]. Stirner, Bakunin, Nietzsche: a sucessão é suficientemente familiar” (tradução nossa). BERLIN, Isaiah. *Political ideas in the romantic age: their rise and influence on modern thought*. Princeton: Princeton University Press, 2006. p. 202-203

⁵⁵¹ De fato, no que a obra foi lançada e os gritos alarmados dos críticos se fizeram ouvir, o teólogo Schleiermacher (1768-1834) veio publicamente em defesa de seu amigo pessoal Schlegel, lançando uma obra de título *Cartas confidenciais sobre Lucinde de Friedrich Schlegel*, na qual os prós e contras da obra eram analisados, algo como em *Lucinde*, através de um intercâmbio de cartas entre um homem e uma mulher. Assim, se por um lado ‘Friedrich’, o lado masculino do par, considera que “[...] através do amor, a obra é tornada não apenas poética, mas também religiosa e moral. Religiosa, porque o amor é em todos os lugares referido ao ponto de vista a partir do qual ele pode relacionar a vida ao Infinito; moral, no que o amor se desenvolve de si mesmo da amada ao mundo inteiro e ao exigir liberdade de todos os preconceitos e limitações impróprios para todos os seres humanos como para si mesmo. Nós asseguramos que a relação da poesia para com a moralidade foi poucas vezes encontrada tão pura quanto aqui [...]”, por outro ‘Ernestine’, sua correspondente, considera que “[a] despeito da perfeição na exposição o amor não vai um pouco demais de volta a si mesmo neste livro? Eu queria que ele fosse também ao mundo, e que praticasse alguma boa ação lá [...]” (tradução nossa). SCHLEIERMACHER apud PATTISON, George. A literary scandal. In: PATTISON, George. *Kierkegaard, religion and the nineteenth-century crisis of culture*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002. p. 122, 124

4.2 IRONIAS DO DESTINO: A IRONIA DOMINADA COMO BARREIRA À PRÓPRIA IRONIA

Eis que em 1841 Kierkegaard, após ter defendido sua dissertação na Universidade de Copenhague, decide publicá-la sob forma de livro, o qual sairia nesse mesmo ano como *O Conceito de Ironia constantemente referido a Sócrates*.⁵⁵² Com efeito, as tais referências a Sócrates se encontram na primeira das duas partes da obra,⁵⁵³ na qual Kierkegaard busca recompor a personalidade ou mesmo a subjetividade de Sócrates, um notório partidário da comunicação *oral*, a partir dos relatos de seus contemporâneos, ou seja, Platão, Aristófanes e Xenofonte, através dos quais as pretensas palavras do filósofo grego chegaram até nós. Desse modo, através da análise combinada da figura de Sócrates presente nas obras desses três autores, Kierkegaard chega à conclusão de que a atitude existencial de Sócrates deveria ser denominada de *ironia*, uma vez que seu intuito teria sido não o de dar ou trazer conhecimentos positivos ao mundo ou aos seus contemporâneos, mas o de questionar as pretensões ou mesmo os fundamentos epistemológicos dos mesmos, isto com o intuito de fazer com que eles se voltassem sobre ou para si mesmos. Neste sentido, pois, Sócrates teria introduzido ao mundo uma noção qualitativamente nova de *subjetividade*, uma vez que sua atitude irônica teria como causa o prazer em deixar seus interlocutores diante do nada, prazer este que não era revelado àqueles, no que se configurava, assim, como *ironia*, e não como *humor*.

Acontece, porém, que tal tese se revela problemática, pelo fato mesmo de que Kierkegaard parece fazer de Sócrates literalmente um *niilista*, dado que sua ligação para com o mundo, por assim dizer, dar-se-ia pela via da negatividade. E ainda que, como já dito, o conceito de niilismo não apareça na tese, e muito menos ligado diretamente a qualquer descrição de Sócrates, a sensação que permanece é a de que Sócrates teria sido, de fato, o introdutor de tal

⁵⁵² Cf. KIERKEGAARD, Søren. Om Begrebet Ironi. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 59-357; KIERKEGAARD, Søren. *O conceito de ironia constantemente referência a Sócrates*. Trad. A. Valls. Petrópolis, RJ, RJ: Vozes, 1991. Como há tradução para o português, todas as citações serão feitas a partir desta edição.

⁵⁵³ Cf. KIERKEGAARD, Søren. Om Begrebet Ironi. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 69-278; KIERKEGAARD, Søren. *O conceito de ironia constantemente referência a Sócrates*. Trad. A. Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. p. 21-207

fenômeno na história mundial. Contudo, o verdadeiro problema não está aí, já que um maior se encontra na falta de explicitação que leva da primeira à segunda parte da tese, na qual Kierkegaard se debruça sobre o conceito propriamente dito *moderno* de ironia.⁵⁵⁴ Neste sentido, é nesta segunda parte que a tese ganha sua verdadeira dimensão ou seu verdadeiro significado, dado que ali, ainda que lido através das entrelinhas, fica algo mais claro que a primeira parte seria apenas uma espécie de introdução ao tema ou, melhor dito, à *problemática* da ironia, já que, com efeito, as conseqüências mais amplas da atitude existencial denominada de ironia ganhariam seu verdadeiro significado apenas no século XIX,⁵⁵⁵ com o agravamento daquilo que Koselleck denomina de

⁵⁵⁴ O próprio Kierkegaard explicita, se é que se pode utilizar tal verbo, a ligação entre as duas partes através das seguintes palavras: “O que deve constituir propriamente o objeto desta parte da investigação já foi dado, até certo ponto, na parte anterior, na medida que ali, sob a forma da contemplação, um aspecto do conceito já se tornou visível. Por isso, na primeira parte da investigação eu não tanto pressupus o conceito da ironia, quanto o deixei surgir, esforçando-me por orientar-me no terreno do fenômeno. Com isso, encontrei uma grandeza desconhecida, *um ponto de vista* que se mostrou como aquele que tem de ter sido o *característico de Sócrates*. Chamei este ponto de vista de ironia; contudo, o nome que se lhe dá é, na primeira parte da dissertação, o menos importante [...]. Entretanto, assim como na primeira parte da dissertação eu só me ocupei com Sócrates, assim também se mostrará no desenvolvimento do conceito em que sentido Sócrates é um momento do desenvolvimento do conceito, em outras palavras, mostrar-se-á se nele o conceito de ironia *se esgotou absolutamente*, ou *se não há outras* formas de aparição do fenômeno, que devemos igualmente levar em consideração, antes de podermos dizer que o conceito está suficientemente compreendido. Enquanto, pois, na primeira parte da dissertação o conceito pairava sempre no segundo plano, [...] nesta segunda parte da dissertação a aparição fenomenal do conceito, como uma constante possibilidade de habitar entre nós, vai acompanhar o desenvolvimento. Esses dois momentos são inseparáveis; pois caso o conceito não estivesse no fenômeno, ou, mais corretamente, caso o fenômeno não se tornasse compreensível, real, apenas em *e* com o conceito, e inversamente caso o fenômeno não estivesse no conceito, ou mais corretamente, o conceito não se tornasse compreensível, real, a não ser em *e* com o fenômeno, então todo conhecimento seria impossível, na medida que eu careceria, no primeiro caso, de verdade e no segundo, de realidade”. KIERKEGAARD, Søren. Om Begrebet Ironi. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 281-282; KIERKEGAARD, Søren. *O conceito de ironia constantemente referência a Sócrates*. Trad. A. Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. p. 211-212. Permanece inexplicada, pois, a exclusão arbitrária de outras aparições do fenômeno desde Sócrates.

⁵⁵⁵ Vale precisar que tal compreensão de *crítica* como *ironia* fazia parte do contexto mais geral, ou pelo menos do contexto de língua alemã desde meados da década de 1830. De fato, em 1835 foram lançadas duas obras a partir das quais tal ligação conceitual se tornou corrente nesse mesmo âmbito, a saber, *A vida de Jesus, criticamente analisada*, [*Das Leben Jesu, kritisch bearbeitet*] do teólogo David F. Strauss (1808-1874), assim como *Wally, a cética* [*Wally, die Zweiflerin*], de Gutzkow, pois no que o romance deste foi censurado, Strauss veio em defesa de seu autor, no que admitiu a semelhança entre sua própria obra e a do romancista precisamente a partir do conceito de ironia compreendido como encarnação do *espírito crítico*; Cf. MASSEY, Marilyn C. Irony: the holy principle of spiritual freedom, In: MASSEY,

crise.⁵⁵⁶ Pelo momento, porém, vale apenas explicitar que é esta segunda parte que me interessa aqui, o que significa que me proponho a explorar o trecho da tese que, de fato, visava a *contemporaneidade* de Kierkegaard. Em outras palavras, a segunda parte da tese se coloca, diferentemente da primeira, a qual em certo sentido se coloca como uma investigação arqueológica, como uma crítica social até certo ponto autônoma acerca da situação contemporânea, daí meu interesse nela exclusivamente.

Pois ela é aberta por Kierkegaard, após uma breve introdução na qual ele rapidamente esboça um histórico recente do conceito de ironia, no que aponta, então, que o conceito

[...] tem uma história curiosa, ou mais corretamente, não tem *nenhuma história* [...], [uma vez que] [...] [n]o período posterior a Fichte, quando o conceito foi especialmente valorizado, encontramos-lo repetidamente nomeado, repetidamente sugerido e repetidamente pressuposto. Se, por outro lado, buscamos um claro desenvolvimento, procuramos em vão (grifo do autor).⁵⁵⁷

Assim, Kierkegaard se propõe a desenvolver precisamente a abordagem histórico-teórica que ele não encontrava fosse nas obras dos românticos alemães, os quais estabeleciam suas produções, como visto no romance *Lucinde* de Friedrich Schlegel, a partir do conceito de ironia, fosse nas obras dos idealistas alemães, tal qual Hegel, o qual se posicionava contra o conceito romântico de ironia.

Assim, Kierkegaard se propõe, antes de atacar o problema do *conceito* de ironia, a oferecer algumas ‘observações orientadoras’,⁵⁵⁸ nas

Marilyn C. *Christ unmasked: the meaning of the the life of Jesus in german politics*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 1983. p. 56-80

⁵⁵⁶ Cf. KOSELLECK, Reinhart. *Crítica e crise: uma contribuição à patogênese do mundo burguês*. Trad. Luciana V.-B. Castelo-Branco. Rio de Janeiro: EDUERJ, Contraponto, 1999

⁵⁵⁷ KIERKEGAARD, Søren. Om Begrebet Ironi. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 282-283; KIERKEGAARD, Søren. *O conceito de ironia constantemente referência a Sócrates*. Trad. A. Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. p. 213

⁵⁵⁸ Cf. KIERKEGAARD, Søren. Om Begrebet Ironi. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads

quais a história recente da ironia é dividida em duas partes, a saber, uma *aristocrática*, e outra, a *democrática*. E ainda que Kierkegaard uma vez mais não se sirva de tais conceitos, tal parece ser a melhor nomenclatura para estes dois períodos fundamentalmente *simbólicos*, uma vez que, como ele mesmo coloca a questão, por um lado teria existido uma época – e ele de fato abre tal passagem com a expressão ‘era uma vez uma época [*Tid*, significando também ‘tempo’]’⁵⁵⁹

[...] e ela não está tão longe, em que também aqui se podia fazer sucesso com um *bocadinho de ironia*, que compensava todas as lacunas em outros aspectos, favorecia alguém com honrarias e lhe dava a reputação de ser culto, de compreender a vida e o caracterizava ante os iniciados como membro de uma vasta franco-maçonaria espiritual. Ainda nos deparamos de vez em quando com um ou outro representante deste tempo desaparecido [*denne svundne Tid*], que conserva este fino sorriso, significativo, ambigualmente revelador de tanta coisa, este tom de cortesão espiritual, com o qual ele fez *fortuna* em sua juventude e sobre o qual construiu todo o seu futuro, na esperança de ter vencido o mundo. Mas ah! foi uma decepção! Em vão procura seu olhar explorador por uma alma irmã, e caso a época de seu esplendor não estivesse ainda fresca na memória de um ou de outro, suas caretas permaneceriam um enigmático hieróglifo para a época contemporânea [*den Samtid*] na qual ele vive como hóspede e estrangeiro.⁵⁶⁰

Forlag, 1997. bd. 1, p. 262-296; KIERKEGAARD, Søren. *O conceito de ironia constantemente referência a Sócrates*. Trad. A. Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. p. 214-224

⁵⁵⁹ Cf. KIERKEGAARD, Søren. Om Begrebet Ironi. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 285; KIERKEGAARD, Søren. *O conceito de ironia constantemente referência a Sócrates*. Trad. A. Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. p. 214

⁵⁶⁰ KIERKEGAARD, Søren. Om Begrebet Ironi. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 285; KIERKEGAARD, Søren. *O conceito de ironia constantemente referência a Sócrates*. Trad. A. Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. p. 214-215. Tradução ligeiramente modificada.

Como visto, Kierkegaard descreve nesta passagem, uma vez mais, a passagem de todo um mundo a outro e, conseqüentemente, a *alienação* do indivíduo que sofreu tal transição no decorrer de sua própria existência. Mais do que isso, ele dá a entender que tal mundo recém *ultra-passado* poderia ser descrito, tal qual Tocqueville o fazia, como efetivamente *aristocrático*, dado que nele palavras como *honrarias*, *cultura* e *esplendor* ainda se encontravam intimamente ligadas. Não obstante, a orientação aristocrática da passagem ganha seu verdadeiro sentido quando contrastada com o período que ter-lhe-ia suplantado. Assim, pois, uma vez mais é abordada criticamente a repentina *chegada da modernidade*, a qual é tratada por Kierkegaard, na ausência de tal conceito, sob a alcunha de *nosso tempo* [*vor Tid*], o qual, por sua vez, caracterizar-se-ia por

[...] exigir] mais, [...] se não um *pathos* elevado, pelo menos altissonante, se não especulação, pelo menos resultados; quando não verdade, pelo menos convicção, quando não sinceridade, pelo menos protestos de sinceridade; e na falta de sensibilidade, pelo menos discursos intermináveis a respeito desta. Por isso nosso tempo [*vor Tid*] cunha uma espécie bem diferente de rostos privilegiados [*priviligerede Ansigter*]. Não permite que a boca se feche obstinada, ou que o lábio superior trema com ar travesso, ele exige que a boca fique aberta; pois como poderíamos imaginar um verdadeiro e autêntico patriota, senão discursando, o rosto dogmático de um pensador profundo, senão com a boca que fosse capaz de engolir o mundo todo; como nos poderíamos representar um virtuoso da copiosa palavra vivente, senão com a boca escancarada? Ele não permite que paremos quietos e nos aprofundemos; andar devagar já desperta suspeita; e como nos poderíamos contentar com isso no instante movimentado [*bevægede Øieblik*] em que vivemos, na época prenhe do destino [*skjæbnesvangre Tid*], que, como todos reconhecem, está grávida do extraordinário [*frugtsommeligt med det Overordentlige*]? Nosso tempo odeia o isolamento, e como suportaria que um homem chegasse à ideia desesperada de andar

sozinho através da vida, esse nosso tempo, que de mãos e braços dados (como membros viajantes das corporações de ofício e soldados rasos), vive para a ideia de comunidade [*Menighedens Idee*]?.⁵⁶¹

Ora, como não descrever esta época senão como *democrática*, uma vez que todos os valores ligados a esta época na passagem acima citada se encaixam perfeitamente com aqueles que Tocqueville descrevia como tais? Com efeito, sua inclinação mais profunda residiria no sentido da *comunidade*, a qual se erige em oposição aberta ao *isolamento*, o qual ela, a época, *odeia*. E tal quantidade de bocas abertas, especulantes, positivas, altissonantes, *protestantes*, em uma palavra, presentes precisamente nesses rostos que de privilegiados não têm muita coisa? Pois tal qual na experiência da democracia vivida por Tocqueville nos Estados Unidos da América, assim como em suas observações posteriores de tais mutações em países como França, Inglaterra e Irlanda, a época descrita é composta de *instantes movimentados* que não favorecem a *meditação*, sendo assim uma época de discursos postos em circulação por patriotas, por cristãos, assim como por matizes diferentes dessas *agregações*, ou seja, por patriotas-cristãos (Grundtvig) e cristão-patriotas, uma época na qual qualquer um pode se tornar um ‘virtuoso da copiosa palavra vivente’. Logo, esta é a época do interminável debate ideológico, através do qual se instaura a única certeza compartilhada por todos, a saber, aquele pressentimento, ou melhor, aquela *ânsia* coletiva acerca do *futuro* surgimento do extraordinário, ainda que ninguém soubesse quando exatamente isso viria a acontecer. Tal é, em outras palavras, tanto a época descrita por Tocqueville ainda na década de 1830 como *democrática*, quanto a época daquilo que, à luz do século XX, Koselleck chamaria de *crise*, no que se chega, com o perdão do trocadilho, pois, ao conceito de *época demo-crítica*.

Com efeito, se para este último “[d]a crítica soberana nasce [...] a soberania da sociedade [...]”,⁵⁶² a *modernidade* tal qual descrita por

⁵⁶¹ KIERKEGAARD, Søren. Om Begrebet Ironi. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 285-286; KIERKEGAARD, Søren. *O conceito de ironia constantemente referência a Sócrates*. Trad. A. Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. p. 215

⁵⁶² KOSELLECK, Reinhart. *Crítica e crise: uma contribuição à patogênese do mundo burguês*. Trad. Luciana V.-B. Castelo-Branco. Rio de Janeiro: Ed. UERJ; Contraponto, 1999. p. 160

Kierkegaard é ela também marcada pela preponderância do social ou, mais corretamente, pela *vida* da sociedade sobre a do indivíduo, o que implica, assim, um processo de autonomização até então impensável da mesma.⁵⁶³ Pois este processo, cristalizado conceitualmente por Tocqueville a partir de seu resultado como *poder social*,⁵⁶⁴ ou mesmo como *vida social* por Balzac,⁵⁶⁵ encontra em Kierkegaard a seguinte formulação:

[n]o nosso tempo [...] as relações burguesas e sociais [*borgerlige og selskabelige Forhold*] quase tornam impossível qualquer *história secreta de amor*, em que a cidade e a vizinhança quase sempre proclamam do alto do púlpito, antes que o pastor o tenha feito, o enlace do feliz casal; no nosso tempo [...] a vida da sociedade [*selskabelige Liv*] se sentiria frustrada em um de seus privilégios preferidos, se não tivesse o poder de unir os laços do amor e ao mesmo tempo reservar-se o direito (ela, não o pastor) de dizer alguma coisa contra, de modo que os mexericos públicos é que legitimam um amor, e assim uma união contraída sem que a cidade fique ciente é quase considerada inválida ou ao menos como um atentado escandaloso aos seus direitos [...].⁵⁶⁶

Diante, pois, da ameaça da tirania da maioria, Kierkegaard legitima o uso da ironia, no sentido em que “[...] no nosso tempo, eu digo, pode muito bem parecer necessário a alguém fazer jogo falso, se não deseje que a cidade assuma o honroso negócio de fazer em seu

⁵⁶³ Cf. GAUCHET, Marcel. *L'avènement de la démocratie I: la révolution moderne*. Paris: Gallimard, 2007.p. 155-186

⁵⁶⁴ Cf. MANENT, Pierre. Le pouvoir social. In: MANENT, Pierre. *Tocqueville et la nature de la démocratie*. Paris: Gallimard, 2006. p. 61-71; JAUME, Lucien. *Tocqueville: Les sources aristocratiques de la liberté*. Paris: Fayard, 2008. p. 100-101

⁵⁶⁵ Cf. BALZAC, Honoré de. Avant-propos. In: BALZAC, Honoré de. *La Comédie Humaine I: études de mœurs: scènes de la vie privée*. Édition publié sous la direction de P.-G. Castex. Paris: Gallimard, 1976. p. 12. (Bibliothèque de la Pléiade).

⁵⁶⁶ KIERKEGAARD, Søren. Om Begrebet Ironi. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 289-290; KIERKEGAARD, Søren. *O conceito de ironia constantemente referência a Sócrates*. Trad. A. Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. p. 219

nome o pedido de casamento [...]”.⁵⁶⁷ Contra tal pretensão de onipotência, a ironia se torna, assim, uma salvaguarda das liberdades individuais, ou, como Kierkegaard diz, da *liberdade subjetiva*,⁵⁶⁸ o que implica dizer que ela pode ser uma efetiva arma *contra* tanto a política, quanto *contra* o social.

O problema, porém, é que precisamente de salvaguarda de liberdades individuais, a ironia pode muito bem se tornar ou ser utilizada como uma arma, por assim dizer, de destruição em massa, pois como Kierkegaard a define,

[a] ironia *sensu eminentiori* não se dirige contra este ou aquele existente individual, ela se dirige contra toda a realidade dada em uma certa época e sob certas condições. [...] Não é este ou aquele fenômeno, mas é a totalidade da existência que é observada *sub specie ironia*. Vemos assim a justeza da denominação hegeliana da ironia como *negatividade infinita absoluta* (grifo do autor).⁵⁶⁹

Na medida, portanto, em que a ironia naturalmente pende para o *negativo*, isto de acordo com sua definição mais fundamental, a saber, a de recurso retórico através do qual se diz o contrário do que se pensa,⁵⁷⁰ ela consequentemente traz em seu seio o potencial para a *destruição*, uma vez que, tal qual Kierkegaard a compreende, “[e]la comporta, por isso, uma aprioridade em si, e não é aniquilando sucessivamente um pedaço da realidade após o outro que ela alcança a sua visão de conjunto, mas [...] é

⁵⁶⁷ KIERKEGAARD, Søren. Om Begrebet Ironi. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 290; KIERKEGAARD, Søren. *O conceito de ironia constantemente referência a Sócrates*. Trad. A. Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. p. 219

⁵⁶⁸ Cf. KIERKEGAARD, Søren. Om Begrebet Ironi. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 291; KIERKEGAARD, Søren. *O conceito de ironia constantemente referência a Sócrates*. Trad. A. Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. p. 220

⁵⁶⁹ KIERKEGAARD, Søren. Om Begrebet Ironi. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 292; KIERKEGAARD, Søren. *O conceito de ironia constantemente referência a Sócrates*. Trad. A. Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. p. 221-222

⁵⁷⁰ Cf. KIERKEGAARD, Søren. Om Begrebet Ironi. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 286; KIERKEGAARD, Søren. *O conceito de ironia constantemente referência a Sócrates*. Trad. A. Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. p. 215

por força desta visão de totalidade que ela leva a cabo sua destruição [...]”.⁵⁷¹ O que significa, então, que a ironia é essencialmente *niilista*, pelo fato mesmo de trazer em seu seio a negação – “[...] [p]ara a ironia, tudo se torna nada [...]”⁵⁷² –, o que, por sua vez, coloca o problema da negação ou do niilismo uma vez mais no centro das preocupações de Kierkegaard, dado que, como visto, ele mesmo prescreve a negação, aquela mesma que ele tanto busca combater, como salvaguarda à tirania da maioria, de modo que, contra um mal aparentemente menor, ele acaba por prescrever como remédio um mal maior. Tal é a contradição na qual ele se enreda e a qual ele busca resolver através do conceito de *ironia dominada*.

Contudo, antes de fazer isso, ou seja, de desenvolver o conceito propriamente dito de *ironia dominada*, o que acontece somente ao final da dissertação, Kierkegaard explora de maneira bastante sistemática a conotação efetivamente niilista da ironia, isto particularmente no trecho intitulado ‘A validade histórico-universal da ironia, A ironia de Sócrates’.⁵⁷³ Ali, pois, Kierkegaard considera, em primeiro lugar, que a ironia implica um certo grau de *alienação* da parte do sujeito irônico para com a realidade, uma vez que, como ele mesmo diz, sob a ironia “[...] *toda a existência* se torn[a] estranha ao sujeito irônico e este por sua vez se torna estranho à existência [...]”.⁵⁷⁴ Assim, na medida em que “[...] *a realidade* perd[e] sua realidade para ele [*for det*], ele próprio [*det selv*] até um certo ponto se torn[a] irreal”.⁵⁷⁵ O que implica dizer, pois,

⁵⁷¹ KIERKEGAARD, Søren. Om Begrebet Ironi. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 292; KIERKEGAARD, Søren. *O conceito de ironia constantemente referência a Sócrates*. Trad. A. Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. p. 221

⁵⁷² KIERKEGAARD, Søren. Om Begrebet Ironi. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 296; KIERKEGAARD, Søren. *O conceito de ironia constantemente referência a Sócrates*. Trad. A. Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. p. 224

⁵⁷³ Cf. KIERKEGAARD, Søren. Om Begrebet Ironi. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 297-308; KIERKEGAARD, Søren. *O conceito de ironia constantemente referência a Sócrates*. Trad. A. Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. p. 224-235

⁵⁷⁴ KIERKEGAARD, Søren. Om Begrebet Ironi. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 297; KIERKEGAARD, Søren. *O conceito de ironia constantemente referência a Sócrates*. Trad. A. Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. p. 224

⁵⁷⁵ KIERKEGAARD, Søren. Om Begrebet Ironi. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 297; KIERKEGAARD, Søren. *O conceito de ironia constantemente referência a Sócrates*. Trad. A. Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. p. 224. Tradução ligeiramente modificada.

que a ironia é um meio de ‘desrealizar’ a si mesmo, ou seja, de *desenraizar* a si mesmo de uma dada realidade histórica, o que faz, então, com que o sujeito irônico seja fundamentalmente um sujeito *moderno*. Com efeito, de acordo com Kierkegaard este seria mais especificamente descrito como um tipo de subjetividade para a qual “[...] a realidade perd[e] toda a sua validade, ela se torn[a] para ele [o sujeito irônico] uma forma incompleta que [o] incomoda e [o] constrange por toda parte”.⁵⁷⁶

Mais especificamente, no que diz respeito à ligação subjetiva para com a realidade, Kierkegaard entende que cada virada histórica seria composta do *Novo* [*det Nye*] e do *Velho* [*det Gamle*],⁵⁷⁷ no que então ele concebe três tipos de sujeitos *alienados* em relação à tal dinâmica, a saber, o *indivíduo profético*, o *herói trágico* e o *sujeito irônico*. O primeiro é, pois, descrito como aquele que avista ou que pressente o novo à distância, em traços indefinidos, no que ele encontrar-se-ia “[...] perdido para a realidade à qual pertence”.⁵⁷⁸ Não obstante, sua relação para com a mesma é descrita como *pacífica*, dado que a realidade dada não sentiria nenhuma oposição formalizada, por assim dizer, vinda de tal sujeito.⁵⁷⁹

O *herói trágico*, por sua vez, é descrito como aquele que *luta* pelo novo,⁵⁸⁰ esforçando-se por aniquilar aquilo que estaria em vias de

⁵⁷⁶ KIERKEGAARD, Søren. Om Begrebet Ironi. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 298; KIERKEGAARD, Søren. *O conceito de ironia constantemente referência a Sócrates*. Trad. A. Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. p. 226. Tradução ligeiramente modificada.

⁵⁷⁷ Cf. KIERKEGAARD, Søren. Om Begrebet Ironi. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 298; KIERKEGAARD, Søren. *O conceito de ironia constantemente referência a Sócrates*. Trad. A. Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. p. 226

⁵⁷⁸ KIERKEGAARD, Søren. Om Begrebet Ironi. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 298; KIERKEGAARD, Søren. *O conceito de ironia constantemente referência a Sócrates*. Trad. A. Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. p. 226

⁵⁷⁹ Cf. KIERKEGAARD, Søren. Om Begrebet Ironi. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 298; KIERKEGAARD, Søren. *O conceito de ironia constantemente referência a Sócrates*. Trad. A. Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. p. 226

⁵⁸⁰ A tradução de Valls neste ponto – provavelmente por erro tipográfico – está incorreta: Kierkegaard fala do *novo* (*det Nye*), e não do *povo*, como ali se encontra: Cf. KIERKEGAARD, Søren. Om Begrebet Ironi. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 298; KIERKEGAARD, Søren. *O conceito de ironia constantemente referência a Sócrates*. Trad. A. Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. p. 226

desaparecer; contudo, “[...] sua tarefa não consiste tanto em destruir quanto em tornar vigente o novo, e com isso destruir indiretamente [indirecte tilintetgjøre] o passado”.⁵⁸¹

Já o *sujeito irônico* seria aquele cujo grau de alienação seria o maior dos três, uma vez que, como já visto, ele não teria mais ligação para com a realidade. De fato, como que escrevendo a partir da descrição feita por Koselleck do processo dialético estabelecido entre crítica e crise, no qual “[p]recisamente em virtude das funções de defensor e acusador reunidas em uma mesma pessoa, o crítico eleva-se a instância suprapartidária e torna-se advogado da razão [...]”, o que, por sua vez, faz com que este só tenha “[...] uma obrigação: a obrigação em relação ao futuro [...]”,⁵⁸² Kierkegaard desenvolve o retrato do sujeito irônico nas seguintes linhas, descrevendo-o assim como aquele que

[a]penas sabe que o presente não corresponde à ideia. Ele é o que deve julgar. Num certo sentido, o irônico é profético, pois ele aponta sempre para a

⁵⁸¹ KIERKEGAARD, Søren. Om Begrebet Ironi. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 298; KIERKEGAARD, Søren. *O conceito de ironia constantemente referência a Sócrates*. Trad. A. Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. p. 226. Tradução modificada: Valls traduz ali ‘indiretamente destruir [indirecte tilintetgjøre]’ como ‘imediatamente destruir’, o que não faz sentido, dado que assim a diferenciação entre o ‘herói trágico’ e o ‘sujeito irônico’ não ficaria clara.

⁵⁸² KOSELLECK, Reinhart. *Crítica e crise: uma contribuição à patogênese do mundo burguês*. Trad. Luciana V.-B. Castelo-Branco. Rio de Janeiro: Ed. UERJ; Contraponto, 1999. p. 96-97

Cabe aqui ser citada uma pouco mais extensamente a passagem na qual Koselleck discorre sobre a figura do crítico tal qual representada por Pierre Bayle (1647-1706), dado que nela ecoam as palavras de Kierkegaard acerca do ‘sujeito irônico’: “O crítico está acima dos partidos. [...] Mas ele não cria uma nova ordem *hic et nunc*. Ao contrário, o reino da crítica só se evidencia por cima dos partidos, em um processo que se renova infinitamente. Assim, em Bayle, o crítico só tem uma obrigação: a obrigação em relação ao futuro. Pelo exercício da crítica encontra-se a verdade. A pretensão de alçar-se acima dos partidos impulsionava o processo para a frente na mesma medida em que seu fim não estava à vista. Na vinculação do crítico com a verdade a ser descoberta residia a autogarantia da crítica. [...] A crítica transformou o futuro em uma ressaca, que arrasta o presente sob os pés do crítico. Nessas circunstâncias, só restava ao crítico descobrir no progresso a estrutura temporal correspondente ao seu modo de ser. O progresso tornou-se o *modus vivendi* da crítica, mesmo quando não era entendido – a exemplo de Bayle – como movimento ascendente, mas sim como destruição e decadência. / Em todo caso, a vinculação com o futuro, criado pelo próprio juiz racional, emancipou-o para criticar o presente. Proporcionou ao executor da crítica, no presente, um espaço de absoluta liberdade”. KOSELLECK, Reinhart. *Crítica e crise: uma contribuição à patogênese do mundo burguês*. Trad. Luciana V.-B. Castelo-Branco. Rio de Janeiro: Ed. UERJ; Contraponto, 1999. p. 97

frente, para algo que está em vias de chegar, mas não sabe o que seja. Ele é profético; mas se orienta, se situa *ao contrário do profeta*. O profeta anda de mãos dadas com seu tempo e a partir deste ponto de vista vislumbra o que há de vir. O profeta está [...] perdido para sua própria época, mas isto só porque está mergulhado na sua visão. O irônico, pelo contrário, apartou-se das fileiras de seu próprio tempo e tomou posição contra este (grifo do autor).⁵⁸³

O sujeito irônico, outro nome, portanto, para (sujeito) crítico, não se situa em uma relação *orgânica*, tal qual o profeta, para com sua realidade histórica; ele está, assim, alienado da mesma, desenraizado, em uma palavra, *livre*. Ele representa, portanto, precisamente o resultado do processo dialético instaurado a partir da crítica tal qual concebida por Bayle desde finais do século XVII na Europa e que seria expandida pelos críticos iluministas – aqueles que Habermas descreve como ‘críticos críticos’ [*kritischen Kritiker*]⁵⁸⁴ – ao longo do século XVIII, resultado este que Kierkegaard exprime a partir da expressão *negatividade infinita absoluta*, a qual é explicitada da seguinte forma:

[e]la é *negatividade*, pois apenas nega; ela é *infinita*, pois não nega este ou aquele fenômeno; ela é *absoluta*, pois aquilo, por força de que ela nega, é um [algo superior], que

⁵⁸³ KIERKEGAARD, Søren. Om Begrebet Ironi. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 298-299; KIERKEGAARD, Søren. *O conceito de ironia constantemente referência a Sócrates*. Trad. A. Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. p. 226.

Vale precisar que os apontamentos de Kierkegaard não são de todo condizentes com a dinâmica tratada por Koselleck, uma vez que para Kierkegaard o que estaria por vir para o sujeito irônico lhe viria de *trás*, ou seja, do passado, e não da frente, isto é, do futuro, o que para mim sinceramente não faz sentido. De qualquer maneira, é isto o que ele diz ao dar prosseguimento à última frase citada: “Aquilo que deve vir lhe é oculto, jaz *atrás* dele, às suas costas; mas a realidade a que ele se opõe como inimigo é aquilo que ele deve destruir; contra ela se volta seu olhar devorador [...]” (grifo nosso). KIERKEGAARD, Søren. Om Begrebet Ironi. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 299; KIERKEGAARD, Søren. *O conceito de ironia constantemente referência a Sócrates*. Trad. A. Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. p. 226

⁵⁸⁴ Cf. HABERMAS, Jürgen. *O discurso filosófico da modernidade*. Trad. A.M. Bernardo et al. Lisboa: Dom Quixote, 1990. p. 63

contudo [ainda] não [existe].⁵⁸⁵ [...] A ironia é uma *determinação da subjetividade*. Na ironia o sujeito está *negativamente livre*; pois a realidade que lhe deve dar conteúdo não está aí, ele é livre da vinculação na qual a realidade dada mantém o sujeito, mas ele é negativamente livre e como tal flutuante, suspenso, pois não há nada que o segure. Mas esta mesma liberdade, este flutuar, dá ao irônico um certo entusiasmo, na medida que ele como que se embriaga na infinitude das possibilidades, na medida que ele, quando precisa de um consolo por tudo o que naufraga, pode buscar refúgio no enorme fundo de reserva da possibilidade. [...] Ela [a ironia] é [pois] uma demência divina, furiosa como um Tamerlão que não deixa pedra sobre pedra. Aqui nós temos, portanto, a ironia (grifo do autor).⁵⁸⁶

Não obstante, Kierkegaard curiosamente sintetiza a posição existencial de Sócrates a partir de tais termos, o que temporalmente falando seria um anacronismo. De qualquer modo, segundo Kierkegaard Sócrates estava alienado de sua realidade histórica, o que ele enfatiza ao dizer que “[...] ele se tornara *estranho a toda realidade da substancialidade*” (grifo do autor).⁵⁸⁷ Contudo, como fica claro logo adiante na mesma passagem, haveria uma diferença significativa entre a

⁵⁸⁵ A mesma contradição apontada na nota acima se encontra logo na frase imediatamente seguinte, a qual dou aqui: “A ironia não estabelece nada; pois aquilo que deve estabelecer está *atrás* dela. Ela é uma demência divina...” (grifo nosso). KIERKEGAARD, Søren. Om Begrebet Ironi. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 299; KIERKEGAARD, Søren. *O conceito de ironia constantemente referência a Sócrates*. Trad. A. Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. p. 226-227

⁵⁸⁶ KIERKEGAARD, Søren. Om Begrebet Ironi. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 299; KIERKEGAARD, Søren. *O conceito de ironia constantemente referência a Sócrates*. Trad. A. Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. p. 226-227. Tradução ligeiramente modificada.

⁵⁸⁷ KIERKEGAARD, Søren. Om Begrebet Ironi. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 302; KIERKEGAARD, Søren. *O conceito de ironia constantemente referência a Sócrates*. Trad. A. Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. p. 229

alienação de Sócrates e aquela propriamente dita moderna tal qual experimentada pelos críticos iluministas, a saber:

[...] *Sócrates se serviu da ironia* para destruir o helenismo; seu comportamento frente a este era constantemente irônico; ele era ignorante e nada sabia, mas procurava constantemente esclarecimento junto aos outros; mas, deixando assim a ordem subsistente existir, ele a arruinou. Esta tática ele conservou até o fim, o que se mostra especialmente quando foi processado (grifo do autor).⁵⁸⁸

Em outros termos, ainda que possuído pela ironia, a passagem dá a entender que Sócrates sempre foi, ao longo de sua existência, um *sábio* antigo, mais propriamente dito *estóico* e, neste sentido, *passivo*, o que está implícito na passagem quando Kierkegaard diz que ele teria deixado a ordem existente susistir; já a forma de niilismo dos críticos iluministas seria, em contraposição a esta, *ativa*, dado que teria como pressuposto a crítica aberta ou direta. Neste sentido, Sócrates estaria mais para um vagabundo mais ou menos inofensivo, um solitário a “[...] andar sozinho através da vida [...]”,⁵⁸⁹ como Kierkegaard dizia, enquanto que a crítica iluminista, como bem coloca Koselleck, estaria baseada numa constante *emissão* de notas promissórias contra o futuro,⁵⁹⁰ emissão esta baseada na publicação de escritos que visavam minar as bases sociais de maneira cada vez mais consciente e direta. Uma outra diferença seria a seguinte: se a ironia é fundamentalmente uma maneira de se “[...] *leva[r] (o) nada*

⁵⁸⁸ KIERKEGAARD, Søren. Om Begrebet Ironi. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 302; KIERKEGAARD, Søren. *O conceito de ironia constantemente referêcia a Sócrates*. Trad. A. Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. p. 229

⁵⁸⁹ KIERKEGAARD, Søren. Om Begrebet Ironi. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 285; KIERKEGAARD, Søren. *O conceito de ironia constantemente referêcia a Sócrates*. Trad. A. Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. p. 215

⁵⁹⁰ Cf. KOSELLECK, Reinhart. *Crítica e crise: uma contribuição à patogênese do mundo burguês*. Trad. Luciana V.-B. Castelo-Branco. Rio de Janeiro: Ed. UERJ; Contraponto, 1999. p. 145

a sério [...]” (grifo do autor),⁵⁹¹ Sócrates o fazia consigo mesmo, levando, para tal lugar, isto é, para dentro de si mesmos, no máximo aqueles à sua volta que estariam dispostos a seriamente encarar, fosse o nada, fosse a si mesmos; já os críticos iluministas, de acordo com Koselleck, não tinham verdadeiramente noção de que estavam lidando, ao desenvolverem suas críticas ao regime absolutista, no fundo com o nada, no que, impedidos de chegar a tal compreensão da natureza de sua própria empreitada, isto por conta do ofuscamento causado por filosofias da história necessariamente otimistas, acabaram por colocar a questão do nada como uma questão ou como uma experiência incontornável do mundo moderno.

Acontece, porém, que esta forma ativa de crítica não estava limitada aos pensadores iluministas, isto é, pensadores mais ou menos ligados ao âmbito mais estrito da filosofia, mas, tal qual a *ressaca* apontada por Koselleck, esta viria a invadir todas as esferas da vida a partir da Revolução Francesa. Neste sentido, Kierkegaard dá início à sua análise de tal *ressaca* no século XIX com Kant, através do qual, em seu esforço hipercrítico, “[...] a moderna especulação, que agora se sentia adulta e emancipada, cansou-se da tutela na qual tinha vivido até ali sob o *dogmatismo* e se dirigiu, como o filho pródigo, ao seu pai e exigiu que fizesse o inventário e a partilha com ela” (grifo do autor).⁵⁹² Tal esforço, denominado por Kierkegaard de *crítico*,⁵⁹³ teria feito então com que o pensamento, pelo fato mesmo de que o esforço teórico de Kant colocava a razão para julgar a si mesma, se desencaminhasse, no que cada passo seu o afastava cada vez mais de todo conteúdo. Diante disso, Kierkegaard alertava: “[a]qui se mostrou o que se mostrará em todos os tempos, que quando se quer especular é especialmente importante estar na direção correta.”⁵⁹⁴ Em outras palavras, Kierkegaard compreendia

⁵⁹¹ KIERKEGAARD, Søren. Om Begrebet Ironi. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 307; KIERKEGAARD, Søren. *O conceito de ironia constantemente referência a Sócrates*. Trad. A. Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. p. 234

⁵⁹² KIERKEGAARD, Søren. Om Begrebet Ironi. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 308; KIERKEGAARD, Søren. *O conceito de ironia constantemente referência a Sócrates*. Trad. A. Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. p. 235

⁵⁹³ KIERKEGAARD, Søren. Om Begrebet Ironi. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 308; KIERKEGAARD, Søren. *O conceito de ironia constantemente referência a Sócrates*. Trad. A. Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. p. 235

⁵⁹⁴ KIERKEGAARD, Søren. Om Begrebet Ironi. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads

que a especulação pela especulação, ou melhor, que o criticismo pelo criticismo era um movimento infundável, ou seja, *utópico*, se não fosse devidamente *limitado*, uma vez que, como ele compreendia tal dinâmica, “[...] a própria ironia se afunda naquilo que ela mais combate [...]”.⁵⁹⁵ Em outros termos, Kierkegaard concebia claramente a *crise* gerada pela ironia-crítica, ainda que não se servisse daquele conceito enquanto tal.

Como visto, o fato é que Kierkegaard discorre sobre a ironia na segunda parte de sua tese, aquela que tem como objeto sua contemporaneidade, a partir de sua compreensão como *crítica*, como fica claro, se não bastassem as passagens acima citadas, em outra passagem na qual ele reconhece que

[...] a ironia conseguiu dominar a realidade histórica fazendo-a flutuar, [...] [no que] também ela própria acabou por tornar-se flutuante. *Sua realidade é somente possibilidade*. Com efeito, se o indivíduo agente [*det handlende Individ*] deve estar em condições de resolver sua tarefa de realizar a realidade efetiva [*at realisere Virkeligheden*], então ele tem de se sentir integrado em um contexto maior, tem de sentir a seriedade da responsabilidade, tem de sentir e respeitar todas as consequências racionais. Disto a ironia está livre. Ela se sabe na posse de um poder de iniciar tudo de novo [*at begynde forfra*] quando bem lhe parecer; todo passado não [lhe] é um passado constrangedor [*bindende*, do verbo *at binde*, ligar], e assim como a ironia no plano teórico goza a sua alegria crítica [*sin kritiske Glæde*], assim [também] ela goza no plano prático uma semelhante liberdade divina que não conhece nenhum vínculo [*Baand*] ou corrente [*Lænker*], mas que desenfreada e alegremente brinca [e] retouça como um Leviatã no mar.⁵⁹⁶

Forlag, 1997. bd. 1, p. 308-309; KIERKEGAARD, Søren. *O conceito de ironia constantemente referência a Sócrates*. Trad. A. Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. p. 235

⁵⁹⁵ KIERKEGAARD, Søren. Om Begrebet Ironi. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 317; KIERKEGAARD, Søren. *O conceito de ironia constantemente referência a Sócrates*. Trad. A. Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. p. 243

⁵⁹⁶ KIERKEGAARD, Søren. Om Begrebet Ironi. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads

Sendo, pois, a ironia, este outro nome para *crítica*, esta dinâmica ou *energia* avassaladora, ela estava fadada a minar interiormente todos os domínios teóricos,⁵⁹⁷ dado que “[j]ulgava e condenava todo e qualquer *ponto de vista* [...], sempre ditando sentença assentada o tempo todo na cátedra do juiz [...]” (grifo do autor).⁵⁹⁸ No entanto, como Kierkegaard percebia, “[...] esta conduta que só julga e condena [...]”⁵⁹⁹ não parecia se interessar pelo trabalho mais demorado de investigação metódica, pois como ele mesmo explicita, “[...] investigar, isto ela não fazia. Situava-se constantemente acima do objeto, e isto era aliás muito natural; pois só agora a realidade deveria iniciar”.⁶⁰⁰

Mas, como se pode imaginar, precisamente a limitação de uma tendência que “[...] assumi[ra] para si o importante encargo de produzir a realidade [...]”⁶⁰¹ era o que o criticismismo tal qual praticado antes e depois da Revolução Francesa não estava disposto a aceitar. Kant, com efeito, parecia estar ciente desta armadilha situada no interior da dinâmica da crítica, no que postulou assim a ideia da ‘coisa em si’ (*Ding an sich*), a qual serviria precisamente como limite para a voracidade daquela. Não obstante, como Kierkegaard reconhece a questão, esta nada teria feito senão aguçar a curiosidade dos filósofos,⁶⁰² tal qual

Forlag, 1997. bd. 1, p. 315; KIERKEGAARD, Søren. *O conceito de ironia constantemente referência a Sócrates*. Trad. A. Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. p. 241. Tradução ligeiramente modificada.

⁵⁹⁷ Cf. KIERKEGAARD, Søren. Om Begrebet Ironi. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 314; KIERKEGAARD, Søren. *O conceito de ironia constantemente referência a Sócrates*. Trad. A. Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. p. 240

⁵⁹⁸ KIERKEGAARD, Søren. Om Begrebet Ironi. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 314; KIERKEGAARD, Søren. *O conceito de ironia constantemente referência a Sócrates*. Trad. A. Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. p. 240

⁵⁹⁹ KIERKEGAARD, Søren. Om Begrebet Ironi. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 314; KIERKEGAARD, Søren. *O conceito de ironia constantemente referência a Sócrates*. Trad. A. Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. p. 240

⁶⁰⁰ KIERKEGAARD, Søren. Om Begrebet Ironi. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 315; KIERKEGAARD, Søren. *O conceito de ironia constantemente referência a Sócrates*. Trad. A. Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. p. 240

⁶⁰¹ KIERKEGAARD, Søren. Om Begrebet Ironi. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 315; KIERKEGAARD, Søren. *O conceito de ironia constantemente referência a Sócrates*. Trad. A. Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. p. 241

⁶⁰² KIERKEGAARD, Søren. Om Begrebet Ironi. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads

Fichte, o qual teria, a partir da identificação da coisa em si com o pensamento, liberado infinitamente o mesmo, ou como diz Kierkegaard,

[a]o infinitizar desta maneira o eu, Fichte fez valer um idealismo, em relação ao qual toda realidade empalidecia, um acosmismo, em relação ao qual seu idealismo se tornou realidade [...]. Com Fichte, o pensamento se torna infinitizado, [e] a subjetividade se torna a negatividade infinita, absoluta [...].⁶⁰³

Em outras palavras, Kierkegaard interpreta o sujeito fichteano, baseado na identidade abstrata do eu consigo mesmo, como um sujeito *irônico* e, neste sentido, a partir de Fichte a *ironia* seria colocada dentro do panorama filosófico alemão como um ponto de partida.

O problema, porém, é que tal ponto de partida, como já visto anteriormente, seria apropriado de maneira mais geral, passando, assim, a ser operado nos mais diversos âmbitos intelectuais. De fato, Kierkegaard reconhece que tal apropriação era no mínimo problemática, uma vez que,

[e]m primeiro lugar, confundiu-se o eu empírico e finito com o Eu eterno; em segundo lugar, confundiu-se a realidade metafísica com a realidade histórica. Aplicou-se assim sem mais nem menos um ponto de vista *metafísico* incompleto à *realidade*. Fichte queria construir o mundo; mas o que ele tinha em mente era um construir sistemático. [Já] Schlegel e Tieck queriam inventar um mundo.⁶⁰⁴

Forlag, 1997. bd. 1, p. 309; KIERKEGAARD, Søren. *O conceito de ironia constantemente referência a Sócrates*. Trad. A. Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. p. 235-236

⁶⁰³ Cf. KIERKEGAARD, Søren. Om Begrebet Ironi. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 309; KIERKEGAARD, Søren. *O conceito de ironia constantemente referência a Sócrates*. Trad. A. Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. p. 236

⁶⁰⁴ KIERKEGAARD, Søren. Om Begrebet Ironi. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads

Tal confusão entre metafísica e realidade estava na raiz, também, de um movimento literário-político – e é este último adjetivo que causava mais temor a Kierkegaard como a todos os espíritos mais prudentes ou temerosos de sua época – que, como já visto, ganhava o nome de ‘Jovem Alemanha’, pois como explicita Kierkegaard a ligação entre um desenvolvimento e outro em nota de rodapé à passagem acima citada, “[e]ntretanto, esta tendência irônica não se encerra, de maneira nenhuma, com Tieck e Schlegel, pelo contrário, ela teve na ‘Jovem Alemanha’ uma rica sementeira [...]”,⁶⁰⁵ no que ele então faz questão de acrescentar: “[e]sta ‘Jovem Alemanha’ foi também levada em consideração sob muitos aspectos na análise geral deste ponto de vista”.⁶⁰⁶

Contudo, mais do que apenas ter em mente a ligação entre o romantismo e os últimos desenvolvimentos literário-políticos no âmbito alemão, as preocupações de Kierkegaard tinham a ver, uma vez mais, com o âmbito mais geral da *cultura*, a partir da qual ele invariavelmente estabelecia pontes para discutir o estado da *existência* humana de maneira mais geral. Neste sentido, suas críticas às “[...] muitas inversões que se introduziram furtivamente nos mais variados domínios da vida [...]”⁶⁰⁷ são estabelecidas em sua dissertação a partir de análises tanto da obra de romancistas, no caso Schlegel e Ludwig Tieck (1773-1853), assim como do filósofo Karl W. F. Solger (1780-1819), através das quais Kierkegaard visava discutir a penetração do negativo, ou seja, do niilismo entre seus contemporâneos. Neste sentido, ele explicitava seu ponto de vista mais amplo ao precisar que

Forlag, 1997. bd. 1, p. 311; KIERKEGAARD, Søren. *O conceito de ironia constantemente referência a Sócrates*. Trad. A. Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. p. 238

⁶⁰⁵ KIERKEGAARD, Søren. Om Begrebet Ironi. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 311. Nota ; KIERKEGAARD, Søren. *O conceito de ironia constantemente referência a Sócrates*. Trad. A. Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. p. 282, Nota 8.

⁶⁰⁶ KIERKEGAARD, Søren. Om Begrebet Ironi. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 311. Nota; KIERKEGAARD, Søren. *O conceito de ironia constantemente referência a Sócrates*. Trad. A. Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. p. 282, Nota 8.

⁶⁰⁷ KIERKEGAARD, Søren. Om Begrebet Ironi. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 321; KIERKEGAARD, Søren. *O conceito de ironia constantemente referência a Sócrates*. Trad. A. Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. p. 247

[n]inguém há de contestar que no momento atual tanto a Alemanha quanto a França possuem uma quantidade imensa de tais irônicos, e não precisam mais fazer-se iniciar nos mistérios do tédio por algum lorde inglês, membro itinerante de um clube do *spleen*; e alguns dentre estes jovens rebentos da jovem Alemanha e da jovem França há muito tempo estariam mortos de tédio se seus respectivos governos não se tivessem mostrado bastante paternais mandando prendê-los e assim lhes dando algo para refletir.⁶⁰⁸

Contudo, como se não fosse suficiente borrar os registros desta *dinâmica* presente no domínio mais amplo da cultura – Kierkegaard de fato se refere a um *movimento da ausência de conteúdo* [*Indholdsløshedens Bevægelsen*]⁶⁰⁹ –, *dinâmica* esta que não levava coisa alguma a sério, ou pior, que levava *a nada a sério*, Kierkegaard também considera ser legítimo descrevê-la como *romantismo*. Com efeito, para ele as expressões ‘a ironia’ e ‘o irônico’ podiam muito corretamente ser trocadas pelo ‘romântico’ e pelo ‘romantismo’,⁶¹⁰ dado que o fenômeno mais fundamental compartilhado por ambos ironia e romantismo seria a noção de subjetividade exagerada [*overspændt Subjectivitet*],⁶¹¹ ou seja, uma forma de subjetividade

⁶⁰⁸ KIERKEGAARD, Søren. Om Begrebet Ironi. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 320-321; KIERKEGAARD, Søren. *O conceito de ironia constantemente referência a Sócrates*. Trad. A. Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. p. 247. Considera-se que Kierkegaard esteja aí se referindo à prisão de Gutzkow após o lançamento de seu romance *Wally, a cética* [*Wally, die Zweiflerin*] em 1835.

⁶⁰⁹ KIERKEGAARD, Søren. Om Begrebet Ironi. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 311; KIERKEGAARD, Søren. *O conceito de ironia constantemente referência a Sócrates*. Trad. A. Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. p. 237

⁶¹⁰ KIERKEGAARD, Søren. Om Begrebet Ironi. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 312. Nota; KIERKEGAARD, Søren. *O conceito de ironia constantemente referência a Sócrates*. Trad. A. Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. p. 282, Nota 9.

⁶¹¹ Valls traduz a expressão como ‘subjetividade exaltada’; Cf. KIERKEGAARD, Søren. Om Begrebet Ironi. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 312; KIERKEGAARD, Søren. *O conceito de ironia constantemente referência a Sócrates*. Trad. A. Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. p. 238

elevada à segunda potência [*Subjectivitetens anden Potens*],⁶¹² a qual, fundamentada sobre a liberdade absoluta estabelecida e sancionada por si mesma da crítica, concebia assim a si mesma como *infinita liberdade poética*,⁶¹³ ou seja, como liberdade negativa através da qual o irônico ganharia, por assim dizer, a capacidade de criar a si mesmo poeticamente. A esta atitude, Kierkegaard dá também o nome, por sua vez, de *viver poeticamente*,⁶¹⁴ princípio este que fazia com que

[t]udo o que subsiste na realidade dada tem para o irônico *somente validade poética*; pois, afinal, ele vive poeticamente. Mas quando a realidade dada perde, desta maneira, a sua validade para o irônico, isto não acontece porque ela era uma realidade caduca, que devia ser substituída por uma outra mais verdadeira, e sim porque o irônico é aquele Eu eterno, para o qual nenhuma realidade é a adequada. [...] o irônico [...] é um crítico rigoroso [...].⁶¹⁵

Em outras palavras, Kierkegaard via na ironia, isto é, na negação de toda realidade histórica em nome de uma realidade autoproduzida⁶¹⁶ – já que “[p]ara o irônico tudo é possível [...]”⁶¹⁷ –

⁶¹² Valls traduz a expressão como ‘segunda potência da subjetividade’ (grifo do autor); Cf. KIERKEGAARD, Søren. Om Begrebet Ironi. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 312; KIERKEGAARD, Søren. *O conceito de ironia constantemente referência a Sócrates*. Trad. A. Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. p. 238

⁶¹³ Cf. KIERKEGAARD, Søren. Om Begrebet Ironi. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 317; KIERKEGAARD, Søren. *O conceito de ironia constantemente referência a Sócrates*. Trad. A. Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. p. 243

⁶¹⁴ KIERKEGAARD, Søren. Om Begrebet Ironi. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 319; KIERKEGAARD, Søren. *O conceito de ironia constantemente referência a Sócrates*. Trad. A. Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. p. 242

⁶¹⁵ KIERKEGAARD, Søren. Om Begrebet Ironi. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 319; KIERKEGAARD, Søren. *O conceito de ironia constantemente referência a Sócrates*. Trad. A. Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. p. 245

⁶¹⁶ Cf. KIERKEGAARD, Søren. Om Begrebet Ironi. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads

uma fundamental *tendência* mais geral ou abrangente da época, pois como ele reconhecia o fato, “[...] nosso tempo está [...] profundamente penetrado pela reflexão [...]”.⁶¹⁸ Sendo a *reflexão* na passagem citada a reflexão crítica, isto, por sua vez, quer dizer que a época se lhe mostrava como perpassada pelo *niilismo*, já que, nas palavras do próprio Kierkegaard, e vale dizer que não é demais citar esta passagem novamente, a “[...] ironia [...] *leva (o) nada a sério*, na medida em que não leva coisa alguma a sério” (grifo do autor).⁶¹⁹

Assim, se o sujeito irônico é explicitado como um ‘crítico rigoroso’, isto significa dizer que para ele

[n]ada estava estabelecido, nada subsistia [...]. Quando deixava algo subsistir, é que sabia que tinha poder para aniquilá-lo, e o sabia no mesmo instante em que o deixava subsistir. Se el[e] punha algo, é que sabia que tinha autoridade para aboli-lo, e o sabia no mesmo instante em que o punha. El[e] se sabia de posse do *poder absoluto para ligar e desligar*. El[e] tinha o domínio tanto sobre ideias quanto sobre fenômenos, e aniquilava uns pelos outros. El[e] aniquilava o fenômeno mostrando que ele não correspondia à ideia; aniquilava a ideia mostrando que ela não correspondia ao fenômeno (grifo do autor).⁶²⁰

Forlag, 1997. bd. 1, p. 311; KIERKEGAARD, Søren. *O conceito de ironia constantemente referência a Sócrates*. Trad. A. Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. p. 238

⁶¹⁷ KIERKEGAARD, Søren. Om Begrebet Ironi. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 317-318; KIERKEGAARD, Søren. *O conceito de ironia constantemente referência a Sócrates*. Trad. A. Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. p. 244

⁶¹⁸ KIERKEGAARD, Søren. Om Begrebet Ironi. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 321; KIERKEGAARD, Søren. *O conceito de ironia constantemente referência a Sócrates*. Trad. A. Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. p. 256

⁶¹⁹ KIERKEGAARD, Søren. Om Begrebet Ironi. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 307; KIERKEGAARD, Søren. *O conceito de ironia constantemente referência a Sócrates*. Trad. A. Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. p. 234

⁶²⁰ KIERKEGAARD, Søren. Om Begrebet Ironi. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 312; KIERKEGAARD, Søren. *O conceito de ironia constantemente referência a Sócrates*. Trad. A. Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. p. 238

De posse, pois, do poder absoluto para ligar e desligar a si mesma em sua tentativa de autofundamentação, a modernidade seria caracterizada para Kierkegaard como a época *crítica* por excelência, dado que, como ele mesmo expressa tal pensamento, “[a] discrepância que a ironia estabelece com a realidade já está suficientemente indicada quando se diz que a *orientação irônica é essencialmente crítica*” (grifo do autor).⁶²¹ Consequentemente, na aventura da modernidade hipercrítica não haveria descanso, nem mesmo no futuro glorioso almejado por todos os críticos, uma vez que nela “[n]ão se emprega então o sétimo dia – que sob muitos aspectos se pretende que deva ter chegado em nosso tempo – para descansar da obra histórica, mas sim para criticar”.⁶²² De modo que se pode afirmar que a *dinâmica da crítica*, ou seja, a própria e mais profunda *dinâmica da modernidade* se mostrava a Kierkegaard como *negatividade infinita absoluta*, sem mais nem menos.

No entanto, para Kierkegaard tal posicionamento arbitrário diante do mundo tinha o seu preço. Pois a ironia faz, como ele mesmo dizia, como Hércules quando este lutou contra Anteu, o qual era invencível enquanto tivesse contato com a terra, no que “Hércules, como se sabe, levantou Anteu, afastando-o do chão e assim o dominou. A ironia f[a]z a mesma coisa com a realidade histórica. Com um gesto toda a história se torn[a] mito – poesia – lenda – aventura”.⁶²³ Ora, a partir do momento em que tudo é transformado arbitrariamente em mito, nada subsiste, o que abre assim um abismo sob os pés daquele que está a criticar. Kierkegaard, neste sentido, desenvolve então uma análise da posição existencial do sujeito crítico, o sujeito moderno, segundo a qual

⁶²¹ KIERKEGAARD, Søren. Om Begrebet Ironi. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 312; KIERKEGAARD, Søren. *O conceito de ironia constantemente referência a Sócrates*. Trad. A. Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. p. 238

⁶²² KIERKEGAARD, Søren. Om Begrebet Ironi. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 312; KIERKEGAARD, Søren. *O conceito de ironia constantemente referência a Sócrates*. Trad. A. Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. p. 238

⁶²³ KIERKEGAARD, Søren. Om Begrebet Ironi. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 313; KIERKEGAARD, Søren. *O conceito de ironia constantemente referência a Sócrates*. Trad. A. Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. p. 239

[n]a medida [em] que o irônico, com a maior licença poética possível, se cria a si mesmo e ao mundo circundante, na medida [em] que assim ele vive sempre no modo hipotético e subjuntivo, a sua vida *perde toda continuidade*. Com isso ele se submete totalmente ao estado de ânimo. Sua vida se reduz a *meras disposições afetivas* (grifo do autor).⁶²⁴

A fragmentação do mundo, assim, é acompanhada de uma fragmentação no interior do próprio sujeito, a qual lhe revela a falta de sentido de sua existência. O *tédio*, consequentemente, se torna a única continuidade que tal sujeito pode experimentar.⁶²⁵ O excesso de liberdade transforma a vida, então, em uma escravidão,⁶²⁶ escravidão esta que o sujeito crítico poderia objetar como sendo a da vida sem tal liberdade de distanciamento ou de crítica. Neste sentido, Kierkegaard elabora uma distinção muito interessante, segundo a qual “[...] uma coisa é se criar (poeticamente) a si mesmo, e uma outra coisa é se deixar criar”.⁶²⁷ Em outros termos, Kierkegaard ataca frontalmente neste ponto uma das noções mais arraigadas na consciência moderna, a saber, a noção do ser humano como centro do universo e, consequentemente, como senhor de si mesmo e da natureza.

Para Kierkegaard, mais especificamente, a realidade histórica entraria em relação com o sujeito de maneira dupla, a saber, como

⁶²⁴ KIERKEGAARD, Søren. Om Begrebet Ironi. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 319; KIERKEGAARD, Søren. *O conceito de ironia constantemente referência a Sócrates*. Trad. A. Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. p. 245

⁶²⁵ Cf. KIERKEGAARD, Søren. Om Begrebet Ironi. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 320; KIERKEGAARD, Søren. *O conceito de ironia constantemente referência a Sócrates*. Trad. A. Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. p. 246

⁶²⁶ Cf. KIERKEGAARD, Søren. Om Begrebet Ironi. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 320; KIERKEGAARD, Søren. *O conceito de ironia constantemente referência a Sócrates*. Trad. A. Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. p. 246

⁶²⁷ KIERKEGAARD, Søren. Om Begrebet Ironi. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 316; KIERKEGAARD, Søren. *O conceito de ironia constantemente referência a Sócrates*. Trad. A. Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. p. 242

dom e como *tarefa*.⁶²⁸ Por dom, Kierkegaard entende fundamentalmente o passado, e como tarefa o futuro. Desse modo, o ser humano seria perpassado necessariamente por forças que o impeliriam tanto ao futuro quanto ao passado, uma vez que ele seria lançado, através de seu nascimento, em um mundo já estruturado, preexistente, o qual, não obstante, não o constrangeria de todo, uma vez que, como ele diz, “[...] a realidade é também, para o indivíduo, *uma tarefa que quer ser realizada*” (grifo do autor).⁶²⁹ Diferentemente, pois, da liberdade extremada reclamada pelo sujeito crítico, o qual chega ao delírio de considerar-se autopoente, Kierkegaard compreende que a própria realidade deveria ser vista como uma *benção*,⁶³⁰ uma vez que é ela quem possibilita o espaço para a liberdade se desenvolver, ainda que dentro de certos limites, já que, como ele mesmo diz, “[...] se o indivíduo agente deve estar em condições de resolver sua tarefa de realizar a realidade efetiva, então ele tem de se sentir integrado em um contexto maior, tem de sentir a seriedade da responsabilidade, tem de sentir e respeitar todas as conseqüências racionais”.⁶³¹

Neste sentido, Kierkegaard se coloca como um *realista*, uma vez que para ele a realidade é *mais forte* do que o indivíduo, pelo fato mesmo de ser *anterior* a ele. O real, assim, não é para ele exatamente ‘ideal’, senão concreto, e, enquanto tal, *constrangedor*. Kierkegaard fala, portanto, em nome do princípio de realidade, posição esta que visa a *humildade*, em contraposição à *desmesura* característica do projeto antropológico da *modernidade*. Consequentemente, quando se afirma que Kierkegaard é pura e

⁶²⁸ Cf. KIERKEGAARD, Søren. Om Begrebet Ironi. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 312; KIERKEGAARD, Søren. *O conceito de ironia constantemente referência a Sócrates*. Trad. A. Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. p. 238

⁶²⁹ KIERKEGAARD, Søren. Om Begrebet Ironi. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 315; KIERKEGAARD, Søren. *O conceito de ironia constantemente referência a Sócrates*. Trad. A. Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. p. 241

⁶³⁰ KIERKEGAARD, Søren. Om Begrebet Ironi. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 315; KIERKEGAARD, Søren. *O conceito de ironia constantemente referência a Sócrates*. Trad. A. Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. p. 242

⁶³¹ KIERKEGAARD, Søren. Om Begrebet Ironi. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 315; KIERKEGAARD, Søren. *O conceito de ironia constantemente referência a Sócrates*. Trad. A. Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. p. 241

simplesmente um pensador individualista, deve-se antes e acima de tudo esclarecer que sua noção de individualismo é radicalmente avessa à noção solipsista do mesmo, segundo a qual “tudo é possível”⁶³² para o ser humano, concebido a partir desta como ‘super- ou além-do-homem’.

Dáí suas críticas mais pontuais a Schlegel e, mais especificamente, a *Lucinde*, interpretado por Kierkegaard como “[...] o evangelho da Jovem Alemanha [...]”.⁶³³ Pois precisamente enquanto ‘romance de tese’, *Lucinde* teria colocado como sua doutrina mais fundamental “[...] [a]quilo que anteriormente caracterizamos como sendo o específico para o esforço da ironia: suprimir toda a realidade e pôr em seu lugar uma realidade que não é nenhuma realidade [...]”.⁶³⁴ Para além disto, o romance de Schlegel seria culpável de ter proposto uma outra tese não menos perniciosa, a saber, a da negação do espírito em favor da carne,⁶³⁵ com o que pretenderia “[...] superar toda eticidade, não só no sentido de usos e costumes, mas sim, toda aquela eticidade que é a validade do espírito, a dominação do espírito sobre a carne” (grifo do autor).⁶³⁶

Lucinde, conseqüentemente, representaria não apenas a negação do Cristianismo, senão uma síntese do projeto antropológico da modernidade. Neste sentido, se para Koselleck o projeto da modernidade se fundava em boa medida sobre a secularização da

⁶³² Cf. KIERKEGAARD, Søren. Om Begrebet Ironi. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 317-318; KIERKEGAARD, Søren. *O conceito de ironia constantemente referência a Sócrates*. Trad. A. Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. p. 244

⁶³³ KIERKEGAARD, Søren. Om Begrebet Ironi. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 321; KIERKEGAARD, Søren. *O conceito de ironia constantemente referência a Sócrates*. Trad. A. Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. p. 247

⁶³⁴ KIERKEGAARD, Søren. Om Begrebet Ironi. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 326; KIERKEGAARD, Søren. *O conceito de ironia constantemente referência a Sócrates*. Trad. A. Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. p. 251

⁶³⁵ Cf. KIERKEGAARD, Søren. Om Begrebet Ironi. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 324; KIERKEGAARD, Søren. *O conceito de ironia constantemente referência a Sócrates*. Trad. A. Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. p. 249

⁶³⁶ Cf. KIERKEGAARD, Søren. Om Begrebet Ironi. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 325; KIERKEGAARD, Søren. *O conceito de ironia constantemente referência a Sócrates*. Trad. A. Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. p. 251

escatologia cristã, através da qual o pensamento se tornava utópico, para Kierkegaard Schlegel e, conseqüentemente

[...] o romantismo [...] inventa[m] um continente desconhecido. E não apenas isto, mas o seu prazer é altamente refinado; pois ele [o romantismo] não se contenta apenas em gozar ingenuamente, mas ao mesmo tempo quer permanecer consciente do aniquilamento da eticidade dada; é como que o paroxismo do seu gozo sorrir daquela eticidade sob o jugo da qual os outros, como se crê, suspiram, e aí está o livre jogo da arbitrariedade irônica. Ao colocar o espírito, o Cristianismo pôs a discórdia entre a carne e o espírito, e, ou o espírito deve negar a carne, ou a carne negar o espírito. Esta última alternativa é a que o romantismo quer, e nisto é diferente do helenismo: porque no gozo da carne goza ao mesmo tempo a negação do espírito.⁶³⁷

Kierkegaard vê, assim, em *Lucinde* uma obra na qual a ruptura para com todo o mundo antigo, concebido em seu sentido mais amplo, estaria exposta de maneira paradigmática, dado que ali tudo ocorreria em mundo totalmente imanente, já sem a menor intimação de um tipo de experiência presente nas mais variadas sociedades tidas como tradicionais, senão ‘primitivas’, a saber, a experiência do sagrado ou do divino. Logo, Kierkegaard não concorda com ambos Schlegel e Schleiermacher, os quais viam em *Lucinde* uma obra de fundo religioso; pelo contrário, *Lucinde* representaria para Kierkegaard um desvio do verdadeiro conceito de eternidade, uma vez que no romance, de acordo com ele, “[...] a eternidade da qual ainda se fala bastante não é outra coisa senão o que se poderia chamar de o instante eterno do gozo [...]”,⁶³⁸ ou seja, o conceito de

⁶³⁷ KIERKEGAARD, Søren. Om Begrebet Ironi. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 323-324; KIERKEGAARD, Søren. *O conceito de ironia constantemente referência a Sócrates*. Trad. A. Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. p. 249-250

⁶³⁸ KIERKEGAARD, Søren. Om Begrebet Ironi. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads

transcendência tal qual presente em *Lucinde* representaria à perfeição o conceito moderno de temporalidade, baseado em uma noção totalmente imanente do momento enquanto categoria transcendental. Neste sentido, *Lucinde* seria uma obra paradigmática precisamente por expor o caráter hedonista, assim como desmesurado, da visão de mundo dos modernos. Diferentemente, pois, daquela *resignação* a partir da qual “[...] resulta a verdadeira infinitude interior [...]”,⁶³⁹ *Lucinde*, enquanto romance doutrinário incorreria na atitude contrária, a saber, aquela de “[...] deixar a fantasia reinar sozinha [...], [sendo isto] [...] algo que se repete em todo o *Lucinde*” (grifo do autor).⁶⁴⁰

Sendo esta, então, uma de suas teses principais, *Lucinde* seria consequentemente um romance *narcótico*, dado que, para Kierkegaard, “[q]uando a fantasia chega ao ponto de reinar sozinha, ela esgota e anestesia a alma, rouba[ndo]-lhe o vigor moral e transforma[ndo] a vida num sonho”.⁶⁴¹ De fato,

[...] é este [...] mergulhar na narcose estética que, propriamente, em todo *Lucinde*, aparece como uma caracterização do que seja *viver poeticamente*, e que, ao envolver o eu mais profundo em um estado de sonambulismo, proporciona ao eu arbitrário um espaço livre para sua auto-satisfação irônica (grifo do autor).⁶⁴²

Forlag, 1997. bd. 1, p. 333; KIERKEGAARD, Søren. *O conceito de ironia constantemente referência a Sócrates*. Trad. A. Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. p. 258

⁶³⁹ KIERKEGAARD, Søren. Om Begrebet Ironi. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 324; KIERKEGAARD, Søren. *O conceito de ironia constantemente referência a Sócrates*. Trad. A. Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. p. 250

⁶⁴⁰ KIERKEGAARD, Søren. Om Begrebet Ironi. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 326. Nota; KIERKEGAARD, Søren. *O conceito de ironia constantemente referência a Sócrates*. Trad. A. Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. p. 282, Nota 13.

⁶⁴¹ KIERKEGAARD, Søren. Om Begrebet Ironi. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 326. Nota; KIERKEGAARD, Søren. *O conceito de ironia constantemente referência a Sócrates*. Trad. A. Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. p. 282, Nota 13.

⁶⁴² KIERKEGAARD, Søren. Om Begrebet Ironi. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads

Por sua vez, tal “[...]” concepção da realidade como aquilo que deve ser aniquilado [...]”⁶⁴³ era também reconhecida por Kierkegaard a partir do âmbito da filosofia, no que comprovar-se-ia sua intuição mais fundamental do *desvio* da modernidade rumo ao negativo.⁶⁴⁴ Na dissertação, ele de fato desenvolve uma análise dos escritos de Solger, concebido como o “[...]” cavaleiro metafísico do negativo [...]”⁶⁴⁵, de acordo com a qual ele é interpretado como aquele que buscara, na senda de Fichte, produzir a absoluta identidade entre o finito e o infinito a partir de um início absoluto, isto é, livre de pressuposições,⁶⁴⁶ esforço este que nada mais revelaria senão que, para além de um estado de sonho panteístico para o qual sua obra apontava,⁶⁴⁷ “[o] negativo é a inquietude do pensamento [...]”.⁶⁴⁸

Curiosamente, porém, Kierkegaard também descreve este fenômeno a partir de um ponto de vista que poderia ser descrito como sócio-político, no que imputava a Schlegel essencialmente as mesmas críticas que Adorno lhe faria cerca de cem anos mais tarde. Assim, abordando mais especificamente a personagem Lisette no romance de Schlegel, Kierkegaard reconhece que

Forlag, 1997. bd. 1, p. 329-330; KIERKEGAARD, Søren. *O conceito de ironia constantemente referência a Sócrates*. Trad. A. Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. p. 255

⁶⁴³ KIERKEGAARD, Søren. Om Begrebet Ironi. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 351; KIERKEGAARD, Søren. *O conceito de ironia constantemente referência a Sócrates*. Trad. A. Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. p. 273

⁶⁴⁴ Cf. KIERKEGAARD, Søren. Om Begrebet Ironi. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 322; KIERKEGAARD, Søren. *O conceito de ironia constantemente referência a Sócrates*. Trad. A. Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. p. 248

⁶⁴⁵ KIERKEGAARD, Søren. Om Begrebet Ironi. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 341; KIERKEGAARD, Søren. *O conceito de ironia constantemente referência a Sócrates*. Trad. A. Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. p. 265

⁶⁴⁶ Cf. KIERKEGAARD, Søren. Om Begrebet Ironi. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 343; KIERKEGAARD, Søren. *O conceito de ironia constantemente referência a Sócrates*. Trad. A. Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. p. 266

⁶⁴⁷ Cf. KIERKEGAARD, Søren. Om Begrebet Ironi. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 345; KIERKEGAARD, Søren. *O conceito de ironia constantemente referência a Sócrates*. Trad. A. Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. p. 268

⁶⁴⁸ KIERKEGAARD, Søren. Om Begrebet Ironi. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 344; KIERKEGAARD, Søren. *O conceito de ironia constantemente referência a Sócrates*. Trad. A. Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. p. 266

[o] que aí predomina especialmente é o *ócio aristocrata*, que não está a fim de nada, não está a fim de trabalhar, e antes aborrece qualquer atividade feminina; não está a fim de ocupar o seu espírito. Mas deixa aos outros esta tarefa; uma ociosidade que devora e esgota todas as forças da alma em um *gozo efeminado*, e deixa a própria consciência evaporar-se em um crepúsculo repulsivo. Mas gozo isto tinha de ser, pois afinal de contas gozar é viver poeticamente (grifo do autor).⁶⁴⁹

Ora, ainda que tais críticas tenham sido formuladas na abordagem da personagem Lisette, a prostituta com quem Julius se ligara antes de encontrar Lucinde, elas valem para os outros personagens do romance, uma vez que todo ele se passa entre personagens aristocráticos, para os quais, conseqüentemente, o trabalho não era uma questão vital. Com efeito, como que antecipado as críticas que Adorno levantaria contra si próprio, Kierkegaard aborda o momento em que Lisette se senta em seu apartamento suntuoso, no que,

perdida para si mesma, é a *consciência exterior*, que os grandes espelhos produzem refletindo sua imagem de todos os lados, a única consciência que ela conservou.. É por isso também que ela costumava, ao falar de si mesma, chamar-se de Lisette, e frequentemente dizia que, se soubesse escrever, escreveria a sua história, *como se fosse a de uma outra pessoa*, e falava geralmente de si mesma de preferência na terceira pessoa (grifo do autor).⁶⁵⁰

⁶⁴⁹ KIERKEGAARD, Søren. Om Begrebet Ironi. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 328-329; KIERKEGAARD, Søren. *O conceito de ironia constantemente referência a Sócrates*. Trad. A. Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. p. 254

⁶⁵⁰ KIERKEGAARD, Søren. Om Begrebet Ironi. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 329; KIERKEGAARD, Søren. *O conceito de ironia constantemente referência a Sócrates*. Trad. A. Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. p. 254

A alienação de Lisette representava, assim, para Kierkegaard, uma concepção equivocada de, por assim dizer, liberdade poético-existencial. De fato, ampliando tais críticas, Kierkegaard, ao abordar desta vez a obra do romancista romântico Ludwig Tieck, explicita precisamente que o romantismo, tendo como base a ironia, vivenciaria a realidade em sonhos, no que ele então, tal qual um pensador materialista, adverte: “[m]as sonhos não enchem a barriga”.⁶⁵¹

Quanto a Tieck, mais especificamente, Kierkegaard pondera no sentido de que, ainda que não recaindo em um doutrinamento negativo tal qual fizera Schlegel em *Lucinde*, ele traía uma visão de mundo não menos negativa em suas obras, visão esta baseada na sua indiferença frente à realidade.⁶⁵² Nelas, mais especificamente, o livre jogar com a realidade adquiriria um tratamento mais onírico, sob o qual

[o]s animais falam como homens, os homens como os bichos, cadeiras e mesas tomam consciência de sua significação na existência, os homens sentem a existência como uma coisa sem significação, o nada se torna tudo e tudo se torna nada, tudo é possível, até o impossível, tudo rima com tudo, até o disparate, que com nada combina.⁶⁵³

⁶⁵¹ KIERKEGAARD, Søren. Om Begrebet Ironi. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 337; KIERKEGAARD, Søren. *O conceito de ironia constantemente referência a Sócrates*. Trad. A. Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. p. 261. Com efeito, Friedrich Engels (1820-1885) teria louvado em sua oração fúnebre o falecido colega Marx nos termos de que ele, Marx, descobrira um “[...] simples fato, até agora encoberto pelos estrangulamentos ideológicos, de que as pessoas precisam em primeiro lugar comer, beber, morar e se vestir, antes de poderem se dedicar à política, à ciência, à arte, à religião etc”. ENGELS apud OEHLER, Dolf. Quadros Parisienses (1830-1848): estética anti-burguesa em Baudelaire, Daumier e Heine. Trad. J. M. Macedo e S. Titan Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 66

⁶⁵² Cf. KIERKEGAARD, Søren. Om Begrebet Ironi. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 335; KIERKEGAARD, Søren. *O conceito de ironia constantemente referência a Sócrates*. Trad. A. Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. p. 259

⁶⁵³ KIERKEGAARD, Søren. Om Begrebet Ironi. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads

Desse modo, tal tipo de criação poética, compreendida em seu sentido mais amplo, pelo fato de estar fundamentada sobre uma relação equivocada para com a realidade, deixaria “[...] atrás de si [...] um *vazio*, no qual nada restou” (grifo do autor).⁶⁵⁴ Neste sentido, Kierkegaard reconhece que “[...] o poeta não pode dar repouso nem para si mesmo, nem para o leitor, pois repouso é justamente o contrário de um tal poetar”.⁶⁵⁵

O que isto quer dizer é que o poeta não tem como oferecer repouso ao seu leitor precisamente por causa do *desacordo* que existiria entre sua existência e sua obra,⁶⁵⁶ ou seja, Kierkegaard parte do pressuposto de que seria apenas a partir de uma existência bem fundamentada, isto é, constituída a partir de certos valores ou preceitos ético-religiosos, que a verdadeira poesia, esta espécie de “[...] vitória sobre o mundo [...]”,⁶⁵⁷ poderia ser desenvolvida. Retomando as análises acerca da constituição de si enquanto personalidade poética presentes em *Dos papéis de alguém ainda vivo*, Kierkegaard considera que “[...] o aniquilamento doloroso do poeta se torna uma condição para a criação poética [...], [no que ele acrescenta:] [...] [o poeta] só *vive poeticamente* quando ele mesmo está orientado e assim integrado no tempo em que vive, está positivamente livre na realidade à qual pertence” (grifo do autor).⁶⁵⁸ A poesia, pois, implica uma espécie de ascese, um morrer para o

Forlag, 1997. bd. 1, p. 335-336; KIERKEGAARD, Søren. *O conceito de ironia constantemente referência a Sócrates*. Trad. A. Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. p. 260

⁶⁵⁴ KIERKEGAARD, Søren. Om Begrebet Ironi. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 337; KIERKEGAARD, Søren. *O conceito de ironia constantemente referência a Sócrates*. Trad. A. Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. p. 262

⁶⁵⁵ KIERKEGAARD, Søren. Om Begrebet Ironi. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 338; KIERKEGAARD, Søren. *O conceito de ironia constantemente referência a Sócrates*. Trad. A. Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. p. 263

⁶⁵⁶ Cf. KIERKEGAARD, Søren. Om Begrebet Ironi. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 353; KIERKEGAARD, Søren. *O conceito de ironia constantemente referência a Sócrates*. Trad. A. Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. p. 276

⁶⁵⁷ KIERKEGAARD, Søren. Om Begrebet Ironi. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 330; KIERKEGAARD, Søren. *O conceito de ironia constantemente referência a Sócrates*. Trad. A. Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. p. 255

⁶⁵⁸ KIERKEGAARD, Søren. Om Begrebet Ironi. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 354; KIERKEGAARD, Søren. *O conceito de ironia constantemente referência a Sócrates*. Trad. A. Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. p. 277

mundo e, consequentemente, a conquista de si mesmo enquanto espírito transsubstancializado, enriquecido de espiritualidade.

Neste sentido, Kierkegaard vê na poesia uma *intimação* da verdadeira reconciliação, ou como ele mesmo diz, “[...] *a poesia é uma espécie de reconciliação, mas não é a verdadeira reconciliação* [...]” (grifo do autor).⁶⁵⁹ A verdadeira reconciliação viria, contudo, apenas através do cristianismo, o que implica dizer que existiriam duas concepções diferentes de *viver poético*, a saber, a irônica e a cristã. Em contraposição à primeira, Kierkegaard propõe então a outra, de acordo com a qual, mais fundamentalmente, “[...] viver não é a mesma coisa que sonhar”.⁶⁶⁰ Assim, haveria uma outra forma de relacionar-se com a realidade segundo a qual “[...] qualquer homem *pode viver poeticamente se o quiser em verdade*” (grifo do autor).⁶⁶¹ Esta concepção é, em suma, a do cristianismo, de acordo com a qual “[...] o [ser humano] só pode cumprir a sua determinação em se limitando [...]”,⁶⁶² o que implica o reconhecimento de algo superior que não apenas contrapor-se-ia à sua limitação, mas que, mais especialmente, daria *sentido* à tal limitação. Elaborando, assim, seu conceito de formação individual e, consequentemente, de viver poeticamente, Kierkegaard reconhece a diferença entre as duas concepções nas seguintes palavras:

[...] ‘viver poeticamente’ [é] entendido pela ironia como algo de diferente e algo mais do que aquilo que qualquer homem sensato que tenha algum respeito pelo valor humano e

⁶⁵⁹ KIERKEGAARD, Søren. Om Begrebet Ironi. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 330; KIERKEGAARD, Søren. *O conceito de ironia constantemente referência a Sócrates*. Trad. A. Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. p. 255

⁶⁶⁰ KIERKEGAARD, Søren. Om Begrebet Ironi. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 322; KIERKEGAARD, Søren. *O conceito de ironia constantemente referência a Sócrates*. Trad. A. Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. p. 248

⁶⁶¹ KIERKEGAARD, Søren. Om Begrebet Ironi. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 330; KIERKEGAARD, Søren. *O conceito de ironia constantemente referência a Sócrates*. Trad. A. Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. p. 255

⁶⁶² KIERKEGAARD, Søren. Om Begrebet Ironi. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 350; KIERKEGAARD, Søren. *O conceito de ironia constantemente referência a Sócrates*. Trad. A. Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. p. 273

alguma compreensão de sua originalidade entenderia com esta expressão. Ela *não* entend[e], com tal expressão, a seriedade artística que vem em auxílio do divino no homem, e silenciosa e calmamente fica à escuta da voz do que é característico numa individualidade, buscando surpreender seus movimentos, para então colocá-los à disposição do indivíduo, fazendo com que toda individualidade harmonicamente se desenvolva rumo a uma figura plástica completa em si mesma. Ela *não* entend[e] com isso o que vem à mente do cristão piedoso, quando ele toma consciência de que a vida é uma educação [*Opdragelse*], uma formação [*Dannelse*] que, bem entendido, não deve fazer dele algo de totalmente diferente [...], mas deve justamente desenvolver os germes que o próprio Deus plantou no homem, já que o cristão tem consciência de si mesmo como aquele que tem realidade diante de Deus. [...] Pois uma coisa é se criar (poeticamente) [*at digte sig selv*], e uma outra coisa é se deixar criar [*at lade sig digte*]. O cristão se deixa criar, e neste sentido um cristão bem simples vive muito mais poeticamente do que uma porção de cabeças talentosas.⁶⁶³

A existência humana, assim, é concebida por Kierkegaard como uma tarefa cuja finalidade, por um lado, seria a de dar a verdadeira e saudável forma poética ao indivíduo, enquanto que por outro, pelo fato mesmo de colocá-lo em uma relação equilibrada para com a realidade, seria a de reconhecer sua limitação, a qual, por sua vez, é compreendida como liberadora, dado que, como ele diz, somente “[...] o [ponto de vista] religioso [...] infinitiza a realidade para mim.”⁶⁶⁴ Logo, se por um lado, o real é considerado

⁶⁶³ KIERKEGAARD, Søren. Om Begrebet Ironi. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 316; KIERKEGAARD, Søren. *O conceito de ironia constantemente referência a Sócrates*. Trad. A. Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. p. 242

⁶⁶⁴ KIERKEGAARD, Søren. Om Begrebet Ironi. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads

constrangedor, por outro ele teria a qualidade de liberar ou de infinitizar, já que paradoxalmente forçaria o indivíduo a criar a partir de condições concretas ou constrangedoras; neste sentido, o pensamento de Kierkegaard se revela curiosamente *materialista*, uma vez que, de acordo com ele, caberia partir da realidade concreta na qual cada um está inserido para fazer desta mesma material digno de poesia, ou seja, de transcendência. Consequentemente, seria através deste processo de reconhecimento na existência de um fundamento transcendental para a mesma que o indivíduo tornar-se-ia “[...] lúcido e transparente a si mesmo, não em satisfação finita e egoística, mas sim em seu absoluto e eterno valor”.⁶⁶⁵

Para Kierkegaard, a ironia, não obstante, não perderia de todo o seu valor nesse processo, dado que ela possibilitaria precisamente uma espécie de vislumbre daquela *infinitização* característica do cristianismo. Em outras palavras, a ironia manteria seu aspecto positivo precisamente ao possibilitar um certo distanciamento poético em relação à realidade mais próxima de cada indivíduo. Neste sentido, Kierkegaard opera com uma distinção de grau: existiria, assim, uma concepção *desmesurada* de ironia, visível particularmente em *Lucinde* de Schlegel e, consequentemente, em toda a sua ‘escola’, enquanto que, por outro lado, existiria uma concepção *equilibrada* da mesma, concepção esta que é ao final da tese denominada de *ironia dominada*.⁶⁶⁶

E ainda que Kierkegaard não tenha desenvolvido seus argumentos como seria de se desejar na parte mais importante de sua dissertação,⁶⁶⁷ o recurso que ele ali utiliza em termos da cooptação de algumas figuras literárias compensa, até certa parte, tal falta de

Forlag, 1997. bd. 1, p. 331; KIERKEGAARD, Søren. *O conceito de ironia constantemente referência a Sócrates*. Trad. A. Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. p. 255

⁶⁶⁵ KIERKEGAARD, Søren. Om Begrebet Ironi. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 332; KIERKEGAARD, Søren. *O conceito de ironia constantemente referência a Sócrates*. Trad. A. Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. p. 257

⁶⁶⁶ Cf. KIERKEGAARD, Søren. Om Begrebet Ironi. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 352-357; KIERKEGAARD, Søren. *O conceito de ironia constantemente referência a Sócrates*. Trad. A. Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. p. 275-280

⁶⁶⁷ Pattison considera, mais especificamente, que “[i]nfelizmente, estas páginas finais são temivelmente condensadas e, isto deve ser dito, subdesenvolvidas [*under-argued*]” (tradução nossa). PATTISON, George. Beyond the grasp of irony. In: PERKINS, Robert (Org.). *International Kierkegaard commentary: the concept of irony*. Macon, Georgia: Mercer University Press, 2001. p. 363

argumentação. Pois ali, de fato, surge uma vez mais a figura de Goethe, o herói virtualmente inominado da tese, o qual não por acaso é apontado, ainda que de maneira extremamente elíptica, novamente como modelo literário, assim como Shakespeare. Este, com efeito, é muito rapidamente abordado, no que Kierkegaard reconhece que ele “[...] se relaciona ironicamente com sua poesia [...] precisamente [...] [ao] abrir espaço ao elemento objetivo”.⁶⁶⁸ Já Goethe é apontado como tendo atingido o equilíbrio ideal entre transcendência e realidade, isto em boa medida pelo fato de que, enquanto poeta-filósofo, ele teria alcançado uma “[...] concepção global do mundo [...]”.⁶⁶⁹ Mais especificamente, Kierkegaard reconhece que “[e]m Goethe, a ironia, então, era no sentido estrito um momento dominado, era um espírito a serviço do poeta”.⁶⁷⁰

Curiosamente, porém, outro nome invocado, ainda que não nestas páginas finais, é o de Hegel, singularmente interpretado como uma *barreira* à corrosão irônica; de fato, Kierkegaard faz questão de louvar seus méritos nos seguintes termos:

[...] jamais se poderá reconhecer suficientemente os grandes méritos de Hegel na compreensão do passado histórico. Ele não recusa o passado, mas sim o compreende, não despreza outros pontos de vista científicos, mas os ultrapassa. Com Hegel, portanto, fica posta uma *barreira* contra aquela interminável conversa fiada de que a história universal deve iniciar agora, como se ela devesse iniciar precisamente às quatro horas ou no mais tardar antes das cinco. Se um outro hegeliano deu uma arrancada histórica tão formidável que não

⁶⁶⁸ KIERKEGAARD, Søren. Om Begrebet Ironi. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 353; KIERKEGAARD, Søren. *O conceito de ironia constantemente referência a Sócrates*. Trad. A. Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. p. 275

⁶⁶⁹ KIERKEGAARD, Søren. Om Begrebet Ironi. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 353; KIERKEGAARD, Søren. *O conceito de ironia constantemente referência a Sócrates*. Trad. A. Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. p. 276

⁶⁷⁰ KIERKEGAARD, Søren. Om Begrebet Ironi. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 354; KIERKEGAARD, Søren. *O conceito de ironia constantemente referência a Sócrates*. Trad. A. Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. p. 276

consegue mais deter-se e numa corrida tremenda vai para os quintos do diabo, Hegel não tem nenhuma culpa disso [...].⁶⁷¹

Teoricamente, pois, a ironia dominada é concebida precisamente como barreira ao movimento do niilismo, ou seja, da própria ironia, exatamente pelo fato de que

[q]uando [...] a ironia acabou de ser dominada, ela executa um movimento que é o oposto daquele em que ela manifesta sua vida indomada. A ironia *limita, finitiza, restringe*, e com isso confere *verdade, realidade, conteúdo*; ela *disciplina e pune*, e com isso dá *sustentação e consistência*. A ironia é um disciplinador [...] (grifo do autor).⁶⁷²

Não obstante, tal movimento é dialético, dado que, como explicita Kierkegaard logo na sequência da passagem acima citada, a ironia seria também um “[...] banho de purificação, que salva a alma de ter sua vida na finitude [...]”.⁶⁷³ Portanto, a ironia dominada serviria tanto para constranger, quanto para liberar ou infinitizar. Neste sentido, ela é concebida como prenúncio da verdadeira espiritualidade, funcionando assim como “[...] o início absoluto da vida pessoal [...]”.⁶⁷⁴

⁶⁷¹ KIERKEGAARD, Søren. Om Begrebet Ironi. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 314-315; KIERKEGAARD, Søren. *O conceito de ironia constantemente referência a Sócrates*. Trad. A. Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. p. 241

⁶⁷² KIERKEGAARD, Søren. Om Begrebet Ironi. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 355; KIERKEGAARD, Søren. *O conceito de ironia constantemente referência a Sócrates*. Trad. A. Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. p. 277

⁶⁷³ KIERKEGAARD, Søren. Om Begrebet Ironi. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 355; KIERKEGAARD, Søren. *O conceito de ironia constantemente referência a Sócrates*. Trad. A. Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. p. 277

⁶⁷⁴ Cf. KIERKEGAARD, Søren. Om Begrebet Ironi. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 355; KIERKEGAARD, Søren. *O conceito de ironia constantemente referência a Sócrates*. Trad. A. Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. p. 277

Em suma, Kierkegaard parece conceber a *ironia dominada* como um ponto existencial intermediário entre, por um lado, a ética, dado que, como ele diz, “[...] ela ensina a realizar a realidade, a colocar a ênfase *adequada na realidade* [...]” (grifo do autor),⁶⁷⁵ e por outro, o cristianismo, uma vez que ela operaria como prenúncio da verdadeira espiritualidade. Pois, de fato, se “[...] o conteúdo da vida tem de ser um verdadeiro e significativo momento numa realidade mais alta, cuja plenitude atrai a alma [...]”,⁶⁷⁶ nada mais conveniente do que fundamentar de maneira ético-espiritual a crítica, através do que ela, teoricamente, encontrar-se-ia limitada. Já quanto ao fato desta tentativa desesperada de barrar a dinâmica da modernidade ter fracassado, isso me é indiferente; não obstante, o que vale ser ressaltado aqui é que Kierkegaard tinha como claríssima a importância simbólica da *desmesura* implícita no projeto da mesma, fato este que o eleva à categoria de um dos maiores críticos sociais do século XIX, o que, por sua vez, torna incontornável a frequência de suas obras por todos aqueles que se preocupem com a condição humana na modernidade.

⁶⁷⁵ KIERKEGAARD, Søren. Om Begrebet Ironi. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 356; KIERKEGAARD, Søren. *O conceito de ironia constantemente referência a Sócrates*. Trad. A. Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. p. 279

⁶⁷⁶ KIERKEGAARD, Søren. Om Begrebet Ironi. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 357; KIERKEGAARD, Søren. *O conceito de ironia constantemente referência a Sócrates*. Trad. A. Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. p. 279

5 CONCLUSÃO

À luz dos capítulos anteriores, espero ter esclarecido o problema mais fundamental a perpassar os escritos primeiros de Kierkegaard, a saber, a chegada da modernidade enquanto momento em que as sociedades, no caso a dinamarquesa da primeira metade do século XIX, passavam a se deixar requisitar pelo futuro. Assim, Kierkegaard surge enquanto intelectual precisamente no momento em que a sociedade dinamarquesa como um todo tomava para si o poder de organizar o próprio mundo à sua imagem e semelhança, atitude esta que de uma maneira ou de outra implicava o desligamento de suas bases sociais em relação ao passado. Em outros termos, tratava-se do momento em que o *movimento* passava a ser tomado como princípio tanto de organização quanto de autoexplicação social. Tal me parece ser, em suma, o pano de fundo em relação ao qual Kierkegaard estabeleceria sua produção como um todo.

De fato, foi visto no segundo capítulo que a obra de Kierkegaard tem seu efetivo início no que ele se inseriu em um vigoroso debate acerca do recente passado dinamarquês, a partir do qual seus contemporâneos progressistas imaginaram poder se livrar do passado para poderem enfim se voltar para o futuro. Isto, por sua vez, levou Kierkegaard a articular, ainda que não muito sistematicamente, é verdade, sua filosofia da história, então já avessa à noção de progresso e que serviria literalmente como a *fundação* mais profunda a partir da qual seria estruturada o restante de sua produção. É neste sentido, portanto, que se pode falar em uma *plataforma* para o restante de sua produção, e, como espero tê-lo demonstrado, tal plataforma se encontra já em seus escritos jornalísticos, particularmente aqueles produzidos a partir de 1835.

Neste sentido, espero ter mostrado o equívoco que ainda reside na interpretação secundária kierkegaardiana, a qual em boa medida parece não levar em consideração estes escritos pelo fato de serem considerados como escritos juvenis ou imaturos; o curioso, porém, é que tais juízos muitas vezes parecem ser irrefletidos uma vez que em muitos casos eles vêm acompanhados de uma despreocupação no sentido de se argumentar acerca dos motivos que fariam dessas obras escritos menores ou mesmo bagatelas. Em outras palavras, parece haver um

consenso equivocado acerca destes escritos, o que faz, portanto, com que eles não sejam investigados seriamente.

Não obstante tais juízos acredito ter mostrado o quanto o início da produção kierkegaardiana se estrutura a partir de uma fundação temporal baseada na dicotomia conceitual entre *antigos* e *modernos*, sobre a qual toda a sua produção posterior seria erigida. De fato, a estrutura mental mais profunda a partir da qual Kierkegaard compreendia a assunção da modernidade pode ser encontrada nas suas obras mais diversas, assim como nos momentos menos esperados, como se vê na passagem a ser agora citada, retirada do prefácio de *Temor e Tremor* [*Frygt og Bæven*], publicado em 1843:

[n]o nosso tempo [*vor Tid*] ninguém fica parado na fé, antes avança. Perguntar para onde se dirigem seria porventura uma temeridade; inversamente, é um claro sinal de boas maneiras e de boa-educação [*Dannelse*] que eu parta do princípio de que todos têm fé, pois caso contrário seria estranho dizer: avançar [*at gaae videre*]. Nesses dias antigos [*gamle Dage*] tudo era diferente, a fé era uma tarefa para a vida inteira, pois aceitava-se que a capacidade de acreditar não se adquiria nem em dias, nem em semanas. Quando o experimentado ancião [*Olding*] se aproximava do fim, tendo combatido o bom combate e guardado a fé, o seu coração mantinha a juventude necessária para não ter esquecido essa angústia e esse estremecimento que disciplinaram o jovem, angústia e sofrimento que sem dúvida dominaa já quando adulto, mas que homem algum ultrapassa todavia por inteiro – a menos que houvesse de conseguir avançar tão cedo quanto possível. O ponto alcançado por essas veneráveis figuras é o ponto de partida onde todos no nosso tempo partem para avançar.⁶⁷⁷

⁶⁷⁷ KIERKEGAARD, Søren. Frygt og Bæven. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 4, p. 102-103; KIERKEGAARD, Søren. *Temor e tremor*. Trad. E. M. de Sousa. Lisboa: Relógio d'Água, 2009. p. 51

Como visto, está claramente presente neste trecho a estrutura mental composta a partir da diferenciação de duas temporalidades ou de duas épocas distintas, a saber, a dos antigos e a dos modernos, assim como o princípio ontológico, senão o *deus* destes últimos, ou seja, o *progresso*, traduzido ali pelo verbo *avançar*. Neste sentido, o próprio fato de Kierkegaard nessa obra pôr-se a investigar o que seria a fé, e isto a partir de uma recuperação histórica, por assim dizer, do patriarca Abraão, também revela muito de seus pressupostos, os quais, como visto, se encontram de maneira algo mais explícita em seus escritos primeiros.

Não obstante, tais pressupostos viriam realmente à tona na obra que viria a ser o divisor de águas dentro da produção kierkegaardiana, a saber, a resenha literária publicada em 1846 de um romance da escritora Thomasine Gyllembourg que ganharia o título de *Uma recensão literária* [*En literair Anmeldelse*]. Com efeito, servindo-se uma vez mais de romances como plataforma a partir da qual discutir questões de ordem sócio-política, Kierkegaard ali se serve do romance publicado em 1845 pela *experimentada* escritora intitulado *Duas Épocas* [*To Tidsældre*], o qual abordava precisamente a passagem de uma época marcada pelo engajamento, pela seriedade, pela *paixão*, em uma palavra, época esta que a autora retrata como a da Revolução Francesa, para uma outra, já bem diferente, marcada pelo prosaísmo ou pelo que poderia ser descrito como ‘princípio de realidade *burguesa*’ e que a autora retrata como sendo sua época contemporânea.

Pois diante de um tal banquete ideal Kierkegaard percebeu claramente no romance contemporâneo dessa escritora todos os traços que acordavam tão bem com seu próprio pensamento. Mais do que isso, pelo fato mesmo de ter formado suas categorias em boa medida a partir das obras de tal escritora, Kierkegaard se deu conta, isto logo no início de 1846, de que poderia explicitar sua compreensão sócio-política a partir do referencial proposto por tal obra. Em outros termos, Kierkegaard, sentindo escrúpulos de *vomitar* neste momento, uma vez que se tratava daquilo que viria a ser chamado de ‘caso Corsário’, ou seja, do momento em que ele passava por um doloroso processo de exposição pública promovido pelo jornal de nome *Corsário*, o seu desgosto em relação à sua época contemporânea, eis que ele encontra como *subterfúgio* uma recensão literária, tal qual no início de produção, aliás, a partir da qual ele pudesse expor sua compreensão da democracia e, conseqüentemente, da modernidade como um todo.

De fato, este ultrapolêmico escrito tem início com um prefácio no qual Kierkegaard explicita que sua intenção original era a de ter sua resenha publicada em um jornal; não obstante, dado o tamanho final da recensão, esta teve de ser publicada separadamente sob o formato de um livro, no que ele então explicita que visava leitores não de jornais, mas “[...] criaturas racionais que se dão [o] tempo e [a] paciência de ler um pequeno livro”.⁶⁷⁸ Em outras palavras, a aceleração do tempo, tornada concreta pela passagem do livro ao jornal,⁶⁷⁹ é colocada como problema desde a primeira página da obra; as restantes, não obstante, não seriam menos polêmicas.

Pois, como dito, ali era questão de abordar criticamente a modernidade, ainda que, uma vez mais, o conceito propriamente dito não esteja lá presente. Não obstante, tanto a estrutura temporal a partir da qual a obra é erigida, quanto os conceitos de temporalidade desenvolvidos à luz dessa estrutura compensam a falta real do conceito, como se pode ver na seguinte passagem, na qual Kierkegaard diz que “[a] época atual [*Nutiden*, o presente] é essencialmente razoável, reflexiva, sem paixão, a qual irrompe superficialmente em entusiasmo, [o qual], ao relaxar, [se transforma] em astuta indolência”.⁶⁸⁰ Isto, como já dito, é deduzido da comparação com o ‘tempo revolucionário’ tal qual exposto no romance, o qual é descrito por Kierkegaard como apaixonado, prenhe de forma e de conteúdo, em suma, um tempo no qual ainda havia a ideia de *cultura* [*Dannelse*], sendo, conseqüentemente, uma época na qual ainda imperava uma concepção *aristocrática* de individualidade.⁶⁸¹

⁶⁷⁸ KIERKEGAARD, Søren. En litterair Anmeldelse. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 2004. bd. 8, p. 9

⁶⁷⁹ Tocqueville, pesquisando o ambiente intelectual no contexto da Revolução Francesa, notava precisamente que naquele momento não se falava absolutamente nada de jornais, não sendo questão senão de *livros*, o que para ele provava que não apenas o poder dos jornais era então desconhecido, mas que mais especificamente tal passagem de um meio de comunicação a outro decorria de “[...] uma grande revolução social e de uma grande revolução intelectual” (tradução nossa). TOCQUEVILLE, Alexis de. Esquisses de << L’Ancien Régime et la Révolution>>. In: TOCQUEVILLE, Alexis de. *Œuvres III*. Introduction par F. Furet et F. Mélonio. Textes présentés par F. Furet et F. Mélonio, établis et annotés par F. Mélonio. Paris: Gallimard, 2004. p. 421-422. (Bibliothèque de la Pléiade).

⁶⁸⁰ KIERKEGAARD, Søren. En litterair Anmeldelse. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 2004. bd. 8, p. 66

⁶⁸¹ Cf. KIERKEGAARD, Søren. En litterair Anmeldelse. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 2004. bd. 8, p. 59-61

Para além deste padrão recorrente mais profundo, senão propriamente dito *estrutural*, creio que vale a pena retomar alguns tópicos que foram abodados ao longo da tese e que seriam também *fundamentais* para a estruturação posterior da produção kierkegaardiana. Um deles, implícito nas passagens acima citadas, é precisamente a presença da *França* como modelo de desenvolvimento a partir do qual Kierkegaard analisaria a chegada da modernidade. Pois isto, tornado óbvio ao longo da tese, não o era para os intelectuais presentes na primeira metade do século XIX.⁶⁸² O que eu quero dizer com isto é que Kierkegaard tinha como possibilidade presente em seu contexto analisar tal processo a partir do modelo *inglês* de desenvolvimento, o qual ele, não obstante, praticamente não levou em consideração, isto provavelmente por causa do próprio distanciamento intelectual conscientemente promovido pela sociedade dinamarquesa como um todo após o bombardeio da cidade de Copenhague pelas tropas inglesas no contexto das guerras napoleônicas, entre outros motivos. Isto, por sua vez, faria com que suas análises privilegiassem, pois, os aspectos sócio-políticos, ainda que não necessariamente expressos nesses termos, assim como culturais, em detrimento dos aspectos propriamente ditos *econômicos* presentes no processo de modernização tais quais trabalhados particularmente por Marx, o qual não por acaso se encontrava na Inglaterra nos anos em que produziu a obra de título *O capital*. Daí, portanto, a distância entre seus tipos de análise em relação ao desenvolvimento da modernidade.

Um outro tópico importante, decorrente desta escolha metodológica mencionada acima, diz respeito à compreensão kierkegaardiana da dialética entre crítica e crise, ou seja, Kierkegaard tinha uma consciência muito clara da dinâmica estabelecida a partir do criticismo tal qual praticado pelos iluministas, consciência esta que ele algo enganadoramente, quero dizer, *socraticamente* desenvolvia sob a roupagem da questão da fé, que lhe era muito importante. Em outras palavras, Kierkegaard deu preferência a um tipo de análise através da qual ele discutia os excessos do racionalismo a partir de uma visão teológica, a qual, não obstante, tinha como fundamento uma compreensão deveras aguda dos aspectos mais sócio-políticos, assim

⁶⁸² Cf. KAHAN, Alan S. *Aristocratic liberalism: the social and political thought of Jacob Burckhardt, John Stuart Mill, and Alexis de Tocqueville*. New Brunswick, NJ: Transaction Publishers, 2001. p. 11-12

como culturais, implícitos no processo de racionalização ou de modernização.

É neste sentido, pois, que um leitor (ou leitora) desavisado(a) pode não se dar conta, por exemplo, da alçada de um discurso edificante que tem como proposta o elogio da *paciência*.⁶⁸³ De fato, nada diria, exteriormente, que se trata de uma verdadeira *pesquisa* acerca dos fundamentos da modernidade transformada ou aplicada em termos de uma obra singela, curta, escrita em linguajar acessível, sem notas de rodapé ou citações, em suma, uma obra despresticiosa, a qual, não obstante, traz em seu cerne uma boa dose de pretensão intelectual uma vez que para Kierkegaard era questão da promoção de valores *alternativos* aos da modernidade. E isto vale para o restante de sua produção. No que se pode dizer, portanto, que em termos da produção kierkegaardiana, ela, a modernidade, está lá, implícita, pressuposta, *camuflada* e isto o tempo todo, ou seja, do início ao fim, o que faz, por sua vez, com ela não esteja *aparentemente* lá. Em outras palavras: o conceito lhe falta, mas o *fenômeno* está lá.

Consequentemente, vale explicitar que Kierkegaard logrou articular uma consciência da chegada da modernidade precisamente enquanto *civilização da desmesura* (no sentido mesmo da *hybris*). Assim, a partir da consciência da articulação promovida entre *crítica* e *juventude*, Kierkegaard foi levado a meditar sobre o aparecimento de uma geração tomada pelo *niilismo*. Pois é precisamente este o problema que se encontra em seus primeiros dois livros publicados e que os torna, portanto, incontornáveis no que diz respeito a uma abordagem crítica desse fenômeno.

Vale também, antes de finalizar, explicitar que Kierkegaard, por mais que ele tenha estruturado sua obra a partir daquele binômio conceitual entre *antigos* e *modernos* e, mais do que isso, por mais que ele mesmo pareça ter tido um pendor declarado pelos antigos, como visto em inúmeras passagens, isto, por sua vez, não significa que ele tenha sido pura e simplesmente um partidário dos antigos ou, como seria dito em termos mais políticos, um conservador ou mesmo um reacionário; pelo contrário, Kierkegaard, como bom filho de seu tempo, ou seja, como *moderno* conseguia acomodar traços conservadores com outros mais progressistas dentro de seu pensamento, o que significa, por

⁶⁸³ Cf. KIERKEGAARD, Søren. At ehrverve sin Sjæl i Taalmodighed. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1998. bd. 5, p. 159-174

sua vez, que havia uma *tensão* a perpassar a sua produção e a qual seria resolvida – se é que se pode empregar tal palavra – através de seu ataque praticamente niilista, em termos de sua fúria, à Igreja estabelecida no período final de sua vida. Em outras palavras: se por um lado Kierkegaard privilegiava valores mais tradicionais como a fé e a noção de limitação do ser humano, por outro ele articulava tais valores a partir de uma posição radicalmente individualista, no que ele se mostrava tão filho da Revolução Francesa e, neste sentido, da *modernidade*, quanto os críticos liberais que ele mesmo visava combater.

O que me leva, por fim, a fazer o elogio deste pensador *bizarro* que, mui socraticamente, não gostava de explicitar seus pressupostos. Pois por mais que se aproxime a chegada da data comemorativa do bicentenário de seu nascimento no ano de 2013, Kierkegaard permanece, particularmente no Brasil, um ilustre desconhecido. E por mais tortuosa que seja sua abordagem da modernidade, o fato incontornável é que Kierkegaard foi um dos maiores pensadores, ou mesmo *filósofos*, a discutirem esse objeto enigmático, fascinante e complexo que é o *nosso* mundo, o *nosso* tipo de sociedade, o que faz, consequentemente, com que a frequência de suas obras compense em muito o esforço que se tem, e este de fato não é exatamente pequeno, em termos de sua leitura. Neste sentido, eu espero que a presente tese tenha alguma influência, por menor que seja, em termos da reversão ou da mudança do panorama no qual se encontram os estudos acerca de Kierkegaard, este *nosso contemporâneo*, no Brasil.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. *Kierkegaard: construção do estético*. Tradução de Alvaro Valls. São Paulo: UNESP, 2010.

ALBOUY, Pierre Hernani. Notice et notes. In: HUGO, Victor. *Œuvres Poétiques I*. Édition établie et annoté par P. Albouy. Paris: Gallimard, 1964. p. 1760-1769

ALLEN, Julie K. Orla Lehmann: Kierkegaard's Political Alter-Ego?. In: STEWART, Jon (Org.). *Kierkegaard and his Danish contemporaries: Philosophy, Politics and Social Theory*. Farnham: Ashgate, 2009. t. 1, p. 85-100

AMBRIÈRE, Madeleine. Littérature et société sous la monarchie de Juillet. In: AMBRIÈRE, Madeleine (Org.). *Précis de littérature française du XIXe siècle*. Paris: PUF, 1990. p. 129-160

_____. (Org.). *Précis de littérature française du XIXe siècle*. Paris: PUF, 1990a.

ANDERSEN, Hans Christian. Biographie (1805-1831). In: ANDERSEN, Hans Christian. *Œuvres II*. Textes traduits, présentés et annotés par R. Boyer. Paris: Gallimard, 1995. p. 1-131 (Bibliothèque de la Pléiade)

_____. Rien qu'un violoneux. In: ANDERSEN, Hans Christian. *Œuvres II*. Textes traduits, présentés et annotés par R. Boyer. Paris: Gallimard, 1995a. p. 447-724 (Bibliothèque de la Pléiade)

ANTOINE, Agnès. *L'impensé de la démocratie: Tocqueville, la citoyenneté et la religion*. Paris: Fayard, 2003.

ARENDT, Hannah. Berlin Salon. In: ARENDT, Hannah. *Essays in understanding: 1930-1954*. J. Kohn. New York: Schocken Books, 2005. p. 57-65

_____. What is authority. In: ARENDT, Hannah. *Between past and future: eight exercises in political thought*. New York: Penguin Books, 2006. p. 91-141

ARMOGATHE, Jean-Robert. Une ancienne querelle. In: ARMOGATHE, Jean-Robert. *La querelle des anciens et des modernes*. In: LECOQ, Anne-Marie (Éd.). *La querelle des anciens et des modernes*. Paris: Gallimard, 2001. p. 801-849

BACON, Francis. *O progresso do conhecimento*. Tradução de R. Fiker. São Paulo: UNESP, 2007.

BALZAC, Honoré de. Avant-propos. In: BALZAC, Honoré de. *La Comédie Humaine I: études de mœurs: scènes de la vie privée*. Édition publié sous la direction de P.-G. Castex. Paris: Gallimard, 1976. p. 7-20 (Bibliothèque de la Pléiade)

_____. Illusions perdues. In: BALZAC, Honoré de. *La Comédie humaine V: études de mœurs: Scènes de la vie de province, scènes de la vie parisienne*. Édition publié sous la direction de P.-G. Castex. Paris: Gallimard, 1977. p. 3-732. (Bibliothèque de la Pléiade).

_____. Article destiné à la 'Revue de Paris', Le monde comme il est par le marquis de Custine. In: BALZAC, Honoré de. *Œuvres Diverses II*. Édition publié, sous la direction de P.-G. Castex, par R. Chollet et al. Paris: Gallimard, 1996. p. 1199-1202 (Bibliothèque de la Pléiade)

BARBERIS, Pierre. *Chateaubriand: une réaction au monde moderne*. Paris: Larousse, 1972.

BAUDELAIRE, Charles. Les fleurs du mal. In: BAUDELAIRE, Charles. *Œuvres complètes I*. Texte établi, présenté et annoté par C. Pichois. Paris: Gallimard, 1975. p. 3-134 (Bibliothèque de la Pléiade)

_____. Marginalia [Articles de Veuillot et de Barbey d'Aurevilly, Le Réveil, 15 mai 1858]. In: BAUDELAIRE, Charles. *Œuvres complètes II*. Texte établi, présenté et annoté par C. Pichois. Paris: Gallimard, 1976. p. 338-342

_____. Le peintre de la vie moderne. In: BAUDELAIRE, Charles. *Œuvres Complètes II*. Texte établi, présenté et annoté par C. Pichois. Paris: Gallimard, 1976a. p. 683-724 (Bibliothèque de la Pléiade)

_____. Quelques caricaturistes français. In: BAUDELAIRE, Charles. *Œuvres complètes II*. Texte établi, présenté et annoté par C. Pichois. Paris: Gallimard, 1976b. p. 549-550 (Bibliothèque de la Pléiade)

_____. Réflexions sur quelques-uns de mes contemporains: Pétrus Borel. In: BAUDELAIRE, Charles. *Œuvres complètes II*. Texte établi, présenté et annoté par C. Pichois. Paris: Gallimard, 1976c. p. 153-155

_____. Théophile Gautier [I]. In: BAUDELAIRE, Charles. *Œuvres complètes II*. Texte établi, présenté et annoté par C. Pichois. Paris: Gallimard, 1976d. p. 103-128

_____. *Correspondance*. Choix et présentation de C. Pichois et J. Thélot. Paris: Gallimard, 2000.

BÉNICHOU, Paul. *Romantismes français*. Paris: Gallimard, 1996. 2 v.

BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Editores R. Tiedermann e W. Bolle. Trad. do alemão I. Aron; Trad. do francês C. P.B. Mourão. Belo Horizonte: UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007.

BENTHAM, Jeremy. *A fragment on government*. J.H. Burns, H.L.A. Hart. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

BERLIN, Isaiah. *The roots of Romanticism*. H. Hardy. Princeton: Princeton University Press, 1999.

_____. *Political ideas in the romantic age: their rise and influence on modern thought*. Princeton: Princeton University Press, 2006.

BERMAN, Marshall. *Tudo o que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. Tradução de Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioratti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BERTHIER, Patrick. Le thème du ‘grand homme de province à Paris’ dans la presse parisienne au lendemain de 1830. In: COLLOQUE DE LA SORBONNE, 2003, Paris. *Illusions perdues*. Ed. J.-L. Diaz et A. Guyaux. Paris: Presses de l’Université de Paris-Sorbonne, 2004. p. 25-50

BOURDIEU, Pierre. *Les règles de l’art: genèse et structure du champ littéraire*. Paris: Seuil, 1992.

BOYER, Regis. Biographie. Notice. In: ANDERSEN, Hans Christian. *Œuvres II*. Textes traduits, présentés et annotés par R. Boyer. Paris: Gallimard, 1995. p. 1301-1307 (Bibliothèque de la Pléiade)

BÜCHNER, Georg. Der Hessische Landbote. In: BÜCHNER, Georg. *Schriften, Briefe, Documente*. Hg. von H. Poschmann. Frankfurt am Main: Deutscher Klassiker, 2006. p. 53-66

BUKDAHL, Jørgen. *Søren Kierkegaard and The Common Man*. Grand Rapids, Michigan: Eerdmans Publishing, 2001.

BURKE, Edmund. *Reflections on the revolution in France*. Ed. by J.C.D Clark. Stanford, CA: Stanford Univeristy Press, 2001.

CARLYLE, Thomas. *Sartor Resartus: the life and opinions of Herr Teufelsdröckh in three books*. Roger Tarr. Berkeley: University of California Press, 2000.

CARLYLE, Thomas. Signs of the times. In: CARLYLE, Thomas. *Scottish and other miscellanies*. London: Everyman’s Library, 1964. p. 223-245.

CASSIRER, Ernst. Goethes Idee der Bildung und Erziehung. In: CASSIRER, Ernst. *Gesammelte Werke*. Herausgegeben von B. Recki. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft; Hamburg: Felix Meiner, 2004. bd. 18, p. 127-148

CHARTIER, Roger. A esfera pública e a opinião pública. In: CHARTIER, Roger. *Origens culturais da Revolução Francesa*. Tradução de G. Schlesinger. São Paulo: UNESP, 2009. p. 49-72

CHATEAUBRIAND, François-René de. Essai sur les revolutions. In: CHATEAUBRIAND, François-René de. *Essai sur les révolutions. Génie du christianisme*. Texte établi, présenté et annoté par Maurice Regard. Paris: Gallimard, 1978. p. 1-455 (Bibliothèque de la Pléiade)

COLLINGHAM, H. A. C. *The July monarchy: a political history of France, 1830-1848*. London: Longman, 1988.

CONSTANT, Benjamin. Journaux intimes. In: CONSTANT, Benjamin. *Œuvres*. Texte présenté et annoté par A. Roulin. Paris: Gallimard, 1957. p. 223-823 (Bibliothèque de la Pléiade)

_____. Mélanges de littérature et de politique. In: CONSTANT, Benjamin. *Écrits politiques*. Textes choisis, présentés et annotés par M. Gauchet. Paris: Gallimard, 1997. p. 835-931

_____. De la liberté des Anciens comparée à celle des Modernes. Discours prononcé à l'Athénée Royal de Paris en 1819. In: CONSTANT, Benjamin. *Écrits politiques*. M. Gauchet. Paris: Gallimard, 1997. p. 589-619

CRAGNOLINI, Mónica B. *Nietzsche, Camino y Demora*. Buenos Aires: Editorial Biblos, 2003.

CROUZET, Michel. Introduction. In: STENDHAL. *Le rouge et le noir*. M. Crouzet. Paris: Le livre de poche, 1997. p. i-xliii

De DIJN, Annelien. *French political thought from Montesquieu to Tocqueville: liberty in a levelled society?* Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

DeJEAN, Joan. *Antigos contra modernos: as guerras culturais e a construção de um fin de siècle*. Trad. Zaida Maldonado. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

DIDEROT, Denis. Ceci n'est pas un conte. In: DIDEROT, Denis. *Œuvres*. Édition établie et annotée par A. Billy. Paris: Gallimard, 1951. p. 753-772 (Bibliothèque de la Pléiade)

DOSTOÏÉVSKI, Feódor. Quelques mots sur George Sand. In: DOSTOÏÉVSKI, Feódor. *Journal d'un écrivain*. Textes traduites, présentés et annotés par G. Aucouturier. Paris: Gallimard, 1972. p. 566-574 (Bibliothèque de la Pléiade)

_____. *Os demônios*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2004.

_____. *O idiota*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2004a.

ELIOT, T.S. The Hollow Men = Os Homens Ocos. In: ELIOT, T.S. *Poesia*. Tradução de I. Junqueira. São Paulo: Arx, 2004. p. 175-183

ELROD, John. *Kierkegaard and Christendom*. Princeton: Princeton University Press, 1981.

_____. The modernization of Denmark. In: ELROD, John. *Kierkegaard and Christendom*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1981a. p. 3-46.

FENGER, Henning. *Kierkegaard, the myths and their origins*. Tradução de G.C. Schoolfield. New Haven: Yale University Press, 1980.

FENGER, Henning. *The Heibergs*. Trad. F.J. Marker. New York: Twayne Publishers, 1971.

FENVES, Peter. *Chatter: language and history in Kierkegaard*. Stanford, CA: Stanford University Press, 1993.

FEUERBACH, Ludwig. Notwendigkeit einer Reform der Philosophie. In: FEUERBACH, Ludwig. *Anthropologischer Materialismus. Ausgewählte Schriften I*. Herausgegeben von A. Schmidt. Frankfurt am Main: Europäische Verlagsanstalt, 1967. p. 75-81

FICHTE, Johann G. Die Bestimmung des Menschen. In: FICHTE, Johann G. *Schriften zur Wissenschaftslehre: Werke I*. Herausgegeben von W. G. Jacobs. Frankfurt am Main: Deutscher Klassiker, 1997. p. 219-375

FIRCHOW, Peter. Introduction. In: SCHLEGEL, Friedrich. *Friedrich Schlegel's Lucinde and the Fragments*. Translated with an introduction by P. Firchow. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1971. p. 3-39

FUMAROLI, Marc. Les abeilles et les araignées. In: LECOQ, Anne-Marie (Éd.). *La querelle des anciens et des modernes*. Paris: Gallimard, 2001. p. 7-220

GARFF, Joakim. *Søren Kierkegaard: a biography*. Translated by B. Kirmmse. Princeton: Princeton University Press, 2005.

_____. Andersen, Kierkegaard – and the Deconstructed Bildungsroman. In: CAPPELØRN, Niels J.; DEUSER, H.; SÖDERQUIST, K. B. (Ed.). *Kierkegaard Studies Yearbook 2006*. Berlin: Walter de Gruyter, 2006. p. 83-99

GAUCHET, Marcel. *Le désenchantement du monde: une histoire politique de la religion*. Paris: Gallimard, 1985.

_____. Fin de la religion?. In: GAUCHET, Marcel. *La démocratie contre elle-même*. Paris: Gallimard, 2002. p. 27-66

_____. Croyances religieuses, croyances politiques. In: GAUCHET, Marcel. *La démocratie contre elle-même*. Paris: Gallimard, 2002a. p. 91-108

_____. Politique et société: la leçon des sauvages. In: GAUCHET, Marcel. *La condition politique*. Paris: Gallimard, 2005. p. 91-180

_____. La dette du sens et les racines de l'État. In: GAUCHET, Marcel. *La condition politique*. Paris: Gallimard, 2005a. p. 45-89

_____. La fondation en droit et l'invention de l'individu. In: GAUCHET, Marcel. *L'avènement de la démocratie I*. Paris: Gallimard, 2007. p. 77-114

_____. *L'avènement de la démocratie I: la révolution moderne*. Paris: Gallimard, 2007a.

_____. Le surgissement de l'État et l'éloignement du divin. In: GAUCHET, Marcel. *L'avènement de la démocratie I: la révolution moderne*. Paris: Gallimard, 2007b. p. 59-75

GAUTIER, Théophile. *Mademoiselle de Maupin*. Paris: Gallimard, 1973.

_____. Les Jeunes-France. Romans goguenards. In: GAUTIER, Théophile. *Romans, contes et nouvelles I*. Édition établie sous la direction de P. Laubriet. Paris: Gallimard, 2002. p. 11-178. (Bibliothèque de la Pléiade).

GENGEMBRE, Gerard; GOLDZINK, Jean. Introduction. In: STAËL-HOLSTEIN, Germaine de. *De la littérature*. Paris: Flammarion, 1991.

GENGEMBRE, Gerard. *Balzac: Le Napoléon des lettres*. Paris: Gallimard, 1992.

GIACOIA JÚNIOR, Oswaldo. A crise da cultura como escalada do niilismo (De onde procede o mais sinistro dos hóspedes?). In: GIACOIA JÚNIOR, Oswaldo. *Labirintos da alma: Nietzsche e a auto-supressão da moral*. Campinas: UNICAMP, 1997. p. 19-46

GILLESPIE, Michael Allan. *Nihilism before Nietzsche*. Chicago: University of Chicago Press, 1996.

GOETHE, Johann W. von. Confissões de uma bela alma. In: GOETHE, Johann W. von. *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*. Trad. N.S. Neto. São Paulo: Ed. 34, 2009. p. 347-404

GUTZKOW, Karl. Fragen der Moral. In: HERMAND, Jost (Hrsg.). *Das Junge Deutschland: Texte und Documente*. Stuttgart: Phillip Reclam, 1966. p. 177-178

_____. Die Julirevolution. In: HERMAND, Jost (Hrsg.). *Das Junge Deutschland: Texte und Documente*. Stuttgart: Phillip Reclam, 1966a. p. 12-14

_____. [Goethe als Dichter der Häuslichkeit]. In: GUTZKOW, Karl. *Liberale Energie: Eine Sammlung seiner kritischen Schriften*. Hg. von P. Demetz. Frankfurt am Main: Ullstein Buch, 1974. p. 88-91

_____. [Notiz über Balzac]. In: GUTZKOW, Karl. *Liberale Energie: Eine Sammlung seiner kritischen Schriften*. Hg. von P. Demetz. Frankfurt am Main: Ullstein Buch, 1974a. p. 205-206

HABERMAS, Jürgen. O conceito hegeliano de modernidade. In: HABERMAS, Jürgen. *O discurso filosófico da modernidade*. Tradução de A. M. Bernardo et al. Lisboa: Dom Quixote, 1990. p. 33-51.

_____. *O discurso filosófico da modernidade*. Tradução de A. M. Bernardo et al. Lisboa: Dom Quixote, 1990a.

HAGE, Johannes. Om Flyvepostens Polemik. In: PETERSEN, Teddy. *Kierkegaards polemiske debut*. Odense: Odense Universitetsforlag, 1977. p. 73-78

_____. On the polemic of the *Flyvende Post*. In: KIERKEGAARD, Søren. *Early polemical writings*. Edited and translated by J. Watkin. Princeton: Princeton University Press, 1990. p. 142-148

HANNAY, Alastair. *Kierkegaard*. London: Routledge, 1982.

_____. *Kierkegaard: a biography*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

HANSEN, Søren Gorm. *H.C. Andersen og Søren Kierkegaard i dannelseskulturen*. København: Medusa, 1976.

HARTOG, François. O confronto com os antigos. In: HARTOG, François. *Os antigos, o passado e o presente*. Organização de J. O. Guimarães. Trad. S. Lacerda et al. Brasília: Universidade de Brasília, 2003. p. 115-154

HAZLITT, William. *The spirit of the age or contemporary portraits*. Ed. by E. D. Mackerness. London: Collins Publishers, 1969.

HEGEL, Georg W.F. *Phänomenologie des Geistes*. Hrg. von W. Bonsiepen und R. Heede. Hamburg: Felix Meiner, 1980.

_____. *Filosofia da História*. Tradução de M. Rodrigues e H. Harden. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.

_____. *Fenomenologia do espírito*. Tradução de P. Meneses et. al. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista: USF, 2002.

HEIBERG, Johan L. *Heiberg's on the significance of philosophy for the present age and other texts*. Edited and translated by J. Stewart. Copenhagen: C.A. Reitzel's, 2005.

HEINE, Heinrich. Ludwig Börne, Eine Denkschrift. In: HEINE, Heinrich. *Sämtliche Schriften*. Hg. von K. Briegleb. München: Deutscher Taschenbuch, 2005. bd. 4, p. 7-148

_____. Die Romantische Schule. In: HEINE, Heinrich. *Sämtliche Schriften*. Hg. von K. Briegleb. München: Deutscher Taschenbuch, 2005a. bd. 3, p. 359-504

_____. Über Frankreich. In: HEINE, Heinrich. *Sämtliche Schriften*. Hg. von K. Briegleb. München: Deutscher Taschenbuch, 2005b. bd. 3, p. 27-354

_____. Vorrede zu Salon I. In: HEINE, Heinrich. *Sämtliche Schriften*. Hrg. von K. Briegleb. München: DTV, 2005c. bd. 3, p. 9-17

HERDER, Johann G. *Ideen zur Philosophie der Geschichte der Menschheit*. Hrg. von M. Bollacher. Frankfurt am Main: Deutscher Klassiker, 1989. (Originalmente publicado entre 1784-1791)

_____. *Briefe zur Beförderung der Humanität*. Hrg. von H. D. Irmischer. Frankfurt am Main: Deutscher Klassiker, 1991.

HERMAND, Jost. Nachwort. In: HERMAND, Jost (Hrsg.). *Das Junge Deutschland: Texte und Documente*. Stuttgart: Phillip Reclam, 1966. p. 369-391

HESSE, Carla. Transformações econômicas na edição. In: DARNTON, Robert; ROCHE, Daniel (Org.). *A revolução impressa: a imprensa na França, 1775-1800*. Tradução de M.M. Jordan. São Paulo: Edusp, 1996. p. 99-134

HOBSBAWM, Eric. *A era das revoluções: Europa 1789-1848*. Tradução de Maria Tereza Lopes Teixeira e Marcos Penchel. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

HOFFMEISTER, Gerhart. Reception in Germany and abroad. In: SHARPE, Lesley (Ed.). *The Cambridge companion to Goethe*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002. p. 233-255

HÖHN, Gerhard. Der Zeitschriftsteller. In: HÖHN, Gerhard. *Heine Handbuch: Zeit – Person – Werk*. Stuttgart: J.B. Metzler, 2004. p. 2-5

HUGO, Victor. Hernani. In: HUGO, Victor. *Théâtre Complet I*. Préface par R. Purnal, notices et notes par J.-J. Thierry et J. Méléze. Paris: Gallimard, 1963. p. 1147-1319 (Bibliothèque de la Pléiade)

_____. Odes et Ballades. In: HUGO, Victor. *Œuvres Poétiques I*. Préface par G. Picon; Édition établie et annoté par P. Albouy. Paris: Gallimard, 1964. p. 265-574 (Bibliothèque de la Pléiade)

JAUME, Lucien. *L'individu effacé ou le paradoxe du libéralisme français*. Paris: Fayard, 1997.

_____. *Tocqueville. Les sources aristocratiques de la liberté*. Paris: Fayard, 2008.

KAHAN, Alan S. *Aristocratic liberalism: the social and political thought of Jacob Burkhardt, John Stuart Mill, and Alexis de Tocqueville*. New Brunswick, NJ: Transaction Publishers, 2001.

KANT, Immanuel. Grundlegung zur Metaphysik der Sitten. In: KANT, Immanuel. *Kritik der praktischen Vernunft: Grundlegung zur Metaphysik der Sitten*. Herausgegeben von W. Weischedel. Frankfurt am Main: Surkhamp, 1974. p. 7-102

KASSEBEER, Søren. Geniet i svøb. *Berlignske Tidende*, København, p. 3, 16, nov./2000.

KIERKEGAARD, Søren. Synspunktet for min Forfatter-Virksomhed. In: KIERKEGAARD, Søren. *Samlede Værker*. Udgivet af A.B. Drachmann et. al. København: Gyldendal, 1964. p. 79-169

_____. Vor Journal-Litteratur. Studium efter Naturen i Middagsbelysning. In: PETERSEN, Teddy. *Kierkegaards polemiske debut*. Odense: Odense Universitetsforlag, 1977. p. 38-53

_____. Kjøbenhavnspostens Morgenbetragtninger i Nr. 43. In: PETERSEN, Teddy. *Kierkegaards polemiske debut*. Odense: Odense Universitetsforlag, 1977a. p. 66-71

_____. Ogsaa et Forsvar for Qvindens høie Anlæg. In: PETERSEN, Teddy. *Kierkegaards polemiske debut*. Odense: Odense Universitetsforlag, 1977b. p. 17-19

_____. Om Fædrelandets Polemik. In: PETERSEN, Teddy. *Kierkegaards polemiske debut*. Odense: Odense Universitetsforlag, 1977c. p. 78-88

_____. Til Hr. Orla Lehmann. In: PETERSEN, Teddy. *Kierkegaards polemiske debut*. Odense: Odense Universitetsforlag, 1977d. p. 94-102

_____. To Mr. Orla Lehmann. In: KIERKEGAARD, Søren. *Early polemical writings*. Edited and translated by J. Watkin. Princeton: Princeton University Press, 1990. p. 24-34

_____. The morning observations in Kjøbenhavnspostens No. 43. In: KIERKEGAARD, Søren. *Early polemical writings*. Edited and translated by J. Watkin. Princeton: Princeton University Press, 1990a. p. 6-11

_____. On the polemic of Fædrelandet. In: KIERKEGAARD, Søren. *Early polemical writings*. Edited and translated by J. Watkin. Princeton: Princeton University Press, 1990b. p. 12-23

_____. Our journalistic literature. In: KIERKEGAARD, Søren. *Early Polemical Writings*. Edited and translated by J. Watkin. Princeton: Princeton University Press, 1990c. p. 35-52

_____. Our latest journalistic literature. In: KIERKEGAARD, Søren. *Early Polemical Writings*. Edited and translated by J. Watkin. Princeton: Princeton University Press, 1990d. p. 189-199

_____. Another defense of woman's great abilities. In: KIERKEGAARD, Søren. *Early polemical writings*. Edited and translated by J. Watkin. Princeton: Princeton University Press, 1990e. p. 3-5.

_____. *O conceito de ironia constantemente referência a Sócrates*. Trad. A. Valls. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 1991.

_____. Om Begrebet Ironi. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 61-357

_____. Af en endnu levendes Papirer. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997a. bd. 1, p. 9-57

_____. Frygt og Bæven. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997b. bd. 4, p. 99-210

_____. At ehrrerve sin Sjæl i Taalmodighed. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1998. bd. 5, p. 159-174

_____. The point of view for my work as an author. In: KIERKEGAARD, Søren. *The Point of View*. Translation. H. and E. Hong. Princeton: Princeton University Press, 1998a. p. 21-126

_____. Journal DD. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 2000. bd. 17

_____. Notesbog 3, § 5 [Pap. I C 73; JP 2: 1455]. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 2001. bd. 19

_____. En literair Anmeldelse. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter, Bind 8*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 2004. p. 7-106

_____. *Temor e tremor*. Trad. E. M. de Sousa. Lisboa: Relógio d'Água, 2009.

KIRMMSE, Bruce. *Kierkegaard in golden age Denmark*. Bloomington: Indiana Univesity Press, 1990.

_____. *Encounters with Kierkegaard: a life as seen by his contemporaries*. Princeton: Princeton University Press, 1996.

KOSELLECK, Reinhart. Remarks on the History of the concept of crisis. In: LILLY, Reginald (Org.). *The ancients and the moderns*. Bloomington: Indiana University Press, 1996. p. 148-158

_____. *Crítica e crise: uma contribuição à patogênese do mundo burguês*. Trad. Luciana V.-B. Castelo-Branco. Rio de Janeiro: UERJ; Contraponto, 1999.

_____. Critérios históricos do conceito moderno de revolução. In: KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Tradução de Wilma Patrícia Maas, Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto; PUC-Rio, 2006. p. 61-77

_____. O futuro passado dos tempos modernos. In: KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Trad. Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto; PUC-Rio, 2006a. p. 21-40

_____. História dos conceitos e história social. In: KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Trad. Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto; PUC-Rio, 2006b. p. 97-118

_____. *Historia Magistra Vitæ*. Sobre a dissolução do topos na história modera em movimento. In: KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Trad. Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto; PUC-Rio, 2006c. p. 41-60

_____. Modernidade: sobre a semântica dos conceitos de movimento na modernidade. In: KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Trad. Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto; PUC-Rio, 2006d. p. 267-303

_____. Prognósticos históricos nos escritos de Lorenz von Stein sobre a constituição prussiana. In: KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Trad. Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto; PUC-Rio, 2006e. p. 79-94

_____. Sobre a disponibilidade da história. In: KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Trad. Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto; PUC-Rio, 2006f. p. 233-246

LE GOFF, Jacques. *Os intelectuais na Idade Média*. Tradução de M. de Castro. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

LEFORT, Claude. La question de la démocratie. In: LEFORT, Claude. *Essais sur le politique: XIXe-XXe siècles*. Paris: Seuil, 1986. p. 17-32

LEHMANN, Orla. Svar til Flyvepostens Hr. B. In: PETERSEN, Teddy. *Kierkegaards polemiske debut*. Odense: Odense Universitetsforlag, 1977. p. 88-93

_____. Trykkefrihedssagen V. In: PETERSEN, Teddy. *Kierkegaards polemiske debut*. Odense: Odense Universitetsforlag, 1977a. p. 60-66

_____. Press Freedom Affair V. In: KIERKEGAARD, Søren. *Early polemical writings*. Edited and translated by J. Watkin. Princeton: Princeton University Press, 1990. p. 134-141

_____. Reply to Mr. B. of the Flyvende Post. In: KIERKEGAARD, Søren. *Early polemical writings*. Edited and translated by J. Watkin. Princeton: Princeton University Press, 1990a. p. 152-159

LIND, P. E. Qvindens høiere Oprindelse forsvaret. In: PETERSEN, Teddy. *Kierkegaards polemiske debut*. Odense: Odense Universitetsforlag, 1977. p. 15-17

MANENT, Pierre. Le pouvoir social. In: MANENT, Pierre. *Tocqueville et la nature de la démocratie*. Paris: Gallimard, 2006. p. 61-71

MARION, Jean-Luc. Nothing and nothing else. In: LILLY, Reginald (Org.). *The ancients and the moderns*. Bloomington: Indiana University Press, 1996. p. 183-195

MARX, Karl. Manifest der Kommunistischen Partei. In: MARX, Karl. *Die Frühschriften*. Hrsg. S. Landshut. Stuttgart: Alfred Kröner, 1971. p. 525-560

MASSEY, Marilyn C. *Christ unmasked: the meaning of the life of Jesus in German politics*. Chapel Hill: University of North Caroline Press, 1983.

_____. Irony: the holy principle of spiritual freedom, In: MASSEY, Marilyn C. *Christ unmasked: the meaning of the the life of Jesus in german politics*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 1983a. p. 56-80

MAZZARI, Marcus V. Apresentação. In: GOETHE, Johann W. von. *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*. Trad. N.S. Neto. São Paulo: Ed. 34, 2009. p. 7-23

_____. Hoffmann e as primícias da arte de enxergar. In: HOFFMANN, E.T.A. *A janela de esquina do meu primo*. São Paulo: Cosac & Naify, 2010. p. 60-74

MILL, John Stuart. The spirit of the age. In: MILL, John Stuart. *Mill: texts, commentaries*. Ed. by Alan Ryan. New York: W.W. Norton, 1996. p. 3-40

MONTESQUIEU. L'esprit des lois. In: MONTESQUIEU. *Œuvres Complètes II*. Édition établie et annotée par R. Caillois. Paris: Gallimard, 1951. p. 227-995 (Bibliothèque de la Pléiade)

MUNDT, Theodor. Die Julirevolution. In: HERMAND, Jost (Hrsg.). *Das Junge Deutschland*. Texte und Documente. Stuttgart: Phillip Reclam, 1966. p. 15-17

MUSSET, Alfred de. La confession d'un enfant du siècle. In: MUSSET, Alfred de. *Œuvres complètes en prose*. Introduction, chronologie, notes et variantes, index, bibliographie établis par M. Allem et Paul-Courant. Paris: Gallimard, 1960. p. 65-288 (Bibliothèque de la Pléiade)

_____. De la politique en littérature et de la littérature en la politique. In: MUSSET, Alfred de. *Œuvres complètes en prose*. Texte établi et annoté par M. Allem et Paul-Courant. Paris: Gallimard, 1960a. p. 760-763 (Bibliothèque de la Pléiade)

MYLIUS, Johan de. Offenbare und unsichtbare Schrift in Sören Kierkegaards Aus eines noch Lebenden Papieren. In: CAPPELØRN, Niels J.; DEUSER, H.; SÖDERQUIST, K. B. (Ed.). *Kierkegaard Studies Yearbook 2006*. Berlin: Walter de Gruyter, 2006. p. 22-37

NIETZSCHE, Friedrich. Die fröliche Wissenschaft. In: NIETZSCHE, Friedrich. *Kritische Studienausgabe*. Herausgegeben von G. Colli und M. Montinari. Berlin: DTV & de Gruyter, 1999. bd. 3, p. 343-651

_____. Nachlaß 1885-1887. In: NIETZSCHE, Friedrich. *Kritische Studienausgabe*. Herausgegeben von G. Colli und M. Montinari. Berlin: DTV & de Gruyter, 1999a. bd. 12

_____. Unzeitgemässe Betrachtungen II. Vom Nutzen und Nachtheil der Historie für das Leben. In: NIETZSCHE, Friedrich. *Kritische Studienausgabe*. Herausgegeben von G. Colli und M. Montinari. DTV & de Gruyter, 1999b. bd. 1, p. 243-334

NORDENTOFT, Kresten. >>Hvad siger Brand-Majoren?<<. *Kierkegaards Opgør med sin Samtid*. København: G.E.C. Gad, 1973.

OEHLER, Dolf. *Quadros Parisienses (1830-1848): estética anti-burguesa em Baudelaire, Daumier e Heine*. Tradução de J. M. Macedo e S. Titan Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

OSTERMANN, Johannes. Vor nyeste Journallitteratur. In: PETERSEN, Teddy. *Kierkegaards polemiske debut*. Odense: Odense Universitetsforlag, 1977. p. 29-37

OZOUF, Mona. *Les aveux du roman*. Paris: Gallimard, 2004.

PAINE, Thomas. Common Sense. In: PAINE, Thomas. *Collected writings*. Ed. E. Foner. New York: The Library of America, 1984. p. 5-59

PATTISON, George. 'Poor Paris!'. *Kierkegaard's Critique of the Spectacular City*. New York: Walter de Gruyter, 1999.

_____. Beyond the grasp of irony. In: PERKINS, Robert (Org.). *International Kierkegaard commentary: the concept of irony*. Macon, Georgia: Mercer University Press, 2001. p. 347-363.

_____. A literary scandal. In: *Kierkegaard, religion and the nineteenth-century crisis of culture*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002. p. 116-136

_____. Art in an age of reflection. In: HANNAY, Alastair; MARINO, Gordon (Ed.). *The Cambridge companion to Kierkegaard*. Cambridge University Press, 2008. p. 76-100

PAULSEN, Wolfgang. Friedrich Schlegels Lucinde als Roman. In: SCHLEGEL, Friedrich. *Lucinde. Ein Roman*. Frankfurt am Main: Insel, 1985. p. 143-171

PERKINS, Robert. Power, politics, and media critique: Kierkegaard's first brush with the press. In: PERKINS, Robert (Org.). *International Kierkegaard Commentary: early polemical writings*. Macon, Georgia: Mercer University Press, 1999. v. 1, p. 27-44

PICHOIS, Claude. Notice. Le Peintre de la vie moderne. In: BAUDELAIRE, Charles. *Œuvres Complètes II*. Texte établi, présenté et

annoté par C. Pichois. Paris: Gallimard, 1976. p. 683-724 (Bibliothèque de la Pléiade)

PINKARD, Terry. *German philosophy 1760-1860: the legacy of idealism*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

POE, Edgar A. The philosophy of furniture. In: POE, Edgar A. *Poetry and tales*. Ed. P.F.Quinn. New York: The Library of América, 1984. p. 382-387

POMIAN, Krzysztof. *L'ordre du temps*. Paris: Gallimard, 1984.

POPKIN, Jeremy D. Jornais: a nova face das notícias. In: DARNTON, Robert; ROCHE, Daniel (Org.). *A revolução impressa: a imprensa na França, 1775-1800*. Tradução de M.M. Jordan. São Paulo: Edusp, 1996. p. 195-224

RÉFLECTEUR. In: LE ROBERT Micro. Dictionnaire d'apprentissage de la langue française. Rédaction dirigée par A. Rey. Paris: Dictionnaires Le Robert, 1998. p. 1127

RIVIALE, Philippe. *Le gouvernement de la France, 1830-1840*. Paris: L'Harmattan, 2006.

ROSSATTI, Gabriel G. Enxames de Eichmänner ou algumas palavras em torno dos 160 anos de publicação de Doença para a morte. In: ROSSATTI, Gabriel G. *Kierkegaard no nosso tempo*. A. Valls e J. Martins. (Org.). São Leopoldo: Nova Harmonia, 2010. p. 87-100

SADE, Marquis de. *La Philosophie dans le Boudoir*. Paris: Gallimard, 1976.

_____. Les cent vingt journées de Sodome ou L'École du libertinage. In: SADE, Marquis de. *Œuvres I*. Édition établie par M. Delon. Paris: Gallimard, 1990. p. 15-310

_____. Dialogue entre un prêtre et un moribond. In: SADE, Marquis de. *Œuvres I*. Édition établie par M. Delon. Paris: Gallimard, 1990a. p. 3-11 (Bibliothèque de la Pléiade)

SAINTE-BEUVE, Charles-Augustin. L. BËRNE. Lettres écrites de Paris pendant les années 1830 et 1831. In: SAINTE-BEUVE, Charles-Augustin. *Œuvres I*. Ed. Máxime Leroy. Paris: Gallimard, 1956. p. 437-441

_____. Profession de foi Saint-Simonienne. In: SAINTE-BEUVE, Charles-Augustin. *Œuvres I*. Ed. Máxime Leroy. Paris: Gallimard, 1956a. p. 387-394

_____. De la littérature industriel. In: SAINTE-BEUVE, Charles-Augustin. *Portraits Contemporains*. Éd. M. Brix. Paris: PUPS, 2008. p. 749-765

_____. Quelques verités sur la situation en littérature. 1843. In: SAINTE-BEUVE, Charles-Augustin. *Portraits contemporains*. Éd. M. Brix. Paris: PUPS, 2008a. p. 1095-1110

SANDERS, Andrew. The man from nowhere. In: SANDERS, Andrew. *Dickens and The spirit of the age*. Oxford: Oxford Univeristy Press, 1999. p. 17-38

SCARAMUCCIA, Andrea. Jens Finsteen Giødwad: an amiable friend and a despicable journalist. In: STEWART, Jon (Org.). *Kierkegaard and his Danish contemporaries: Philosophy, Politics and Social Theory*. Farnham: Ashgate, 2009. t. 1, p. 13-34

SKINNER, Quentin. Meaning and understanding in the history of ideas. In: SKINNER, Quentin. *Visions of politics: regarding method*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002. v. 1, p. 57-89

SPINOZA, Baruch. Traité des autorités théologique et politique. In: SPINOZA, Baruch. *Œuvres complètes*. Éd. Roland Caillois et al. Paris: Gallimard, 1954.

STENDHAL. *Correspondance II: 1821-1834*. Préface par V. del Litto. Édition établie et annoté par H. Martineu e V. del Litto. Paris: Gallimard, 1967. (Bibliothèque de la Pléiade)

_____. Vie de Henry Brulard. In: STENDHAL. *Œuvres Intimes II*. Édition établie par V. del Litto. Paris: Gallimard, 1982. p. 525-959 (Bibliothèque de la Pléiade)

_____. *Le rouge et le noir*. Ed. M. Crouzet. Paris: Le livre de poche, 1997.

_____. Stendhal critique de Stendhal. Projet d'article. In: STENDHAL. *Le rouge et le noir*. Ed. M. Crouzet. Paris: Le livre de poche, 1997a. p. 556-569

STEWART, Jon. *Kierkegaard's relations to Hegel reconsidered*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

STIRNER, Max. *Der Einzige und sein Eigentum*. Stuttgart: Reclam, 1972.

TOCQUEVILLE, Alexis de. *Œuvres II: De la démocratie en Amérique I*. Édition publié sous la direction d'André Jardin. Paris: Gallimard, 1992. p. 3-506 (Bibliothèque de la Pléiade)

_____. *Œuvres II: De la démocratie en Amérique II*. Édition publié sous la direction d'André Jardin. Paris: Gallimard, 1992a. p. 509-900 (Bibliothèque de la Pléiade)

_____. Esquisses de << L'Ancien Régime et la Révolution>>. In: TOCQUEVILLE, Alexis de. *Œuvres III*. Introduction par F. Furet et F. Mélonio. Textes présentés par F. Furet et F. Mélonio, établis et annotés par F. Mélonio. Paris: Gallimard, 2004. p. 317-451 (Bibliothèque de la Pléiade)

TURGENEV, Ivan. Apropos of fathers and sons. In: TURGENEV, Ivan. *Fathers and children*. New York: W.W, Norton, 2009. p. 167-174

_____. *Fathers and children*. New York: W.W, Norton, 2009a.

_____. *Pais e filhos*. Tradução de R. Figueiredo. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

UNGERN-STERMBERG, Alexander von. Feinde und Gegenbilder. In: HERMAND, Jost (Hrsg.). *Das Junge Deutschland: Texte und Documente*. Stuttgart: Phillip Reclam, 1966. p. 21-22

VALÉRY, Paul. Regards sur le monde actuel et autres essais. In: VALÉRY, Paul. *Œuvres II*. Édition établie et annoté par J. Hytier. Paris: Gallimard, 1960. p. 913-1157 (Bibliothèque de la Pléiade)

VALLS, Alvaro L. M. O conceito de ironia em português. In: VALLS, Alvaro L. M. *Entre Sócrates e Cristo: ensaios sobre a ironia e o amor em Kierkegaard*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

VERGOTE, Henri-Bernard. *Sens et répétition: essai sur l'ironie kierkegaardienne*. Paris: Cerf/ Orante, 1982. t. 1.

VIGNY, Alfred de. Chatterton. In: VIGNY, Alfred de. *Œuvres Complètes I: poésie, théâtre*. Texte établi, présenté et annoté par F. Germain et A. Jarry. Paris: Gallimard, 1986. p. 747-815 (Bibliothèque de la Pléiade)

_____. La colère de Samson. In: VIGNY, Alfred de. *Œuvres Complètes I: poésie, théâtre*. Texte établi, présenté et annoté par F. Germain et A. Jarry. Paris: Gallimard, 1986a. p. 139-142 (Bibliothèque de la Pléiade)

VOLPI, Franco. *O niilismo*. Tradução de A. Vannucchi. São Paulo: Loyola, 1999.

WATELET, Jean. La presse illustrée. In: CHARTIER, Roger; MARTIN, Henri-Jean (Org.). *Histoire de l'édition française III. le temps des éditeurs: du Romantisme à la Belle Époque*. Paris: Fayard/Promodis, 1990. p. 369-382

WATKIN, Julia. Serious Jest? Kierkegaard as young polemicist in 'defense' of women. In: PERKINS, Robert (Org). *International Kierkegaard Commentary: early polemical writings*. Macon, Georgia: Mercer University Press, 1999. v. 1, p. 7-25

WESTPHAL, Merold. *Kierkegaard's critique of reason and society*. University Park, Pa: Pennsylvania State University Press, 1991.

WILLIAMS, Raymond. Culture. In: WILLIAMS, Raymond. *Keywords: a vocabulary of culture and society*. New York: Oxford University Press, 1983. p. 87-93

WILLIAMS, Raymond. Modern. In: *Keywords*. New York: Oxford University Press, 1983. p. 208-209

WILSON, W. Daniel. Goethe and the political world. In: SHARPE, Lesley (Ed.). *The Cambridge companion to Goethe*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002. p. 207-218

WOLLSTONECRAFT, Mary. *A vindication of the rights of man and a vindication of the rights of women*. Ed. S. Tomaselli. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

YILMAZ, Levent. *Le temps moderne: variations sur les Anciens et les contemporaines*. Paris: Gallimard, 2004.